



Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades
Departamento de Letras Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

MÁRIO JUNGLAS MUNIZ

**“DA MANDIOCA A FARINHA” - TERMOS DO VOCABULÁRIO DOS
AGRICULTORES DO NOROESTE CEARENSE**

FORTALEZA – CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Centro de Humanidades

Junglas-Muniz, Mário.

“Da mandioca a farinha” - termos do vocabulário dos agricultores do noroeste cearense / Mário

Junglas-Muniz. 2018.

373 f. : il. Color., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Descrição e análise linguística.

Orientação: Profa. Dra. Maria Elias Soares

1. Mandioca - Agricultor - Ceará - Terminologia. 2. Língua Portuguesa - Glossário - Vocabulário, etc. I. Título

CDD

MÁRIO JUNGLAS MUNIZ

**“DA MANDIOCA A FARINHA” – TERMOS DO VOCABULÁRIO DOS
AGRICULTORES DO NOROESTE CEARENSE**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística, Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLing), do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade Federal do Ceará (UFC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 12/12/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Elías Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal da Paraíba (UFC)

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Profª. Dra. Aluíza Alves de Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ao ser supremo, que nos deu a vida e a luz do conhecimento: *Deus*.
Aos meus pais, *José Silveira Muniz e Maria de Sousa Albuquerque (in memoriam)*, que foram
também agricultores e os seres mais importantes em minha vida.
Aos meus irmãos, *Edmar, Avelar, Riomar e Pedro (in memoriam)* e *Missias*, e minhas irmãs
Socorro, Matilde, Rosa, Isabel e Liduina que me auxiliaram a conhecer a vida.
A meus filhos, *Yuri, Sofia, Lorena e Paloma*, que são meus verdadeiros tesouros.
À minha esposa, *Janaica Gomes Matos*, que paciente e generosa, muito contribuiu, de
diversas maneiras, para esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que nos sustenta, nos acalma e nos oferece, a cada dia, a luz do conhecimento.

Em especial, as Professoras Doutoras, Maria do Socorro Silva de Aragão e Maria Elias Soares, que com sapiência, bem me encaminharam a este propósito.

Aos membros da banca, Profª. Dra. Aluíza Alves de Araújo, Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes, Profª. Dra. Hebe Macedo de Carvalho, Profª. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão e Profª. Dra. Maria Elias Soares.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação em Linguística, Dra. Ana Célia Clementino Moura, Dra. Ana Cristina Pelosi Silva, Dra. Aurea Suely Zavan, Dra. Eulália Leurquin, Dr. Júlio César Rosa de Araújo, Dra. Márcia Teixeira Nogueira, Dra. Márluce Coan, Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, Dra. Mônica de Souza Serafim, Dr. Nelson Barros da Costa, Dr. Ricardo Lopes Leite, Dra. Rosemeire Selma Montero-Plantin, Dra. Sandra Maria Farias Vasconcelos, Dr. Valdecy Pontes, Dra. Vlândia Borges, por partilharem o conhecimento nas disciplinas ministradas.

A alguns professores, amigos que obtive por toda a vida, minha primeira professora, Maria Alice do Nascimento, meus professores basilares, Maria do Socorro Muniz, Fatima Nascimento, Maria do Socorro Nascimento, Maria Lourdes Muniz, Maria de Lourdes Albuquerque, Irmã Portela (*in memoriam*), Irmã Alda, Padre Valdery da Rocha, Padre Edson Magalhães (*in memoriam*) e Giselda Medeiros.

Aos colegas professores com quem tive o prazer de trabalhar, Profª. Conceição Ávila, Profª. Elisalene Alves, Prof. Domenico Sávio, Profª. Geane Albuquerque, Prof. José Alves Fernandes, Profª. Maria Soares, Profª. Marinete Mesquita, Prof. Márton Tamás, Prof. Messias Santana, Prof. Rogerio Bessa e muitos outros.

Aos professores catedráticos do curso de letras (UFC), Prof. Marcos Dott (*in memoriam*), Profª. Fernanda Coutinho, Prof. Alber Uchoa, Prof. Paulo Mosânio (*in memoriam*), Profª. Ednilza Moreira, Profª. Elizabeth Dias Martins, Prof. Roberto Pontes, Prof. Teoberto Landin, Prof. Linhares Filho, Prof. Sânzio de Azevedo e Prof. Horácio Dídimo.

A minha grande família, meu pai e minha mãe (*in memoriam*), sempre meus sustentáculos, estejam eles onde estiverem, meus irmãos e irmãs, que são o meu apoio para tudo que eu desejar, meus filhos, que são os presentes da minha vida, e minha esposa, minha base, “aquela que me apazigua e me encanta”;

A todos meus tios, em especial, tio Tonho, tia Bibia, tio Gonzaga e tio Bendito (*in memoriam*), esse últimos, que também contribuíram com essa pesquisa;

A todos meus primos, sobrinhos e amigos; enfim, todos que cooperaram, direto ou indiretamente, com essa grande pesquisa.

As associações e sindicatos e, principalmente, os trabalhadores rurais dos municípios pesquisados, aos amigos que consegui “na lida”, aqueles que aprendi, cada vez mais, a respeitar e a admirar, e que muito colaboraram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A grande ajuda dada por “Seu Bibi” (*in memoriam*) e “Dona Maria”, “Seu Valci”, “Compadre Zé Ventura” e “Comadre Fátima”, “Seu Messias” (*in memoriam*), “Seu Nelinho”, “Seu Raimundo Cecília” (*in memoriam*), “Seu Bena” e “Dona Mocinha”, “Seu Artur”, “Seu Zé Arteiro”, “Dona Mazé”, e muitos outros que foram ouvidos e deram a base para esse trabalho.

Ao Governo do Estado do Ceará, através da Secretária da Educação (SEDUC) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pelo apoio a essa pesquisa.

Massa de Mandioca

*Maria tá peneirando
Goma e massa de mandioca
Maria tá peneirando
Maria tá peneirando
Goma e massa de mandioca
Quem se casar com Maria
Só vai comer tapioca
Tá, tá, tapioca
Tá, tá, tapioca
Tá, tá, tapioca
Tá, tá, tapioca
Rala, rala mandioca
Tu de lá e eu de cá
Pra fazer beju de massa
Pra gente se alimentar
Maria traz a peneira
Mexe pra lá e pra cá
O peneirado é gostoso
Tô doido pra peneirar
"Penera, panera" de lá
"Penera, panera" de cá
"Penera, panera" de lá
"Penera, panera" de cá
O peneirado é gostoso
Tô doido pra peneirar*

Luís Fidélis

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa que versa sobre as marcas que caracterizam os traços dialetais no léxico de especialidade dos produtores rurais de mandiocultura, na mesorregião noroeste cearense, como apoio para a elaboração de um glossário eletrônico monolíngue, de base socioterminológica da variante brasileira da Língua Portuguesa. A pesquisa se inscreve no âmbito do estudo do léxico e do termo de língua de especificidade, no que diz respeito à sua base teórica e metodológica envolvendo áreas como a lexicologia, a lexicografia, a terminologia, a terminografia, a etnolinguística, sociolinguística, a dialetologia, fonologia e a linguística de *corpus*. Empregamos trabalhos fundamentados nas áreas já elencadas, com um suporte teórico-metodológico de autores como Aubert (2001), Barbosa (1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 2005), Biderman (1984, 2001, 2006), Borba (2003), Cabré (1993, 2002), Faulstich (1995, 2006), Gaudin (1993), Krieger-Finatto (2004), Rodrigues (2015), entre outros. A investigação é de natureza qualitativa e quantitativa, com abordagem etnodialetológica e sociolinguística feita com 40 socioprofissionais, que sejam nativos da localidade pesquisada e que tenham trabalhado toda a vida na atividade de mandiocultura. Escolhemos, para a pesquisa de campo, cinco áreas temáticas de inquérito (plantação, transporte, beneficiamento, comercialização e transporte) e investigamos os traços dialetais dos informantes documentados em entrevistas orais que, transcritas e tratadas em programas computacionais, sendo feitas as devidas averiguações metodológicas e teóricas, formam a base de dados do Glossário Regional da Mandiocultura, composto de 1.550 entradas.

PALAVRAS-CHAVE:

Glossário. Dialetologia. Lexicografia. Mandiocultura.

ABSTRACT

This work presents a research about the brands that characterize the dialectal traits in the cultivation of cassava rural producers specialty lexicon in northwest meso-region of state of Ceará (Brazil), as support for the elaboration of a monolingual electronic glossary, with a socio-terminological basis of the Brazilian variant of the Portuguese Language. The research is part of the study of the lexicon and the language term of specificity with respect to its theoretical and methodological basis involving areas such as lexicology, lexicography, terminology, terminography, ethnolinguistics, sociolinguistics, dialectology, phonology and corpus linguistics. We use works based on the areas already listed with a theoretical and methodological support of authors such as Aubert (2001), Barbosa (1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 2005), Biderman (1984, 2001, 2006), Borba (2003), Cabré (1993, 2002), Faulstich (1995, 2006), Gaudin (1993), Krieger-Finatto (2004), Rodrigues (2015), and others. The research is qualitative and quantitative, with an ethnodialectological and sociolinguistic approach made with 40 socio-professionals, who are natives of the researched locality, and have worked all their lives in the cultivation of cassava activity. We selected five research areas (plantation, transport, processing, marketing and transportation) for field research and investigated the dialectal traits of informants documented in oral interviews, transcribed and processed in computer programs, and due methodological inquiries were made and theoretical, form the database of the Regional Glossary of Mandioculture composed of 1,550 entries.

KEY WORDS:

Glossary. Dialectology. Lexicography. Cultivation of cassava.

RESUMEN

En este trabajo se presenta un estudio que se ocupa de las marcas que caracterizan los rasgos dialectales en el léxico de especialidad de los agricultores de yuca en Ceará región media al noroeste, como soporte para el desarrollo de un glosario monolingüe electrónica de socioterminológica base de la variante brasileña de la Lengua Portuguesa . La investigación se inscribe en el ámbito del estudio del léxico y del término de lengua de especificidad, en lo que se refiere a su base teórica y metodológica que involucra áreas como la lexicología, la lexicografía, la terminología, la terminografía, la etnolingüística, la sociolingüística, la dialetología, la fonología y la lingüística de corpus. Empleamos trabajos fundamentados en las áreas ya enumeradas, con un soporte teórico-metodológico de autores como Aubert (2001), Barbosa (1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 1996, 2005), Biderman (1984, 2001, 2006), Borba (2003), Cabré (1993, 2002), Faulstich (2001) (1995), Gaudin (1993), Krieger-Finatto (2004), Rodrigues (2015), entre otros. La investigación es de naturaleza cualitativa y cuantitativa, con abordaje etnodialetológico y sociolingüístico hecho con 40 socioprofesionales, que sean nativos de la localidad investigada y que hayan trabajado toda la vida en la actividad de mandiocultura. En el análisis de campo, cinco áreas temáticas de investigación (plantación, transporte, beneficiamiento, comercialización y transporte) e investigamos los rasgos dialectos de los informantes documentados en entrevistas orales que, transcritas y tratadas en programas computacionales, se realizaron las debidas investigaciones metodológicas y teóricas, forman la base de datos del Glosario Regional de la Mandiocultura, compuesto de 1.550 entradas.

PALABRAS CLAVE:

Glosario. Dialectología. Lexicografía. Cultura de la mandioca.

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 01: Fluxograma dos destinos de produção da fécula (goma)	46
Esquema 02: Árvore de domínio da terminologia da mandiocultura	94
Esquema 03: Fluxograma da plantação das mandiocas: da escolha do terreno ao arranque.	96
Esquema 04: Fluxograma do transporte das mandiocas feito por animais do roçado à casa de farinha	102
Esquema 05: Fluxograma do ciclo de beneficiamento da farinha branca e amarela	103
Esquema 06: Fluxograma integrado do ciclos de beneficiamento e da culinária	107

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01: Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição na praça principal de Acaraú (elaborado pelo autor)	51
Fotografia 02: Marco de Nossa Senhora de Fátima em tributo à visita da estátua vinda de Fátima em 1953 a Bela Cruz (elaborado pelo autor)	53
Fotografia 03: Monumento atual na entrada da cidade de Cruz homenageando seu padroeiro São Francisco (elaborado pelo autor)	55
Fotografia 04: Vista aérea do Aeroporto Regional Comandante Ariston Pessoa em Cruz (Diário do Nordeste, 2018)	56
Fotografia 05: Igreja matriz de Santa Luzia de Jijoca localizada no centro da cidade (elaborado pelo autor)	59
Fotografia 06: Terreno após a broca e queimada sendo preparado para a plantação da mandioca (elaborado pelo autor)	95
Fotografia 07: Cerca de madeira trançada usada para cercar a plantação de pequenos animais (elaborado pelo autor)	96
Fotografia 08: Plantação consorciada com mandioca, milho e feijão comum na região (elaborado pelo autor)	98
Fotografia 09: Carreira de mandioca capinada e após terceira limpa de verão (elaborado pelo autor)	99
Fotografia 10: Arranque da roça: mandiocas na espera para ser transportada para farinhada (elaborado pelo autor)	100
Fotografia 11: Animais puxando carroça para transporte de gêneros da farinhada (elaborado pelo autor)	101
Fotografia 12: Raiz da mandioca empilhada para o descascamento na casa de farinha (elaborado pelo autor)	102
Fotografia 13: Instrumento por meio do qual se rala a mandioca descascada – o serrador (elaborado pelo autor)	103
Fotografia 14: Prensa de fuso usada para prensar a massa de mandioca na casa de farinha (elaborado pelo autor)	104
Fotografia 15: Forno mexendo farinha no forno quente da casa de farinha (elaborado pelo autor)	105

Fotografia 16: Feitura dos beijus e tapiocas no forno quente da casa de farinha (elaborado pelo autor)	105
Fotografia 17: Feitura das <i>carraspanhas</i> , beijus de massa fina e seca para tomar com café na alimentação familiar (elaborado pelo autor)	106
Fotografia 18: Farofa com linguiça picada, alho, cebola, coentro, pimentinha e farinha amarela. (elaborado pelo autor)	107
Fotografia 19: Saca de farinha branca grossa exposta em mercearia local, para venda no retalho (elaborado pelo autor)	108

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Áreas de produção de mandioca no estado do Ceará em 2015 (IPECE)	37
Mapa 02: Microrregião que inclui, em destaque a área da pesquisa, os municípios da região no mapa do estado	48
Mapa 03: Região pesquisada com as especificações de cada minirregião de inquérito incluindo seus municípios	49
Mapa 04: Município de Cruz (adaptado Serviço Geológico do Brasil, 1998)	54
Mapa 05: Ilustração do PARNA de Jericoacoara incluindo áreas dos três municípios (adp. de ICMbio)	60
Mapa 06: Microrregião do Litoral de Camocim e Acaraú representado nos mapas do Ceará e do Brasil (elaborado pelo autor)	110
Mapa 07: Região específica da pesquisa incluindo áreas dos municípios (elaborado pelo autor)	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Resumo dos principais produtos e subprodutos da mandioca (CONAB)	46
Quadro 02: Resumo dos principais produtos e subprodutos da mandiocultura no beneficiamento e na culinária (elaborado pelo autor)	47
Quadro 03: Resumo das minirregiões nas quais a pesquisa foi impetrada (elaborado pelo autor)	49
Quadro 04: Cartograma de Agricultor no glossário eletrônico retirado de Rodrigues (2015)	72
Quadro 05: Resumo distintivo básico entre as ciências do léxico (elaborado pelo autor)	89
Quadro 06: Resumo quantitativo dos termos dos ciclos da mandiocultura na pesquisa (elaborado pelo autor)	95
Quadro 07: Distribuição por local e perfil dos informantes (elaborado pelo autor)	111
Quadro 08: Ilustra as etapas da execução da pesquisa e a confecção do glossário (elaborado pelo autor)	112
Quadro 09: Resumo das características procedimentais em Faulstich (elaborado pelo autor)	115
Quadro 10: Resumo explicativo dos elementos de composição do termo no glossário (elaborado pelo autor)	118
Quadro 11: Representação completa dos fonemas encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)	126
Quadro 12: Resumo das lexias propostas por Pottier (1978) aplicadas à pesquisa (elaborado pelo autor)	128

LISTA DE SIGLAS

Área de Proteção Ambiental (APA)

Associação Brasileira de Produtores de Amidos de Mandioca (ABAM)

Atlas Linguístico do Brasil (ALIB)

Atlas Linguístico (do Estado) do Ceará (ALECE)

Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA)

Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)

Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)

Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)

Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS)

Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB)

Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

Departamento de Economia Rural (DERAL)

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER)

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA)

Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)

Food and Agriculture Organization (FAO) - Tradução: Organização para a Alimentação e Agricultura

Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP)

Fundação Cearense de Meteorologia (FUNCEME)

Instituto Agrônomo de Campinas (IAC)

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA)

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio)

Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

Internacional Phonetic Alphabet (IPA) – Tradução: Alfabeto Fonético Internacional

Organização das Nações Unidas (ONU)

Produto Interno Bruto (PIB)

Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)

Secretária de Agricultura e Abastecimento (SEAB)

Summer Institute of Linguistic (SIL) - Tradução: Instituto de Linguística de Verão

Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE)

Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

Teoria Geral da Terminologia (TGT)

União Europeia (UE)

Universidade Estadual de Londrina (EDUEL)

Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Comparativo dos maiores produtores mundiais de mandioca (raiz) em diferentes continentes (milhões de ton.) Fonte: IBGE/SEAB/DERAL	33
Tabela 02: Produção nacional da mandioca na safra 2009/2010 – regiões e principais estados (Fonte: IBGE, SEAB/DERAL)	35
Tabela 03: Produção de mandioca por região em toneladas no ano de 2014 (fonte: IBGE)	36

LISTA DE VOCABULÁRIOS

Vocabulário 01: Lista de termos extraída de Azevedo e Margotti (2013)	71
Vocabulário 02: Lista de termos extraída e adaptada de Rodrigues (2015)	77
Vocabulário 03: Lista representativa de substantivos retirados do glossário (elaborado pelo autor)	130
Vocabulário 04: Lista representativa de adjetivos retirados do glossário (elaborado pelo autor)	130
Vocabulário 05: Lista representativa de verbos retirados do glossário (elaborado pelo autor)	131
Vocabulário 06: Lista representativa de outros elementos gramaticais retirados do glossário (elaborado pelo autor)	132
Vocabulário 07: Lista representativa de substantivos no diminutivo retirados do glossário (elaborado pelo autor)	133
Vocabulário 08: Lista de palavras formados por sufixos –ada, –dor, -eiro (elaborado pelo autor)	134
Vocabulário 09: Termos que representam verbos com terminação em –ar (elaborado pelo autor)	134
Vocabulário 10: Termos que representam lexias compostas (elaborado pelo autor)	134
Vocabulário 11: Termos que representam lexias híbridas (elaborado pelo autor)	135
Vocabulário 12: Termos representativos de lexias complexas substantivos e adjetivos (elaborado pelo autor)	136
Vocabulário 13: Termos representativos de lexias complexas substantivo + preposição + substantivo (elaborado pelo autor)	136
Vocabulário 14: Termos representativos de lexias complexas verbo + determinante + substantivo (elaborado pelo autor)	137
Vocabulário 15: Termos representativos de lexias complexas verbo + preposição + (determinante) substantivo (elaborado pelo autor)	137
Vocabulário 16: Termos representativos de lexias textuais (elaborado pelo autor)	138

Vocabulário 17: Termos representativos de elementos polissêmicos (elaborado pelo autor)	141
Vocabulário 18: Lista de termos de origem indígena encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)	146
Vocabulário 19: Lista de termos de origem africana encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 O CAMPO ESPECIALIZADO DA MANDIOCULTURA E A REGIÃO EM ESTUDO	30
2.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	30
2.2 A MANDIOCULTURA E SUA ÁREA	31
2.2.1 Contribuições socioeconômicas e comerciais	31
2.2.2 Contribuições históricas e bioagrônomicas	39
2.2.3 Produtividade: cultivo, tratos e colheita	41
2.2.4 Produtos e subprodutos da mandioca	45
2.3 CONHECENDO A ÁREA ESPECÍFICA DA PESQUISA	48
2.3.1 Município de Acaraú	50
2.3.2 Município de Bela Cruz	52
2.3.3 Município de Cruz	53
2.3.4 Município de Jijoca de Jericoacoara	57
3 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O TEMA E ESTADO DA ARTE	62
3.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA	62
3.2 O ESTADO DA ARTE SOBRE O TEMA	65
3.2.1 O percurso das pesquisas feitas na área	65
3.2.2 Trabalhos já feitos na área sobre o tema da mandiocultura	67
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: RELAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS ENVOLVIDAS NA DESCRIÇÃO DO LÉXICO	78
4.1 PERCURSO INTRODUTÓRIO	78
4.2 LEXICOLOGIA – O ESTUDO DO LÉXICO	81
4.3 LEXICOGRAFIA – A ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIOS	82

4.4 A TERMINOLOGIA E A LEXICOLOGIA: APROXIMAÇÕES E CONFLUÊNCIAS	83
4.5 TERMINOGRAFIA E SEU OLHAR SOBRE AS LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE	84
4.6 TERMINOLOGIA E O SEU CERNE: O TERMO	85
4.7 AFINIDADES ENTRE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA	88
4.8 SOCIOTERMINOLOGIA, ETNOTERMINOLOGIA E ETNOLINGUÍSTICA: A CHANCE À VARIAÇÃO	90
5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	94
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	94
5.2 CAMPOS E DOMÍNIOS DA PESQUISA	95
5.2.1 O domínio da plantação	95
5.2.2 O domínio do transporte	100
5.2.3 O domínio do beneficiamento	102
5.2.4 O domínio da culinária	105
5.2.5 O domínio da comercialização	108
5.3 A PESQUISA E SEUS TRAMITES: DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO	109
5.3.1 Formulação dos grupos de informantes e a região pesquisada	110
5.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PRÁTICOS DA PESQUISA	112
5.4.1 Etapas metodológicas	112
5.4.2 Pesquisas teórico-práticas	113
5.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA	113
5.6 COLETA: INQUIRIDOR E REGISTRO DOS DADOS	116
5.6.1 Formulação e preenchimento das fichas	117
5.6.2 Organização do glossário	118
5.6.3 Inserção dos termos no programa	119
5.6.4 Um pouco mais sobre o programa e o glossário	120

6. ANÁLISE BÁSICA DOS DADOS	123
6.1 UM OLHAR PRELIMINAR SOBRE A PESQUISA	123
6.2 BREVE ANÁLISE FÔNICA	124
6.2.1 Fenômenos fonéticos encontrados	126
6.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS	127
6.4 LEXIAS SIMPLES	129
6.4.1 Análise e distribuição de termos por categoria gramatical	129
6.4.2 Outros casos	131
6.4.3 Formação de palavras por derivação	132
6.5 LEXIAS COMPOSTAS E HIBRIDAS	134
6.6 LEXIAS COMPLEXAS	135
6.6.1 Termos compostos de substantivo + adjetivo	135
6.6.2 Termos compostos de substantivo + preposição + substantivo	136
6.6.3 Termos compostos de verbo + (determinante) substantivo	136
6.6.4 Termos compostos de verbo + preposição + (determinante) substantivo	137
6.6.5 Termos de composição diversa com mais de três elementos	137
6.7 LEXIAS TEXTUAIS	138
6.8 HOMONÍMIA, POLISSEMIA E VARIAÇÃO	139
6.9 METÁFORAS E METONÍMIAS CONCEITUAIS	141
6.10 INFLUÊNCIAS E AFLUÊNCIAS DE OUTRAS LINGUAS	143
6.10.1 Indianismos	143
6.10.2 Africanismos	146
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
8. REFERÊNCIAS	151
APÊNDICES	163

APÊNDICE 01 – GUIA DE ORIENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO ELETRÔNICO	163
APÊNDICE 02 – GLOSSÁRIO REGIONAL DA MANDIOCULTURA	168
ANEXOS	366
ANEXO 01 – FICHA DE LOCALIDADE E DE INFORMANTE	366
ANEXO 02 – FICHA DO QUESTIONÁRIO APLICADO NA ENTREVISTA SOCIOCULTURAL SEMIESTRUTURADA	367
ANEXO 03 – MODELO DE FICHA TERMINOLÓGICA	373

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que aqui introduzo tem por principal objetivo estudar as marcas que caracterizam os traços dialetais no léxico de especialidade dos produtores rurais de mandiocultura, na mesorregião noroeste cearense, como apoio para a elaboração de um glossário eletrônico monolíngue, de base socioterminológica da variante brasileira da Língua Portuguesa.

Nos últimos tempos, estudos em socioterminologia têm trazido à tona várias pesquisas de cunho dialetológico que vem fazendo um resgate de marcas e traços linguísticos pelo Brasil afora. Em se tratando de estudos voltados à preparação de obras terminológicas com apoio de programas computacionais, o panorama contemporâneo tem propiciado modelos que permitem ao terminólogo ter uma prática terminográfica mais segura e ágil mediante o avanço tecnológico. A Terminologia, em âmbito geral, não poderia ficar à margem dessa interface com a tecnologia, na busca de solidificar as bases das reflexões da área e o estudo de uma diversidade de terminologias que se desenvolve em uma evolução vasta.

No caso do léxico especializado, existem várias razões em que poderíamos nos fiar como forma de justificar um trabalho dessa natureza, dentre os quais o de registrar as formas linguísticas que vão surgindo de acordo com as necessidades sociocomunicativas, ou ainda, o de abrigar as formas que podem se perder, ou mesmo, ganhar novos sentidos decorrentes de práticas sociais languageiras, e contudo, resguardar costumes e conhecimentos que podem se perder com a troca natural das gerações e os processos de evolução natural das variedades de língua.

É com esses pressupostos, que Willian Labov, linguista americano, fixou a perspectiva teórico-metodológica da corrente Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação. A partir daí, concordamos com a sociolinguística, no dizer de Bagno (1999, p. 114), que colabora com Labov, quando reafirma que “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”.

Daí o empenho em se pesquisar e compreender as terminologias em seus reais contextos de uso, por ser, sobretudo, na prática das atividades especializadas, que os termos recebem contornos pragmáticos e temáticos em seus sentidos, e é dessa diversidade que se presente nosso trabalho. Quando se propõe a desenvolver um trabalho dessa monta, na esfera da socioterminologia, da dialetologia e da etnolinguística, podemos adotar, como é de *práxis*, pelo

menos, dois caminhos: o primeiro, direciona ao estudo teórico da disciplina, enquanto que o segundo visa o desenvolvimento prático, principalmente em obras terminológicas como dicionários, glossários e vocabulários. No entanto, essas duas perspectivas se complementam uma vez que a teoria e a prática são molas propulsoras para o desenvolvimento do conhecimento científico e intelectualizado. Isso já, por si só, evidencia a relevância e a importância para o desenvolvimento desse estudo.

No caminho de se examinar as terminologias em seus contextos de uso, portanto, é que desenvolvemos esta pesquisa, que, como já afirmamos no parágrafo inicial, propõe-se a descrever a linguagem de especialidade originária da atividade de mandiocultura com os agricultores da mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara, no estado do Ceará.

A atividade de mandiocultura é uma prática cultural bastante expressiva em todo o estado e responsável por boa parte da produção agrícola, da renda e da fonte de alimentação das populações rurais que sobrevivem dessa atividade laboral. Como uma das principais culturas de subsistência, é praticada por pequenos produtores e se constitui em um alimento básico da população, sobretudo para as comunidades de baixa renda. A mandioca, em função de sua rusticidade, adapta-se, praticamente, a todos os tipos de solo e clima, sendo cultivada largamente em todo o território estudado. O Ceará se encontra como o terceiro maior produtor no Nordeste, perdendo apenas para os estados da Bahia e do Maranhão, sendo a região em foco, uma das mais produtoras. Tal resultado demonstra que o estado possui grande destaque na cultura agrícola da mandioca e essa produção se destina à prática da atividade de cultivo dessa raiz tuberosa para a produção de farinha, especialmente, e seus derivados.

Para elaboração deste trabalho de tese e, conseqüentemente, a confecção do Glossário Regional da Mandiocultura, foi mapeada geograficamente a região em estudo, através de pesquisa de campo (entrevistas e observações), possibilitando o reconhecimento da linguagem de especialidade que se situa no discurso oral dos profissionais inqueridos de trato sociolinguístico e cultural. Para isso, procuramos mais especificamente: (a) constituir um *corpus* de língua oral do discurso especializado da atividade de mandiocultura com os grupos da região; (b) descrever os dados terminológicos provenientes do *corpus* da pesquisa, mapeando os termos no espaço geográfico; (c) identificar os termos usados pelos trabalhadores rurais e (d) identificar possíveis agrupamentos terminológicos que apontem semelhanças no uso dos termos, entre as minirregiões pesquisadas.

Nosso *corpus* da linguagem especializada foi constituído por um grande levantamento de dados linguísticos provenientes de observações na região especificada e entrevistas com agricultores que trabalham com a atividade. Os dados coletados serviram como base para a extração e análise dos termos que compuseram o glossário eletrônico, seguindo o protocolo estabelecido na perspectiva linguística com bases na etnografia, dialetologia, lexicologia e terminologia. Portanto, a orientação tem um suporte teórico-metodológico em Aubert (2001), Barbosa (1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 2005), Biderman (1984, 2001, 2006), Borba (2003), Cabré (1993, 2002), Faulstich (1995, 2006), Gaudin (1993), Krieger-Finatto (2004), Rodrigues (2015), entre outros.

As pesquisas socioterminológicas, dentre suas múltiplas perspectivas, procuram descrever os termos a partir do contexto de uso em que estes se encontram mergulhados, ou seja, imersos em sua prática. Consideramos, então, que a atividade de especialidade deva apresentar, em suas análises, as condições de produção discursiva em que os termos circundam para poder dar conta dos reais sentidos em que estes atuam. Fiamos-nos em Gaudin (1993, p. 16), quando defende uma terminologia fundamentada na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das reais condições sociais em que circulam os termos. Faulstich (2006, p. 29) também colabora com esta visão quando oferece uma Socioterminologia como um ramo da Terminologia que “se propõe a refinar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, a auxiliar na planificação linguística e a oferecer recursos sobre as circunstâncias da elaboração desses discursos ao explorar as ligações entre a terminologia e a sociedade”.

Esta tese de doutorado é composta de cinco partes maiores: (i) o contexto sobre a atividade da mandiocultura, (ii) a contextualização sobre o tema e o estado da arte, (iii) os pressupostos teóricos, (iv) a metodologia, e (v) a descrição e análise básica dos termos presentes na base de dados do glossário. Além disso, o Glossário Regional da Mandiocultura está incluído nos apêndices desta tese como forma de apresentação e de confirmação, sendo parte constitutiva e objetiva do projeto deste estudo de doutorado.

A segunda seção é intitulada “*O campo especializado da mandiocultura e a região em estudo*”, em que destacamos o universo da atividade da mandiocultura, de uma macro a uma microvisão, ou seja, da perspectiva mundial à local. Elencamos também dados que evidenciam sua importância socioeconômica, seu modo de cultivo e beneficiamento da mandioca, técnicas do preparo e transporte, comercialização e culinária. Ainda nesta sessão, apresentamos uma descrição detalhada da região da pesquisa, cada município em que vivem e trabalham os sujeitos pesquisados, os trabalhadores rurais que se ocupam da área da mandiocultura.

Na terceira seção, “*Contextualização sobre o tema e estado da arte*”, apresentamos uma justificativa ao projeto e realizamos uma concisa apresentação dos trabalhos que envolvem o tema descrevendo brevemente as pesquisas nas áreas elencadas, como a dialetologia e etnolinguística, e discussões outras envolvendo a linguagem de especialidade na área da mandiocultura. Figuram nesta etapa, trabalhos como Fonseca (1983), Azevedo e Margotti (2013) e Rodrigues (2015).

A quarta divisão que compõe este trabalho, “*Pressupostos teóricos: relação entre as ciências envolvidas na descrição do léxico*”, elenca a discussão teórica sobre as áreas que se imbricam na perspectiva adotada, a partir das contribuições da dialetologia, etnolinguística, sociolinguística, da terminologia e terminografia, e da lexicologia e lexicografia. Especificamente debatemos uma construção embasada na Teoria Geral da Terminologia (TGT) de *Eugen Wüster*, confrontando-a com as transformações ocorridas desde o advento dos estudos socioterminológicos. Procuramos demonstrar reflexões e subsídios em autores como *Fraçois Gaudin* e *Enilde Faulstich* no contexto de uma área em que o alvo é a variação (sociolinguístico) que incidem mais fortemente do panorama pesquisado das terminologias.

Sobre a metodologia da pesquisa, que compõe a quinta seção, apresentamos os cinco campos pesquisados (plantação, transporte, beneficiamento, comercialização e culinária) com cada domínio especificamente, com ilustrações nos locais em foco no momento da pesquisa de campo. A seguir, trazemos tópicos como a delimitação do universo, a escolha da região, procedimentos para a realização da pesquisa de campo, momento em que demonstramos a fixação dos pontos de inquérito, o levantamento do perfil dos informantes e as técnicas e instrumentos de coleta de dados.

Os procedimentos metodológicos práticos, os instrumentos da pesquisa, a coleta e o registro dos dados, artifícios para a elaboração do glossário eletrônico, momento no qual identificamos o seu público-alvo, a definição da árvore de domínio, a preparação dos cartogramas terminológicos para inserção na obra terminológica, os critérios auxiliares para a composição dos termos, o uso do *software Lexique Pro*, no qual os dados do *corpus* compilado fizeram parte do glossário e a checagem final das informações como forma de garantir precisão aos termos que fazem parte do repertório terminológico.

Na sexta seção, apresentamos uma breve discussão linguística sobre os termos que fazem parte dos verbetes no glossário (eletrônico e analógico), explorando alguns dados e descrevendo alguns fenômenos linguísticos encontrados na região. Fizemos o mapa fonético através das marcas orais encontradas, a breve análise de elementos nos campos da fonética, da morfologia e da semântica (pragmática).

Na sequência, temos as considerações finais, as referências usadas no corpo da pesquisa, os apêndices e anexos, que ilustram e explicam alguns procedimentos necessários usados no decorrer da pesquisa, como o glossário na versão impressa e o guia de uso para o glossário eletrônico (apêndices) e, como a ficha da localidade, a ficha do informante, o questionário terminológico usado para a coleta de dados (anexos). Finalmente, ressaltamos que a tese está acompanhada por um *CD-ROM* do Glossário Regional da Mandiocultura para ser instalado no computador que possibilita ao consulente a manipulação de recursos multimodais como as imagens e os *hiperlinks* que se constituem recursos importantes no âmbito do trabalho.

2 O CAMPO ESPECIALIZADO DA MANDIOCULTURA E A REGIÃO EM ESTUDO

Neste capítulo inicial, temos como finalidade principal apresentar alguns aspectos sociais, culturais, históricos e econômicos da mandiocultura na conjuntura internacional, nacional, regional, estadual e da micro região estudada, ou seja, dos municípios adotados como pontos de inquérito da pesquisa aqui descrita, e também apresentar conhecimentos da área que são compartilhados pelos trabalhadores rurais pesquisados e demais atores sociais, que lidam diretamente na atividade especializada de plantação, transporte, beneficiamento, culinária e comercialização dos produtos produzidos da mandioca.

Nosso propósito inicialmente é o de contextualizar o domínio de especialidade desse trabalho de tese fornecendo informações gerais da atividade da mandiocultura, de uma macro visão para uma micro visão, ou seja, de um prisma mais geral para um específico, que tem por objetivo focalizar a região noroeste do Ceará, especialmente os municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara.

2.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A mandiocultura é uma atividade presente desde os tempos mais remotos. Sua importância como atividade humana tem sido evidenciada através dos tempos com a cultura e os costumes dos índios, negros e brancos, no contexto brasileiro, que inseriram em sua tradição doméstica culinária tais incrementos, que envolvem seus alimentos, como pratos típicos e regionais. A mandioca é um produto de subsistência para boa parte da população rural, um importante componente do sistema culinário (farinha, goma, mingau, beijus, etc.), além de revelar uma tradição histórica e valores culturais observados no léxico por meio dessa cultura.

Nosso propósito aqui é apresentar alguns aspectos sobre a produção de mandioca, no contexto regional, e descrever sobre a vivência dos trabalhadores rurais que atuam na atividade especializada de produção de gêneros da mandiocultura.

Esperamos, com isso, contextualizar o domínio de especialidade em que a nossa pesquisa se insere, a fim de deixar claro em que circunstância o espaço da atividade de produção da mandiocultura. Deste modo, esperamos levar em consideração os princípios etnográficos por meio da observação das interações entre os sujeitos da pesquisa socioterminológica. Para tanto, faremos um panorama do tema de estudo, a mandiocultura, dando um olhar social, econômico, histórico, biológico, agrônomo, enfim, sobre a cultura da planta e seus aspectos envolvidos.

2.2 A MANDICULTURA E SUA ÁREA

2.2.1 Contribuições socioeconômicas e comerciais

A Organização das Nações Unidas (ONU) para a Alimentação e a Agricultura, *Food and Agriculture Organization* (FAO), uma das agência das Nações Unidas (NU), que lidera esforços para a erradicação da fome e combate à pobreza, composta por 194 Estados-membros, mais a União Europeia (UE) e, com presença em mais de 130 países, estima que a produção mundial de mandioca, num contexto geral, prossegue com uma cadência de crescimento bastante expressiva, passando de 98,6 milhões de toneladas em 1970 para 232,9 milhões de toneladas em 2008. Este comportamento significou um aumento médio anual de 3,5% ao longo destes 38 anos, porém, vale a pena ressaltar a maior aceleração deste crescimento nos últimos 5 anos, em que este valor se elevou para uma taxa média de 4,5%.

O continente africano, que vem mantendo a liderança absoluta, ainda tem aumentado a sua participação na produção de mandioca, obtendo no ano de 2008 um tamanho de 118 milhões de toneladas, o que corresponde a 50,7% do total mundial. Em seguida, vem a Ásia com uma participação de 33,8% e, logo após, a América do sul com 14,9%. Na África, ainda segundo a FAO, cerca de 60% da população tem na mandioca a sua principal fonte alimentar, consumida em grande parte sob a forma “in natura” cozida ou frita. Ainda são poucas as indústrias de transformação da raiz, à exceção de pequenas farinhas que iniciaram nos últimos 10 anos.

A Nigéria tem, o destaque neste cenário, destacando-se, em curto espaço de tempo, e consagrando-se como o maior país produtor de mandioca do mundo, passando de 10 milhões de toneladas em 1970 para 44,6 milhões de toneladas em 2008. Este volume representa cerca de 38% da produção africana e aproximadamente 20% do total mundial. Gana também está aumentando consideravelmente a sua produção, com o objetivo principal de suprir as necessidades alimentares de suas populações. Segundo as pesquisas, a cultura da mandioca foi introduzida nos países africanos pelos portugueses que levaram as raízes do Brasil, nos fins do Século XVI. Embora esses países sejam destacados produtores e consumidores de mandioca, é sabido que a cadeia produtiva ainda carece de investimentos em pesquisa tanto agrícola como industrial para a sua melhor performance.

No tocante à Ásia, o setor da mandioca já atingiu um nível tecnológico satisfatório, com destaque às grandes indústrias de fécula e sua transformação através dos processos físico-químicos. Ao contrário dos países africanos, a produção asiática se destina basicamente às

indústrias, principalmente as de fécula e de *pellets*¹. A Tailândia e a Indonésia se destacam como os maiores produtores e detentores de melhores centros de pesquisa geralmente coordenados pelos órgãos oficiais, o que não acontece em grande escala no Brasil.

A Tailândia é o segundo produtor mundial de mandioca em raiz, porém continua liderando na produção de fécula e de “pellets”. Também sendo o líder absoluto nas exportações destes produtos, principalmente para a União Europeia. Nos últimos anos, os volumes exportados pela Tailândia são da ordem de 2 milhões de toneladas de fécula e aproximadamente 10 milhões de toneladas de “pellets”.

Com relação à América do sul, a produção de mandioca está estabilizada na média das 35 milhões de toneladas de raiz. Evidentemente, a responsabilidade recai sobre o Brasil que tem contribuído com um montante entre 70 a 75% da produção sulamericana. Apesar da representatividade dos centros de pesquisa, o Brasil não consegue voltar ao patamar de 30 milhões de toneladas alcançado no ano de 1970, conforme é mostrado na tabela 01 abaixo:

Países	1970	2000	2003	2004	2005	2006	2007	2008	Part. % em 2008	Var. % 1970/2008
AFRICA	40,5	95,3	103,2	108,6	113,0	117,5	114,0	118,0	50,6%	191,4%
Nigéria	10,2	32,0	33,4	38,2	38,2	45,7	35,4	44,6	19,14%	337,25%
Rep. F. Congo	10,3	16,0	14,9	15,0	15,0	15,0	15,0	15,0	6,44%	45,63%
Gana	1,5	8,1	10,2	9,7	9,7	9,6	9,6	9,7	4,16%	546,67%
Outros	18,5	39,2	44,7	45,7	50,1	47,2	54,0	48,7	20,9%	163,24%
ASIA	23,1	49,7	55,8	59,3	57,6	67,5	73,0	78,8	33,8%	241,1%
Tailândia	3,2	19,1	18,4	21,4	16,9	22,6	22,6	27,6	11,85%	762,5%
Indonésia	10,7	16,1	18,5	19,4	19,4	20,0	20,0	21,6	9,27%	101,87%
Outros	9,2	14,5	18,9	18,5	21,3	24,9	30,4	29,6	12,7%	221,74%
AMÉRICA SUL	34,0	30,0	30,4	33,2	34,5	35,4	35,4	34,7	14,9%	2,1%
Brasil	29,5	23,3	22,0	24,0	25,9	26,7	26,6	25,9	11,12%	-12,2%
Outros	4,5	6,7	8,4	9,2	8,6	8,7	8,8	8,8	3,78%	95,56%
Outros países	1,0	1,5	1,9	2,0	2,0	1,9	1,7	1,5	0,6	50,0
Total mundial	98,6	176,5	191,3	203,1	207,1	222,3	224,1	233,0	100,0%	136,3%

Tabela 01: Maiores produtores mundiais de mandioca (raiz em milhões de toneladas) IBGE/SEAB/DERAL

¹ O processo de peletização (*pellets*) consiste na fragmentação das raízes, que são posteriormente secadas ao sol, e destinadas para o consumo animal através de rações.

No ano de 2003, em dados fornecidos pela FAO, a principal forma de consumo da mandioca foi na alimentação humana com 53%, especialmente em países africanos de baixa renda. Naquele ano, a mesma fonte indica que o maior consumo de mandioca em raiz foi registrado no Congo com 273 kg/habitante/ano, Moçambique 254kg/habitante/ano; Gana 200kg/habitante/ano; enquanto que no Brasil o consumo girou em torno de apenas 44 kg/habitante/ano.

No panorama nacional, conforme já mencionamos, em anos anteriores, o Brasil foi o maior produtor mundial de mandioca e alcançou, no ano de 1970, o volume de quase 30 milhões de toneladas. Naquela época, a sua participação foi de 36% sobre o total mundial, enquanto que, na safra de 2008, esta relação caiu para apenas 11%. Esta diferença não se deve ao fato da redução que a produção brasileira registrou de 30 milhões para 26 a 27 milhões de toneladas, mas, principalmente, aos acentuados aumentos verificados em outros países.

O Brasil vem avançando consideravelmente nas pesquisas com a mandioca, porém está longe de conquistar maiores espaços no mercado internacional e desta forma competir decisivamente com os produtos da Tailândia, cujas exportações ainda representam 85% do comércio mundial.

Apesar da disparada nos preços de fécula tailandesa, no último ano, o produto brasileiro ainda encontra dificuldade competitiva, fato pelo qual toda a produção se restringe ao mercado interno. Dentre as várias entidades que vem pesquisando a cultura da mandioca destacam-se, principalmente, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Instituto Agrônomo em Campinas (IAC), a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), dentre outros; e, nos últimos 15 anos, criou-se a Associação Brasileira de Produtores de Amidos de Mandioca (ABAM) e as Câmaras Setoriais. Este grupo de instituições busca implementar as novas técnicas agrônômicas e políticas que venham ao encontro às necessidades que a atividade exige, embora se saiba que ainda há, em todo país, grande participação de pequenas fábricas e casas de farinhas tradicionais com base na agricultura familiar, que suporta grande parte da produção nacional (EMBRAPA, [s.d.]).

O cultivo da mandioca está presente em todos os estados brasileiros, porém a sua concentração maior está na Região Nordeste, que vem participando com valores ligeiramente superiores a 35% da produção nacional. Assim como na África, no Nordeste brasileiro, a mandioca também exerce papel fundamental na alimentação de sua população. Com as condições climáticas bastante variáveis e principalmente registrando frequentes secas, a

mandioca ainda consegue apresentar melhores resultados se comparada aos demais cultivos que são mais exigentes em questão de chuvas.

Por ser uma das principais culturas de subsistência, a mandiocultura é praticada por pequenos produtores e se constitui em um alimento básico da população, principalmente a de baixa renda. A mandioca em função de sua rusticidade se adapta praticamente a todos os tipos de solo e clima do País, sendo cultivada em todo o território nacional. Devido as condições climáticas, em especial, a região Nordeste que é sempre assolada por tais intempéries, ocorrem conseqüentemente reduções de produção sazonalmente. A prova disso é que houve uma grande redução na produção brasileira de mandioca, devido à seca que se propagou no Nordeste entre os anos 1998 e 2000. Contudo, apesar dessa redução na quantidade produzida de mandioca, houve um ligeiro aumento na produtividade dessa cultura no Nordeste, devido a uma maior redução da produção e área plantada nos estados que detinham os rendimentos agrícolas mais baixos.

A produção nordestina se destina basicamente ao consumo humano, através de uso “in natura”, e a maior parte é transformada em farinha, gomas, beijus, tapiocas, entre outros. Seus principais produtores são a Bahia, Maranhão e Ceará. A Bahia é o maior produtor nordestino e conta com o mais importante centro de pesquisa da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) localizado em Cruz das Almas.

A região Norte também se caracteriza como importante produtor e consumidor dos produtos de mandioca. Aliás, o Nordeste e o Norte são duas Regiões que guardam uma forte semelhança pela quantidade de pequenas fábricas ou “casa de farinha” e pelo elevado consumo “per capita” destes produtos. Nesta, o estado do Pará continua liderando na produção brasileira de mandioca. A cadeia produtiva da mandioca tem forte presença naquele Estado, com inúmeras fábricas espalhadas na maioria de seus municípios e o comércio, principalmente de farinha, nas feiras livres dos grandes centros consumidores.

A região Sudeste, apesar de contar com menos de 10% da produção nacional de raiz, possui o maior centro de comercialização do País, na cidade de São Paulo. Por sua vez, o Estado de Minas Gerais, na Região do Triângulo Mineiro, concentra várias fábricas de polvilho azedo que é destinado ao consumo humano, em especial no fabrico de pão de queijo e de bolachas.

Já a região Sul, além de importante produtora de raiz, conta com o maior número de indústrias, principalmente as de fécula, consideradas em sua maioria de médio e grande porte. O Estado do Paraná é o principal produtor, responde em média por 70% da produção agrícola na Região Sul e contribui com cerca de 60% a 65% do volume brasileiro de fécula. Santa

Catarina é considerado pioneiro na industrialização de fécula e, atualmente, sua participação é bastante reduzida, pois muitas de suas indústrias de fécula foram transferidas para o Estado do Paraná, durante a década de 80. No caso do Rio Grande do Sul, apesar de grande produtor de raiz, destina praticamente toda a produção para o consumo animal e humano.

REGIÃO / ESTADOS	ÁREA (1000 ha)	PRODUÇÃO (1000 ton)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PARTIC. NAC. %
NORDESTE	876	9.518	10.865	35,9%
BAHIA	320	4.169	13.028	15,5%
MARRANHÃO	203	1.482	7.300	5,6%
CEARÁ	106	949	8.953	3,6%
OUTROS	247	2.918	11.814	11,0%
NORTE	488	7.300	14.959	27,4%
PARÁ	287	4.495	15.662	16,9%
AMAZONAS	97	996	10.268	3,7%
OUTROS	104	1.809	17.934	7,2%
SUDOESTE	127	2.278	17.937	8,6%
MINAS GERAIS	57	860	15.088	3,2%
SÃO PAULO	46	1.081	23.500	4,1%
OUTROS	24	337	14.042	1,3%
CENTRO-OESTE	84	1362	16.214	5,1%
MATO GROSSO DO SUL	26	520	20.000	2,0%
MATO GROSSO	37	512	13.838	1,9%
OUTROS	21	330	15.714	1,1%
SUL	307	6.137	19.980	23,0%
PARANÁ	189	4.313	22.804	16,2%
RIO GRANDE DO SUL	81	1.273	15.716	4,8%
SANTA CATARINA	30	551	18.367	2,0%
BRASIL	1.882	26.595	14.131	100%

Tabela 02: Produção nacional da mandioca na safra 2009/2010 – regiões e principais estados (Fonte: IBGE, SEAB/DERAL)

Mais recentemente, à produção, segundo os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) demonstram que, no ano de 2014, o Brasil produziu 23.087.828 toneladas de mandioca, tendo o norte-nordeste se destacado como o maior produtor em toneladas, como podemos observar na tabela seguinte:

REGIÃO	PRODUÇÃO (ton)	RANKING POR REGIÃO
Norte	8.045.156	1º
Nordeste	5.510.847	2º
Sudeste	5.483.448	3º
Sul	2.628.077	4º
Centro-oeste	1.420.300	5º

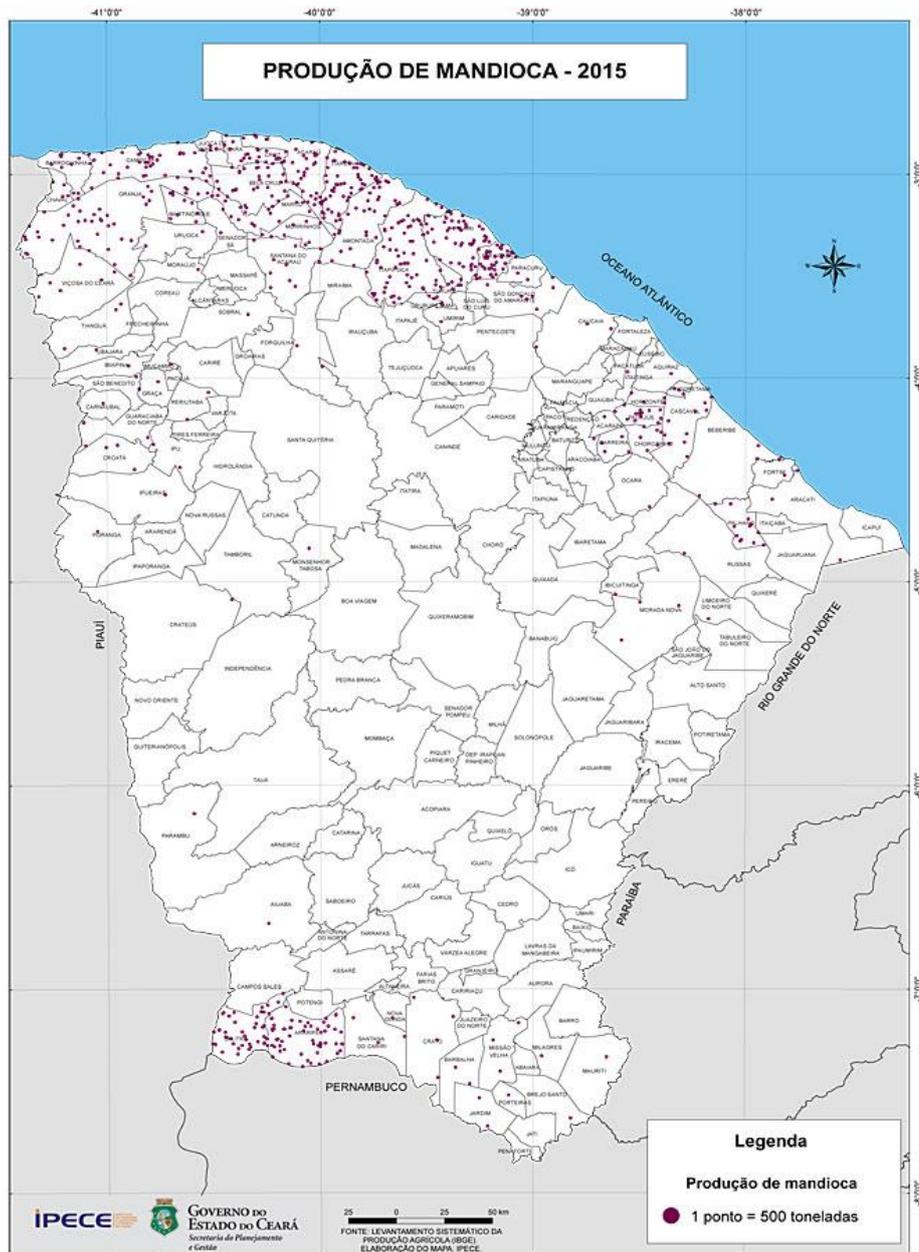
Tabela 03: Produção de mandioca por região em toneladas no ano de 2014 (fonte: IBGE)

A cultura da mandioca é explorada basicamente em pequenas propriedades, de agricultores familiares ou pequenos e médios produtores rurais, onde há a predominância de multiculturas, como o milho e o feijão, que junto com a mandioca enfrentam uma comercialização bastante conturbada. Muitas vezes, os estoques muito altos fazem com que os preços despenquem, fazendo com que os produtores tenham prejuízos, tendo que vender seu gênero, abaixo do valor mínimo garantido pelo Governo Federal. Este é um dos principais problemas na comercialização dos produtos que inibem o aumento da produção, chegando até a ser um mercado predatório, isto é, definem a intenção do produtor em reduzir a sua área, ou até, fazendo com que sua produtividade seja apenas voltada para o consumo familiar da mandioca.

No estado do Ceará² que ocupa a terceira colocação no nordeste, com uma área de 106 mil hectares plantados, uma produção de 949 mil toneladas, uma produtividade de 8.953 kg por hectare, perfazendo um total de participação na produção nacional de 3,6 por cento, mesmo o cultivo da mandioca, esteja relacionada aos pequenos agricultores, diretamente ligado à produção da farinha, o que torna essas práticas integrantes da cultura e do conhecimento

² Unidade federativa brasileira que fica situada ao norte da Região Nordeste e tem por limites o Oceano Atlântico a norte e a nordeste, o estado do Rio Grande do Norte e o da Paraíba a leste, Pernambuco ao sul e Piauí a oeste. Sua área total é de 148 920,472 km² (9,37% da área do Nordeste e 1,74% da superfície nacional). A população do estado é de 9.075.649 habitantes, conforme estimativas do IBGE em 2018, correspondendo ao oitavo estado mais populoso do país. É ainda o décimo primeiro estado mais rico do país e o terceiro mais rico do Nordeste. Sua capital, Fortaleza, é o município com o maior PIB do Nordeste, e o nono maior do país.

tradicional destes agricultores, há uma produção que assegura uma riqueza econômica e uma fartura alimentar. Segundo Araújo e Lopes (2009), nos estados do Norte e Nordeste, especialmente na área pesquisada (como podemos ver no mapa 01 a frente), o processamento das raízes acontece nas chamadas casas de farinha, estruturas produtivas representantes do método tradicional, ou seja, baseado na mão-de-obra composta pela agricultura familiar.



Mapa 01: Áreas de produção de mandioca³ no estado do Ceará em 2015 (IPECE)

Às vezes, no plantio da mandioca é utilizado nas propriedades, uma variedade nativa, a qual nem os agricultores sabiam nem mesmo seu nome técnico. Esta variedade leva de um a

³ O mapa do estado mostra a região pesquisada com muitos pontos (cada ponto vermelho indica 500 toneladas produzidas de mandioca) que representa uma grande atuação com o produto pesquisado e, é indício de robusta produtividade e manuseio com a cultura.

dois anos para a formação completa de suas raízes tuberosas. Assim, por esta variedade possuir ciclo longo, e apesar da dificuldade de se encontrar estacas de qualidade, optaram por plantar uma variedade diferente que produzam em um tempo menor. Nos relatos da pesquisa, há poucas falas remetendo à confiabilidade a alguma técnica agrícola. Na verdade, são suas experiências, que se dão, muitas vezes, no ensaio e erro, é que são levados em conta. A ausência da técnica pode ser um dos vários fatores que dificulta a produção, a qualidade e a quantidade do produto final.

Após o término do ciclo da planta, as raízes são colhidas para beneficiamento e as estacas são cortadas, sendo uma parte destinada à alimentação animal e outra para a semeadura no próximo plantio. O beneficiamento das raízes é realizado em casa de farinha pertencente à família. Este consiste em produzir farinha e fécula, os quais, como já vimos, são os principais subprodutos da mandioca. A fabricação da farinha na propriedade é realizada de forma tradicional fazendo uso de mão de obra humana e familiar, o que torna mais barato o custo de produção.

É possível entender a importância do conhecimento tradicional na produção de mandioca e de seus derivados, que é adquirido durante o tempo e repassado de uma geração a outra. Pelo exposto, percebeu-se ainda que mesmo com pouca tecnologia existente, o não esquecimento dos seus costumes e tradições convivem lado a lado, pois o conhecimento local é diariamente utilizado por eles, da lavoura a produção do gênero, o que pode fazer a diferença na hora da produção final.

Assim como no Brasil, a produção de mandioca no Ceará teve uma significativa redução nos últimos anos. A situação da mandioca cearense é ainda mais agravada pelas dificuldades em se obter manivas-semente de boa qualidade para novos plantios, em decorrência das secas periódicas, falta de coincidência entre as épocas de plantio e colheita e, principalmente, pelo baixo nível cultural e poder aquisitivo da maioria dos agricultores que exploram essa cultura, o que não permite a adoção de inovações tecnológicas (PINHO, 2001). Contudo, podemos ainda compreender que mesmo com as intempéries, variações de clima, pouco incentivo, etc; dificuldades que se impõem aos agricultores de mandioca do estado, nossa produção ainda demonstra boa qualidade e, acima de tudo, incrementa especialmente o mercado local fortalecendo o comércio e a agricultura, especialmente a familiar, e sendo ponte para uma cultura alimentar tradicional que mesmo assim, se mantém.

Além de tudo, a farinhada representa uma reunião da comunidade em torno da casa de farinha, em que homens, mulheres, crianças e idosos estão presentes para observar a extração

da farinha da mandioca e a preparação do beiju e da tapioca numa grande festa em torno do forno à lenha. Afora tudo isso, não deixa de ser um regaste cultural de uma atividade milenar, a farinhada tem um grande apelo econômico nessas regiões. Com o avanço tecnológico, as farinhadas artesanais populares no sertão, estão escasseando por conta da sua baixa produtividade e do seu alto custo. Porém, apesar de não ser mais tão populares, as farinhadas ainda tem forte identificação com a população sertaneja e nos municípios onde acontecem e são ainda apreciadas pelos moradores locais.

2.2.2 Contribuições históricas e bio-agronômicas

Segundo Câmara Cascudo (2004), na primeira carta ao rei de Portugal, Pero Vaz Caminha em sua carta, quando do *achamento* do Brasil, em 22 de abril de 1500, descreveu uma certa raiz, mas enganou-se ao dar-lhe o nome de *inhame*: “Eles não comem senão d’outra coisa a não ser dum inhame que brota da terra”⁴. Para Cascudo, tratava-se da mandioca, uma vez que o inhame somente foi posteriormente introduzido no Brasil, vindo de Cabo Verde. Ele ainda levanta a hipótese de que a mandioca teria aparecido originariamente na bacia amazônica, cultivada pelos índios *aruacas*, difundida no litoral pelos *tupis* e no interior por outras tribos.

Até os bandeirantes, em suas incursões pelas florestas dos sertões, abrindo caminhos e clareiras, abandonavam plantações de mandioca para que, quando do seu regresso por aqueles caminhos desbravados, encontrassem um alimento para refazer as energias consumidas pelas longas caminhadas, pela tarefa árdua de garimpagem e pela suas batalhas constantes contra os indígenas. Sua importância é enormemente atestada também pela frequência com que ela é mencionada por cronistas, viajantes e missionários. Gabriel Soares de Souza, Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Hans Saden, Jean de Lerry, Debret, Rugendas, entre outros, aludem a ela com constância em seus escritos. Debret e Rugendas além de mencionarem a mandioca com frequência em seus textos representam-na também em suas gravuras. Um dos desenhos de Rugendas é a representação dos afazeres de um negro escravo numa casa de farinha. Referindo-se a uma das várias espécies da mandioca, o aipim (macaxeira), Gabriel Soares de Souza, em *Tratado Descritivo do Brasil* (1587), diz que:

“Dá na nossa terra outra casta de mandioca, que o gentio chama aipins, cujas raízes são da feição da mesma mandioca, e para se recolherem estas raízes as conhecem os índios pela cor dos ramos, no que atinampoucos portugueses. E estas raízes dos aipins

⁴ Trecho retirado da carta do escrivão da nau comandada por Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz Caminha quando há o primeiro registro da mandioca nas terras achadas por Portugal, na Ilha de Vera Cruz, atualmente Brasil, enviada ao rei de Portugal para dar notícias do descobrimento (Câmara Cascudo, 2004).

são alvíssimas; [...] Destes aipins se aproveitam nas povoações novas, porque como são de cinco meses, se começam a comer assadas, e como passam de seis meses fazem-se duros, e não se assam bem, mas servem então para beijus e para farinha fresca, que é mais doce que a da mandioca, as quais raízes duram pouco debaixo da terra, e como passam de oito meses, apodrecem muito. Os índios se valem dos aipins para nas suas festas fazerem deles cozidos seus vinhos, para o que os plantam mais que para os comerem assados, como fazem os portugueses”. (In: Cascudo, 1988).

Do Brasil Colônia até os dias atuais, a farinha é um dos principais alimentos humano, podendo ser utilizado de várias formas, como bolo, beiju, caldos, pirão, purê, com leite, e muitas outras coisas que sua criatividade permitir. A mandioca mansa ou macaxeira pode ser comida *in natura*, cozida, com café ou frita em óleo, acompanhando diversos pratos que se tornaram delícias da cozinha brasileira, nordestina, e especialmente, cearense.

A mandioca que é cultivada entre nós pertence a dois tipos já bem conhecidos, o das mandiocas bravas ou venenosas (*Manihot utilíssima Pohl*), e o das mandiocas mansas (*Manihot dulcis Gmel*) vulgarmente conhecidas como *macaxeras* (LODY, 2013). A mandioca brava ou venenosa é aquela da qual se produz a farinha e seus derivados, depois de retirado o "veneno", isto é, o ácido cianídrico; enquanto que a variedade conhecida popularmente como macaxeira é a consumida simplesmente após o processo de cozinhamento. A mandioca é reconhecida pela sua resistência a seca, altamente plantada e produzida em regiões áridas, pode se adaptar a solos com baixa fertilidade e dispensa utilização de defensivos agrícolas o que a torna um produto versátil e financeiramente viável, especialmente nas áreas do nordeste brasileiro, no interior do Ceará, onde a pesquisa é impetrada.

O nome científico da mandioca é *Manihot Esculenta Crantz*, da família da *Euphorbiaceae*, que é originária de seu maior produtor sul americano, o Brasil; é amplamente usada na alimentação humana e animal. Ela é cultivada em outros países da América do Sul e em outros continentes, como o africano, cujo maior produtor é a Nigéria; e no continente asiático, sendo a Tailândia, a maior produtora, conforme já informando (LODY, 2013).

A importância da mandioca é tal na vida do brasileiro, especialmente nas comunidades do norte e nordeste do país que juntas representam 59% da produção nacional, chegando a uma safra total de 13.556.003 de toneladas produzidas. O estado do Ceará se destaca ainda com grande relevância no nordeste, conforme já mencionado; embora esta demanda esteja, a cada dia, sendo menos acolhida, por conta do custo barato para a venda do produto, especialmente, na produção tradicional da agricultura familiar. A raiz tem grande importância pois possui a terceira maior fonte de carboidratos nos trópicos, depois de arroz e milho, e um dos principais

alimentos básicos no mundo, e faz parte da dieta básica de mais de meio bilhão de pessoas em diversas partes do mundo (LODY, 2013).

A produção e o consumo da mandioca na região em estudo, data de antes mesmo das povoações e aglomerados de vilas. Esse costume perpassa os anos, décadas e séculos, e junto a esse jeito de produzir e de consumir uma infinidades de *modus* inseridos na cultura da mandioca, em suas inúmeras variedades, que atravessa o tempo sendo repassado de pai para filho, de mãe para filha: os hábitos e costumes de como plantar, como fazer e como comer as infinitas iguarias que se principiam com o simples ato de cultivar a raiz.

2.2.3 Produtividade: cultivo, tratos e colheita

Uma das etapas principais da mandiocultura é plantação, que vai desde a escolha do terreno, broca, queimada, destoca até a plantação. Após o plantio, vem os tratos culturais como as capinas para a limpeza do mato, a proteção das plantas como a aplicação de defensivos agrícolas para eliminação de pragas, e adubação para fortificação dos vegetais. Quando os vegetais estão em fase adultas e prontas pra serem colhidas, vem o processo final que é o arranque. Fatores como clima, umidade, luminosidade, solo e qualidade das mudas são de extrema importância para o desenvolvimento das raízes e sua garantia de produção.

A mandioca, por ser originária da região tropical, encontra condições favoráveis para o seu desenvolvimento em todos os climas tropicais e subtropicais. É cultivada, segundo Macedo e Mattos, (1980), na faixa compreendida entre 30 graus de latitudes Norte e Sul, embora a concentração de plantio da mandioca esteja entre as latitudes 20° N e 20° S. Suporta altitudes que variam desde o nível do mar até cerca de 2.300 metros, admitindo-se que as regiões baixas ou com altitude de até 600 a 800 metros são as mais favoráveis. Sua faixa ideal de temperatura situa-se entre os limites de 20 a 27° C (média anual), podendo a planta crescer bem entre 16 e 38° C. As temperaturas baixas, em torno de 15° C retardam a brotação das gemas e diminuem ou mesmo paralisam sua atividade vegetativa, entrando em fase de repouso. Enquanto que a faixa mais adequada de chuva está compreendida entre 1.000 a 1.500 mm/ano, bem distribuídas. Em regiões tropicais, a mandioca produz em locais com índices pluviométricos de até 4.000 mm/ano, sem estação seca em nenhum período do ano; nesse caso, é importante que os solos sejam bem drenados, pois o encharcamento favorece a podridão de raízes. Quando é cultivada em regiões semi-áridas, com 500 a 700 mm de chuva por ano ou menos, como ocorre nas regiões pesquisadas, é importante adequar a época de plantio, para que não ocorra deficiência de

água nos primeiros cinco meses de cultivo (período de estabelecimento da cultura), o que prejudica a produção.

O período de luz ideal para a mandioca está em torno de 12 horas/dia. Dias com períodos de luz mais longos favorecem o crescimento de parte aérea e reduzem o desenvolvimento das raízes tuberosas, enquanto que os períodos diários de luz mais curtos promovem o crescimento das raízes tuberosas e reduzem o desenvolvimento dos ramos, como advoga os autores acima citados.

Na seleção da área para a lavoura de mandioca, de acordo com estudos agronômicos, devemos levar em consideração as condições de clima e solo que favoreçam o cultivo. Com relação à topografia, deve-se buscar terrenos planos ou levemente ondulados, com uma declividade máxima de 5%. Aconselha-se também utilizar boas técnicas de conservação do solo, evitando algumas perdas acentuadas de nutrientes e de água por erosão. Como o principal produto da mandioca são as raízes, ela necessita de solos profundos e soltos, sendo ideais os solos arenosos ou de textura média, por possibilitarem um fácil crescimento das raízes, pela boa drenagem e pela facilidade de colheita. Os solos argilosos não são os mais adequados por serem mais compactos que os de textura média, dificultando o crescimento das raízes e apresentando maior risco de encharcar, provocando o apodrecimento das raízes. Além do que, estes solos apresentam maior dificuldade de colheita, principalmente se ela coincide com a época seca, pois ficam duros, compactos e de difícil acesso às raízes. Os terrenos de baixada, com topografia plana e sujeitos a encharques periódicos, são também inadequados para o cultivo da mandioca, pois propiciam pouco desenvolvimento das plantas e, ainda, podem ocorrer apodrecimento das raízes. É importante observar o solo em profundidade, pois a presença de uma camada compactada ou de impedimento imediatamente abaixo da camada arável pode limitar bastante o crescimento das raízes, além de prejudicar a drenagem e a aeração do solo.

A faixa favorável de PH⁵ é de 5,5 a 7,0, sendo 6,5 o ideal, embora a mandioca seja menos afetada pela acidez do solo do que outras culturas (MACEDO; MATTOS, 1980). A mandioca produz bem em solos de alta fertilidade, apesar de que rendimentos satisfatórios também são obtidos em solos degradados quimicamente com baixo teor de nutrientes, onde a maioria dos cultivos tropicais não produziria satisfatoriamente. Aumentos consideráveis de produção são conseguidos por meio da calagem e adubação das terras de baixa fertilidade. A

⁵ O PH significa "Potencial Hidrogeniônico", uma escala logarítmica que mede o grau de acidez, neutralidade ou alcalinidade de uma determinada solução na química. Sua escala compreende valores de 0 a 14, sendo que o 7 é considerado o valor mais neutro. O valor 0 (zero) representa a acidez máxima e o valor 14 a alcalinidade máxima.

aplicação de matéria orgânica (esterco de curral, estrume de galinha e/ou adubos verdes) tem grande influência na produção da mandioca.

Além do controle de plantas daninhas, o preparo do solo visa melhorar as suas condições físicas para a brotação das manivas, crescimento das raízes e das partes vegetativas, pelo aumento da aeração e infiltração de água e redução da resistência do solo ao crescimento radicular. O preparo do solo adequado permite o uso mais eficiente da calagem, adubação e de outras práticas agronômicas. O preparo do solo deve ser o mínimo possível, apenas o suficiente para a instalação da cultura e para o bom desenvolvimento do sistema radicular, segundo as curvas de nível do terreno. A aração quando recomendada, em solos com camada de impedimento, deve chegar no máximo até 30 cm de profundidade seguida de duas gradagens em sentido cruzado, deixando-se o solo bem destorroado para ser sulcado e plantado. Para os plantios em fileiras duplas, deve-se preparar o solo apenas nas linhas duplas de plantio. No caso de pequenos produtores, o preparo do solo manual restringe-se à limpeza da área, coveamento e plantio, o que é bem mais comum.

Macedo e Mattos (1980), advertem ainda, que o solo deve ser removido o mínimo possível, devendo ser preparado com umidade suficiente para não levantar poeira e nem aderir aos implementos; além disso, deve-se alternar o tipo de implemento (por exemplo, arado de discos, arado de aiveca etc.) e a profundidade de trabalho, usar arado e/ou máquinas e implementos o menos pesados possíveis, acompanhar as curvas de nível do terreno e deixar o máximo de resíduos vegetais na superfície. O preparo de área tradicional na agricultura familiar é do tipo corte-queima, com vistas ao cultivo de culturas alimentares, apresentando inconvenientes como poluição ambiental, erosão, perda de nutrientes, além de tratar-se de um trabalho penoso com grande desgaste físico do agricultor. Além de tudo isso, vale lembrar que esse sistema só permite bom rendimento no primeiro ano, pois no segundo, a produtividade das culturas diminui, aumenta a infestação de ervas daninhas, e o número de capinas. Com isso o agricultor abandona a área, deixando-a em repouso, derrubando nova capoeira para continuar a produzir alimentos.

A mandioca é uma cultura que absorve grandes quantidades de nutrientes e praticamente exporta tudo o que foi absorvido, as raízes tuberosas são destinadas à produção de farinha, fécula e outros produtos, bem como para a alimentação humana e animal; a parte aérea (manivas e folhas), para novos plantios, alimentação humana e animal.

Em geral, os técnicos agrícolas consideram dois aspectos na conservação do solo na cultura da mandioca: o primeiro é que ela protege pouco o solo contra a erosão, principalmente

no início do ciclo, pois o crescimento inicial é lento e o espaçamento é amplo, dificultando a cobertura do solo; e o segundo, é que ela é esgotante do solo, pois exporta quase tudo que produz (raízes, folhas e manivas) para produção de farinhas, e como sementes para novos plantios. A análise do solo deve ser feita para orientar a correção da acidez e a adubação de acordo com as recomendações para a cultura, o que permitirá o melhor e mais rápido desenvolvimento das plantas, cobrindo mais rapidamente o solo. Como meio de evitar o esgotamento dos nutrientes do solo, deve-se proceder a rotação da mandioca com outras culturas, principalmente com leguminosas, como também, quando a mandioca for plantada no sistema de fileiras duplas, utilizar a prática de consórcio, sempre que possível, com culturas adequadamente escolhidas (feijão, milho, etc.), pois dessa forma ocorrerá uma melhor cobertura do solo. Em áreas inclinadas, o consórcio é recomendável para melhorar a cobertura do solo e evitar os efeitos erosivos das chuvas e enxurradas; o plantio de mandioca e milho é mais eficiente do que mandioca e feijão, no aspecto de proteção contra a erosão do solo.

Na seleção do material a ser plantado, deve-se observar aspectos agronômicos e fitossanitários. Entre os aspectos agronômicos está a escolha da cultivar, que deve ser feita de acordo com o objetivo da exploração, se para alimentação humana fresco, uso industrial ou forrageiro, e que melhor se adapte às condições da região. De acordo com Macedo e Mattos (1980), recomenda-se o plantio de mais uma variedade na mesma área, para que o produtor possa dispor de variedades com coloração da raiz branca e amarela e assim, atender o mercado de farinha que é diversificado. Necessitando-se usar mais de uma cultivar, o plantio deve ser feito em quadras separadas. Deve-se escolher manivas maduras, provenientes de plantas com 10 a 12 meses de idade, e utilizar apenas o terço médio, eliminando-se a parte herbácea superior, que possui poucas reservas, e a parte basal, muito lenhosa e com gemas geralmente inviáveis. Documentos da EMBRAPA aconselham que as manivas devem possuir um diâmetro em torno de 2,5cm, com a medula ocupando 50% ou menos do diâmetro da maniva. É importante verificar o teor de umidade da haste, o que pode ser comprovado se ocorrer o fluxo de látex imediatamente após o corte. As manivas podem ser cortadas com auxílio de um facão ou utilizando uma serra circular, de modo que o corte forme um ângulo reto, no qual a distribuição das raízes é mais uniforme do que no corte em *bisel*⁶. As manivas-semente devem ter um tamanho de 20 cm e, pelo menos, de 5 a 7 gemas⁷.

⁶ O tipo de corte em *bisel* é o chamado corte transversal, que propicia o nascimento das raízes nas extremidades da maniva, o que dá mais segurança e rigidez a planta. (MACEDO; MATTOS, 1980)

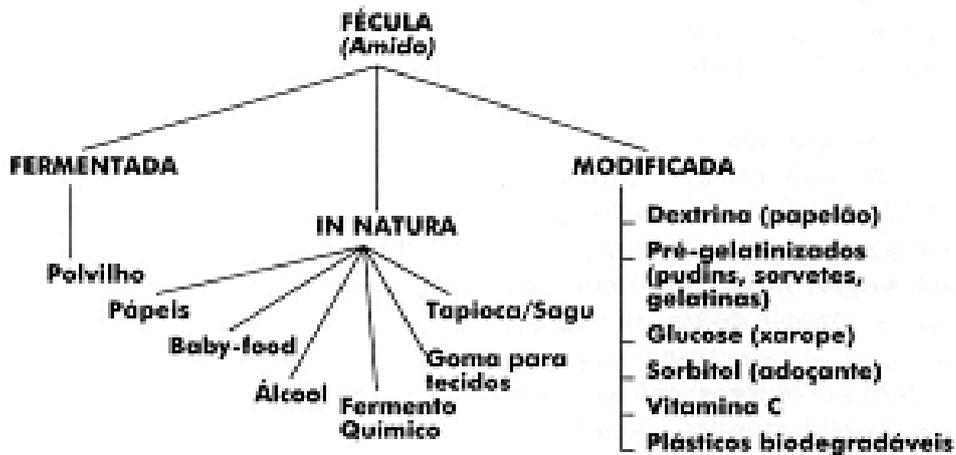
⁷ As gemas são os populares nós de onde brotamos galhos como desenvolver das plantas e que são os repositórios de nutrientes em recepção dos raios solares que atendem a fotossíntese que a planta tanto necessita.

Trabalhos na área indicam que as ervas daninhas concorrem com a cultura da mandioca pelos fatores de produção, principalmente por água e nutrientes. Dentre os custos de produção, o mais elevado é o do controle de plantas daninhas, representando números de 30% a 45% do total. As perdas em produção causadas pelas plantas daninhas em mandioca podem chegar até a 90%, dependendo do tempo de convivência e da densidade do mato. Quanto ao período crítico, em condições normais de umidade e temperatura a mandioca é sensível à competição das plantas daninhas nos primeiros quatro a cinco meses do seu ciclo, exigindo nessa fase um período aproximado de 100 dias livre da interferência do mato, a partir de 20 a 30 dias após sua brotação, para se obter boa produção, dispensando daí em diante as limpas até à colheita.

Documentos técnicos da EMBRAPA indicam que os períodos mais indicados para a colheita da raiz são quando as plantas se encontram em período de repouso, tempo este que, pelas condições de clima (temperaturas mais baixas e pouca chuva), elas já diminuiram o número e o tamanho das folhas (lobos foliares), condição em que as raízes atingem o máximo de produção com elevado teor de amido. Embora já existam implementos motomecanizados de fabricação nacional, a colheita da mandioca é primordialmente manual e/ou com auxílio de implementos, tendo duas etapas: primeiramente, se procede a poda das ramas (corte de manivas deixando o tronco), efetuada a uma altura de 20 a 30 cm acima do nível do solo; e em segundo, o arranque das raízes, manualmente ou com a ajuda de ferramentas, a depender das condições de umidade e/ou características do solo. Após o arrancação (colheita das raízes), estas devem ser amontoadas em pontos na área a fim de facilitar o recolhimento para o transporte, devendo-se evitar que permaneçam no campo por mais de 24 horas, para que não ocorra a deterioração fisiológica e/ou bacteriológica. O carregamento das raízes no campo é feito em cestos (caçoás), caixas, sacos, grades de madeira e transportado para o local de beneficiamento por meio de animais, carroças e caminhões (MACEDO; MATTOS, 1980).

2.2.4 Produtos e subprodutos da mandioca

A mandioca tem grande número de usos correntes e potenciais e pode ser classificada, em função do tipo de raiz, em duas grandes categorias: a mandioca de “mesa” e a mandioca industrial. A maior parte da mandioca de “mesa” é comercializada na forma *in natura*. A mandioca para a indústria tem uma grande variedade de usos, dos quais a farinha e a fécula são as mais importantes. A farinha tem essencialmente uso alimentar e, além dos diversos tipos regionais, que não modificam as características originais do produto, ela se encontra em duas



Esquema 01: Fluxograma dos destinos de produção da fécula (goma) (EMBRAPA, [s.d.]

formas: a farinha não temperada, que se destina à alimentação básica e é consumida principalmente pelas classes de renda mais baixa da população; e a farinha temperada (farofa), de mercado restrito, mas de valor agregado elevado, que se destina às classes de renda média a alta da população. Em especial, a fécula e seus produtos derivados têm competitividade crescente no mercado de produtos amiláceos para a alimentação humana, ou como insumos em diversos ramos industriais tais como o de alimentos embutidos, embalagens, colas, papéis, mineração, têxtil e farmacêutica (LODY, 2013), como ilustram o esquema 01, trazendo os subprodutos de fécula e o quadro 01 resumindo seus principais produtos e subprodutos:

MANDIOCA	Parte Aérea	Folhas	Alimentação animal (triturada) e humana (suplemento)			
		Hastes	Alimentação animal (silagens, fenos e in natura)			
	Raiz	Alimentação Humana	Industria	Amido (Fécula)	Amido	Glucose Maltose Gelatinas Féculas
					Amido Industrial (nativo e modificado)	Adesivos, Têxtil, Papel e celulose, Farmacêutica, explosivos, calçados, tintas, embutidos etc.)
					Amido Fermentado	Uso Humano/Alimentício
		Farinhas	Industria	Amido	Consumo Humano	Farinhas de Mesa
					Consumo Animal	Rações Balanceadas
					Farinhas de Raspas	Alimentação animal Alimentação humana
		Raspas	Industria	Amido	Consumo Animal	Rações Balanceadas
					Amido	Combustível Desinfetante Bebidas Perfumarias/Farmacêutica

fonte: Embrapa, atualização: Conab/Dipal/Gerab



Quadro 01: resumo dos principais produtos e subprodutos da mandioca (CONAB)

Ainda, da planta da mandioca são extraídos diversos produtos e desses, uma gama de subprodutos, tendo papel importante na alimentação humana e animal, como também matéria-prima em inúmeros produtos industriais, como combustível, bebidas, perfumes, fármacos, etc; pois, sua composição serve ainda de base para uma infinidade de outros produtos.

Na região estudada, que se utiliza largamente de costumes tradicionais da mandiocultura, desde quando ela é colhida, ainda no pau, a mandioca oferece também, diversas finalidades: as folhas secas, seu caule e galhos que pode ser usada na composição de rações e nutrientes animais. No processo de beneficiamento, também podemos elencar o uso da casca, das pontas da cabeça e da raiz e das *crueiras* (dejetos que sobram do peneiramento, após prensada) para a ração animal.

Todavia, os três produtos principais da raiz que tem beneficiamento na casa de fazer farinha são a massa (que se faz as farinhas e os beijus), a goma (que se produz as tapiocas) e a borra (da qual se cozinha o grolado). Na maneira tradicional, encontrada ainda na região pesquisada, da massa, da goma e da borra, que é beneficiada, podemos retirar, na casa de farinha e na cozinha, uma porção de subprodutos, conforme podemos observar no quadro 02, a seguir:

Produtos	Beneficiamento (farinhada)	Culinária (cozinha tradicional)
raiz (macaxeira <i>in natura</i>)	(beneficiada)	cozida ou assada
massa (normal ou puba)	farinhas, beijus, carraspanha, bolo, pé-de-moleque	farinha: farofas e pirão
goma (fécula)	tapioca, grude, lencinho	tapioca, grolado, bulim, broa, rosca, peta
borra	Tapioca	tapioca, grolado

Quadro 02: Resumo dos principais produtos e subprodutos da mandiocultura no beneficiamento e na culinária

(Elaborado pelo autor)

2.3 CONHECENDO A ÁREA ESPECÍFICA DE PESQUISA

A região onde foi engendrada a pesquisa foi escolhida por sua notória produção de mandioca e pela grande população de agricultores que se volta a praticar a mandiocultura em escala de fabricação ainda artesanal e tradicional. A intensa movimentação econômica criada por esse cultivo gera emprego e renda, em detrimento de outras culturas menores, que se mantém ainda em atividade, muitas vezes por questões culturais, com o conhecimento que é passado de geração a geração, no caso do cultivo da mandioca. Associada a outros plantios, a mandioca é plantada em consórcio principalmente com o feijão e o milho, inserida entre os pés de cajueiro, mangueira, carnaubeira, laranjeira, etc.

O homem do campo, por ter, muitas vezes, poucas terras agricultáveis, aproveita as entrelinhas do cajueiro para plantar a mandioca. Essa prática de plantação mista com árvores de grande porte, a cultura tradicional de subsistência e a mandiocultura é uma atividade comum do agricultor familiar, que é quem ainda opera o trabalho com a mandioca na região tornando-a a primeira cultura mais praticada desde tempos passados.

Geograficamente, a grande área da pesquisa fica situada na mesorregião noroeste cearense⁸, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara, apresentados no mapa com destaque no círculo para área de pesquisa.



Mapa 02: Microrregião que inclui, em destaque a área da pesquisa, os municípios da região no mapa do estado

⁸ O mapa do estado do Ceará é dividido em sete mesorregiões, e estas em 33 microrregiões, em seus atuais 184 municípios. O Governo do Ceará dividiu o estado em oito macrorregiões de desenvolvimento e em vinte regiões administrativas. Existem ainda três regiões metropolitanas no estado: a Região Metropolitana do Cariri, a Região Metropolitana de Sobral e a Região Metropolitana de Fortaleza.

Para a realização dessa pesquisa, um planejamento extensivo e uma gama de contatos foram necessários. Os contatos com as associações comunitárias locais e alguns sindicatos foram imprescindíveis para fechar a área em que se faria os inquéritos. Como a área era extensa e necessitava de várias idas e vindas, optamos por fazer uma divisão por proximidade, em três mini regiões (MReg) que se estendiam por todo o território dos municípios escolhidos, facilitando e economizando tempo e recursos de pesquisa. Tais mini regiões, apenas para fins de pesquisa no campo, estão descritas no quadro 03, a seguir:

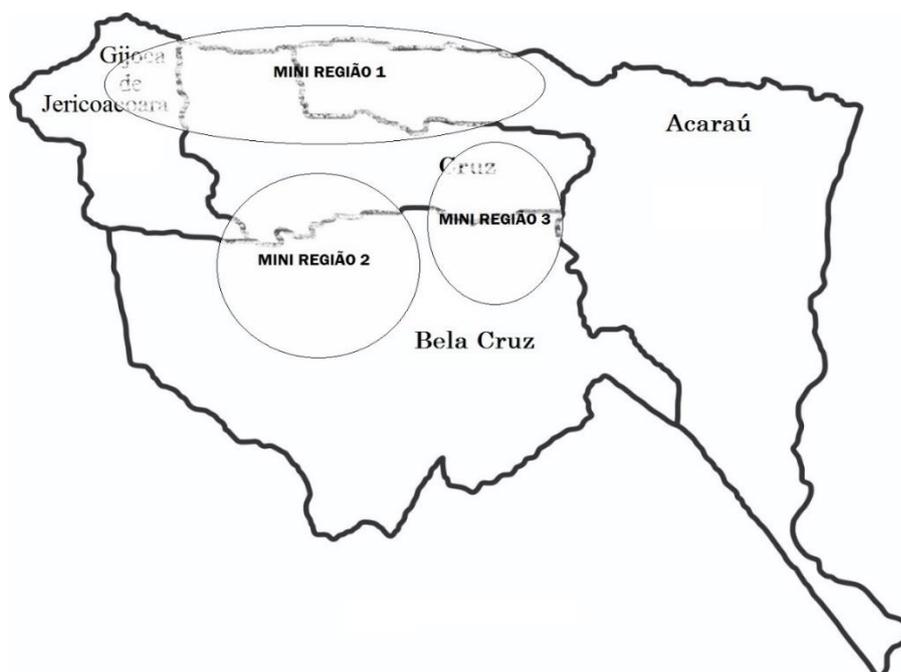
- **Mini região 1:** inclui as localidades de Aranaú, Barrinha e Castelhana, no território de **Acaraú**; Preá, Cavalito Bravo, Caiçara e Paraguai, em **Cruz**; e Córrego do Urubu e Córrego da Forquilha, em **Jijoca de Jericoacoara**;

- **Mini região 2:** inclui as localidades de Cajueirinho, Córrego da Poeira, Aroeira, em **Cruz**; Prata, São Gonçalo e Carrasco, em **Bela Cruz**;

- **Mini região 3:** inclui as localidades de Belém, Maçaranduba, Aningas e Jenipapeiro, em **Cruz**; Guarda, Espinhos e Corquinho, em **Bela Cruz**.

Quadro 03: Resumo das mini regiões nas quais a pesquisa foi impetrada (elaborado pelo autor)

Para uma melhor observação da área inquerida, apresentamos em detalhe tal seleção, no mapa 03, da região dos quatro municípios abaixo:



Mapa 03: Região pesquisada com especificações dos pontos de inquérito nos municípios (elaborado pelo autor)

Após tais detalhes de planejamento da pesquisa, apresentaremos os municípios em seus detalhes geográficos, econômicos, agrônômicos, políticos, religiosos e culturais, os quais serão descritos em particular a seguir:

2.3.1 Município de Acaraú

Acaraú é o maior município entre os da região (também o município mais velho e o que deu origem aos demais que também estão sendo pesquisados). Sua localização fica próximo à foz do rio Acaraú e a 253 km de Fortaleza, com acesso pelas rodovias: CE-085, BR-222, CE-354 e pelas BR 402 e 403. Sua população é composta de 57.542 habitantes (Censo IBGE – 2010), estende-se por 842,884 km² de área e é composto, além da sede, de quatro distritos: Aranaú, Juritiana, Lagoa do Carneiro e Santa Fé. Fica vizinho aos municípios de Bela Cruz, Cruz e Itarema e situado a 07 metros de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 2° 53' 08" Sul, Longitude: 40° 07' 12" Oeste (SEMACE, [s.d.]). Tem sua economia concentrada na pesca, na agricultura, na pecuária, com destaque para a lagosta sendo o maior produtor do Brasil. Em seguida vem a pecuária: bovino, suíno e avícola; agricultura: algodão arbóreo e herbáceo, caju, mandioca, milho e feijão.

A origem do seu topônimo, Acaraú, é indígena, e é controversa: pode ser a fusão de *acará* (garça) e *hu* (água), significando, *rio das garças*, como é conhecido o rio que lhe deu o nome; ou ainda, *acará* como cará (peixe) e *u* ou *y* como água ou rio, deste modo, *rio de carás*.

Segundo Girão (1983), a ocupação do território do delta do rio Acaraú, pelos índios Tremembés, é antiga e começou antes mesmo da chegada dos portugueses, no século XVI. Os portugueses fizeram um reconhecimento completo da região e usaram essa terra como base de apoio para a ocupação do litoral e para confrontos militares com os franceses, que ocupavam o Maranhão. Ainda, o mesmo autor, revela, que o primeiro povoamento português nesta região foi a Aldeia do Cajueiro (atual Almofala, Itarema) instalada em 1608, que consistia de um aldeamento de índios criados por iniciativa dos padres jesuítas.

Conta ainda Girão que, em 1614, Jerônimo de Albuquerque, depois de desembarcar no Iguape (hoje Jacaúna, no Município de Aquiraz) e de demorar-se no Ceará (Fortim de São Sebastião, de Soares Moreno, atual Cidade de Fortaleza), esteve ali, no ponto mais setentrional da costa cearense, e ali ergueu ao pé do serrote uma pequena fortaleza, com estacas de madeira denominando-o de forte de Nossa Senhora do Rosário, tendo-se celebrado a 5 de outubro festas em louvor da Santa. No mesmo ano, a 18 de junho, esse fortim fora atacado, pela gente de *Du*

Prat, pirata francês, compondo a tripulação de uma nau; porém, sua investida foi rechaçada heroicamente, pondo em fuga cerca de 200 homens por eles desembarcados, dos quais 12 foram mortos e cerca de 30 feridos, graças ao valor dos poucos defensores do forte, à frente deles o citado Jerônimo de Albuquerque e o capitão Manuel d'Eça.

Já o início do povoamento e a implementação econômica às margens do Rio Acaraú pelos portugueses se deu com a chegada de fugitivos das guerras com os holandeses procedentes de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte no século XVII, através das entradas dos *Sertões de Fora*, e a acomodação da pecuária e a produção do charque na capitania do Ceará, no século XVIII. Em 1712, a Rainha D. Maria I de Portugal mandou construir, em Almofala, uma capela em nome de Nossa Senhora da Conceição para os índios. O primitivo núcleo da *Barra do Acaracú* serviu de ancoradouro a pequenas embarcações e, depois, passou a chamar-se Porto dos Barcos de *Acaracú*. É o marco inicial do que, mais tarde, viria a ser a cidade de Acaraú.

No século XVIII, em 22 de setembro de 1799, o povoado foi elevado à categoria de distrito de *Acaracú* da vila de Sobral. A freguesia foi criada pelo decreto geral de 5 de setembro de 1832, com a transferência para a povoação da Barra do Acaraú da freguesia da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, antiga missão dos índios tremembés, instituída segundo Provisão de 12 de setembro de 1766 e posteriormente transformada em Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Almofala.



Foto 01: Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição na praça principal de Acaraú (elaborado pelo autor)

Diante desse remanescente histórico e de acordo com o decreto geral de 5 de setembro de 1832, a precedente Freguesia emigrou para a nova sede, instalando-se na povoação da Barra do Acaraú. Essa situação, no entanto, logo se modificou, quando por força da Lei nº 139, de 10 de setembro de 1838, institui-se em Freguesia a capela de Santana, subordinada à matriz de Sobral e a manter a denominação de Freguesia de Nossa Senhora de Santana. Com o advento

da Lei nº 283, de 15 de dezembro de 1842, reverte-se o quadro anterior, modificando novamente a Freguesia. Retornou esta, então, à Barra do Acaraú, com a denominação alterada para Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Acaraú, local onde posteriormente seria transformada em Paróquia e edificada a Igreja-Matriz.

Já sua elevação à categoria de vila do *Acaracú*, com o distrito já desmembrado da jurisdição de Sobral, ocorreu segundo Lei 480, de 31 de julho de 1849, tendo sido instalada a 5 de fevereiro de 1851. Pela lei provincial nº 1.814, de 22 de janeiro de 1879, a vila de *Acaracú* passou a denominar-se Acaraú. O título de município, já com a denominação atual de Acaraú, ocorreu segundo a lei provincial 2.019, de 19 de setembro de 1882 (GIRÃO, 1983; ARAÚJO, 1971).

O município apresenta uma vegetação costeira, os principais recursos hídricos são o Rio Acaraú, as lagoas de Espinhos, da Volta, Dantas, Lagamar e Carrapateiras; e as Ilhas dos Fernandes, Imburana, Coqueiros, Grande, Ilha dos Ratos, Ponta do Presídio. As principais elevação é a Enseada de Timbaú. Apresenta clima tropical atlântico, com índice pluviométrico anual de 1.175 milímetros (mm), concentrados entre janeiro e maio.

Nossas pesquisas apenas focaram o distrito de Aranaú, as localidades de Barrinha e Castelhana, que são as regiões onde a mandiocultura é mais desenvolvida na região abaixo do Rio Acaraú.

2.3.2 Município de Bela Cruz

Está localizado às margens do Acaraú (sendo o primeiro entre os demais a se desmembrar do território mãe, Acaraú) localizado a 245 quilômetros da capital do estado do Ceará, Fortaleza. Possui uma concentração populacional de 30.471 habitantes residentes em 2 distritos: Bela Cruz (sede) e Prata. Fica vizinho aos municípios de Cruz, Acaraú, Jijoca de Jericoacoara e Marco e situado a 15 metros de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 3° 03' 02" Sul, Longitude: 40° 10' 04" Oeste (SEMACE, [s.d.]). A economia do município concentra-se na agricultura, com a produção de castanha de caju, mandioca, milho, feijão, melancia, batata-doce e carnaúba. A pecuária também constitui fonte de emprego e renda para boa parcela da população. O comércio de Bela Cruz reveste-se de suma importância para a economia do município ao mesmo tempo que comercializa os produtos agrícolas como a farinha, goma, feijão e milho produzido na área de plantio.

Seu primeiro nome foi *Sítio Santa Cruz*, o que posteriormente veio se chamar *Santa Cruz do Acaraú*. Pelo decreto estadual nº 60, de 06 de setembro de 1890, é criado o distrito de Santa Cruz anexado ao município de Acaraú. Pelo decreto estadual nº 448, de 20 de dezembro de 1938, passou a denominação de Bela Cruz, que prevalece até hoje. Bela Cruz é elevado à categoria de município, pela lei estadual nº 3538, de 23 de novembro de 1957, sendo desmembrado do município de Acaraú.



Foto 02: Marco de Nossa Senhora de Fátima em tributo a visita da estátua vinda de Fátima em 1953 a Bela Cruz (elaborado pelo autor)

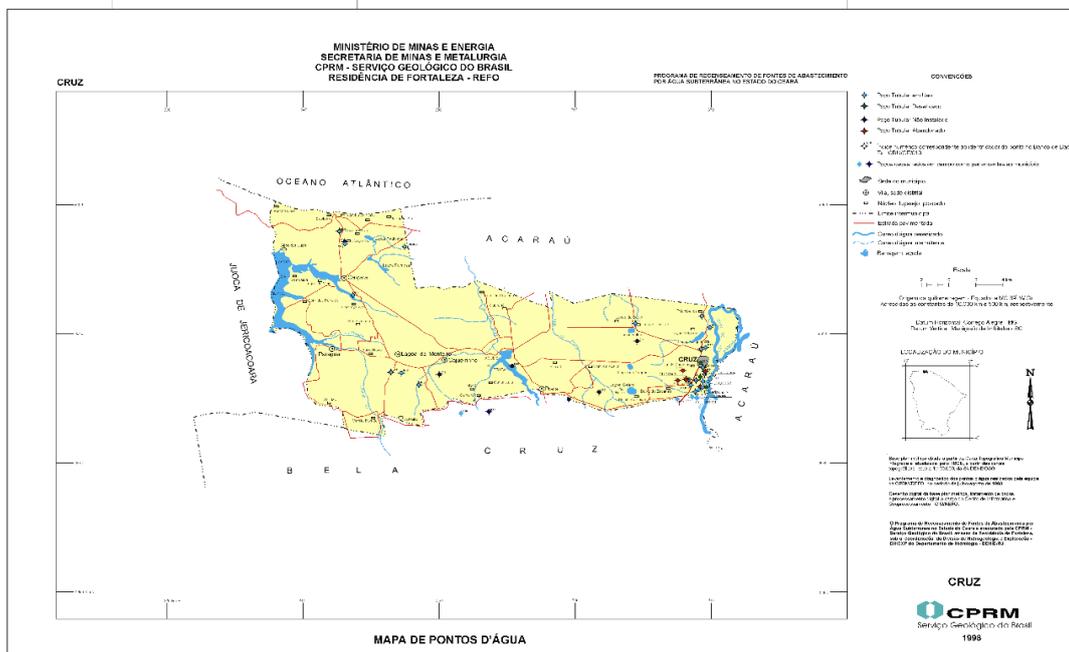
O clima do município é tropical quente semiárido com pluviometria média de 1.093 mm com chuvas concentradas de janeiro a abril. As principais fontes de água são: rios: Acaraú; riachos: Inhanduba, da Prata e do Córrego; lagoas: Belém de Fora, J. de Sá, do Mato, do Grosso e Santa Cruz; açudes: de Araticuns, da Prata e do Cajueirinho; diversos córregos que fluem para o Rio Acaraú e riachos. Na região costeira (apresenta areias quartzosas álicas, areias quartzosas distróficas, areias quartzosas eutróficas, areias quartzosas marinhas distróficas, podzólico vermelho amarelo eutrófico) formada de dunas e Ilhas, como a Ilha do Rocha. Não possui grandes elevações. A maior parte do território é coberto por cajueiros, pequena área nativa coberta por caatinga arbustiva aberta e densa, e por tabuleiros costeiros.

Nossas pesquisas foram feitas no distrito de Prata, e nas localidades de São Gonçalo e Carrasco; Guarda, Espinhos e Correguinho.

2.3.3 Município de Cruz

Cruz é uma cidade que tem uma população estimada de 24.131 habitantes para 2018 com uma densidade demográfica de 68,3 habitantes por km² (Censo IBGE – 2010), estende-se

por 334 km² de área e se distância da capital do estado, Fortaleza, em 235 km. Fica vizinho aos municípios de Bela Cruz, Acaraú e Jijoca de Jericoacoara e situado a 16 metros de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 2° 55' 04" Sul, Longitude: 40° 10' 18" Oeste (SEMACE, [s.d.]). O município é composto de dois distritos: Cruz (sede) e Caiçara. A maior concentração populacional encontra-se na zona rural. O município tem sua economia concentrada na agricultura, no turismo, na pecuária e no comércio, com destaques na produção de castanha de caju, mandioca, milho, feijão; na criação pecuária de bovinos, caprinos e suínos, além das atividades artesanais bastante diversificadas como renda, crochê, bordado, redes de dormir e de pescar.



Mapa 04: Município de Cruz (adaptado Serviço Geológico do Brasil, 1998).

Situado a margem esquerda do rio Acaraú, o município de Cruz, teve como topônimo primeiro, São Francisco, nome do seu padroeiro. A tradição oral conta que, por ocasião da calamitosa estiagem de 1725 e premido pela fome, morreu naquele lugar um retirante. Em local deste acontecido, os moradores locais dedicaram-lhe, a título póstumo de caridade cristã, uma grande cruz de madeira onde nasceram versões milagreiras. Uma outra versão aceita é a de que, em vez do anônimo retirante, diz-se ter sido assassinado no local certo sogro pela mão traiçoeira do próprio genro. A este dedicaram igualmente os moradores o tradicional monumento da cruz, correndo na voz popular os prodígios originários dos que vão de forma sofrida. O certo é que seu topônimo vem do correr popular envolvendo o nome da cruz que aqui se encontrava e servia

de limite, marco e referência para todos que por ela se localizavam desta povoação (ARAÚJO, 1989; ALBUQUERQUE, 2009).

A povoação se animou quando foi construída uma pequenina capela em homenagem a São Francisco de Assis. Suas primeiras manifestações de apoio eclesial surgiram graças aos estímulos dados por Francisco Bernardino de Albuquerque e Albano José da Silveira, construtores do primitivo templo do qual consta como patrono São Francisco, a 20 de dezembro de 1884. Posteriormente, buscando reformas da igreja, têm-se como responsáveis diretos, Antônio Raimundo de Araújo e Urbano José da Silveira. Com a ampliação da igreja, veio a formação da vila com um mercado, e um comercio atuante (ARAÚJO, 1989; ALBUQUERQUE, 2009).



Foto 03: Monumento atual na entrada da cidade de Cruz homenageando seu padroeiro São Francisco (elaborado pelo autor)

Foi, então, que pelo decreto estadual nº 60, de 06 de setembro de 1890, criado o distrito de São Francisco anexado ao município de Acaraú, quanto os intendentes (cargo de prefeito, a época) foram dois cidadãos *cruzenses*, (ou seja, moradores no território do que é atualmente Cruz) respectivamente, o major Antônio Teixeira Pinto, eleito em 1887, e o tenente coronel Francisco Rodrigues de Oliveira Magalhães, eleito em 1893 (ARAÚJO, 1989). Porém, em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o distrito foi rebaixado novamente a vila, tendo seu território dividido para os distritos de Timbaúba (atual Aranaú) e Jericoacoara. Somente a 30 de dezembro de 1958, pela lei estadual nº 4.440, sendo recriado o distrito de Cruz (ex-povoado de São Francisco), com terras dos distritos de Aranaú e Jericoacoara e anexado ao município de Acaraú. O paróquiato, mantendo São Francisco como patrono, criou-se em virtude de portaria expedida por D. José Tupinambá da Frota, chefe de Bispado de Sobral, tendo como

data o dia 17 de março de 1958 e instalado a 06 de abril do mesmo ano. Consta como seu primeiro vigário o padre José Edson Magalhães, precedido de Manoel Valdery de Rocha que muito contribuíram para o desenvolvimento local.

Em 1962, inicia-se a luta pro município encabeçada especialmente pelo pároco Pe. Edson com apoio de prefeito municipal de Acaraú, Joaquim Rocha de Vasconcelos; a 28 de maio de 1963, a lei municipal 242, cria a subprefeitura no distrito com apoio do prefeito João Jaime Ferreira Gomes e do vigário Pe. José Edson Magalhaes, consolidando a luta pro-município. Por força da lei estadual nº 6.956, de 19 de dezembro de 1963, assinada pelo governador Cel. Virgílio Távora, é elevado à categoria de município com a denominação de São Francisco da Cruz, desmembrado de Acaraú, se fazendo sede do atual município o antigo distrito de Cruz, constituído do distrito sede. Porém, dois anos mais tarde, pela lei estadual nº 8339, de 14 de dezembro de 1965, é extinto o município de São Francisco da Cruz, sendo seu território anexado novamente ao município de Acaraú como distrito (ARAÚJO, 1989).

Elevado definitivamente à categoria de município, após grande luta para a emancipação, com a participação popular de um plebiscito, pela lei estadual nº 11.002, de 14 de janeiro de 1985, é desmembrado de Acaraú, com os territórios do antigo distrito de São Francisco da Cruz e de Jericoacoara, ficando como sede o antigo distrito. Sua Instalação foi em 01 de janeiro de 1986.

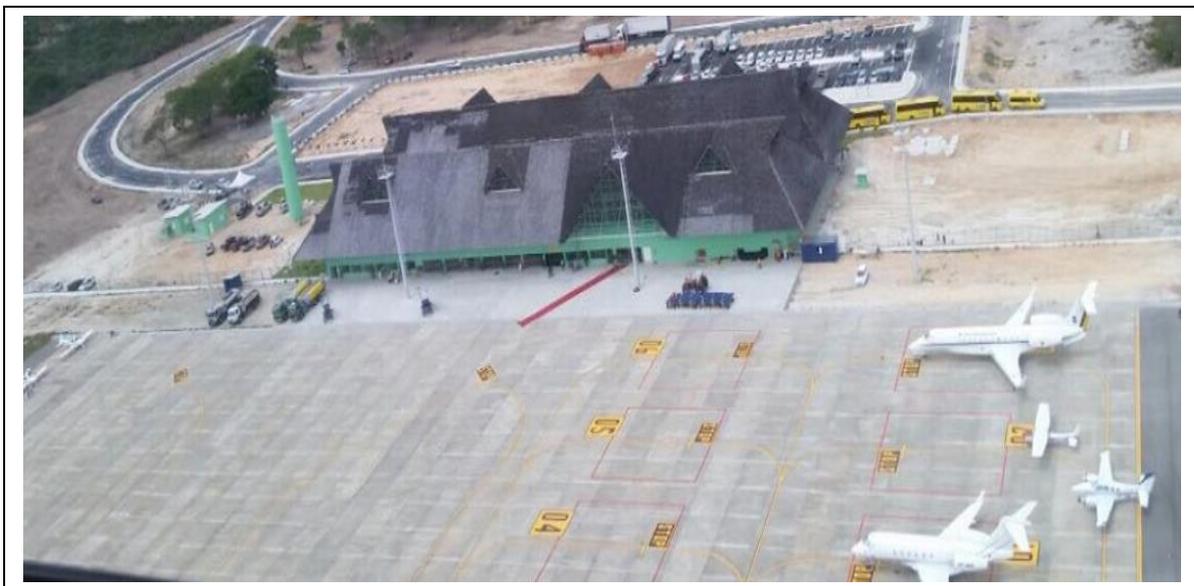


Foto 04: Vista aérea do Aeroporto Regional Comandante Ariston Pessoa em Cruz (Diário do Nordeste, 2018)

No ano de 2017, foi construído o Aeroporto Regional Comandante Ariston Pessoa, conhecido como o aeroporto de Jericoacoara, que fica localizado na Rodovia Estadual CE-085, no município de Cruz, na localidade de Cajueirinho. O aeroporto foi inaugurado em 24 de junho de 2017, com um voo fretado da Gol Linhas Aéreas vindo do Aeroporto de Congonhas

(São Paulo). Todo sábado, a empresa realiza este voo fretado. A empresa aérea Azul realiza voos regulares a partir do Recife e de Campinas. A partir de dezembro de 2017, a Gol faz voos regularmente, a partir de São Paulo, de acordo com reportagem do jornal Diário do Nordeste.

O clima predominante na região é o semiárido brando, devido à proximidade com o mar. A pluviometria média é de 1.093 mm com chuvas concentradas de janeiro a abril (SEMACE, [s.d.]). Suas principais fontes locais de água são na sua maior parte da bacia do Rio Coreau e no lado leste estas fontes fazem parte do Rio Acaraú. A bacia completa é formada por córregos: de Dentro, do Paraguai e da Poeira, do Paraíso, do Mourão; lagoas: de Jijoca, da Cruz, do Jenipapeiro, Salgada, do Belém, Velha, do Cedro, dos Caboclos, dos Monteiro, da Formosa, do Junco, Redonda, das Moças. Ainda há o Açude da Prata que cruza o seu território.

Na região de Cruz, há predomínio da planície litorânea, campos de dunas móveis e fixas, e pelas formas planas com fraco entalhe das drenagens dos tabuleiros; as altitudes ficam abaixo da centena de metros, o ponto culminante o Serrote do Cajueirinho, e outros pontos relevantes do seu relevo Alto do Cedro e Alto do Poço. São ali encontrados os solos podzólicos e areias quartzosas distróficas. A vegetação local é composta de floresta à retaguarda das dunas (gramíneas e ervas) e a vegetação de tabuleiros, com espécies da caatinga mescladas com espécies de mata serrana, ainda de acordo com a SEMACE.

Nosso foco, nessa pesquisa, em Cruz, abrangeu grande parte do município, entre eles o distrito de Caiçara, as localidades de Preá, Cavalo Bravo, Cajueirinho, Paraguai e Aroeira; e na sede, as comunidades de Aningas, Belém, Massaranduba e Jenipapeiro.

2.3.4 Município de Jijoca de Jericoacoara

Jijoca de Jericoacoara é o município mais setentrional do estado do Ceará, que tem como atração natural principal a Praia de Jericoacoara, uma das mais conhecidas do mundo. Possui uma população estimada para 2018 de 19.587 habitantes nativos distribuídos em 201,9 km² de área total, divididos em dois distritos: Jijoca (sede) e Jericoacoara. Fica vizinho aos municípios de Bela Cruz, Cruz e Camocim e situado a 22 metros de altitude, com as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 2° 47' 37" Sul, Longitude: 40° 30' 47" Oeste (SEMACE, [s.d.]). A vila de Jericoacoara apresenta uma população itinerante bem maior especialmente em período de férias ou feriados e fins de semanas. Sua distância da capital, Fortaleza é de 287 km. A principal atividade econômica é o turismo e está centralizado na localidade da praia de Jericoacoara e imediações (na área de proteção ambiental – APA). Há fora da área turística, uma agricultura

de subsistência de feijão, milho, mandioca, algodão, castanha de caju e coco. Na pecuária extensiva, faz-se referência à criação de bovinos, suínos e aves. No extrativismo vegetal, destacam-se extração de madeiras diversas para lenha e construção de cercas e atividades com oiticica e carnaúba. O artesanato de labirintos e bordados é desenvolvido no município. A pesca é praticada por barcos e jangadas, ao longo da faixa costeira, atendendo o mercado consumidor do próprio município.

Etmologicamente, o nome Jericoacoara vem do tupi, *Jeri Cuacuara*, e quer dizer, *Yunucua* - tartaruga, e *Cuara* - buraco, ou seja, refúgio da tartaruga. Suas origens são antigas, não propriamente como centro urbano organizado, porém na condição de centro gregário de pequenos agricultores e habitantes dispersos a sobreviver de atividades pesqueiras.

Sua elevação à categoria de Vila, com subordinação jurídica ao Acaraú, deu-se em função da Lei Municipal nº 94, de 29 de junho de 1923, com o nome de Jericoacoara (em homenagem um forte construído em 1614). Com a criação do município de Cruz, conforme Lei nº 11.002, de 14 de janeiro de 1985, desvinculou-se da jurisdição de Acaraú e passou a integrar o recém-criado município, conforme Lei Municipal nº 50/90. Com o advento da Lei Municipal nº 60, de 4 de junho de 1990, transferiu-se a sede de Jericoacoara para Jijoca, atribuindo-lhe a denominação de Jijoca de Jericoacoara. Sua elevação à categoria de Município, com o nome atual, provém da Lei nº 11.796, de 6 de março de 1991, constituindo-se em área de preservação ambiental.

Suas primeiras manifestações de apoio eclesial datam de 1614, quando Jerônimo de Albuquerque desembarca no Iguape (atual Aquiraz) e passa em seguida ao Forte São Sebastião (atual Fortaleza). Pretende nesse ancoradouro reforçar seus contingentes guerreiros, junto aos Índios Potiguaras, porém as condições de apoio lhe são desfavoráveis. Com o advento das incursões francesas, notadamente nas regiões setentrionais da capitania, Jerônimo de Albuquerque se transfere, inicialmente para o Rio Camocim e em seguida, por absoluta falta de condições de habitabilidade, para o Buraco das Tartarugas (Jericoacoara), onde edifica o Forte e a capela, cujo orago dedica em honra de Nossa Senhora do Rosário.

Em 1614, o Governador Gaspar de Souza, sabedor das graves aperturas por que passava a pequena guarnição do forte de Nossa Senhora do Rosário, despachou uma grande caravela com 300 homens armados, sob comando do capitão Manuel de Souza d'Eça, que exercia em Pernambuco as funções de Provedor de Defuntos e Ausentes. Tendo partido do Recife a 28 de maio, o capitão açoriano, durante a viagem, distribuíra a guarnição pelos fortins deixados à retaguarda, chegando a Jericoacoara com 18 comandados, em 9 de junho do mesmo ano. Ao

lado de Manuel d'Eça, participava da expedição um sobrinho de Jerônimo de Albuquerque, de igual nome.

A 18 de junho de 1614, o forte era atacado pelo corsário francês *Du Prat*, que fez desembarcar na enseada cerca de 200 homens dispostos à luta. Depois de intensa fuzilaria, em que se notava a superioridade numérica dos atacantes, na proporção de dez franceses para um português, tentaram aqueles escalar o forte a descoberto, sendo batidos pelos dezoito denodados defensores, dirigidos por Manuel d'Eça e Jerônimo de Albuquerque (ARAÚJO, 1971; GIRÃO, 1983).

Quando já havia uma vila promissora, foi fundada a igreja de Jijoca em honra a Santa Luzia, erguida em dezembro de 1963, sendo seu primeiro festejo realizado no ano seguinte como comunidade da paróquia de Cruz. A igreja foi transformada em matriz e elevada a paróquia de Santa Luzia de Jijoca em 23 de setembro de 1987.



Foto 05: Igreja matriz de Santa Luzia de Jijoca localizada no centro da cidade (elaborado pelo autor)

No dia 16 de novembro de 1952, foi inaugurado o "Farol de Jericoacoara", localizado a 120 metros do nível do mar, no topo de um dos serrotes que delineiam a enseada, cuja construção foi dirigida pelo Capitão Jorge Leite da Silva, com o objetivo de orientar as navegações naquela área. Em 1984, o governo brasileiro, por ato do presidente da época, o General Batista Figueiredo, determinou área de Jericoacoara como sendo Área de Proteção Ambiental (APA) e em 2000, a APA da Lagoa da Jijoca como unidade conservação estadual, situada entre os municípios de Jijoca de Jericoacoara e Cruz, com área de 3,9 mil hectares e perímetro de 36,446 km, foi criada a partir do Decreto N°25.975, de 10 de agosto de 2000.

Em 2002, foi criado o Parque Nacional de Jericoacoara com territórios dos municípios de Cruz, Jijoca de Jericoacoara e Camocim, com área de 8.416 hectares, a partir da

recategorização parcial da Área de Proteção Ambiental criada em 1984, e da redefinição de seus limites em junho de 2007. Foram ajustados os limites referentes à localização da Estação de Tratamento de Esgoto da Vila de Jericoacoara e os limites sul e oeste do parque, ampliando a área para 8.850 hectares, incluindo também uma faixa marítima com um quilômetro de largura, paralela à linha costeira. (ICMbio, [s.d.]

Em 1991, por força da lei nº 11.796, Jijoca, distrito de Cruz, tornou-se município autônomo, anexando ao seu território à praia de Jericoacoara e passando a denominar-se *Jijoca de Jericoacoara*. Enfim, tornou-se município, com o nome atual, pela Lei estadual nº 11.796, de 6 de março de 1991, como já foi mencionado.



Mapa 05: Ilustração do PARNA de Jericoacoara incluindo áreas dos três municípios (adp. de ICMbio)

O clima do município é tropical quente com pluviometria média de 793 mm com chuvas concentradas de janeiro a maio. Além do oceano Atlântico, o município tem as seguintes fontes hidrográficas: os riachos: Guriú, Doce, Córrego do Mourão, do Paraguai, de Dentro, dos Salvianos e da Forquilha; e as lagoas de Jijoca e das Pedras. Já o terreno de Jijoca é quase todo plano, destacando-se como ponto culminante o serrote de Jericoacoara com 95 metros. Quanto a vegetação local é composta de floresta à retaguarda das dunas (gramíneas e ervas) e a vegetação de tabuleiros, com espécies da caatinga mescladas com espécies de mata serrana.

O foco da pesquisa em Jijoca de Jericoacoara compreendeu apenas as localidades do município envolvidos com a mandiocultura, que eram Córrego do Urubu e Córrego da Forquilha.

Para concluir este capítulo, percorremos uma “caminhada” observando fatores de cunho sociais e culturais, que nos aproximam um pouco da realidade pesquisada, trazendo as nuances particulares da região e das comunidades em foco no trabalho de campo. Trazemos também,

um histórico detalhado sobre a sua história, sua geografia e dados de produção da mandioca e suas especificidades. Nosso intuito foi o de contextualizar sobre a área geográfica, sobre a área em estudo, a mandiocultura, e sua população produtora, como também a das comunidades que foram inseridas na pesquisa laboral.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O TEMA E ESTADO DA ARTE

Neste terceiro capítulo iremos tratar da importância do tema e de algumas pesquisas que se fundaram nas áreas de estudos já feitos sobre o tema. A relevância de um trabalho como este, num universo tão escasso de pesquisa, por si só já se justifica. Porém, elencar fatos que tragam mais peso ao trabalho é sempre necessário. Isto é o que fazemos em seguida:

3.1 JUSTIFICATIVA DO TEMA

A primeira e crucial questão sobre qualquer trabalho de tese é: qual seria a justificativa para mais um trabalho de pesquisa sobre um léxico de especialidade? Essa pergunta é muito bem vinda e é ela que nos dá um leque de possibilidades das quais nos ateremos em um aspecto que orienta nossa proposta de pesquisa: o estudo de marcas dialetais na terminologia dos produtores rurais que trabalham com a mandiocultura na região do noroeste cearense. Elaborar um glossário que apresente essas marcas *etnodialetais* dos termos oriundos da atividade de produção da farinha de mandioca e seus derivados nesta região pode ser justificado, de uma maneira geral, tanto do ponto de vista da descrição e análise do léxico de especialidade, quanto da importância do levantamento dos saberes acumulados das atividades tradicionais que permeiam o universo sociocultural no noroeste cearense.

Compreendemos que tais marcas dialetais, que são únicas e singulares em uma comunidade, representam *recortes do léxico* que mostram uma sinalização social, cultural e linguística do grupo específico e de uma atividade socioprofissional em particular. A relação língua, cultura e sociedade traz para as abordagens linguísticas contribuições relevantes, sobretudo, ao tratar das ciências do léxico, que modernamente, têm expandido suas discussões para além das fronteiras da Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia, alcançando a Dialetologia, a Sociolinguística, a Fonética e a Etnolinguística.

Em abordagens bem mais recentes que tematizam o léxico, referem-se à Terminologia e Terminografia principalmente vistos em um contexto sociocultural. Por meio destes enfoques, novas disciplinas ligadas ao léxico projetam-se no cenário dos estudos linguísticos: a Socioterminológica, Etnoterminologia e a Geoterminolinguística. A inserção destas novas perspectivas acrescentam aos estudos terminológicos e terminográficos um perfil voltado para aspectos diatópicos, diafásicos e diastráticos das terminologias das línguas de especialidades.

A Dialetologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística vem de reboque trazendo uma abordagem metodológica de consistência teórico-prática que se embricam dando um viés social e cultural ao método de coleta de todo o material do glossário. Sem contar que, de maneira geral, nos envolvemos com um léxico da biologia quando coletamos animais e plantas da região e descrevemos os conceitos de ordem zoológica (fauna), botânica e ecológica (flora) da região. Embora não seja corriqueiro em estudos dialexicológicos, optamos por uma exposição oral dos termos representativos do campo geral, por isso recorremos a Fonética para uma descrição mais minuciosa para a retenção dos traços orais dos falantes pesquisados; iremos fazer uma descrição bem mais detalhada sobre as ciências evocadas, um pouco mais à frente no desenrolar deste trabalho.

Nossa pesquisa tende a observar, ainda, aspectos de variação de uso de termos que migram da língua geral para a língua de especialidade e das línguas de especialidades para a língua geral. Por isso, partimos dos termos catalogados *in vivo* do universo oral da comunidade e de suas relações sociais e culturais nos ambientes de contato como as casas dos agricultores, os roçados, as casas de farinha, os comércios e as cozinhas dos moradores desses grupos sociais. Utilizamos critérios técnico-metodológicos pertinentes aos estudos linguísticos nesta especialidade, bem como as novas perspectivas teórico-metodológicas das ciências do léxico, o que contribuirá para o conhecimento linguístico, histórico, étnico, social e cultural da região através do levantamento dos traços dialetais presentes no léxico de especialidade dos produtores rurais da farinha de mandioca e seus derivados na mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara.

A região e o grupo profissional constitui-se como um espaço excepcional, quer no aspecto étnico-cultural, quer no aspecto sócio-histórico. Tal fato acontece por encontrarmos, na região e na atividade, pessoas ligadas a área com múltiplos interesses e por isso buscam interagir entre si para atingir tais objetivos com plantar, cuidar, colher, transportar, beneficiar, produzir, vender, comprar, cozinhar, entre outros. Nesta expectativa, podemos encontrar na região com os agricultores, do “brocador” ao “cercador”, do “semeador ao capinador”, do “arrancador” ao “carregador”, da “rapadeira” ao “forno”, do “vendedor” à “tapioqueira”, cada um desses sujeitos interagem entre si e utilizam-se desse espaço geográfico para cuidar de seus interesses econômicos, sociais, culturais, étnicos, e conseqüentemente, linguísticos.

No caso particular da cultura da mandioca, temos ainda uma riqueza cultural desenhada pela interação familiar e comunitária que tanto se destaca pela sua preponderância de atuação

na produção da farinha e seus derivados, nos roçados, casas de farinha, cozinhas, vendas, feiras e mercados. Tal interação é um nascedouro de comportamentos e costumes etnoculturais que se assimilam e reassimilam nas cantorias, nas cantigas de roda, brincadeiras de coco, rezados, novenas e contos orais. Tendo a atividade uma relação intrínseca com a alimentação da comunidade e da família, há uma constância de convidados e visitantes envolvidos nos diversos processos como nas casas de farinha por ocasião do beneficiamento e da produção dos produtos que são apreciados por todos.

Pelo já exposto, e com a influência socioeconômica da atividade na região que conta com um contingente expressivo de pessoas de municípios escolhidos para a pesquisa, sobretudo, da zona rural, fica claro que nosso estudo tem grande importância para a região, para a língua geral, como também para o campo específico. Encontramos, nesta pesquisa, peculiaridades únicas das pessoas inqueridas que trazem consigo modos de ver o mundo e de construir linguagens a partir de suas experiências individuais e coletivas. Este fenômeno de linguagem referido no léxico dos sujeitos dessa região envolve processos, funções e produtos, e reinventa uma linguagem específica, sobretudo, um léxico que permite indagações sobre como é criada, que elementos étnicos estão envolvidos na produção deste léxico? Que interferências têm a cultura local na produção de termos e expressões usadas pelos socioprofissionais? Há fatores históricos influenciando no uso da linguagem produzida nesse espaço da mandiocultura?

Tais questionamentos surgem como forma de compreender o universo discursivo dos socioprofissionais que trabalham com a mandiocultura na mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara e, por conseguinte, ver as consequências, os aspectos sócio-histórico-étnico-culturais deste universo discursivo na língua geral. Nossa curiosidade ao tratar do léxico dos socioprofissionais da mandiocultura remonta também de tentarmos ter um perfil do léxico na região e sua preponderância na apreensão de sua língua, cultura e sociedade.

Lembremos o que nos diz Scherre (2005, p. 10), com referência a língua e a cultura:

As línguas humanas são, em verdade, mais do que excelentes instrumentos de comunicação. São, também, reflexo da cultura de um povo. São, além disso, parte da cultura de um povo. São ainda mais do que isto: são mecanismos de identidade. Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua.

Além de tudo, nossa pesquisa tem ainda como objetivo final a organização do *Glossário Regional da Mandiocultura* em versão de CD-ROM (e em uma versão impressa convencional), que ao nosso ver é um instrumento a ser usado por linguistas, professores, estudiosos da cultura popular, os próprios partícipes da comunidade, cidadãos comuns, enfim, qualquer um que venha estudar e aprender sobre a cultura da mandioca nesta região. Um glossário de especialidade apreende muitas informações relevantes do léxico com dados que integram vários níveis linguísticos, desde ao léxico em si, passando pela fonética, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, dando grandes subsídios aos que deste vierem a necessitar para consulta.

Por tudo isso, que já foi dito neste capítulo e nos anteriores, podemos ter consciência da nobreza deste trabalho e de sua contribuição para as áreas que se inserem direta e indiretamente.

Contudo, cabe-nos fazer, a seguir, uma revisão dos trabalhos de relevância já publicados na área sobre a área e que podem contribuir com o tema oferecendo dados que mostrem o estado da arte.

3.2 O ESTADO DA ARTE SOBRE O TEMA

3.2.1 O percurso das pesquisas feitas na área geral

O tema da mandioca não tem passado despercebido por estudos e pesquisas; porém, sua temática específica no campo da linguística tem sido pouco descrita. Até porque é uma área transdisciplinar que muito interessa a diferentes áreas do conhecimento científico, e por isso tem sido publicado diversas pesquisas sobre diferentes enfoques aplicadas em diferentes comunidades e grupos étnicos pelo Brasil afora. Vamos aqui anotar apenas alguns que nos parecem importantes e mais visíveis para nossos estudos atuais.

Não podemos esquecer os primeiros trabalhos na área como listas vocabulares, glossários, dicionários informais e /ou populares que tem sido feito no passado com um olhar dialetológico. A publicação do livro *O dialeto caipira* por Amadeu Amaral em 1920, *O linguajar carioca* por Antenor Nascente em 1922, *A língua do nordeste* por Mário Marroquim em 1934 dentre outros, marcam iniciativas de estudos com base na fala popular.

Outra iniciativa que vale lembrar é o esforço dos mapas e atlas linguísticos regionais que perpassaram por várias etapas e com esforços individuais de pesquisadores que com seu próprio entusiasmo conseguiram publicar trabalhos, que após um tempo, culminaram com uma proposta nacional geral para todo o país: o Atlas Linguístico do Brasil (ALIB).

O ALIB foi mais que um sonho de linguistas e estudiosos que se apegaram a uma proposta inicial de Antenor Nascentes (ou até anterior a ele) de mapear todo nosso imenso país-continente com o objetivo de conhecer *in loco* as variedades regionais de todo Brasil diante de uma mesma proposta metodológica e teórica. A evolução desta proposta rolou com o tempo passando por diversas ideias, pendências, principalmente contendas teóricas, metodológicas e financeiras de diferentes grupos de pesquisadores, e culminou (para sermos sucintos) em 2014, por ocasião do III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS) realizado em Londrina (PR), onde aconteceu o lançamento de dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL).

A publicação do Atlas Linguístico do Brasil baliza a história da dialetologia brasileira e seus frutos são algo marcante para o construir panorâmico da geolinguística dos falares da nossa língua materna. Como já frisamos, é a consolidação das ideias iniciadas e defendidas por estudiosos no passado e executadas por um grupo de pesquisadores contemporâneos. Sua consolidação se deu a partir da integração e participação de várias universidades, através do comando de um comitê nacional, que com muita luta e coragem, escolheram esquadrihar a língua portuguesa falada em cada rincão deste imenso país-continente.

Não podia deixar de falar aqui, já que estamos dando um recorte histórico na estória dos trabalhos importantes que pesquisaram a linguagem popular brasileira, dos primeiros mapas e atlas regionais. Segundo Rodrigues (2015, pag. 91), os primeiros trabalho que merecem relevância são: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) em 1963; *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) em 1977; *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) em 1984; *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) em 1987; *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR) em 1994.

Ainda, em âmbito regional, no Ceará, muitos trabalhos de alcunha dialetológica e/ou etnolinguística foram publicados, segundo Bessa (2010), tornando o estado um celeiro de “estudos de tradição oral e hábitos e peculiaridades linguísticas”. Um desses nossos primeiros trabalhos remonta ao estudioso e folclorista Juvenal Galeno, com suas “*Lendas e canções populares*”, publicado em 1865, em que ele elabora um glossário de natureza cultural e linguística, com 215 entradas, mostrando singularidades da variante linguística cearense a época. Outra importante pesquisa referente ao falar dos índios cearenses foi escrita por Paulino Nogueira, com o título de “*Vocabulário indígena em uso na Província do Ceará*” publicado em Fortaleza, na Revista do Instituto do Ceará, no ano de 1887. O autor cita ainda nomes de afamados pesquisadores que tinham notável dedicação aos temas de linguajar populares como

Martins de Aguiar, Florival Seraine, Leonardo Mota, Raimundo Girão, Tomé Cabral, José Rebouças Macambira, entre outros. Essa comprovação é tal que foi criado um esforço para incluir tais obras em uma coleção denominada *Bibliografia Dialetal Cearense*.

O Atlas Linguístico do Estado do Ceará foi ensaiado com levantamentos preliminares de 1978 a 1981, com reuniões de elaboração, formação de equipes e estudo de pesquisas no âmbito da Universidade Federal do Ceará. Em 1982, com muito esforço dos pesquisadores, é lançado o *Questionário do Atlas Linguístico do Estado do Ceará*, mesmo sem apoio financeiro, a época. A discussão teórico-metodológica, dificuldades extras de financiamento e a entrada do viés sociolinguístico inserem profundas mudanças no projeto levando a alteração do seu título (incluído em um amplo estudo social, linguístico e geopolítico) para Dialetos Sociais Cearenses (DSC) relançado em 1985.

Grande parte da sua pesquisa foi levada a cabo ainda na década dos anos de 1980, quando o estado contava apenas com 141 municípios (censo IBGE 1980), e somente publicado em 2010 com o título de Atlas Linguístico (do Estado) do Ceará (ALECE), em dois volumes, pela editora da Universidade Federal do Ceará, com o financiamento estadual. O estudo emoldura uma grande empreitada que conta com um total de 268 informantes em 67 pontos de inquéritos mapeados (sendo 4 informantes em cada ponto, dois homens e duas mulheres, 2 escolarizados e 2 não escolarizados) compreendendo todas as áreas do estado (menos a região metropolitana da capital, por questões metodológicas) com 16 campos lexicais, 306 quesitos e 583 itens. Foram pesquisados homens e mulheres entre 30 a 60 anos, nativos que nunca tivessem saído da sua região, divididos em dois grupos: alfabetizados e não-alfabetizados (aproximadamente os mesmos percentuais). O trabalho gerou no atlas 240 cartogramas (separados em léxico e fonético) constituídos de aproximadamente 450 perguntas.

3.2.2 Trabalhos já feitos na área sobre o tema da mandiocultura

Por outro lado, grupos independentes em instituições de pesquisa e ensino superior como universidades, faculdades e programas de pós-graduação tem tentado inventariar trabalhos que incluem os temas da mandioca e/ou da farinha. É o caso, no nordeste, do *Glossário da Mandioca* que tem produzido resultados com base em uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), desenvolvida no âmbito da vertente Produtos Extrativistas e Agroextrativistas Maranhenses – Mandioca sustentado por pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão.

O abrigo dos dados do glossário só foi possível graças à aplicação do questionário semântico-lexical da mandioca em sete municípios maranhenses importante para a produção, consumo e venda da mandioca no Estado. O questionário semântico-lexical da mandioca contém cinquenta questões, divididas em cinco campos temáticos (plantação, colheita, instrumentos, produção e comercialização da mandioca ou da farinha), e tem sido levado a cabo por pesquisadores que se arvoram em aplicar e coletar os dados do questionário gravados da linguagem oral. Todos os dados foram transcritos grafematicamente e analisados para a colheita dos termos e o material coletado é gravado em CD-ROM está depositado no banco de dados terminológicos do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA).

Continuando nossa revisitação de algumas pesquisas sobre linguagem e mandiocultura, mostrando um trabalho de Fonseca (1983), que em um artigo intitulado “*Em torno do vocabulário da mandioca: subsídios para o estudo de um campo conceitual*” estuda o vocabulário utilizado pelos lavradores, referente à cultura da mandioca. Baseia-se numa pesquisa dialetológica, realizada no Município de Cândido Mota (São Paulo) que segundo a autora seria um dos maiores produtores de mandioca do Brasil. Ela elabora um vocabulário referente ao três campos que perpassam do *preparo da terra e da rama, ao plantio e à colheita*. O glossário conta com 71 verbetes extraídos do vocabulário oral de 10 sócio profissionais (pesquisados) envolvidos no cultivo da mandioca na região sudeste nos campos já citados.

A pesquisa de Fonseca (1983) traz uma acanhada contribuição, no ponto de vista quantitativo, para o fazer lexicográfico devido a redução da amostra. Porém, é necessário levar em conta a contribuição dos verbetes específicos desta região que se diferencia de outras que vem sendo pesquisadas por suas peculiaridades e suas diversidades no léxico. Termos como “biju” (farinha de mandioca torrada), “birro” (qualquer pedaço de rama), “carpa” (ato de carpir, capinar, limpar com enxada o terreno em plantio), “curó” que pronuncia-se *curu* (besouro que ataca a raiz da mandioca), “pavio” (o mesmo que nervo, raiz fina), “Tiguera” (diz-se da planta que nasceu espontaneamente, sem ser semeada), etc.

Também, no ponto de vista da variedade linguística regional, principalmente na posição final de sílaba interna, onde predomina o *r* retroflexo ou *caipira* (*carpi, carpideira*). Nas terminações de infinitivo, o *r* é invariavelmente obliterado: *fazê, coiê*, etc, por *fazer, colher*. O *l* só é articulado com nitidez, quando é intervocálico. Em final de sílaba ou nos encontros consonantais, apresenta o rotacismo (*arquer, prantá*, etc. por *alqueire, plantar*). Observa-se, também, a iodização de [ɾ], como em *coiê, foia*, por *colher, folha*. A constrictiva [s] tende a um

som palatalizado: *nachê* por *nascer*, *chítio* por *sítio*, *rocha* por *roça*, *paxto* por *pasto*, etc. ou não é pronunciada em certas palavras como *memo* por *mesmo*, *trei* por *três*.

Outro estudo sobre o tema da mandioca que aborda aspectos linguístico-etnográficos na região norte sobre a cultura da mandioca no Baixo Amazonas, agora no Estado do Pará é descrito em Azevedo e Margotti (2013). Esse trabalho expõe o cultivo da mandioca na Amazônia com a constituição de um campo semântico e etnográfico de grande vitalidade lexical, que se desdobra e se correlaciona com outros aspectos da vida cotidiana dos habitantes locais. O objetivo da pesquisa desses autores foi descrever o léxico utilizado pelas populações da região, correlacionado ao mundo da roça. Na obtenção dos dados, foram entrevistadas 10 pessoas do Igarapé do Juruti-Velho (Região do Baixo Amazonas), as quais possuíam experiência no plantio da mandioca e na produção de seus derivados. Por fim, elaboraram um glossário de 222 itens lexicais sobre os nomes das mandiocas cultivadas na região, os processos de produção dos derivados, os utensílios usados no cultivo da mandioca e na produção de seus derivados.

A pesquisa, segundo os autores Azevedo e Margotti (2013), em uma perspectiva dialetológica, contribuiu também para um maior conhecimento do português amazônico. A maioria das lexias encontradas no falar do roceiro do Igarapé do Juruti-Velho é de origem indígena, por isso constituem-se em empréstimos feitos do tupi, que, por extensão semântica, passaram a denominar os tipos de mandioca mais cultivados na região. Vejamos alguns verbetes que mostram um alargamento do estudo do léxico regional e que representam um traço indígena característico dessa região retirado do seu corpus:

Anuecê — *s.f.* 1. Espécie de mandioca não caracterizada pelos informantes.

Ajuri — *s.m.* 1. Puxirum. 2. Mutirão. 3. Reunião de pessoas para trabalhar no roçado de alguém sem remuneração.

Aruanã — *s.m.* 1. Espécie de mandioca cuja cor da segunda casca é vermelha.

Brebrei — *adv.* 1. A maneira como são arrumadas as mandiocas no panela. 2. Só jogado.

Caissuma — *s.m.* 1. O mesmo que pajiroba, a bebida tomada no roçado durante o ajuri.

Caititu — *s.m.* 1. É o nome da roda grande, onde dois homens a giram para que ela serre as mandiocas 2. É o nome de um dos porcos-do-mato da região.

Caribé — *s.m.* 1. É uma espécie de mingau de farinha de mandioca.

Carimã — *s.m.* 1. É a massa da mandioca que, depois de lavada, se põe para secar no forno. Com ela se faz frito, mingau e beiju.

Cariúba — *s.f.* **1.** Madeira usada para fazer os esteios do barracão.

Caxiri. — *s.m.* **1.** O nome indígena para pajiroba, a bebida que os índios produziam, cuja fermentação era por eles creditada ao cuspe que adicionavam à seiva da mandioca.

Chibé — *s.m.* **1.** É a farinha misturada com água natural.

Coraci — *s.f.* **1.** É uma espécie de mandioca de cor branca cultivada na região amazônica e é considerada muito brava para alguns informantes, enquanto outros consideram que não.

Crueira — *s.f.* **1.** É a sobra da massa da mandioca que não passa na peneira.

Cuí — *s.m.* **1.** Os grãos mais finos da farinha.

Cumeeira — *s.f.* **1.** O vértice da cobertura do barracão ou a parte mais alta dele.

Cuiapéua — *s.f.* **1.** É um instrumento feito de cuia usado para remexer a farinha no forno.

Curumim — *s.m.* **1.** O nome da planta em cujas folhas são colocados os beijos do tarubá.

Iá — *s.f.* **1.** Espécie de mandioca de massa e casca brancas.

Igarapé — *s.m.* **1.** Braço de rio. **2.** Rio pequeno.

Inajá — *s.m.* **1.** Espécie de mandioca cuja maniveira não cresce alta e possui massa amarela.

Jacitara — *s.f.* **1.** A planta que cresce sobre as árvores, da qual se retira a tala para fazer o tipiti.

Jacuba — *s.f.* **1.** É a mistura de leite líquido com açúcar e com farinha.

Jambu — *s.m.* **1.** Planta rasteira cujas folhas e caule são fervidos para serem adicionados ao tacacá.

Miriti — *s.f.* **1.** Variedade de mandioca cuja cor é amarela.

Pororoca — *s.f.* **1.** É uma variedade de mandioca cultivada na região que possui raízes grandes.

Puçanga — *s.f.* **1.** É o ato de mastigar o beiju do pajiroba para que a bebida fermente ou para que fique mais doce.

Puxirum — *s.m.* **1.** É a reunião de trabalhadores na roça para ajudar alguém a plantar a maniva, a capinar ou mesmo para fazer o roçado. **2.** O mesmo que ajuri ou mutirão.

Tipiti — *s.m.* **1.** Utensílio de origem indígena usado para secar a massa da mandioca.

Toco — *s.m.* **1.** A parte da mandioca que a liga ao tronco da maniveira.

Traíra — *s.f.* **1.** É uma espécie de mandioca cultivada na região cujas folhas são meio arroxeadas. **2.** Uma espécie de peixe.

Tucumã — *s.m.* **1.** Variedade de mandioca cuja cor é amarela. **2.** A fruta do tucumzeiro.

Tucupi — *s.m.* 1. O líquido extraído da massa da mandioca adicionado à água.

Vocabulário 01: Lista de termos extraída de Azevedo e Margotti (2013)

Outra pesquisa que também traz uma grande contribuição para a área e sobre o tema da mandiocultura, ainda na região norte do país, é o trabalho de Rodrigues (2015), que culmina com sua tese de Doutorado “*Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense*”, que objetivou a elaboração de um glossário eletrônico, monolíngue, em língua portuguesa (variante brasileira), mapeando cartograficamente a distribuição dos termos no espaço geográfico. Essa obra terminológica propiciou o conhecimento da variedade linguístico-terminológica do português usado pelos trabalhadores rurais na atividade especializada de produção da farinha de mandioca na Amazônia paraense e pode se constituir como um banco de dados sistematizado para futuras investigações científicas.

Vale também lembrar que sua pesquisa é uma ampliação dos estudos feitos na sua dissertação de título “*Glossário Socioterminológico da Cultura da Farinha*”, em que foi organizado um glossário terminológico contendo 320 termos a partir da descrição de um *corpus* constituído da modalidade oral da língua proveniente de entrevistas com trabalhadores rurais do município de Acará (PA).

A base teórica empregada para sua descrição dos termos apoia-se nos postulados da Socioterminologia, aliados numa perspectiva Geolinguística, como ferramentas de coleta de dados, para a compilação do *corpus* da pesquisa, a aplicação de um questionário terminológico contendo 877 questões relacionadas à prática da produção da farinha de mandioca. Os dados enqueridos no questionário foram aplicados em entrevistas realizadas com trabalhadores rurais de cinco mesorregiões da Amazônia paraense: *Nordeste paraense, Marajó, Sudeste paraense, Sudoeste paraense e Baixo Amazonas*.

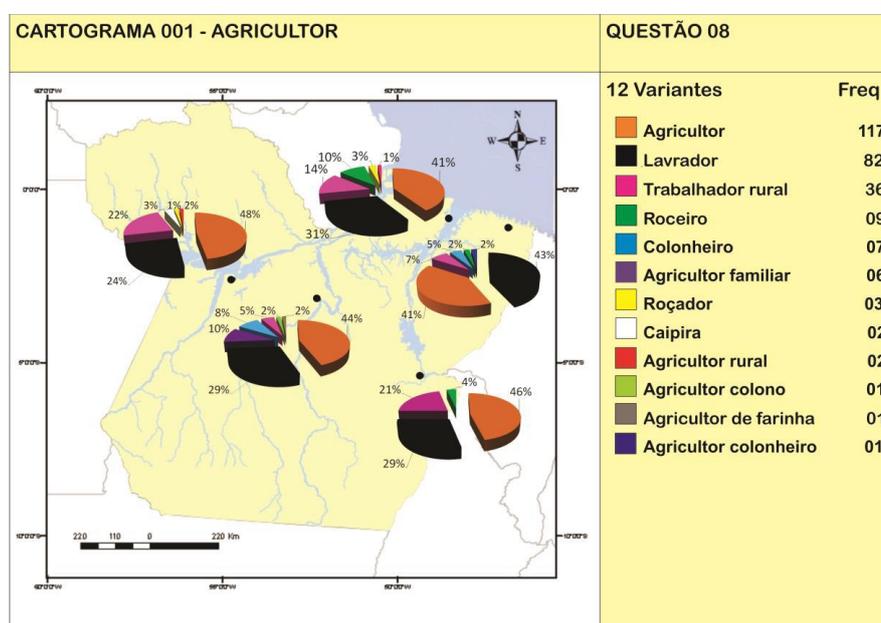
Para a elaboração do glossário eletrônico, Rodrigues (2015) apelou para o *software Lexique Pro 3.6* na disposição dos verbetes de acordo com a macroestrutura e a microestrutura que, em seu resultado final, oferece um produto terminológico informatizado, permitindo a inserção de vídeos, de imagens, de áudios e, também, de cartogramas terminológicos das variantes mais recorrentes na distribuição geográfica dos termos.

O autor confeccionou um glossário eletrônico composto de 506 termos que representam parte do universo sociocultural da atividade dos trabalhadores rurais⁹ que trabalham com a

⁹ O cultivo da mandioca, segundo Rodrigues (2015), foi desenvolvido na região amazônica baseia-se na agricultura familiar. Esse tipo de cultivo é realizado por trabalhadores rurais em pequenas propriedades e, principalmente almeja, a subsistência do grupo, estendendo-se à comercialização de uma pequena quantidade de produtos

farinha de mandioca e seus derivados. Sua investigação, apesar de ter contemplado apenas três campos de domínios pesquisados – plantio, beneficiamento e comercialização – aponta para um vasto patrimônio terminológico empregado pelos povos nas mais variadas comunidades da Amazônia paraense e, portanto, constitui-se de grande importância pelo rigor teórico-metodológico que se soma a uma riqueza de dados específicos para a área.

O CD-ROM que contém o glossário é muito rico, pois apresenta além dos termos na questão, a localização no cartograma das regiões estudadas com suas respectivas variantes. O casamento geosocioterminológico é uma inovação e sela uma novidade teórica e metodológica que imprime a pesquisa maior grau de valoração.



Quadro 04: Cartograma de Agricultor no glossário eletrônico retirado de Rodrigues (2015)

Quanto aos termos pesquisados em si, que compõem o glossário, apresentam um vocabulário regional específico e pertinente a área sociogeocultural com termos de influência de línguas indígenas e concepções pertinentes a experiências próprias da variedade de língua em uso. Vejamos algumas entradas que apresentam estas características regionais citadas retidas diretamente do “Glossário da Farinha” impresso incorporado a sua tese que é o resultado prático final da pesquisa de Rodrigues (2015, pag. 197 - 269):

produzidos dessa raiz tuberosa tão presente no dia a dia dos trabalhadores rurais: tais produtos como a farinha d’água, a farinha mista, a farinha de tapioca e pequenos bolos conhecidos como beijus.

Glossário da Farinha

• a • b • c • d • e • f • g • h • i • j • k • l • m • n • o • p • q • r • s • t • u • v • w • x • y • z •



Aturá *sm.* Cesto produzido com cipó de timbuaçu ou tala de guarumã e usado para transportar a mandioca pelo agricultor. *L2: tem muita gente que usa o <<aturá>> pra carregar mandioca né que bota no/ aquela ... aquela alça na (testa) e carrega na costa... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Babalu *adj.* Ver entrada principal: *caroçuda*. *L1: certo de quais os outros nomes farinha grossa é chamada aqui no município? L2: farinha grossa a gente aqui de <<babalu>>... L1: babalu? L2: é... L1: ai já se sabe que é uma farinha grossa? L2: grossa graudona é... (INF02BRA) Categoria: **Beneficiamento.***

Biribá *sf.* Árvore da qual se extrai a fibra para amarrar saco com farinha. *L2: a envira ... é uma árvore que nasce na roça que a gente chama:: <<biribá>> aí tem uma outra que tem:: jarana TIRA ENVIRA PRA amarrar saco... (INF03SAL) Categoria: **Plantio.***

Boladeira *sm.* Roda grande de madeira usada para acionar o caititu. *L2: esse cevar como é... nós... bota ele... vamos três caititu tanto faz ser uma <<boladeira>> pra fazer a farinha né cevar ela né tem que cevar né cortar toda pra fazer a massa... pra fazer a farinha (INF04MAR) Categoria: **Beneficiamento.***

Bolinete *sm.* Ver entrada principal : *bola do caititu*. *L2: ele é uma ... um ... chamado <<bolinete>> de madeira ... feitas as tarisquinha tudo assim de de ferro ... uns biquinhos () é o ralo que corta mais que gilete aqui né então isso é chamado de caititu aí eles colocam lá::: na distância daqui pra aquela porta lá assim ... e aqui eles enfincam um ... um um pau no chão e tem uma roda de madeira grande com um eixo que é pra girar aquilo ali que vai rodar... (INF01MAR) Categoria: **Beneficiamento.***

Caititu *sm.* Instrumento usado para transformar a mandioca em massa. *Variante: cevadeira; cevador; conservador de mandioca; cortador de mandioca; gerador; moedor; motor; quebrador de mandioca; raladeira; ralador; raladora; serrador; triturador. L1: o que é caititu e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2: <<caititu>> é pra::*

é o processo onde vai triturar.. a mandioca.. () fininha... (INF04SANT) Categoria:

Beneficiamento.

Capoeiruçu *sm.* Ver entrada principal : capoeirão. L1: mas por que que ela é melhor que vocês acham? L2: porque ela é::: terra de <<capoeiruçu>> ela é uma terra fofa... L1: capoeira o que? L2: capoeiroçu capoeiroçu que a gente chama é o capoeirão grande uma área de de mato grande... (INF04BRA) Categoria: **Plantio.**

Caribé *sm.* Mingau preparado com a farinha de mandioca crivada ou peneirada. L2: <<caribé>> é feito da/ do cui da farinha .. ela é/ serve pra isso o caribé o que é feito do cui pras pessoas doentes... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento.**

Carueira *sf.* Ver entrada principal : crueira. L1: e de quais outros nomes o bagaço é chamado aqui no município? () L2: tirando do ... do bagaço a gente chama <<carueira>> (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Cevador *sm.* Ver entrada principal: caititu. L1: de quais outros nomes rodete é chamado aqui no município? L2: chama rodete e chama <<cevador>> (INF04SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Cuí *sm.* Parte fina da farinha, semelhante a um pó, obtida ao passá-la em um crivo. Variante: pó da farinha; poeira da farinha. L2: bem o <<cuí>> é quando a gente coar farinha tira o grosso para um lado aí fica fininha a gente trata de cui (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Cuiapeua *sf.* Ver entrada principal: rodo. L1: de quais outros nomes palheta é chamado aqui no município? tem outro nome que se dá pra palheta? L2: <<cuiapeua>> é que chamam cuiapeua... (INF05SANT) Categoria: **Beneficiamento.**

Empaneirar *v.* Ver entrada principal : empalhar a farinha. L2: beneficiar é::: que eu sei é... é ensacar ela com (lugar) botar num (paiol) bem agasalhado <<empaneirar>> meter num pano esse é o beneficiar dela se num tiver esse tratar também ela não presta... (INF05MAR) Categoria: **Beneficiamento.**

Gradear *v.* Ver entrada principal: arar. L2: também eles usa ... às vezes fala assim não eu fui lá em fulano peguei um arar da terra pra mim né no caso seria <<gradear>> que é pra dá grade que que implementa.. trator.. chama de grade no caso há de arar já seria usado o arado... (INF01MAR) Categoria: **Plantio.**

Grajau *sm.* Ver entrada principal: caçuá. L1: certo e de quais outros nomes o caçuá é chamado aqui no município? L2: tem uns que chamam ... <<grajau>>... L1: grajau? L2: é... (INF03BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.**

Grelar v. Desenvolver a maniva. *L1: de quais outros nomes grelar é chamado aqui no município? L2: pode ser nasceu né <<grelar>> nasceu a maniva ou grelou a maniva... (INF02SAL) Categoria: **Plantio**.*

Grelo sm. *Ver entrada principal: olho da maniva. L2: o que é grelo e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: o <<grelo>> é a ponta da maniva chama grelo é o fechado dela lá em cima... (INF03SAL) Categoria: **Plantio**.*

Guarumã sm. *Árvore do igapó da qual se usa a tala para produzir paneiro e a folha para empalhar a farinha. L2: <<guarumã>> é o::: uma ... uma árvorezinha que dá no gapó e tira pra fazer... paneiro (às vezes) pra... empalhar a farinha... serve dela serve a tala dela e serve a folha... (INF05BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.*

Gurupema sf. *Ver entrada principal : peneira. L1: de quais outros nomes peneira é chamada aqui no município? L2: nós chamamos <<gurupema>> também...L1: gu rupema? L2: é é:: ((risos)) é gurupema... (INF02SAL) Categoria: **Beneficiamento**.*

Igapó sm. *Área de terra encharcada. Variante: área molhada; área úmida; baixada; baixão. L1: de quais outros nomes área úmida é chamada aqui no município? tem um outro que se dá pra essa área úmida? L2: não no momento não... só conheço essa do <<igapó>> (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.*

Igarapé sm. *Rio pequeno no qual se coloca a mandioca para amolecer. Variante: água do rio; água do igarapé; água corrente; córrego; grotá; grotão; igarapé corrente; lagoa; riacho. L1: o que é igarapé e o que tem a ver com o cultivo da mandioca? L2: <<igarapé>> agora um tempo que ainda tá bom a gente usa pra botar mandioca de molho... (INF05SAL) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.*

Jacá sm. *Ver entrada principal: caçuá. L1: ah sim e esse caçuá tem outros nomes que vocês costumam chamar pra ele? conhece? L2: só se chama caçuá e... e jucá <<jacá>> né... L1: jacá seria onde coloca a mandioca pra... L2: é pra botar no animal pra... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento**.*

Jacitara sf. *Planta da qual se tira o talo para produzir o tipiti. L1: o que é tipiti e o que tem a ver com a atividade de produção da farinha? L2:o tipiti é uma coisa feita de talo de:: <<jacitara>> que a gente bota a massa dentro pra espremer a massa... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.*

Jamanchim sm. *Ver entrada principa: caçuá. L2: olha é por exemplo oh oh o aturá é conhecido como <<jamanchim >> que é outro () é outro tipo de paneiro só que ele é aberto atrás... (INF01SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.*

Juquira sf. Área de terra em que o mato foi roçado ou queimado para o cultivo agrícola. Variante: *capoeirinha; capoeira baixa; capoeira fina; juquirinha*. L2: <<juquira>> aqui pra nós é capoeira quando ela tá baixinha... L1: certo.... L2: que a gente ... tira a mandioca aí fica aquelas capoeirinhas a gente chama juquira... (INF05BRA) Categoria: **Plantio**.

Manaíba sf. Ver entrada principal: *maniva*. L1: de quais outros... nomes a maniva é chamada aqui no município? L2: é::: <<manaíba>>... rama tudo é a mesma coisa... (INF03MAR) Categoria: **Plantio**.

Mandarová sm. Inseto que ataca as folhas da maniveira e considerado principal praga dessa cultura agrícola. L1: de quais outros nomes a lagarta é chamada aqui no município? L2: é... <<mandarová>> L1: é? L2: é... L1: ()... L2: não o nome dela mesmo... L1: o nome dela? L2: é... (INF01SAL) Categoria: **Plantio**.

Mandicuera sf. Mingau preparado com a mandiocaba. Variante: *manicuera*. L1: o que é a mandiocaba? L2: ... mandiocaba é uma mandioca que ela dá ... ela dá ... grossa ... comprida e ela dá / é cheia de água dentro... L1: ela serve pra fazer farinha também? L2: não... L1: não? L2: faz um mingau... <<mandicuera>> que chamam... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento**.

Mandiocaba sf. Mandioca, aquosa, usada para preparar mingau. L2: <<mandiocaba>> é uma mandioca que ela dá... ela dá... grossa... comprida e ela dá/ é cheia de água dentro... L1: ela serve pra fazer farinha também? L2: não...L1: não? L2: faz um mingau ... mandicueira que chamam...(INF05BRA) Categoria: **Plantio, Beneficiamento**.

Manicuera sf. Ver entrada principal : *mandicuera*. L2: olha tem também outro tipo né que ela é chamada porque tem uma que não é mandioca mas ela é a semelhança é a é a <<manicuera>> né... que a gente faz uma bebida dela... (INF01SANT) Categoria: **Beneficiamento**.

Manicujá sm. Ver entrada principal: *cavar a cova*. L1: unhu de quais outros nomes cavar a cova é chamado aqui no município tem outro nome? L2: <<manicujá>>... L1: manicujá? aí manicujá é a mesma situação de cavar::: L2: eh eh eh é cavar é... (INF01SANT) Categoria: **Plantio**.

Pancuã sm. Capim rasteiro que inibe o desenvolvimento da mandioca. L2: <<pancuã>> quando ele dá na roça é perigoso que é::: se a gente não tomar cuidado ele toma/ mata a maniva... L1: é mesmo é? L2: é... L1: é um mato é? L2: um mato um capim... (INF05SAL) Categoria: **Plantio**.

Puxirum sm. Ver entrada principal: *trocação de dia*. L1: de quais outros nomes trocação de dia é chamado aqui no município tem outro nome? L2: é a gente chamava puxirum... L1:

*puxirum? L2: é é... quando diz assim eu vou pro <<puxirum>> de fulano já sabia né que você ia dar um dia de trabalho pra ele... (INF01SANT) Categoria: **Plantio, Beneficiamento.***

Retiro *sm.* Ver entrada principal : casa de farinha. L2: <<retiro>> eu sei... L1: retiro seria o que? L2: é a casa de fazer farinha... L1: uhm... vocês tem outros nomes que vocês chamam retiro? L2: é::: farineira né L1: uhm... (INF03ALT) Categoria: **Beneficiamento.**

Sarilho *sm.* Peça de madeira constituída por dois pedaços de paus atravessados no qual se engata o rabo do tipiti atravessado por uma alavanca. L2: <<sarilho>> ele ... é fincado dois toquinho de pau assim do lado ... aí corta um pedacinho de pau ... () aí fura um buraco no meio aí engata em cima ... assim no dente ... aí... que é pra rolar pra não sentir muito o peso do pau que () do tipiti... (INF05BRA) Categoria: **Beneficiamento.**

Tapiti *sm.* Ver entrada principal : tipiti. L2: aqui só tem a prensa mesmo e tem o tal de... <<tapiti>> né que bota que.. que puxa pra secar sabe... (INF06ALT) Categoria: **Beneficiamento.**

Tarubá *sm.* Instrumento usado no beneficiamento da farinha de mandioca. L2: instrumento a gente usa.... a prensa forno... rodo... o:: ... é <<tarubá>> e a peneira que é a tela né são instrumento de trabalho... (INF03SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Terçado *sm.* Ferramenta de cabo, lâmina comprida, usada no cultivo da mandioca. Variante: facão. L2: mato né capim mesmo dá muito aí vai capinar a roça vai capinando com enxada com <<terçado>> (INF05SANT) Categoria: **Plantio.** **Tipiti** *sm.* Cesto cilíndrico de palha trançada e usado para comprimir a massa da mandioca. Variante: tapiti. L2:o <<tipiti>> é uma coisa feita de talo de:: jacitara que a gente bota a massa dentro pra espremer a massa... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Tucupi *sm.* Líquido amarelo extraído da raiz da mandioca brava no processo de produção da farinha. Variante: água da mandioca; água da tapioca; caldo da mandioca; manipuera. L2: o <<tucupi>> é que sai da massa da mandioca a gente espreme ela e:: sai o tucupi... (INF05SAL) Categoria: **Beneficiamento.**

Vocabulário 02: Lista de termos extraída e adaptada de Rodrigues (2015)

Tais pesquisas mostradas por afinidade, aqui nesta revisão, tem sido importantes para se conhecer e se reconhecer o estado da arte, e também, o nível dos estudos nas áreas em que atuamos. Entendemos ainda que nosso estudo se traveste de um prisma singular quando envereda por uma área geográfica e, também, sociocultural que não foi conhecida, nem tão pouco, estudada com tais instrumentos, como é nossa proposta.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: RELAÇÕES ENTRE AS CIÊNCIAS ENVOLVIDAS NA DESCRIÇÃO DO LÉXICO

Este quarto capítulo é destinado às teorias que se integram para abarcar o estudo interdisciplinar que a nós se apresenta. Uma abordagem geral etnodialexicológica intercambia estudos de suporte etnolinguístico, dialetológico e lexicológico, em termos gerais. Portanto, o presente trabalho de tese ora descrito se inscreve no âmbito do estudo do léxico e do termo de língua de especificidade no que diz respeito a sua base teórica e metodológica. Porém, para a viabilidade e a confecção desta pesquisa, algumas áreas e temas envolvidos na língua de especialidade humana serão mais latentes e deverão ser explorados com mais aprofundamento: é o caso da lexicologia, a lexicografia, a terminologia, a terminografia, a etnolinguística, sociolinguística, a dialetologia, fonologia e a linguística de *corpus*.

4.1 PERCURSO INTRODUTÓRIO

Para começar, introduziremos a área que engloba a base geral da pesquisa linguística neste trabalho: a Dialetologia e Etnolinguística. De modo geral, Podemos definir a Dialetologia como o campo da ciência linguística que estuda as variações na linguagem delimitadas no espaço geográfico e nos agrupamentos sociais dos diferentes sistemas linguísticos ou dialetos, que caracterizam as diversificações de uma língua, restritas ao espaço geográfico que ocupa. Seu campo de estudos, portanto, será os falares regionais com suas delimitações geográficas, caracterizadas por diferenças próprias na fonética, no léxico, na gramática, etc.

Para Câmara Jr. (1979, p. 94-95), a dialetologia é “*o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos*”. Apresenta duas técnicas para o desenvolvimento da dialetologia: a da *Geografia Linguística*, que busca a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal, consolidados nos atlas linguísticos, e a da “*descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região*” compondo gramáticas e glossários regionais.

Para Dubois (1978, p. 185), a dialetologia tem a *tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites*. Ele enfoca também dois aspectos na dialetologia: a) *a descrição dos diferentes sistemas ou dialetos em que se diversifica uma língua*; b) *o estabelecimento dos limites de um*

espaço geográfico de uma fala que pode ser tomada isoladamente sem se preocupar com os falares vizinhos ou com os que pertencem à mesma família linguística.

Mais do que qualquer outra área da linguística, a Dialetologia e Etnolinguística, por sua natureza interdisciplinar, tende a fixar-se num reduzido elenco de princípios gerais, teóricos, abstratos, em benefício de uma extrema flexibilidade de métodos, de uma enorme variedade de processos para solução dos problemas concretos que se lhe ofereçam no campo da pesquisa prática.

Ao introduzirmos este estudo em âmbito teórico, julgamos necessário contextualizá-lo incluindo nas ciências do léxico e, assim, prestar alguns esclarecimentos sobre o que vem a ser o léxico. Antes mesmo de entrarmos na discussão teórica propriamente dita, consideramos conveniente ressalvamos o uso do termo “léxico” quando queremos nos reportar à Lexicologia, visto que esta ciência mantém uma relação direta como o repertório da língua geral e sentirmos que muitos estudiosos assim consideram a relação entre léxico e a ciência que a ele se dedica, por isso é comum a utilização do termo léxico por Lexicologia. Entretanto achamos conveniente fazer a separação entre léxico e a ciência que a ele dedica maior atenção: a Lexicologia.

Para alguns estudiosos do ramo, o léxico trata-se do saber partilhado que está na consciência dos falantes de uma determinada língua e sua constituição acontece por meio do acervo vocabular de um grupo sócio-histórico-cultural. É através da língua, sobretudo, do léxico, como alega Blikstein (2003, p.17), que podemos perceber e construir a realidade que nos cerca. Partindo desse patamar da língua, os falantes e ouvintes partilham valores, crenças, hábitos e costumes de uma comunidade, bem como inovações tecnológicas e as transformações socioeconômicas de uma determinada sociedade ou área de conhecimento.

Já pelo olhar de Biderman (2001, p. 13), além da questão cognitiva da realidade inerente ao léxico, este tem uma relação com o processo de nomeação. Ela explica ainda que o léxico é gerado por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e da categorização da experiência que se cristaliza em signos linguísticos que designamos de palavras. De forma mais ampla, podemos considerar o léxico de uma língua como patrimônio vocabular de uma comunidade linguística, construído ao longo de sua história.

Sempre temos de advertir que o léxico vive em constante expansão, pois a cada momento as mudanças socioculturais e, sobretudo, o desenvolvimento científico e tecnológico fazem com que os repertórios dos signos sejam expandidos, para designar a realidade que ora se apresenta em cada comunidade linguística. O falante sente a necessidade de nomear suas

invenções e desenvolver novas noções, fato corriqueiro nas ciências do léxico, especialmente, no âmbito de pesquisa da Terminografia e da Terminologia.

Nessa esteira do léxico, é importante ressaltar a unidade lexical, a qual Pottier (1972, p. 26) denomina *lexia*, que trata-se de unidade lexical memorizada, podendo aparecer na língua por meio de formas simples, composta, complexa ou textual. Conforme ainda o autor citado, as *lexias* se estruturam a partir do(s) *lexema(s)*, parte da *lexia* responsável pelo conceito e essencial para existência do conceito de *lexia* e de *gramema*, encontrada não em toda *lexia*, indicando a função dessa. Enquanto que, para Barbosa (1996, p. 34), a unidade padrão lexical é o *lexema*.

O léxico pode ser encarado, pelo menos, sob duas faces: quanto à sua estrutura mórfica e quanto ao seu conteúdo semântico. Quanto à sua estrutura temos *lexias* simples e *lexias* complexas, sendo a primeira formada de apenas uma forma livre e a segunda composta de mais de uma forma livre, ou por uma forma livre combinada a uma forma presa. Tanto para a organização de obras lexicográficas e/ou terminográficas como para a pesquisa gramatical, o estudo das *lexias* complexas tem sido motivo de pesquisa. Na perspectiva da gramática, as *lexias* complexas são analisadas com o fim de descobrir os mecanismos sintáticos e semânticos que entram em jogo para a formação de tais estruturas. No caso da compilação de unidades lexicais em obras destinadas a dar informações lexicais aos usuários da língua, sobretudo, a delimitação e classificação de tais *lexias* são utilizadas para elencarmos critérios de entradas e sub-entradas destas *lexias* complexas na obra em pesquisa.

O entendimento das *lexias* complexas e sua delimitação devem, conseqüentemente, ser observados pelo ponto de vista sintático, semântico e pragmático, pois na maioria das vezes, ao observamos apenas os aspectos fonológico e morfológico, acreditando-se tratar de uma mesma *lexia*, no entanto, ao observamos seu contexto em uso, é que podemos compreender que trata-se de uma *lexia* diferente. Esta se constitui uma das formas de delimitarmos tais *lexias*.

Um outro aspecto que vem a corroborar com a existência ou não da *lexia* complexa é a recorrência de uso da mesma e, que muitas vezes, ganham um significado completamente arbitrário a seus constituintes. Para considerarmos uma *lexia* complexa é preciso observar se esse uso já se cristalizou entre os usuários e se não se trata de um grupo léxico que foi criado no momento da interlocução. Esta discussão remete-nos a uma reflexão sobre que ciência(s) ou disciplina(s) poderia(m) ter como objeto de estudo o *lexema* ou a *lexia*. Em se tratando de língua geral, como já vimos anteriormente, a ciência que procura fazer um estudo sobre tais unidades é a Lexicologia e é sobre ela que discorreremos a seguir.

4.2 LEXICOLOGIA – O ESTUDO DO LÉXICO

A Lexicologia é a parte da Linguística que estuda cientificamente o léxico. Os estudos lexicográficos sobre o léxico remontam à Antiguidade, mas sua validade como ciência, já foi bastante questionada entre os teóricos, pelo fato de o léxico fazer parte do sistema aberto e estar, portanto, em constante ampliação na sociedade, tornando-se difícil de receber uma abordagem sistemática, diferentemente das outras ciências com as quais a Linguística mantém contato. Isso por si só, já se constitui motivo de grande preocupação para os linguistas. Além disso, o léxico é uma parte preponderante das línguas particulares que mantem, nesse ponto, uma forte relação entre a língua e o meio social e/ou cultural.

A Lexicologia trata em si das unidades significativas da língua, pelo viés de maior concretude, assim como a Semântica. Porém, a ciência do léxico abrange um universo muito mais amplo, cujos matizes atingem à Etimologia e à Morfologia. Ela cultiva com a Semântica uma afinidade de muito aproximação, visto que a Semântica é o estudo da significação e a ciência do léxico apresenta o encargo de contrapor, igualmente, pela significado.

A Lexicologia vai muito do léxico quando preocupa-se com as palavras em diversos níveis como o morfológico e o semântico. Ullman (1964, p. 64) analisa que as palavras e os morfemas se compõem enquanto unidades significativas, daí esta aproximação entre Morfologia e Semântica.

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudos dos seus significados.

A Lexicologia interage, também, com a Sintaxe, visto que a unidade significativa ou palavra é compreendida e estudada pela Lexicologia numa perspectiva mais ampla: a sua ordenação na frase, como é o tratamento na sintaxe. Ela tem um amplo campo de atuação, como estamos vendo, já que a sua abordagem não se restringe à parte significante do signo saussuriano, como é o caso da Fonologia, e sim, vai muito mais além, compreendendo o vocábulo em sua totalidade: a análise lexical se toma dos elementos de significação, que são mais abstratos; e também, dos elementos formadores das palavras, que são mais concretos.

Existem reiteradas pesquisas, além dessa abordagem mais científica do léxico, que se

voltam para a prática de compilar as unidades lexicais de uma língua em acervos a serem usados com vários fins, e é desta abordagem mais prática do léxico que nascem o fazer lexicográfico que institui a Lexicografia. Assim como a Lexicologia tem recebido estatuto de fazer científico, pelo seu cunho investigativo para além de exclusiva funcionalidade, dando suporte e, ao mesmo tempo em que se serve do fazer lexicográfico no desenvolvimento de suas pesquisas, surge a Lexicografia, com a finalidade específica de catalogar termos formando glossários e/ou dicionários. Faz-se necessário, nesse caso, então, estudarmos um pouco mais sobre a ação do fazer lexicográfico.

4.3 LEXICOGRAFIA – A ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIOS

A Lexicologia é considerada, também, a arte de fazer dicionários. Porém, tal arte remonta épocas antigas em que se *inventava* dicionários latinos para as escolas medievais. Sua admissão como disciplina linguística, todavia, só se principia na primeira metade do século XVI, determinado pela expansão do ensino do latim como língua de cultura. Com essa expansão educativa, era preciso improvisar nas aulas com listas de palavras, glossários e posteriormente, dicionários que dirigiam um entrosamento entre o latim clássico e o latim vulgar. Esses acontecimentos ocasionaram, mais a frente, com a formação das línguas modernas e o desenvolvimento do ensino, os dicionários monolíngues e bilíngues, que tinham em vista o fazer com que a obra lexicográfica se tornasse uma fonte de compreensão da própria língua, no primeiro caso, e aplicado ao estudo de uma língua estrangeira, no segundo.

Portanto, a Lexicografia apenas se incluiu como ciência na contemporaneidade, já que anteriormente sua tarefa se reduzia somente ao fazer lexicográfico. Já na atualidade, a Lexicografia tem-se utilizado das teorias lexicais e de critérios científicos para realizar suas pesquisas. Borba (2003, p. 15) advoga que a Lexicografia, nesse seu duplo aspecto, teórico e prático, preocupa-se enquanto técnica, de todo o preparo para a elaboração de glossários, dicionários, enciclopédias ou de qualquer outra obra lexicográfica. Investiga o estabelecimento de um conjunto de princípios, no campo teórico, que derivem uma descrição do léxico total ou parcial de um idioma.

Borba (2003, p. 16), ainda aponta, que o léxico é concebido como “o conjunto dos itens vocabulares da língua, ou seja, como a soma das formas livres que circulam nos discursos da comunidade”. Para efeito de descrição exigida pela obra lexicográfica, concebemos o léxico como componente de base gramatical. Tal base possui um componente categorial e o léxico. Enquanto o componente categorial define as relações gramaticais determinantes à interpretação

semântica, “o léxico especifica as propriedades sintáticas, semânticas, e fonológicas de cada item lexical”. Apesar dos crescentes estudos de cunho lexicográfico em Língua Portuguesa, muito se tem a fazer nessa área. Podemos salientar a sua proximidade com o Lexicológico e o fazer lexicográfico tem-se amparado em teorias lexicológicas, na Linguística e nas teorias gramaticais.

Por outro lado, o fazer lexicográfico apresenta-se como uma necessidade que a sociedade exige para compreender o mundo que a circunda e para facilitar a comunicação entre os sujeitos falantes-ouvintes. Desta forma, ratificamos o pensamento de Christophe e Candel (1986, p.132), quando afirmam que:

Le lexicographe “généraliste”, non “spécialiste”, dispose en effet d’un fonds documentaire en general assez riche pour pénétrer peu à peu la spécialité, pour espérer saisir peu à peu les valeurs des dénominations qui la caractérisent¹⁰.

É, portanto, trabalho do lexicógrafo penetrar através de documentos de diferentes áreas para ter uma visão da língua e entender cada denominação e até os elementos que compõem a unidade lexical dentro de uma área. Por esta razão e por outras mais, podemos afirmar que há muitos pontos de confluência e divergência entre a língua geral e a de especialidade e as ciências que tratam das unidades lexicais: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Mais à frente, ainda nesse trabalho, abordaremos a diferença entre todas essas ciências, porém a seguir, teceremos considerações sobre a Terminologia e a Lexicologia.

4.4 A TERMINOLOGIA E A LEXICOLOGIA: APROXIMAÇÕES E CONFLUÊNCIAS

Perpetrando um paralelo entre Lexicologia e Terminologia, é importante lembrar o que diz Barbosa (1991, p. 182-189) ao se reportar à Lexicologia, como o estudo de todas as palavras de uma língua, nos mais variados aspectos: estrutura, funcionamento e mudança. A Lexicologia objetiva: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; analisar as relações entre o léxico de uma língua e o universo natural, social e cultural; conceituar e denominar lexias; elaborar modelos teóricos subjacentes às suas diversas denominações; considerar a palavra como elemento de

¹⁰ Traduzido livremente pelo autor: O lexicógrafo “geral”, não “especialista”, dispõe, de fato, de um profundo inventário, em geral rico o suficiente para penetrar gradualmente a especialidade, e esperar para alcançar, pouco a pouco, valores de denominações que o caracterizam.

captação da visão de mundo, de ideologia, de sistema de valores, e ainda como geradora e reflexo de sistemas culturais; um outro objetivo da Lexicologia é analisar e descrever as relações entre expressão e conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes.

Neste mesmo viés, a Terminologia se avaliza como uma especificidade da Lexicologia, todavia, não ocupa papel inferior, pois suas tarefas incorporam todas as que esta última está submetida, além das relações entre significados do signo terminológico, o que comporta a complexidade da criação desse signo, e a renovação e o acréscimo dos universos discursivos terminológicos. Portanto, pensar em signo ou termo terminológico, compreende pensar em seus processos de formação e no modo como esse signo se materializa.

A seguir, ponderaremos sobre a Terminologia propriamente dita, com seu histórico e a função que desempenha na linguística moderna.

4.5 TERMINOGRAFIA E SEU OLHAR SOBRE AS LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE

Paralelo ao estudo do léxico, de abordagem mais geral e sobre o qual vimos falando até agora, encontra-se a Terminografia, que tem um perfil mais restrito e trata-se de estudo mais recente. A Terminografia, ao lado da Terminologia, tem um perfil teórico para a realização do levantamento dos termos em áreas de especialidades diversas.

Na comparação entre a Terminografia e a Lexicografia, podemos analisar que, é o oposto do que acontece na Lexicografia, pois a Terminografia confere denominação a um conceito, passando então por um processo semasiológico, no qual se tem um conceito que precisa de um termo para designá-lo. Na Lexicografia, o processo é onomasiológico, ou seja, dá-se um conceito para uma denominação. Os estudos atuais procuram não ver essa sistematização de forma tão fixa, mas na tentativa de estabelecer um trabalho terminológico e/ou terminográfico, consideramos necessário recorrer a essas orientações.

Quanto às obras terminográficas e lexicográficas, de uma forma geral, podem ser chamadas de dicionários ou inventários. O grande número de obras terminográficas e lexicográficas visam corresponder às necessidades de uma sociedade heterogênea, permeada de discursos diversos. Enquanto as obras lexicográficas registram as unidades lexicais da língua geral, as obras terminográficas tendem a registrar os termos utilizados em um determinado domínio ou área de especialidades.

Ainda dentro da área de especialidade, pertinente ao estudo léxico e como estudo complementar à Terminografia, é salutar ressaltarmos a preponderância da Terminologia, porém antes de falarmos de mais esta disciplina do léxico, consideramos importante tratarmos dessa relação com a Terminologia.

4.6 TERMINOLOGIA E O SEU CERNE: O TERMO

A Terminologia, das disciplinas aqui já mencionadas, é a que tem suscitado ultimamente mais interesse. A partir dos estudos do engenheiro austríaco Eugênio Wüster em seu trabalho, especialmente, sistematizando dicionários, glossários e vocabulários das línguas de especialidades, ele procurava impedir que o termo, elemento de disciplina terminológica, sofresse ambiguidades, causadas por aspectos tais como sinonímia, polissemia e homonímia tão comuns nas línguas naturais. Seu trabalho funcionou, decisivamente, como um estímulo para os estudos terminológicos, visto que o que existia anteriormente somente se referia a prática de listas de palavras, não havendo nesses estudos, portanto, um objeto claro e definido que possuísse um estatuto científico.

A Terminologia começa a figurar como disciplina independente, de cunho interdisciplinar, a partir do reconhecimento do termo como seu objeto de estudo. Os estudos sobre os termos implementados por Wüster¹¹ originaram a Teoria Geral da Terminologia, que tinha como objetivo padronizar o uso dos termos técnico-científicos para criar uma unidade nas comunicações das áreas de especialidade no plano internacional. O campo da terminologia torna-se largo, tomando-se ciência multidisciplinar, mantendo contato direto com a linguística, a lógica, a ontologia, as ciências da informação e variados espaços do conhecimento técnico científico.

Embora a Terminologia possa se reportar às diversas áreas do conhecimento e ser por elas relacionada, ela criou sua identidade própria, e com isso, seu objetivo figura na abrangência do léxico temático, que é sua peça essencial de inquirição. Para Krieger-Finatto (2004, p. 21), “[...] sua especificidade configura-se pela intersecção de outras disciplinas na compreensão do léxico temático, seu objeto central de investigação e tratamento”. Por essa acepção, destacamos a ascendência desse campo interdisciplinar, seja nos aspectos linguísticos inerentes aos termos, seja nas áreas de especialidade propriamente. Além disso, Krieger-Finatto (2004) tem advogado

¹¹ Em 1935, Wüster publica seu *Dictionnaire de la machine-outil* que é um marco na história das obras terminográficas e da própria onomasiologia. Para a Teoria Geral da Terminologia, a terminologia procede de modo onomasiológico, partindo dos conceitos. Antes de realizar uma obra terminográfica, o terminólogo organiza os conceitos em ordem sistemática (no sistema conceitual) e, em seguida, busca os significantes que os designam.

que a Terminologia tem avançado nos estudos sobre a constituição e o comportamento dos termos, procurando explicar desde a sua origem até a observação de suas relações internas e externas da referida área de especialidade. Ela se aproveita, para isso, de pesquisas linguísticas, que ampliam e revalidam o conhecimento sobre o termo designativo das línguas de especialidades e, que passa a ser seu objeto central.

Com esse crescente interesse e o notório aumento dos estudos terminológicos, principalmente, de linguistas por áreas de especialidade, foi-se, aos poucos, entendendo as brechas deixadas pela Teoria Geral da Terminologia (TGT), uma vez que, de acordo com tais pressupostos teóricos, a variação linguística e sinonímia entre os termos estaria abolida. A Terminologia inventariaria exclusivamente a formação e delimitação dos conceitos, o que significaria, que o objetivo da Terminologia, nada mais seria que, uma atribuição do termo para um conceito ou de o conceito para um termo, e isso, conforme a própria TGT, se confrontava, pois esses termos não são vistos como pertencentes a uma língua natural. Os termos, nesta visão, pretendem propagar conceitos e não significados, e desta suposição, decorre a não inclusão da variação linguística na área da Terminologia, que dessa maneira, se inclui como uma ciência prescritiva e normalizadora.

Com as discussões teóricas sobre o tema, surge uma nova tendência na Terminologia com base linguístico-comunicacional, que vai de encontro a essa visão prescritiva e normalizadora, que exhibe as unidades terminológicas observadas num contexto descritivo. Conseqüentemente, ocorre uma ampliação nos estudos terminológicos, que possui um foco não mais voltado apenas para a língua de especialidade, e sim, para a língua geral. Deste modo, nota-se o funcionamento das terminologias, como ocorre em qualquer outra unidade linguística. Com essa visão, estudos advindo da sociolinguística, fundados por François Gaudin, favorecem uma Socioterminologia, ou seja, uma Terminologia Sociolinguística. Com base nesses pressupostos, o estudioso Gaudin (1993, p.16) assegura em sua posição que:

[...] o mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta a realidade do funcionamento da linguagem e restituir toda sua dimensão social às práticas adequadas de linguagem.

A posição de confrontar o que pode acontecer entre Terminologia e Socioterminologia, no lado antagônico que seria apenas uma *simulação* de produção de dicionários, glossários e demais objetos de referência terminológica, sem dar muito destaque a normalização, seria

aceitável avaliar de confiança à Terminologia, dando-lhe o direito de considerar-se o contexto de produção, logo, chegando a variação terminológica nas áreas de especialidades. Esse novo olhar admite que a preparação de trabalhos terminográficos registre as variações denominativas e conceituais, visando atender às necessidades de informação exigida pelo usuário nas quais os termos podem incidir.

Essa visão renovada da Terminologia origina a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que nasce como estudo crítico e sistemático à Teoria Geral da Terminologia. Essa proposta foi apresentada por Maria Teresa Cabré e o grupo de pesquisa do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona (Krieger-Finatto, 2004, p.35). A valorização da comunicação das línguas de especialidades principiou, por intermédio da TCT, em prejuízo à visão normalizadora defendida pela TGT.

Outro aspecto a se avaliar, seria o fato das unidades terminológicas serem relacionadas à língua natural e à sua gramática. Atendendo os aspectos comunicativos, permite-se que uma unidade lexical possa ser concebida como termo em uma situação de uso, ou até em um determinado contexto. Esse fato acolhe a variabilidade do termo em concordância com a situação e o contexto de uso. É nessa posição que Krieger-Finatto (2004, p.35) asseguram que não há somente termos, nem palavras, pois tudo são entendidos como unidades lexicais, e, na realidade, adquirem estatuto terminológico nas comunicações especializadas. Todos os entendimentos alcançados pela nova corrente, especialmente, essa nova percepção linguística tem propiciado um conhecimento mais aprofundado sobre a estrutura e o funcionamento do termo.

Logo, essa nova atitude admite apreender o termo de modo mais abrangente, na qual verificamos o dinamismo e complexidade da linguagem, levando à descrição da área de especialidade a partir do seu comportamento em textos especializados. Por essa descrição, constatamos a existência da polissemia na área técnico-científica.

Na perspectiva linguística da Terminologia, esses estudos modernos têm evoluído e, por conseguinte, dado um grande impulso. Abalizado nessa perspectiva, Cabré considera que as línguas especializadas não são inventadas dentro de um língua geral; que elas sempre podem admitir novas unidades, mesmo achando necessário o controle de entradas; há sempre um termo para cada conceito, o que reduz o número de sinônimos; as línguas especializadas dispõem de todas as possibilidades morfosintáticas que a língua geral possui, mas utilizam só uma parte dessas possibilidades e possuem um léxico que tem como característica: o movimento de fluxo

e refluxo de termos; não possuem teoricamente termos polissêmicos, os termos polissêmicos da língua comum são homônimos nas línguas de especialidades; só aceitam termos novos quando os conceitos já foram estabelecidos; há uma prioridade da forma escrita dos termos, sobre a forma oral; os termos especializados tendem a ser reconhecidos dentro de uma distribuição geográfica supranacional.

Um outro contraponto da TCT em função da TGT é não ver o conceito como interesse prioritário nas terminologias. Essa visão é corroborada pela Teoria Sociocognitiva da Terminologia, que compreende os termos como unidades de compreensão e representação, e que funcionam como modelos cognitivos e culturais. Ainda segundo essa teoria, os termos evoluem, podendo ter comportamento polissêmico e sinonímico, resultante dos movimentos metafóricos, no dizer de Temmerman, referida por Krieger-Finatto (2004, p.37).

A Terminologia, indiscutivelmente, possui uma atuação principal na divulgação do conhecimento e das técnicas de determinadas áreas. Isso se constituiu mais uma causa para a exatidão do trabalho terminológico. É verdadeiramente um caos comunicativo, quando diante dos processos do saber e do fazer, não dispomos de fontes fidedignas em algumas áreas, dificultando firmemente a comunicação e, consecutivamente, a deficiência da negociação e da divulgação do conhecimento e das tecnologias.

A Terminologia pode ser vista como disciplina, pela ótica de Cabré (2004, p. 10), por ter um objeto definido, por estabelecer diretrizes que orientam a seleção e organização dos termos, na prática e como produto gerado dessa prática, por apresentar o conjunto de termos. Também para Aubert¹² (2001, p. 24-5), a Terminologia pode ser considerada como objeto ou como instrumento, sendo o primeiro caso, como o conjunto de termos, que pode ser considerado como sinônimo de vocabulário de ou linguagem de especialidades. Já no segundo caso, trata-se do estudo desse vocabulário, língua de especialidade, ou do conjunto de termos de uma área.

4.7 AFINIDADES ENTRE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA

¹² Língua de especialidade, para Aubert, trata-se do conjunto de marcas lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas, que é caracterizada por um código linguístico delimitador de uma atividade humana. A Terminologia, nessa perspectiva, apresenta-se como um estudo descritivo, que prioriza a identificação de termos de uma determinada área.

A Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia têm-se configurado, com sua aplicação voltada para o estudo léxico, como ciências ou disciplinas que buscam no léxico o ponto de partida para as suas pesquisas. No entanto, vale ressaltar as diferenças que perpassam tais ciências.

Enquanto a Lexicologia e a Terminologia têm caráter mais teórico, a Lexicografia e a Terminografia se consideram como disciplinas práticas, voltadas, sobretudo, para a confecção de obras lexicográficas e/ou terminográficas. A Lexicologia, ao lado da Lexicografia, abarca um pleito bem mais abrangente, desenvolvendo um estudo voltado para a língua geral. Já a Terminologia e a Terminografia figuram nas áreas de especialidades e/ou nas línguas de especialidades. Assim, de modo geral, podemos considerar a Lexicografia como a ciência dos dicionários da língua comum e a Terminografia como a ciência dos dicionários especializados. As distinções, a pouco observadas, podem ser ilustradas no quadro a seguir:

Fatores	Lexicologia	Lexicografia	Terminologia	Terminografia
Quanto ao fazer	Teórico	Prático	Teórico	Prático
Quanto ao objeto	Lexemas ou palavras	Lexemas ou palavras	Termos	Termos
Quanto ao recorte linguístico	Língua geral	Língua geral	Língua de especialidades	Língua de especialidades

Quadro 05: Resumo distintivo básico entre as ciências do léxico (Elaborado pelo autor)

Vale ressaltar que ainda que consideremos a Lexicografia e a Terminografia como sendo disciplinas práticas, advertimos, que na atualidade, ambas têm seu estatuto teórico, visto que para produzir obras lexicográficas e/ou terminográficas, sobretudo, numa perspectiva linguística, se faça necessário um conhecimento teórico sobre esse fazer lexicográfico e/ou terminográfico.

Depois desse resumo e de todas as diferenças aqui mostradas, atinamos para a necessidade de abordar na seção seguinte alguns conceitos relacionados à Socioterminologia, à Etnoterminologia e a Etnolinguística. Para compreendermos melhor os estudos modernos

relacionados mais precisamente ao intercambio nessas áreas, abordaremos a seguir alguns elementos essenciais para o entendimento do trabalho esboçado neste projeto.

4.8 SOCIOTERMINOLOGIA, ETNOTERMINOLOGIA E ETNOLINGUÍSTICA: A CHANCE À VARIAÇÃO

A relação entre língua e sociedade é tênue. Se considerarmos como social tudo o que o homem partilha com os seus semelhantes, observaremos que um dos aspectos mais fortes desta convivência em sociedade é o seu trabalho. É no trabalho que o homem se constitui, enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Ao se organizar em classe de trabalhadores e trabalhadoras, sobretudo, no trabalho, o homem partilha um grande percentual de sua existência. Nessa interação, social, histórica, étnica e cultural, ele também partilha a língua, em todos os seus aspectos, inclusive e, sobretudo, no léxico, nos termos que utiliza dentro do trabalho. É nessa perspectiva que a percepção da existência de termos técnicos de uma dada área de especialidade fez e faz com que se desenvolvam trabalhos terminológicos nas mais diversas áreas. Atinemos para o que argumenta Gaudin (1993, p.16),

[...] dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une *socioterminologie* peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux pratiques langagières concernées.¹³

O autor assinala que, assim como, da linguística estrutural se conduziu à sociolinguística, a socioterminologia necessita do real funcionamento da língua, restituindo-lhe toda as dimensões sociais que concernem às práticas de linguagem. Gaudin ainda adverte para uma visão mais abrangente da terminologia e, logo, para um caráter interdisciplinar e mais geral desta.

Contudo, como já é sabido, os primeiros trabalhos de abordagem terminológica não contemplavam os aspectos socioculturais que envolviam o domínio de estudo, bem como os fatores de variação não eram observados como traços preponderantes para o uso de um termo ou outro, para a possibilidade da existência de sinônimos, hipônimos, hiperônimos, polissemia

¹³ Traduzido livremente pelo autor: [] no mesmo movimento que levou à linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta o real funcionamento da linguagem e restaurar qualquer dimensão social como as práticas de linguagem relevantes.

e homonímia. Só a partir dos anos de 1980, com o advento da Socioterminologia, esses aspectos foram contemplados.

Embora a palavra socioterminologia tenha sido usada pela primeira vez por Boulanger, foi através dos trabalhos de François Gaudin que ela tomou impulso e tem se constituído, não só como metodologia, mas, sobretudo, como disciplina. Seu perfil se delineia entre a Terminologia e a Sociolinguística laboviana. Pesquisas modernas têm demonstrado os avanços tanto para a Terminologia, como para a Linguística e as áreas de especialidades. É extraordinária a sua contribuição no que tange à negação de um prescritivismo exacerbado da Terminologia.

Nesse sentido, a Socioterminologia deve encontrar pontos de reflexão que unam trabalho e linguagem, pois a linguagem usada pelo homem é reflexo de uma ação, ao mesmo tempo em que a linguagem orienta e atesta a atuação, ajudando na sua realização. Desta forma, acordamos com a argumentação de Gaudin (1993, p.216) ao assegurar que a Socioterminologia ultrapassa os limites da Terminologia propriamente dita, para trazer desde a origem do termo até sua recepção e aceitação, passando pelas práticas linguísticas e sociais concretas que o ser humano exerce dentro do seu campo de atividade.

Além dessa perspectiva socioterminológica, assim como a Terminologia numa visão mais moderna, há também um caráter prático. Pois tais elementos, como afirma Faulstich (1995, p. 282) vão dando à Socioterminologia estatuto de disciplina, que traz à baila investigações teórica e prática sobre o termo e suas variantes. A autora argumenta que, enquanto prática do trabalho terminológico, a Socioterminologia baseia-se na análise da circulação dos termos, e enquanto teoria, faz um estudo do termo numa perspectiva linguística e de interação social.

Conseqüentemente, essa pesquisa Socioterminológica deve encontrar suporte na Sociolinguística e na Etnografia. Da primeira, reproduz os critérios para a variação linguística dos termos no meio social e as possíveis mudanças. Da segunda, recebe a influência do fato de que os membros de uma sociedade, através da comunicação, geram conceitos interacionais de um mesmo termo ou diferentes termos para o mesmo conceito.

Está claramente denotado que a Terminologia tem evoluído para um trabalho socioterminológico; todavia, para que um trabalho tenha tal perfil é necessário que o terminólogo, como alega Faulstich (1995, p.282), assumam alguns procedimentos metodológicos, que vão desde a identificação do usuário da terminologia a ser observada, até delimitação do corpus e o registro do termo e suas variantes. Além desses procedimentos, é

importante salientar a seleção de documentação bibliográfica sobre o assunto, como a análise do funcionamento dos termos, a redação de obras terminográficas, entre outros.

A variação linguística está relacionada à Sociolinguística e à Socioterminologia, que utiliza-se desta concepção de variação, por meio da qual a Terminologia tem comprovado o caráter plurirreferencial do termo. Isso torna a variante um aspecto inerente à Socioterminologia. Essas variantes consideram os fatores sociais, situacionais, espaciais e linguísticos que interferem ou promovem o uso do termo. Na língua de especialidade, conforme expõe Faulstich (2006, 11), que é possível reorganizar as variantes, classificando-as desse modo, a se ver: *variantes concorrentes*, que são aquelas que concorrem entre si; *as co-ocorrentes*, que são as que tem duas ou mais denominações para um mesmo referente; e *as variantes competitivas*, que apresentam significados entre itens lexicais de duas línguas diferentes e a variação se efetiva por meio do empréstimo.

Observamos a probabilidade, portanto, de encontrarmos nas áreas de especialidades a existência da variação, o que nos faz avaliar que se possa compor como um trabalho socioterminológico, através do qual possamos ultrapassar os limites impostos pela versão mais tradicional da Terminologia, expondo as possibilidades de uso que uma língua de especialidade, enquanto domínio linguístico, influenciado por questões socioculturais e socioprofissionais, pode ter em sua composição. Em sua maioria, as variações ocorrem em função dos contextos dos discursos orais e escritos e são de origem temática ou nocional, com a finalidade de harmonizar um universo de discurso e proporcionar a efetiva comunicação ente interlocutores da área de especialidade ou mesmo externa a ela.

Já a Etnoterminologia trata-se um novo ramo da Linguística, dentro da Etnolinguística, que possui como objeto de estudo a variante cultural do termo, visto que as formas de agir e de pensar de cada universo discursivo é representado pelos termos utilizados pela comunidade. Estuda tanto a variação da língua em relação a cultura, como os aspectos dos usos linguísticos relacionado com a identidade étnica e intenta conhecer as diferenças entre as culturas e épocas históricas. Desta forma, a Etnoterminologia ao lado da Socioterminologia, estuda a variação linguística que ocorre com os termos, a partir de seus componentes sociais, históricos, étnicos e culturais em que estão envolvidos os falantes.

Portanto, essa abordagem metodológica aqui apresentada e todo este argumento oferecido, especialmente, neste capítulo, com esse enfoque tanto metodológico quanto analítico, é que faremos coro para acompanhar nossa pesquisa de enfrentamento teórico e

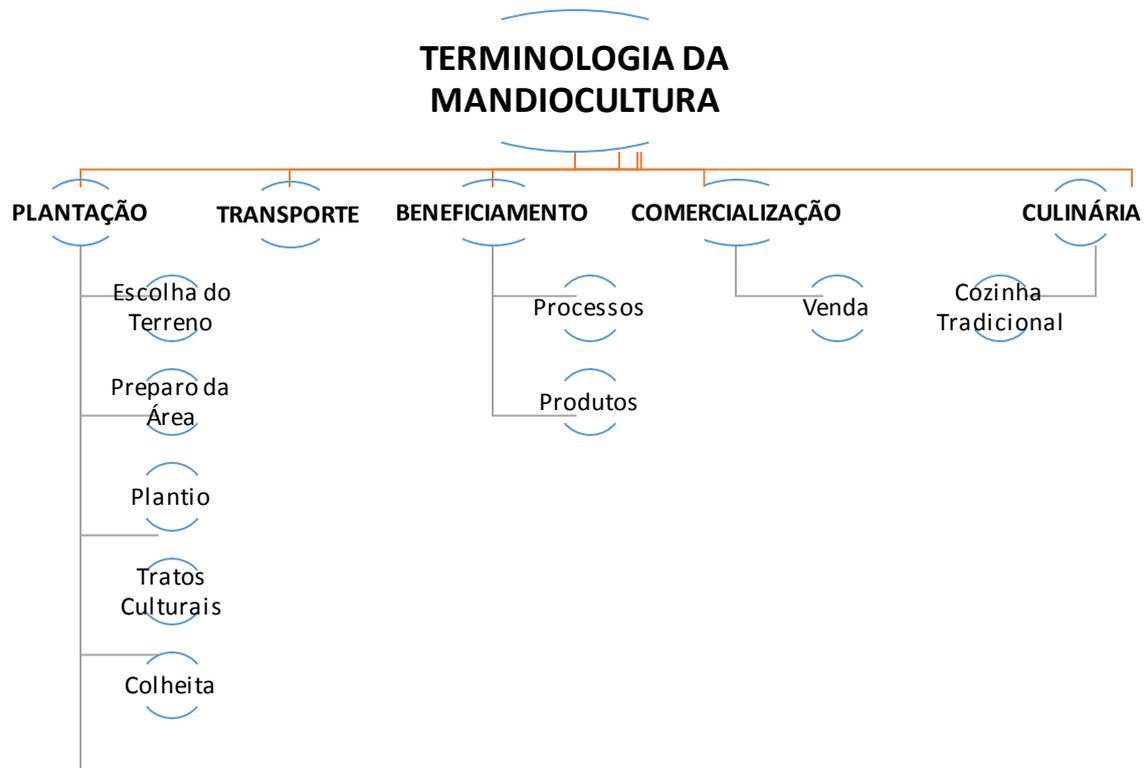
metodológico que referencia a prática da elaboração de nossa tese e do produto final da pesquisa, o Glossário Regional da Mandioca.

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Nossa pesquisa se caracteriza como um estudo teórico, de campo e descritivo que objetiva observar *in loco* o comportamento linguístico dos sócioprofissionais que trabalham com a mandiocultura na mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara, recolhidos através de entrevista semântico-lexical auto-regulada pelos pesquisadores na convivência e de um posterior questionário específico documentados em fotos e vídeos digitais.

O estudo está dividido em cinco campos e nove subcampos semânticos concernentes ao universo da mandioca e sua produção, como ilustra a árvore de domínio resumida no esquema a seguir:



Esquema 02: Árvore de domínio da terminologia da mandiocultura (elaborado pelo autor)

Os campos escolhidos são as etapas processuais da área da mandiocultura já observadas e selecionadas com o intuito de recolher o maior número de termos na região e no grupo de agricultores que trabalham na atividade. Fazendo uma análise quantitativa dos termos

quantificados no corpus chegamos a um montante de 1.550 termos, divididos nos cinco campos concomitantemente, conforme ilustrado na tabela a seguir:

Campos do domínio “Mandiocultura”	Quantidade de termos do campo
Plantação	928 termos
Beneficiamento	452 termos
Transporte	255 termos
Culinária	200 termos
Comercialização	155 termos
TOTAL	1.550 termos

Quadro 06: Resumo quantitativo¹⁴ dos termos dos ciclos da mandiocultura na pesquisa (Elaborado pelo autor)

5.2 CAMPOS E DOMÍNIOS DA PESQUISA

5.2.1 O domínio da plantação



Foto 06: Terreno após a a broca e queimada sendo preparado para a plantação da mandioca (elaborado pelo autor)

O primeiro campo é o da *plantação* que é parte maior do superdomínio, e inclui especificamente diversos subcampos, como: *A escolha e preparo do terreno* (quanto o mato é

¹⁴ O percentual quantitativo dos termos pesquisados, mostra uma hierarquia dos campos do maior para o menor, do campo Plantação, com mais da metade dos termos, do Beneficiamento, do Transporte, da Culinária e, por último, o campo da Comercialização. Alguns termos são pertencentes a mais de um campo perfazendo um total maior do que o apresentado no glossário.

nativo) em que estão envolvidas as atividades de escolha do terreno, a medição e a derrubada da vegetação e a queimada e o cercamento da roça; *A escolha das variedades de espécies* em que podemos descrever a morfologia da planta e das variedades conhecidas, as variedades de plantas consorciadas e as variedades de vegetação das ervas danosas à cultura, assim como, toda a ecologia do ambiente; e ainda, *O plantio e cultivo (em si)* que se expõe à preparação do solo, a feitura das mudas, a sementeira, o nascimento das mudas, os cuidados e tratos com as plantas e, por fim, o arranque da roça.



Esquema 03: Fluxograma da plantação: da escolha do terreno até o arranque (Elaborado pelo autor)

A escolha e o preparo do terreno para o plantio das mudas inicia quando o local de cultivo é selecionado. A partir daí, demanda a *derrubada*, com a tradicional broca para a retirada das plantas mais baixas ou rasteiras, com foices, roçadeiras ou facões. A seguir, temos a realização da derrubada da vegetação de maior porte com foices e/ou machados. A *brocação* serve de retirada dos paus que irão compor a cerca: os paus grossos serão usados como estacas e mourões para servirem de base de cercamento do terreno, enquanto que, os paus mais finos serão usados no entrançamento da cerca de madeira que é a mais comum e barata pro agricultor.



Foto 07: Cerca de madeira trançada usada para cercar a plantação de pequenos animais (elaborado pelo autor)

No período em que as plantas da área onde foi brocada estiverem secas, os trabalhadores procedem a *queimada* para a eliminação do restante da vegetação por meio do fogo na área roçada. Toda área é dividida em coivaras, que são locais de concentração de folhagens e paus secos provenientes da broca, que é assentado fogo, geralmente contra o vento para evitar incêndios generalizados, ou seja, evitar que o fogo se espalhe para outras propriedades.

Em nossas visitas às localidades de trabalhadores rurais na área pesquisada, pudemos constatar a ação da queimada em diversos terrenos, e nas entrevistas, podemos notar que é um sistema bastante usado para retirada da vegetação e limpeza do terreno por ser de fácil realização, embora seja uma ação considerada inapropriada pelo agricultor em decorrência da degradação ambiental. Mesmo assim, os agricultores não abrem mão deste uso, pois não tem recursos para uma mudança de atitude, como a utilização de máquinas, e mesmo dizem, não possuir demais conhecimentos ecoagronômicos para fazer diferente.

Após o processo de queima, o mato seco é quase todo destruído sobrando apenas alguns resquícios que são arrancados e novamente queimados. O solo fica com uma coloração preta acinzentada que serve como um tipo de adubo, na primeira vez de plantado, apresentando bom resultado, pois a cinza serve de fertilizante natural para as mudas ali enterradas. Porém, essas propriedades vão escasseando nos invernos vindouros revelando um quadro de esterilidade do terreno por conta deste hábito degradante. Muitas vezes, é necessário entrar com a *adubação* para manter a fertilidade do solo. Em conversas com os agricultores, eles mesmos demonstram preocupações com esta escarces provocada pela queima, porém, poucas alternativas são apresentadas para solucionar tal problema. Por isso, a cultura da queimada se perpetua na região mesmo que a “consciência” de que há uma perda ambiental, ecológica e agronômica para quem pratica esta ação.

Quando a matéria orgânica é queimada, geralmente sobram pontas de paus que constituíam os troncos e raízes, que podem ser retiradas na atividade da *destoca*. Muitas vezes, por conta do tempo, a destoca não é feita neste período, deixando os tocos pra ser arrancados nas capinas posteriormente, nos anos futuros. Outra atividade importante que se dá após a queima é o *cercamento*. Geralmente, só se planta depois de cercar, principalmente em áreas que ocorre grande movimentação de animais que podem constituir perigo à nova plantação. As cercas mais comuns são feitas mesmo com os paus retirados da broca da vegetação nativa, porém, há diversos tipos de cercas incluindo o uso de arames de aço, que é a mais segura para bovinos, moares, caprinos e ovinos, mas é a mais cara. A maioria dos envolvidos na pesquisa, por questões financeiras, se utiliza de cercas de madeira ou mista. Alguns agricultores se

utilizam da *técnica de aradar*, especialmente quando o solo é pedregoso ou duro, em alguns poucos espaços de cultivo. Muitos preferem não escolher solo deste tipo para não terem mais este trabalho que toma mais tempo e encarece a atividade final da mandiocultura.

A *escolha das variedades de espécies* sempre se dá antes de iniciar o cultivo, pois cada agricultor ter guardado, em encanteiramentos, seus troncos de manivas para fazer as mudas que serão usadas nas plantações futuras. É muito comum ocorrer a troca de variedades entre os agricultores favorecendo um manuseio de melhoramento genético da espécie que melhor se adapta ao solo e as qualidades de plantio na região. Tais condições são improvisadas sem o mínimo de conhecimento da ciência, pois estes contam somente com a experiência vivenciada dos anos anteriores de plantio. O conhecimento das variedades demonstra segurança e adequação ao solo, ambiente e ao tempo de arranca dependendo da finalidade da plantação.



Foto 08: Plantação consorciada com mandioca, milho e feijão comum na região (elaborado pelo autor)

Em seguida ao cercamento do terreno, a escolha da variedade a ser utilizada, e de todas as medidas anteriores já descritas, que se implementa, via de regra, antes do inverno chegar, dá-se a atividade fim: a *plantação* propriamente dita. Geralmente, o cultivo só é iniciado quando tem chovido e o chão se encontra bem molhado facilitando o enraizamento das mudas. Para que ocorra o plantio, o agricultor escolhe os melhores troncos de manivas de seu canteiro, que consiste apenas um local debaixo de uma árvore (geralmente um cajueiro, mangueira, ou qualquer planta de médio ou grande porte) onde ele deposita as manivas (troncos de maniveiras) do último arranque, de forma que tais troncos não sequem, e sim, enraízem na sombra da árvore e tornem-se verdes prontos para a estaquia. No dia da plantação, o agricultor corta com facão os paus grandes de maniva transformando-os em pequenos pedaços, de aproximadamente cinco centímetros, para a operação de *semeamento*, preparando, então as mudas que serão plantadas. Toda ação consiste em fazer as covas no terreno, com enxada ou enxadeco, em fileiras de um a

dois metros de separação, dependendo se a plantação for única ou consorciada; proceder o semeamento da muda, que nada mais é do que, o semeador ir atrás do covador, jogando em cada cova a muda da maniva preparada anteriormente, para, em seguida, o plantador realizar, enfim, a primeira fase da plantação, o plantio da muda.

O *plantio* é simples; o plantador, que geralmente vem depois do semeador, pega o pau de maniva semeado, ou seja, a muda semeada e enfina na cova feita pelo covador. As covas, na região pesquisada, são feitas com enxada ou enxadeco, pelo covador cortando o chão (solo) com três ou quatro golpes (dependendo da dureza do solo) deixando-o fofo para receber a muda. A forma de plantar que é muito comum, no ambiente em exame, feita com o intuito de afofar a terra (solo), é uma abertura fofa feita no solo, em carreiras distanciadas, aproximadamente, de 1 a 2 metros, na vertical e na horizontal do terreno, onde se semeia e planta os paus de manivas em pé, por estaquia. Geralmente, o covador tem que mapear o terreno para dividir em linhas horizontais e verticais que serão as carreiras de roças quando as mudas estiverem em desenvolvimento. Quando o plantio for em consórcio, o que é mais comum no local em observação, o milho e o feijão são cultivados entre os paus de manivas que são plantadas em primeiro lugar. As carreiras também são importantes para quando o agricultor for dar as chamadas “limpas”, que é a capinação do mato e das ervas daninhas que nascem próximas as mudas em desenvolvimento.



Foto 09: Carreira de mandioca capinada e após terceira limpa de verão (elaborado pelo autor)

Depois da efetivação da plantação, o cultivador tem que estar atento ao brotamento das mudas. Àquelas que não germinarem, em pelo menos quinze dias, após o plantio devem ser substituídas no *replantio*. A atenção daquele que é responsável pela plantação é redobrada para não perder nenhuma semente e garantir um bom desenvolvimento das mudas. Sua preocupação

com a falta ou excesso de umidade do solo, aparecimento de ervas daninhas, de animais invasores, ou de insetos nocivos que podem destruir a plantação na fase inicial e com isso, prejudicar o andamento da plantação, se expande. “Todo cuidado é pouco” em se tratando de proteger as plantas em crescimento.

Com o passar do tempo e o crescimento gradual da plantação, o produtor rural tem como sua maior preocupação, garantir a segurança dos vegetais. É então, que entra em cena, os tratamentos culturais; que são as atividades de limpeza do mato e os aguçamentos para livrar as plantas de pragas indesejadas. Na tradição regional da mandiocultura, os agricultores, em geral, oferecem de cinco a oito capinações na roça, até chegar o tempo da arranca. Não é uma conta exata, pois depende muito de fatores como as chuvas, o solo e as variedades plantadas, e de seu futuro desenvolvimento; porém, esta atividade é crucial para o estágio de maturidade das raízes.



Foto 10: Arranque da roça: mandiocas na espera para ser transportada para farinha (elaborado pelo autor)

Assim que a raiz está na fase adulta de desenvolvimento, alcançando o peso e tamanhos adequados para seu beneficiamento, dar-se o *arranque*; o agricultor junta um grupo de pessoas envolvidas no ramo, que vão cortando ou quebrando as partes aéreas, deixando apenas o tronco, que é de onde ele pega para puxar a raiz e realizar o arranque. O arrancador geralmente puxa as raízes com a mão, dependendo do caso, pode usar uma ferramenta como enxada ou enxadeco para retirar parte da areia fazendo um buraco para facilitar a saída da batata da mandioca sem quebra-la. Uma das primeiras preocupações de limpeza é feita mesmo antes de despenca-las do tronco que é um leve balançado na hora do arranque para cair a terra grossa que se encontra em volta do tronco. As raízes depois de arrancadas e separadas do pau da maniva ficam amontoadas no terreno à espera do transporte (ver ciclos da mandiocultura, anexo 2).

5.2.2 O domínio do transporte

Outro campo temático que se mostra importante, e que apresenta quantitativamente o terceiro lugar em número de termos, é o *transporte* das raízes para o beneficiamento na casa de farinha, e/ou ainda, para o armazenamento e/ou comercialização. A carregação da mandioca na região pesquisada se mostrou ainda muito simples sendo feita, na sua grande maioria, por tração animal. Esse domínio mostra termos retirados de ocupações como a pega e a preparação dos animais, o carregamento da mandioca e os cuidados que os carregadores tem com os animais após a condução da carga.

A condução das mandiocas é feita em lombo de animais como burro, cavalo e jumento, carroça puxada por alguns desses animais, e mais raramente, com carro motorizado como carros



Foto 11: Animais puxando carroça para transporte de gêneros da farinhada (elaborado pelo autor)

de carrocerias, *picapes*, e caminhões. Já a condução do material beneficiado, como as farinhas, gomas e borras, são geralmente feitos por carros e caminhões de carga, pois tem como destino as feiras, vendas e armazéns em áreas urbanas das cidades (ciclos da mandiocultura, anexo 2).

O transporte¹⁵ feito por animais e suas carroças é muito rico de termos que vão desde a pega do animal, passando pelo arreiamento, até finalizar com a condução do animal à capoeira para a coleta das raízes e do desembarque das mesmas na casa de farinha para fim de beneficiamento.

¹⁵ O transporte se dá em dois momentos: primeiramente, a condução das mandiocas dos roçados para a casa de farinha e em um segundo momento, após beneficiado os gêneros, se dá o transporte dos produtos e subprodutos da farinhada para o armazenamento na casa do produtor, ou se estes já forem diretamente vendidos, os comerciantes (atravessadores) os transportam para feiras, mercados ou mercearias para a venda ao consumidor final.

Esse campo, apresenta termos como atividades de pega dos animais, instrumentos de arreios e apetrechos de carga usados no animal para segurar a carga, modos e ações operativas com os animais e com a carga, como também, soltura e cuidados no trato com os animais na alimentação.



Esquema 04: Fluxograma do transporte das mandiocas feito por animais do roçado à casa de farinha (elaborado pelo autor)

5.2.3 O domínio do beneficiamento

A terceira categoria a ser descrita aqui é o **beneficiamento** das raízes na casa de farinha que é o processamento da mandioca para transformá-la em produtos comestíveis como as farinhas, as gomas, as tapiocas e beijus. Nas casas de farinha, a força de trabalho utilizada conta com grande participação feminina. As mulheres são as que, na maioria das vezes, ocupam-se do descascamento da mandioca, da lavagem e extração da goma e da fabricação dos beijus. A ralação, prensagem e torração, por serem atividades que demandam maior força física, está geralmente, na obrigação masculina.



Foto 12: Raiz da mandioca empilhada para o descascamento na casa de farinha (elaborado pelo autor)

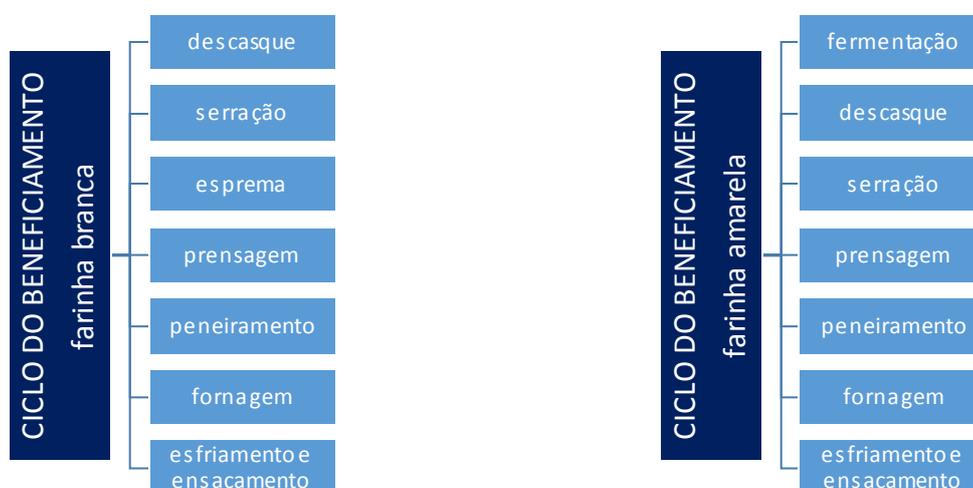
Esta etapa de beneficiar é de crucial valor no ambiente da mandiocultura e possui um grande número de processos que vão desde a raspagem das raízes, serração ou ralação para transformá-las em massa, prensagem e peneiramento da massa, lavagem e secagem e peneiramento da goma, e por fim, o aquecimento no forno para secar a farinha e a goma, e a feitura das tapiocas e beijus e derivados.



Foto 13: Instrumento em que se rala a mandioca descascada – o serrador (elaborado pelo autor)

Há processos distintos de produção das farinhas que são excludentes e realmente diferentes nas duas atividades: A produção da farinha amarela (farinha d'água) é feita de forma que só se produz este gênero, enquanto a produção da farinha branca permite que se produza mais gêneros como a massa, a goma, a borra e, conseqüentemente, os beijus e as tapiocas na casa de farinha. Essa é a atividade genuína da região.

É na produção da farinha branca que se dá a grande maioria dos casos observados nesta pesquisa, embora também, na região, possa ser registrados alguns casos de produção de farinha amarela, mas bem menos comum na atividade farinheira dos grupos inqueridos



Esquema 05: Fluxograma do ciclo de beneficiamento da farinha branca e da farinha amarela (elaborado pelo autor)

O esquema 05 mostra as peculiaridades descritas nas duas diferentes atividades da produção das duas farinhas: a farinha branca, mais comum na região, que vai do processo do descasque, da serração, da esprema (que é de onde se tira a goma e a borra), da prensagem, do peneiramento, da fornagem, ao esfriamento e o ensacamento para a armazenagem ou venda. A goma e a borra são retiradas da manipueira (água que ficou no tanque no momento da esprema) no processo da lavagem em que se deixa a manipueira “coarar”, ou seja, o líquido branco seja concentrado (parado) no fundo tanque formando uma “lama” sólida, que é lavada e retirada. A parte mais branca é a goma e a parte mais inferior, de cor menos branca ou arroxeadada é a borra. Ambas são levadas ao sol para secar para, depois, ser peneirada e ensacada. Algumas vezes, são levadas ao forno para adquirir uma textura mais grossa e ficar menos úmida. A goma é um produto nobre que tem mais valor do que a borra, que é um produto inferior, tanto que muitos agricultores, às vezes, nem se interessam em retirá-la deixando para outros, ou mesmo, despejando diretamente no barreiro, espécie de esgoto de manipueira.



Foto 14: Prensa de fusão usada para prensar a massa de mandioca na casa de farinha (elaborado pelo autor)

Já a farinha amarela, não gera outro produto senão a própria. Portanto, possui ciclos diferentes. Primeiro a raiz é pubada no processo de fermentação, em que ela fica de molho em tanques com água; em seguida, quando ela já se apresenta mole e meio apodrecida, vem o descasque para depois ser serrada; após a serração, ela vira massa puba e vai para a prensagem para ficar mais enxuta; logo em diante, temos o peneiramento para retirada dos excessos e a massa permanecer mais fina e homogeneia; para finalmente, ir para o forno para a secagem até



Foto 15: Forneiro mexendo farinha no forno quente da casa de farinha (elaborado pelo autor)

dar o ponto da textura (grossa ou mais fina) e o esfriamento para ser ensacada para o armazenamento, a comercialização e o consumo. A farinha amarela é mais cara que a branca; tal característica está fazendo com que muitos agricultores escolham produzir essa farinha para a venda, enquanto que a farinha branca (com seus associados) está sendo produzida muito mais para o consumo familiar (ver ciclos da mandiocultura, anexo 2).

5.2.4 O domínio da culinária

Outra categoria que se mostra de importância para a área é a *culinária*. A cozinha tradicional da região se utiliza dos vários produtos e subprodutos da mandioca para acolher diversos pratos montados com *farinha*, *farofa*, *pirão*, e ainda, outros regionais como o *beiju*, a *carraspanha* e o *grude*. É um campo que se integra ao beneficiamento, pois muitos dos produtos culinários também são produzidos em seu processo final na casa de farinha.



Foto 16: Feitura dos beijus e tapiocas no forno quente da casa de farinha (elaborado pelo autor)

Enquanto se beneficia a farinha, da massa, da goma e da borra, aproveitando a “quentura” do forno, se pode fazer uma infinidade de subprodutos comestíveis na própria casa de farinha. Alguns deles são as tapiocas, os beijus, os bolos, os doces, as carraspanas etc. Os processos de produção são parecidos, o que muda geralmente são os ingredientes.

Um bom exemplo disso é a tapioca de forno, que é feita com goma e massa, coco raspado e um “tiquinho” de sal. Misturados os ingredientes e molhados pra massa ficar bem “unida”, e com o forno bem quente, se coloca, com a mão mesmo, em punhados, a mistura despejada sobre o caco do forno; daí em diante, vai se espalhando para “afinar” a textura do produto com uma palheta deixando a massa mais fina, em formato arredondado, do diâmetro de uma bacia. Algumas mulheres, que são as tapioqueiras, na casa de farinha, colocam uma bacia (também se usa uma cuia) sobre a tapioca pra ela ficar aquecida em ambos os lados. Algum tempo depois, é hora da virada: com cuidado pra não se soltar os lados ou rachar, ela é virada é “encalcada” pra ficar inteirinha, manter o formato arredondado e homogêneo. Por fim, quando está bem cozida, é retirada do forno e dado o corte, que é uma forma de parti-la bem ao meio, especialmente porque, muitas vezes, ela é dividida para duas famílias ou pessoas, que fazem parte da farinhada.

Muitos outros subprodutos são ainda idealizados na cozinha das casas dos agricultores locais e servem de alimento, e muitos até, tem efeitos curativos para dar força e vitalidade a pessoas adoentadas em dietas de recuperação, como é o caso dos caldos (caldo de carimã ou caldo levanta defunto), as farofas, os pirões, os grolados, o cuscuz de massa, molhos, “bulins”, broas, petas, roscas etc que alimentam e nutrem a população local.



Foto 17: Feitura das *carraspanhas*, beijus de massa fina e seca para tomar com café na alimentação familiar
(elaborado pelo autor)

Assim sendo, nessa etapa, os termos foram descritos do próprio trabalho de processamento dos gêneros da mandioca na casa de farinha, incluindo os produtos e subprodutos feitos no forno, e também, dos subprodutos da mandioca feitos em casa, nas cozinhas locais como atividades que envolvem o preparo e deguste de pratos típicos da região e também do gosto geral (ver ciclos da mandiocultura, anexo 2).



Esquema 06: Fluxograma integrado do ciclos de beneficiamento e da culinária (elaborado pelo autor)

Por tudo isso que já mencionamos, a mandioca é o produto mais popular da alimentação brasileira. Como já vimos, ela pode ser aprontada de diferentes formas, e a farinha, que é o seu artigo basilar, é costumeiramente empregada por todas as camadas da população. A mandioca e a farinha estão presentes tanto nos pratos diários, dos mais simples, quanto em outros mais finos e sofisticados da sociedade.



Foto 18: Farofa com linguiça picada, alho, cebola, coentro, pimentinha e farinha amarela. (elaborado pelo autor)

O costume alimenta-se da mandioca ocupa lugar de destaque na cozinha nacional e regional desempenhando um relevante papel na constituição das identidades culturais. Quem não gosta de uma boa farofa, que nada mais é que farinha escaldada ou torrada, geralmente passadas na gordura ou na manteiga, nas quais podem ser acrescentados inúmeros outros ingredientes, como o toucinho de porco torrado, uma linguiça, um ovo, um peixe ou carne assada. Outro conhecido prato que constitui nossa alimentação é, o não menos conhecido, pirão: uma papa de farinha de mandioca misturado ao caldo quente. Podemos preparar o pirão com diferentes tipos de caldos; porém, o mais comum é feito com a mistura da farinha branca ou amarela com a água, em que se cozinha peixe, carne, ovos, ou até legumes como feijão, formando uma papa viscosa que é comida como acompanhamento ao prato principal.

Consequentemente a tudo que já mencionamos sobre a culinária, essa etapa é de suma importância pois constitui a atividade fim de todos os processos, afinal o objetivos de plantar, transportar, beneficiar, comercializar, cozinhar é finalizada na alimentação. Essa cultura de se alimentar usando derivados da mandioca é o que “alimenta” todos os processos descritos neste trabalho, e é, contudo, essencial para o agricultor que trabalha na atividade e ao mesmo tempo se utiliza diretamente do processo para sua própria vida, da sua família e da sua comunidade.

5.2.5 O domínio da comercialização

Por último, porém com também extrema importância, exporemos a **comercialização**¹⁶ que faz parte desta cultura e é o campo que finaliza o processo total. É de tal valor pois finalmente o agricultor poderá vender sua produção e também ter uma renda econômica que lhe dará acesso a continuação do ciclo da atividade.

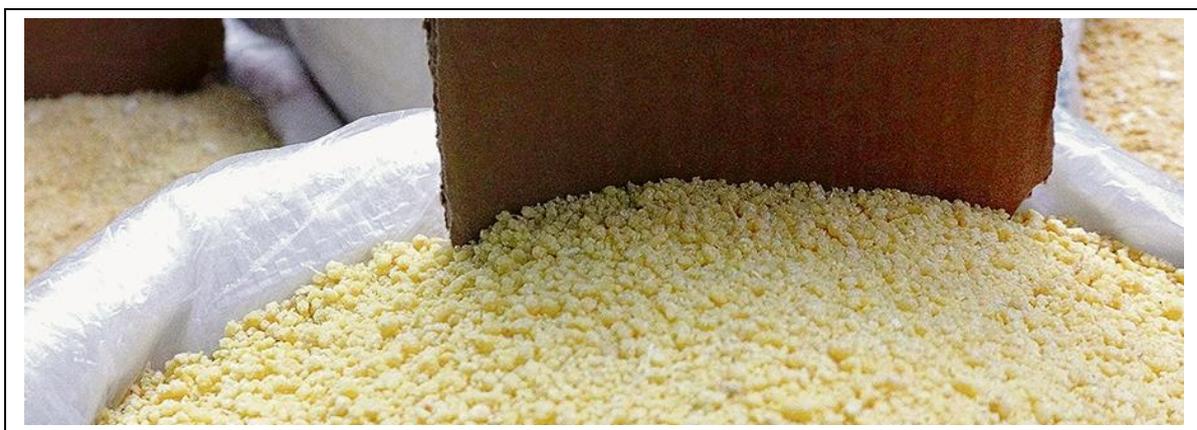


Foto 19: Saca de farinha branca grossa exposta em mercearia local pra venda no retalho (elaborado pelo autor)

¹⁶ A Comercialização é o campo que tem menor número de termos, comparando com os demais; isto pode demonstrar uma desestimulação econômica atual na área que fica muito mais restrita a um produto familiar e comunitário do que uma atividade de comercialização, propriamente dita.

Nesta categoria poderemos encontrar termos que se encadeiam com a medição dos gêneros produzidos, o transporte destes mesmos gêneros para feiras, mercados, armazéns, e/ou armazenagem destes para a venda em momentos posteriores quando o preço for mais rentável ao agricultor.

A atividade de venda, por ser pouco valorizada economicamente, muitas vezes, desestimula o produtor rural a beneficiar a mandioca fazendo com que ele comercialize suas raízes *no pau*, ou seja, *in natura*, vendendo-as à fabricas de farinha e fécula que produzem em grande escala. Desta forma, a atividade fica pelo meio, deixando o agricultor de desfrutar do seu próprio produto e desfazendo-se, assim, de uma cultura que vem a séculos sendo ensinada e apreendida de pai pra filho. Este é também um dos motivos pelos quais este trabalho está sendo feito: para preservar a cultura tradicional da mandioca que atualmente está cada vez mais escassa na região, e também em todo estado do Ceará.

Portanto, podemos descrever o complexo sistema apresentado pela mandioca que compreende um conjunto articulado de aspectos históricos, econômicos e socioculturais que lhe confere posição peculiar entre os demais artigos agrícolas produzidos. A mandioca é, sem sombra de dúvidas, a economia de subsistência para boa parte da população rural, produção artesanal e industrial, relações sociais de produção familiar, comunitária e/ou assalariada, alimento básico da população mais pobre, importante componente do sistema culinário brasileiro, tradição histórica e valores culturais, que manifesta múltiplas dimensões da vida social, assim, configurando-se como um fato social irrestrito.

5.3 A PESQUISA E SEUS TRÁMITES: DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO

Este estudo e o Glossário Regional da Mandiocultura, que aqui está sendo apresentado, documenta os fatos ocorridos em cada etapa da mandiocultura e, visa também, conservar a cultura através da pesquisa da linguagem dos sócioprofissionais da mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara.

Esta documentação foi empreendida em contatos com grupos, na pesquisa, que como já elencamos, nos utilizamos de entrevista documentada (gravada em áudio, com uma duração aproximada de uma hora a duas horas e com fotos, sempre que possível), de acordo com o tema geral e o especificado, e este material gravado foi transcrito grafematicamente (e depois,

foneticamente, para o glossário) para um inventário geral dos dados terminológicos, retirados do discurso oral dos sujeitos pesquisados com o objetivo principal de montar o *Glossário Regional da Mandiocultura*. Na coleta de dados, foram feitas observações recolhidas *in loco* retratando a convivência direta nos locais de trabalho de cada atividade do produtor rural (como nos terrenos e nas capoeiras de roça, nas casas de farinha, nos mercados e feiras livres, e também, nas cozinhas das casas dos trabalhadores e onde mais se fizesse necessário as observações) e a gravação feita em celular com microfone de voz digital durante as entrevistas com os trabalhadores escolhidos por critérios socioculturais como tempo de atividade, conhecimento na atividade (experiência) no cultivo da mandioca, e também, por disponibilidade e interesse de divulgar seus conhecimentos na área.

5.3.1 Formação dos grupos de informantes e a região escolhida

A pesquisa foi feita com 40 profissionais atuantes na área da mandiocultura na *mesorregião do Noroeste Cearense* que é uma das sete mesorregiões do estado, especificamente na *microrregião do Litoral de Camocim e Acaraú*. A população da microrregião foi estimada em 2005, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 247.331 habitantes e está dividida em doze municípios, possuindo uma área total de 8.666,728 km². A pesquisa dará ênfase à região próxima a desembocadura do Rio Acaraú acima e abaixo, nos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara. A escolha dessa região se dá em função da importância da cultura da mandioca no âmbito socioeconômico nestes municípios, e um pressuposto de que grupos de famílias que habitam essas regiões abaixo do rio Acaraú, agregam uma variedade linguística e cultural em comum, variedade(s) essa(s) que demonstraremos na seção de análise desta tese.



Mapa 06: Microrregião *do Litoral de Camocim e Acaraú* representado nos mapas do Ceará e do Brasil (IBGE)

A região específica foi escolhida e formulada dentro das possibilidades e condições de disponibilidade dos informantes, visto que em pesquisa deste tipo, a programação e o planejamento ficam sempre dependentes dos inqueridos que tem que ter um tempo livre e aceitável para os contatos e as condições necessárias para a coleta do material. Depois de contarmos órgãos como associações comunitárias, sindicatos de trabalhadores rurais e prefeituras, chegamos aos grupos e comunidades de agricultores em que se queria aplicar a pesquisa, formatando, assim, o mapa geolinguístico dos informantes do glossário com os pontos de inquérito.



Mapa 07: Região específica da pesquisa incluindo áreas dos municípios (Elaborado pelo autor)

Para a seleção dos informantes pesquisados¹⁷, levamos em consideração o seguinte perfil: pessoas de ambos os sexos, que sejam nativos da localidade pesquisada, que tenham trabalhado grande parte de sua vida na atividade de mandiocultura, aposentado(a)s ou, ainda, em atividade, de acordo com o quadro abaixo:

Informantes	Sexo		Idade			Tempo de Atividade			Escolaridade	
	M	F	18-35	36-45	+ 45	5-10	11-20	+ 20	Não alfab.	Ens. Fund.
Acaraú	5	3	2	2	4	-	3	5	07	01
Bela Cruz	5	3	2	1	5	1	2	5	05	03
Cruz	10	6	-	2	14	-	3	13	10	06
Jijoca de Jericoacoara	5	3	-	3	5	-	2	6	06	02
Total	25	15	4	8	28	1	13	26	26	14

Quadro 07: Distribuição por local e perfil dos informantes (elaborado pelo autor)

¹⁷ Para o informante da pesquisa, sujeito inquerido, nos referimos também com as denominações: agricultor, camponês, homem da zona rural, homem do campo, lavrador, produtor rural, ou simplesmente, trabalhador rural.

Cada informante foi convidado a colaborar voluntariamente, após os contatos iniciais com os órgãos indicadores como sindicatos de trabalhadores rurais, sindicatos de agricultores familiares e secretarias municipais de agricultura de cada municípios envolvidos. Depois dos primeiros contatos, fizemos as vivências de acordo com um protocolo referendado e programado pela pesquisa conforme *approach* metodológico¹⁸.

5.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PRÁTICOS DA PESQUISA

5.4.1 Etapas metodológicas

Para a execução da pesquisa em toda a sua extensão, tornou-se imprescindível relacionar três momentos distintos pertinentes ao alcance dos objetivos específicos listados no projeto. Essa relação é demonstrada no quadro 08, a seguir:

Primeiro momento: desenvolver um estudo que servirá de base teórica da pesquisa, seleção dos sujeitos, organização e implementação dos contatos e efetivação das entrevistas e questionários orais, e outros dados documentais que serviram de base para elaboração do futuro glossário.

Segundo momento: nesta fase, planejamos transcrever as entrevistas, quantificar e tratar os dados dinamizando-os e avaliando-os em suas árvores de domínio. Também, ainda aqui, podem ser aferidos valores estatísticos para a avaliação geral e/ou específica das lexias para a entrada ou não no glossário através do teste de fiabilidade.

Terceiro momento: Nesta última fase, realinhamos os tópicos do glossário na pesquisa, separando-os, tratando-os e elaborando em definitivo as lexias retiradas dos resultados da pesquisa e compondo suas definições e alimentando o programa do glossário *Lexique Pro 3.6* em versão CD-ROM.

Quadro 08: Ilustra as etapas da execução da pesquisa e a confecção do glossário (Elaborado pelo autor)

¹⁸ A metodologia usada não prevê número igual de informantes em cada célula, mesmo porque a pesquisa dialetológica e etnográfica não possui cunho quantitativa em si. O *design* privilegiou os locais de cada município com uma quantidade possível e desejável de informantes e seus perfis são mais de natureza qualitativa (aleatória) que quantitativa, diferindo destes termos do fazer sociolinguístico.

Em suma, os procedimentos metodológicos, dentro do possível, seguiram a linha de ação metodológica com base na pesquisa e nos objetivos do trabalho ora apresentado. Muitas das tomadas de posição metodológica se basearam em preceitos dialetológicos e etnolinguísticos.

5.4.2 Pesquisas teórico-práticas

Inicialmente foram realizadas pesquisas bibliográficas nas linhas da Dialetologia, Etnolinguística, Sociolinguística e Fonética, e nas ciências do léxico, Lexicologia e Lexicografia, Terminologia e Terminografia. Leituras essas que foram sugeridas nessas áreas com a finalidade de levantarmos a discussão da pesquisa.

Ao mesmo tempo que deu-se o estudo bibliográfico, a pesquisa de campo era planejada e executada como os contatos, conversas e aplicação dos questionários e entrevistas semidirigidas que foram realizadas no espaço geográfico da microrregião, bem como a gravação do discurso, de fotografias e de vídeos, que serviram de base para constatação de nossas hipóteses e, conseqüentemente, para a confecção do glossário terminológico.

Após os primeiros contatos com os informantes, foram realizadas as entrevistas e aplicação dos questionários de confirmação e fiabilidade. Conforme as entrevistas iam sendo feitas, fomos fazendo as tabulação de dados e os estudos estatísticos do conteúdo para aferimos os candidatos a termos do glossário. Após a coleta de termos e expressões típicas da região em estudo, confeccionamos uma lista provisória dos elementos terminológicos com a posterior identificação das isoglossas terminológicas candidatas a termos do glossário, prevendo assim a publicação destes termos. Posteriormente ainda realizaremos as análises dos dados e de demais resultados da pesquisa que constituíram a confecção desta tese e, em anexo, do Glossário Regional da Mandiocultura.

5.5 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa se instrumentaliza de ferramentas que possam apresentar resultados qualitativos e quantitativos na captação do discurso oral dos inqueridos que é de onde vem toda informação linguística básica para a pesquisa e para formação do glossário terminológico. Como já foi mencionado anteriormente, empregamos na coleta de informações, entrevistas orais semântico-lexicais auto-reguladas pelos pesquisadores na convivência com os pesquisados e de um posterior questionário específico. Todos os contatos orais que se constituíssem de instrumentos importantes ficaram recolhidos fisicamente em aparelhos de

gravar a voz em formato MP3 e de fotos digitais gravados em câmera digital, visto que, tudo isso se constitui um corpus coletado e armazenado para a análise do pesquisador e de seu orientador.

Para tanto, e fins de organização da documentação, elencaremos os modelos de fichas que foram aplicadas no processo de captação e tratamento dos dados: Ficha de localidade e dos informantes, Questionário específico aplicados aos informantes, Entrevista aos informantes, Ficha terminológica e Ficha de transcrição ortográfica das entrevistas (ver anexos).

Na pesquisa socioterminológica, para que ela seja bem desenvolvida devemos levar em conta os princípios básicos da etnografia, que para Hammersley e Atkinson (1983 *apud* FAULSTICH, 1995b, p. 17), o etnógrafo deve participar do cotidiano das pessoas de forma aberta e velada, colhendo informações disponíveis que permitam perceber os temas referentes ao ambiente em estudo.

Por tudo isso, e para dar cabo das observações e das entrevistas, duas técnicas são imperativas para a pesquisa no fazer socioterminológico. A entrevista pode ser estruturada ou semiestruturada, dependendo dos objetivos, atentando sempre para indícios na interação oral com os inqueridos. A observação também poderia ser participante ou não-participante, uma vez que os princípios etnográficos podiam possibilitar uma melhor compreensão dos aspectos socioculturais que envolvem os conhecimentos sobre a fato perquirido.

Advogando ainda com Faulstich (1995b, p. 19), defendemos que a pesquisa socioterminológica demanda métodos procedimentais que passam pela etnografia sendo imperativo a observação de algumas características para a apreensão de fatos socioculturais, que descrevemos no quadro 09, em seguida:

- *Características da empresa, da instituição em que a terminologia é originada:* engloba a tipologia da atividade, a divisão do trabalho, as redes de comunicação, como também a frequência da interação no plano horizontal e no plano vertical e o impacto das novas tecnologias sobre a produção e sobre a linguagem entre outros.
- *Características do pessoal:* refere-se os postos que ocupam, a formação profissional, como o nível de especialização e de qualificação, tempo de serviço na área, a idade, como também, as condições e frequência de atualização etc.

- *Competência e os usos linguísticos*: faz referência ao tipo de comunicação mais usada (falada, escrita), o domínio e/ou emprego de terminologias, consulta a obras de referência, interesse pelas línguas de especialidade, desenvolvimento de pesquisa dentro da empresa, difusão de terminologias por meio de obras específicas entre outras.

Quadro 09: Resumo das características procedimentais em Faulstich (Elaborado pelo autor)

Com o foco em todos os fatos já descritos, na observação propriamente dos fatos, outras formas de inquéritos foram necessárias por terem maior produtividade e deixarem os pesquisados mais à vontade para se expressarem: foi a técnica de inquérito grupal sem gravação. O pesquisador foi deixando o grupo falar a vontade enquanto outros menos eloquentes iam confirmando as informações sem perguntas expressas formais. Esta ferramenta também foi utilizada para captar dados e constituir *corpus* para a pesquisa. Eram grupos que estavam em atividade laboral na casa de farinha, nas plantações, nas cozinhas, em feiras e mercados, em atividade de produção propriamente. Estas informações são muito relevantes pois se comprovam na lida e experiência com o trato com a mandiocultura. Essa característica da pesquisa é também reconhecida pois se aproxima da etnolinguística quando o pesquisador convive e participa dos eventos em que os pesquisados estão envolvidos na prática. Anotações foram feitas e em alguns casos, gravações foram consolidadas com esses grupos focais permitindo registro formal especialmente para confirmação de termos e explicações elucidativas nas formulações de conceitos.

Por outro lado, Marconi e Lakatos (2003, p. 193) advertem que, na observação não-participante “[...] o pesquisador toma contato com, a comunidade, grupo ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela: permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador”. Já a observação participante requer que o pesquisador se incorpore ao grupo, confunda-se com ele e fique tão próximo quanto um membro do grupo. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 194). Enfim, tais técnicas ficam bem claras para o pesquisador e ficaram definidas previamente, fazendo com que este tenha bastante consciência e alternativa em usar tal recurso, de acordo com a situação da pesquisa adaptando-se ao percurso.

Para fins práticos, apresentaremos a sequência de ações em campo para o desenvolvimento da pesquisa: após a seleção do informante e o estabelecimento do primeiro contato, foi preenchida a ficha da localidade, antes mesmo do contato no local marcado com o

informante. No dia do encontro, que optamos por fazê-lo em local indicado pelo entrevistado, geralmente em sua casa ou no seu ambiente de trabalho, fizemos a aclimação do informante distraíndo-o com perguntas evasivas e gerais, e explicamos o objetivo geral, sem tocar no tema linguístico, para que não haja falseamento nos dados em pesquisa. Tranquilizamos o entrevistado sobre o sigilo do conteúdo da entrevista, tentamos deixar um ambiente leve e despreocupado para o informante e explicamos-lhe que o estudo é mais para conhecer a atividade da mandiocultura e os conhecimentos dele sobre agricultura no geral, que ficarão restritos à pesquisa acadêmica no âmbito da universidade.

A partir daí, explicamos a necessidade de gravação e das fotos, e tentamos deixar o informante bem à vontade para procedemos a gravação da entrevista semiestruturada. A aplicação da entrevista e do questionário aos informantes foi documentando *in loco* com gravador digital e sempre, após esta fase, procuramos fotografar com câmera digital algumas peculiaridades locais e características da mandiocultura da região. Este contato foi previamente agendado em horários receptivos que aconteceram manhã, tarde e, algumas vezes, se estenderam à noite; tendo, em geral, uma duração de até duas, sendo a entrevista ocupada por duas a três horas de intercâmbio. Algumas socializações nas casas de farinha, ou nos cercados de plantação foram feitas em horários laborais, incluindo a presença do pesquisador bem cedo da manhã (casos que acompanhamos a arranca da roça, no roçado) e a noite (quando do beneficiamento, na casa de farinha).

Com base nos dados orais gravados nas coletas por meio das entrevistas, ouvimos as gravações das entrevistas e do questionário específico, em ambiente calmo e silencioso, para em seguida constituir a análise do material terminológico. Usamos um procedimento de coleta escrita, em que cada entrevista de cada informante se transforma em um corpus terminológico individual em sua ficha. A leitura minuciosa do corpus textual e a seleção de termos, feita nos contextos das entrevistas, são indispensáveis para os seus registros em fichas terminológicas de cada informante que concorreram para termos de entradas no glossário. Por fim, fizemos as operações do conteúdo (análise, avaliação e diagnóstico de materiais existentes, planejamento e execução de atividades terminológicas) que objetivam a criação, o desenvolvimento e a manutenção do arquivo terminológico, da base de dados da área temática da mandiocultura que inventaria o Glossário Regional da Mandiocultura, organizando cada entrada, dentro do programa *Lexique pro 3.6*, constituindo a fase final do estudo.

5.6 COLETA: INQUIRIDOR E REGISTRO DOS DADOS

Gilliéron, para o *Atlas Linguistique de France*, optou pelo trabalho de um único entrevistador, no caso, Edmond Edmont; posteriormente, outros pesquisadores passaram a defender a participação de vários investigadores na fase da coleta dos dados. No caso do nosso trabalho, como se trata de uma tese de doutorado, considerei indispensável realizar o trabalho de campo sendo eu o único inquiridor, no entanto, reconheço que esse procedimento colabora para que a coleta fosse o mais homogênea possível e o pesquisador (doutorando) tem um domínio total do processo, o que também, facilitou sobremaneira a transcrição fonética e grafemática dos termos para o Glossário Regional da Mandiocultura retirados das entrevistas orais.

5.6.1 Formulação e preenchimento das fichas

O preenchimento das fichas terminológicas foi feita apenas após a análise das transcrições dos documentos orais e a transposição dos dados terminográficos com registro dos dados relevantes e pertinentes sobre cada unidade terminológica que foi concebida por nível de importância, isto é, de manifestação no discurso dos inqueridos. Os critérios para organização do glossário que foram levados em consideração, apresento, no quadro 10, a seguir:

- Termo-entrada: termo propriamente dito que pode ser constituído de uma ou mais palavra;
- Transcrição fonética (cujo objetivo é conhecer a variedade e apresentar o dialeto);
- Domínio de aplicação do termo;
- Classe lexical e categoria gramatical;
- Conceito do informante para o termo e explicações agregadas complementares (quando foi necessário ampliar e confirmar tais conhecimentos, fizemos uso de pesquisa bibliográfica para complementação da informação);
- Os termos equivalentes encontrados no corpus (variações);
- Remissiva: conceitos relacionados e informações sobre relações de significação mantida entre o termo-entrada com outros termos do mesmo campo semântico ou conceitual (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia);
- Exemplos de uso em contexto (optamos pelo uso de termos mais difíceis de serem explicados e a contextualização do termo foi feita em frase reconstruída);

- Notas gerais e observações sobre o comportamento semântico do termo;
--

Quadro 10: Resumo explicativo dos elementos de composição do termo no glossário (Elaborado pelo autor)

Optamos por não incluir o contexto de atualização do termo (fonte da informação) e nem mesmo a designação do informante (código do informante) diretamente no glossário, e sim, nas fichas catalográficas de confecção dos termos por informante (em anexos). Essa opção se deveu para deixar o glossário mais conciso e mais moderno para consulta, visto que fazem parte das comprovações da pesquisa e podem figurar apenas nos anexos da tese. Essa medida retira as frases entrecortadas geralmente encontradas em trabalhos dialetológicos tradicionais, porém, como este trabalho tem também como objetivo o público escolar, achamos por bem direcioná-lo para um produto mais lexicográfico, que enfatiza neste momento mais o público leitor.

Quanto as frases abonadoras que constam como exemplos de uso, foram inseridas em apenas alguns termos, justamente naqueles que tem ocorrido maior estranheza e dificuldade de compreensão. No glossário como um todo, há cerca de cinco por cento de frases abonativas, que são os termos correspondentes a processos ignorados, instrumentos mais desconhecidos e verbos usados em contextos de pouca utilização na língua geral.

5.6.2 Organização do glossário

Para a organização do glossário e a delimitação da nomenclatura foram considerados prioritariamente os termos usados pela comunidade retirados dos inquéritos com os informantes, que se engajaram nos campos e subcampos envolvidos nos processos culturais equivalentes a mandiocultura. A organização interna da obra deu-se a partir de três componentes estruturais: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas.

Alguns critérios para seleção dos termos do vocabulário que constarão no glossário serão os termos que denominam funções, produtos e subprodutos, processos, instrumentos e equipamentos usados pelos atores sócias participantes das atividades da mandiocultura na mesorregião noroeste cearense, na microrregião do litoral de Camocim a Acaraú, especificamente localizada abaixo do Rio Acaraú, nos territórios dos municípios de Acaraú, Bela Cruz, Cruz e Jijoca de Jericoacoara, como também, os termos que caracterizam o universo socio-histórico-étnico-cultural das pessoas que convivem com as comunidades envolvidas, haja visto, a vasta expansão geográfica da área em que se encontram os pesquisados.

Quanto a macroestrutura, os termos aparecerão no glossário tanto onomasiologicamente, como semasiologicamente, visto que o material estará exposto em um CD-ROM e também poderá ser acessado impresso. Sempre que possível acrescentaremos ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc) relativos aos termos catalogados. A versão impressa disponibiliza um glossário com índice remissivo em ordem alfabética.

Quanto a microestrutura, os verbetes encontrados no Glossário Regional da Mandiocultura, em geral, possuem a seguinte composição: termo-entrada, categoria gramatical, transcrição fonética, gênero, definição, contexto de uso, remissiva, nota explicativa, e podendo apresentar também, fotos. A finalidade da nota explicativa é trazer informações de particularidades semânticas e enciclopédicas dos termos consideradas relevantes para a compreensão dos mesmos.

5.6.3 Inserção dos termos no programa

Os elementos terminológicos pesquisados foram sendo inseridos no programa *Lexique pro 3.6*, na fase final da pesquisa, após a avaliação geral dos termos em uso com critérios de frequência e importância no campo terminológico. Tais fatores foram calculados quantitativamente na base do programa que dá elementos quantitativos e elenca fatores de análise na própria base do glossário. Para ilustrar nosso trabalho, mostraremos os processos e as etapas em que a pesquisa se encontra tendo em vista que os dados podem ser colhidos, analisados e inseridos na base de dados do glossário:

1. Nos contatos com os pesquisados, gravação dos dados orais das entrevistas e questionários com observações *in loco*;
2. Transcrição dos dados de cada informante em fichas escritas ortográficas individuais;
3. Avaliação previa dos dados transcritos para a composição dos candidatos a termos;
4. Inserção dos dados relevantes transcritos de cada informante com o objetivo de apresentar a frequência e a importância dos candidatos a termos perfazendo um cálculo de fiabilidade quantitativa;
5. Em seguida, fez-se o julgamento final do candidato a termo e a admissão do termo pesquisado e a inclusão no *Lexique Pro 3.6*, que armazena e apresenta as entradas na base de dados, para assim, formar o *Glossário Regional da Mandiocultura*, que se constitui no formato digital (CD-ROM) e no formato convencional (impresso).

6. A constituição do conceito parte do *corpus* para constituir a entrada, e em seguida, quando necessário, percorrer uma pesquisa bibliográfica, em que estão envolvidos fontes de base como dicionários, glossários e livros físicos e digitais (na rede), das áreas abrangentes e específicas. Alguns casos, foram necessário ampliar a pesquisa na confecção do conceito por escassez de informação dos inqueridos. Casos especiais, da fauna e da flora local que demandou uma pesquisa regional quando os informantes tinham pouco ou não tinham conhecimento de algum termo mais técnico e específico¹⁹.

Já a transcrição fonética das lexias que se tornaram termos do glossário foram exclusivamente cunhadas²⁰ das entrevistas após apuradas audições e confirmações auditórias em que utilizou-se o *Internacional Phonetic Alphabet* (IPA), Alfabeto Fonético Internacional, com um número reduzido de sinais e diacríticos, com a finalidade de simplificar a leitura dos elementos e maior compreensão dos dados no glossário. Optamos por uma transcrição ampla e geral dos termos, porém, por ser auditiva e ter sido levada a efeito sem o uso de instrumentos de fonética experimental ou sofisticações técnicas, não enfraquece sua importância, perante a acuidade com que ela foi perpetrada. A impossibilidade de uso de aparelhos de precisão na captação sonora da fala dos inqueridos foi, na realidade, uma imposição metodológica devido a dificuldade de gravação em ambiente diverso como campos abertos, ou ainda, em locais com sonorização múltipla de fala humana e sons mecanizados, que impedia a qualidade acústica.

Na realidade a aplicação de tratamento acústico nunca foi nossa meta atingir, pois a tradição de estudo da dialetologia e da etnolinguística tem sido priorizar muito mais a integração com o informante. Porém, é importante frisar que todas as entrevistas foram ouvidas em ambiente adequado pelo pesquisador, que testou a transcrição feita, propondo um redesenho quando o termo apresentava diversidade e variação.

5.6.4 Um pouco mais sobre o programa e o glossário

O *software Lexique Pro 3.6* tem como objetivo a elaboração de dicionários e glossários eletrônicos e contém recursos bastante empregados por pesquisadores da área linguística, criado

¹⁹ Em alguns casos na pesquisa, alguns inqueridos conheciam o termo, por exemplo, um vegetal, com seu nome popular regional, porém, o que é natural, não sabiam dar informações mais detalhadas ou descrever o tipo de arbusto. Nesses casos, foi necessário alargar a pesquisa bibliográfica em livros, manuais e listas de termos da área para se conseguir um conceito mais preciso com o objetivo de transmitir maior informatividade para o termo, conforme prega a lexicologia e a terminologia, de modo geral.

²⁰ A cunhagem do termo e a posterior transcrição fonética foram retiradas exclusivamente do *corpus* oral gravado e/ou observado *in loco* na região inquerida. Dessa forma, fica garantida que a pesquisa revela os termos do glossário e que são elementos linguísticos genuínos da variedade de fala usada na região inquerida.

pelo instituição europeia, não-governamental e sem fins lucrativos *Summer Institute of Linguistic* (SIL), INC. que desenvolve programas gratuitos de processamento de linguagens e pode ser encontrado no *síte* <<http://www.lexiquepro.com>> disponibilizado de graça para qualquer um que por ele se interessar. Este programa é recomendado para aquele que desejar elaborar dicionários ou glossários em suporte eletrônico *on line* ou *off line*, permitindo o gerenciamento de arquivos e a geração de documentos em formato *Word* ou *Web*.

O glossário eletrônico *on line* pode ser consultados em rede (*on line*) pelo acesso à Internet e “oferece ao usuário enormes vantagens pela facilidade que supõe o acesso em qualquer momento a múltiplos repertórios das mais variadas áreas ou domínios” (PONTES, 2009, p. 54). Ultimamente, os dicionários eletrônicos *off line* possuem formato em *CD-ROM* e apresentam como vantagens a capacidade de armazenamento de um número expressivo de informações e a possibilidade de acesso imediato e rápido a todas elas. O *Lexique Pro na versão 3.6*, que foi o que usamos nesse trabalho, tem uma interface intuitiva que permite sua manipulação em uma configuração rápida e segura, e possibilita, ainda, a concepção de um banco de dados interativo do tipo *shoebox* e *toolbox*.

A inserção dos dados linguísticos no banco de dados em cada campo é codificada por meio de etiquetas pré-definidas pelo código, ou seja, indicadores de entrada pelos quais cada parte da estrutura do verbete vai sendo organizada. O terminólogo deve ter claro os critérios que norteiam a organização estrutural do glossário para formatá-lo em concordância com os objetivos escolhidos pelo produto terminológico. Portanto, a inserção e a possibilidade de ajustar alguns recursos disponíveis pelo programa de acordo com as necessidades específicas do projeto de elaboração do glossário como a adaptação das etiquetas pré-definidas para inclusão dos dados linguísticos nos fez eleger este software, que muito nos auxiliou na assistência de nosso trabalho.

Ao fim, na etapa de checagem das informações, uma fase de muita importância para o arremate do glossário, foi feito um teste de fiabilidade, quando o termo necessariamente pedia, para verificar sua autenticidade e sua pertinência terminológica comparando dados pesquisados em diversos informantes, que é uma prática eficaz e evidenciada na terminologia. Deste modo, houve a necessidade de retornar a campo, com alguns informantes, na investigação de alguns termos específicos para uma averiguação de informações mais apuradas destes sobre o seu uso, conceito, campo, variação etc, e por fim, ser elencada a alcunha no discurso especializado regional da mandiocultura.

Desse modo, encerramos a probabilidade de tratar a pertinência das informações, possibilitando acréscimos, correções e supressões de unidades terminológicas, apontando um aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo com um objetivo final de aprovar resultados mais afiançados sobre os conhecimentos concluídos no *Glossário Regional da Mandioca*.

6 ANÁLISE BÁSICA DOS DADOS

Neste último capítulo, iremos revelar os resultados obtidos da nossa pesquisa propriamente dita num panorama linguístico geral, e também, como não poderia deixar de ser, levantar algumas questões sobre o glossário que se diligenciou produzir nesta pesquisa e que culmina com este trabalho de tese.

6.1 UM OLHAR SOBRE A PESQUISA

Nossa pesquisa iniciou com um estudo anterior, que pôde servir como piloto²¹ para montarmos o embasamento prático da tese aqui apresentada. Tivemos contatos com informantes que viveram na região que se esperava estudar, experimentamos um pouco do que pretendíamos fazer na fase atual, tanto que anexamos essas pesquisas preliminares na base do trabalho.

As pesquisas de campo iniciaram mesmo antes do projeto de pesquisa ser qualificado, pois teríamos que formatar o projeto piloto funcional e planejar as demais etapas práticas do trabalho de campo. Entramos em contato com pessoas e entidades que nos aprofundaram informações para os contatos prévios com os futuros enqueridos. Mais a frente, após a qualificação, fomos inquerindo, transcrevendo, analisando e, conseqüentemente, inserindo os dados e formatando os termos básicos do glossário.

As circunstâncias de contato *in loco* da pesquisa renderam extensas viagens aos locais das pesquisas com mais de 60 entrevistas, mais de 40 contatos em ambientes de trabalho, somando mais de 100 contatos efetuados. Depois de uma análise deste montante chegamos propriamente a base de pesquisa arquivada no programa do *Glossário Regional da Mandiocultura*, correspondendo um total de 1.550 termos, totalizando 200 páginas, retirados restritamente do léxico dos agricultores, que apresentam, em geral, termos inéditos dotados de influência popular local, e/ou com nuances de termos provenientes de línguas indígenas e africanas no âmbito próprio da mandiocultura, cujo escopo geral apresentaremos a frente.

²¹ O projeto piloto foi anterior a qualificação da tese e revelou um quadro de riqueza vocabular na área específica do estudo nessa região. Embora, anteriormente tenhamos escolhido apenas o município de Cruz, motivo pelo qual, na ampliação da pesquisa, esse município venha a ter mais informantes que os demais, foi muito importante pro andamento e finalização desse estudo uma pesquisa que venha antecipar dados, e finalmente ampliada, apresenta elementos relevantes para o estudo linguístico da variedade local, e também, com a concretização do Glossário Regional da Mandiocultura, uma fonte de pesquisa terminológica e lexicográfica de robusto valor.

6.2 BREVE ANÁLISE FÔNICA

Em um olhar mais apurado sobre os dados colhidos, podemos anotar alguns fenômenos de cunho fônico (fonético) que chamam atenção para a variedade falada pelos pesquisados e presentes nos dados do glossário. Alguns apresentamos a seguir:

6.2.1 Representação detalhada dos fonemas

Após as diversas análises fonético-fonológicas da coleta ficou estabelecido o quadro dos fonemas (consonantais, nasais, vocálicos e semivocálicos) encontrado na pesquisa feita com os agricultores da mandioca na região em análise. Foi através desta descrição que podemos arquivar todas as entradas com suas respectivas transcrições no banco de dados do programa, formatando, assim, o glossário.

Representação dos Fonemas - Consonantais Orais			
<i>Fon.</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Termo</i>	<i>Significação</i>
/ p /	/'pa/	“pá”	‘Ferramenta composta de cabo de madeira e colher de ferro ...’
/ b /	/'bota/	“bota”	‘Tipo de calçado de plástico ou de borracha usado pelo ...’
/ t /	/'tajpe/	“taipa”	‘Forma de construção que usa a madeira derrubada da broca ...’
/ d /	/'dõna/	“dona”	‘Tratamento feminino respeitoso dado a mulheres casadas ...’
/ k /	/'kabu/	“cabo”	‘Espécie de pau comprido ou madeira, que serve para pegar ...’
/ g /	/'gaju/ /'gaɫu/	“galho”	‘Parte mais dura e externa da planta que leva a copa das ...’
/ f /	/'fakɐ/	“faca”	‘Ferramenta de metal cortante composta por uma lâmina ...’
/v/ ²²	/'vakɐ/ /'ɤakɐ/	“vaca”	‘Animal mamífero, quadrupede, fêmea do boi, domesticado, ...’
/ s /	/'saw/	“sal”	‘Composto cristalino de sódio encontrado em salinas de ...’
/ z /	/ku'zidu/	“cozido”	‘Qualidade daquilo que foi cozinhado, geralmente, na panela ...’
/ ʃ /	/ʃĩbe/	“chimbé”	‘Espécie de bebida com um gosto levemente ácido, como ...’
/ ʒ /	/ʒw'a/	“juá”	‘Fruto do juazeiro, pequeno e arredondado (como uma cereja...’
/ l /	/lã'mɐ/	“lama”	‘Tipo de solo preto e argiloso de beira de rios e lagoas rico ...’

²² O fonema /v/, no dialeto da região estudado nesta pesquisa, encontra uma concorrência fortemente usada em realizar-se /ɸ/, considerado por nós, arquifonema, representado aqui a fricativa glotal, em diferentes posições nas palavras: em posição de sílaba inicial (*vaca* /'vakɐ//'ɤakɐ/), medial (*cavador* /kava'do//kɤva'do/) e final (*maniva* /ma'nive//ma'nɪɐ/). Essa variação é preferida robustamente pelos falantes inqueridos nas entrevistas e contatos orais chegando até a ser, para os locais, usada em substituição ao fonema padrão /v/.

/ʎ/ ²³	/'foʎɐ/ /'foja/	“folha”	‘Parte verde e fina da planta que fica na copa dos galhos e ...’
/ʁ/ ²⁴	/'buʁu/	“burro”	‘(Macho) animal forte de carga, fruto do cruzamento de ...’
/r/	/bu'raku/	“buraco”	‘Pequenas aberturas rasas feitas na terra com auxílio de ...’

Representação dos Fonemas - Consonantais Nasais

Fon.	Exemplo	Termo	Significação
/m/	/'matu/	“mato”	‘Toda e qualquer vegetação daninha que prejudica a ...’
/n/	/'nɔ/	“nó”	‘ver: brolho’
/ɲ/ ²⁵	/a'pãɲɐ/	“apanha”	‘ver: Arranca’

Representação dos Fonemas - Vocálicos Orais

Fon.	Exemplo	Termo	Significação
/a/	/a'ʁãkɐ/	“arranca”	‘Operação que consiste na remoção manual da batata da ...’
/ɛ/	/ɛrɔ'zãw/	“erosão”	‘Fenômeno natural de desgaste de uma superfície, ...’
/e/	/dej'tadɛ/	“deitada”	‘Modo como a muda é colocada na cova levemente na cova...’
/i/	/i'ri'ga/	“irrigar”	‘Ver: aguar 1’
/o/	/'broʎu/	“brolho”	‘Saliência que envolve todo o caule da maniva de onde sai ...’
/ɔ/	/tapi'ɔkɐ/	“tapioca”	‘Espécie de beiju tradicionalmente feito de goma de ...’
/u/	/u'ru/	“uru”	‘Cesto com alça feito de palha de carnaúba que serve para ...’

Representação dos Fonemas - Vocálicos Nasais

Fon.	Exemplo	Termo	Significação
/ã/	/ã'gu/	“angú”	‘Papa espessa de farinha de mandioca peneirada feita ...’

²³ O fonema /ʎ/ tem um concorrente variacional bastante realizado, na região onde foi feita a pesquisa com o agricultores da mandiocultura, que é a iodização, como em *folha* (/'foʎɐ///'foja/), *forquilha* (/foʁ'kila//foʁ'kia/) e *galho* (/ʁaʎu//ʁaju/).

²⁴ Por encontrarmos muitas realizações, consideramos /ʁ/ um arquifonema, pois em muitos casos, ele vem perdendo a sua capacidade de distinguir vocábulos. Por exemplo, em final de sílaba ou de vocábulo, os dois r, o vibrante simples alveolar e o vibrante múltiplo alveolar, deixam de ter função distintiva e podem ser pronunciados um pelo outro. Outro caso, podemos pronunciar o r de *mar* seja como uma consoante batida ou *flap* (r simples), ou mesmo, como uma velar ou alveolar (r múltiplo), e ainda, sofrer apagamento. Nestes casos, há uma neutralização, isto é, perdem sua função distintiva. Temos aqui o arquifonema /ʁ/, representando uma classe de fonemas como fricativa velar, fricativa glotal, tepe alveolar e vibrante alveolar.

²⁵ Ocorre também a iodização do fonema /ɲ/ em /a'pãɲɐ//a'pãie/ “apanha”, /a'rãɲɐ//a'rãje/ “aranha” e /bã'ɲa//bã'ia/ “banhar”.

/ẽ/	/ĩtẽ'ɾa/	“enterrar”	‘Ver: plantar 2’
/ĩ/	/fa'rĩtẽ/	“farinha”	‘Tipo de pó granulado comestível de cor branca ou ...’
/õ/	/'trõku/	“tronco”	‘Parte baixa mais grossa da maniveira que nasce do caule...’
/ũ/	/zi'ĩmũ/	“jerimum”	‘Fruto do jerimunzeiro (abóbora) que se cultiva no ...’

Representação dos Fonemas - Semivocálicos			
Fon.	Exemplo	Termo	Significação
/j/	/koj'sa/	“coiçar”	‘Ação brusca de movimento em que os animais de ...’
/w/	/zi'raw/	“jirau”	‘Estrutura feita de varas e paus fora da casa de farinha ...’

Quadro 11: Representação completa dos fonemas encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)

6.2.1 Fenômenos fonéticos encontrados

Após as diversas análises dos termos estruturados na base de dados do glossário, encontramos os seguintes fenômenos fonéticos:

- A iodização de /k/, como em *abelha* /a'beɛ/, *colher* /kuj'e/, *folha* /'foja/, *milho* /'miw/> /'mi:/, *molho* /moj'u/>/'moj/, *ovelha* /u'vea/.
- Apagamento do [ɲ] e do sufixo *-inho* mantendo apenas a nasalização no /i/ final em *bacorinho* /baku'ĩ/, *olhinho* /o'kĩ/>/o'ĩ/, *tronquinho* /trõ'kĩ/.
- O /r/ obliterado, geralmente, nas terminações de infinitivo em *-ar*, *-er* e *-ir*: *prensá*, *cová*, *fervê*, *ispremê*, *ingoli* por *prensar*, *covar*, *ferver*, *espremer*, *engolir*.
- O /l/ em encontros consonantais apresenta o rotacismo: *pranta*, por *planta* (em seus derivados).
- Letra E nasal pronunciado /ĩ/ em início de palavra: *embiguda* /ĩbi'gudɛ/, *encabar* /ĩka'ba/, *enfornar* /ĩfoʁ'na/, *engolir* /ĩgu'li/, *ensacar* /ĩsa'ka/, *enxada* /ĩʃadɛ/, etc.
- Apagamento do /r/ em alguns encontros consonantais nas posições finais como *-tr*, *-br*, *-pr* como em *litro* /'litu/, *cabra* *trabalhador* /'kabɛ tabaja'do/, *preço* /'pesu/, *produto* /põ'dutu/.
- O /v/ pronunciado /ɸ/ como em *vaca* /'ɸaca/, *vaca* /'ɸagɛ/, *vira* /ɸĩ'ra/, *maniya* /ma'niɸɛ/.
- O apagamento do /ɲ/ como em *lenha* /lɛɛ/, *cunha* /'kũja/, *galinha* /ga'lĩɛ/, como também no sufixo *-inha* como *rolinha* /ɸo'lĩɛ/, *rosquinha* /ɸos'kĩɛ/, *quartinha* /'kʷaɸ'tĩɛ/, etc.

- O apagamento da vogal final em ditongo decrescente na posição final -io, -ei, como em *freio* /'frej/, *frio* /'fri/, *rio* /'ri/ – como também em *peixeira* /pe'ʃerɐ/, *maniveira* /mani'verɐ/>/mani'vɛrɐ/, *alqueiro* /awke'ru/.
- A troca de /s/ por /ʁ/ em *cismado* /siʁ'madu/, e em frases com artigos definido e indefinido no plural como em 'os menino ...' /uʁ mi'ninu/, 'uns cabra ...' /ũʁ 'kabɐ/ e 'umas fruta ...' /ũmaʁ fru'tɐ/.
- Flexão verbal do pretérito perfeito do indicativo com terminação em /i/ como em 'Eles *voltari* cedo mas não *chegari* a ver a retirada da farinha'. Esse é um fenômeno fonomorfológico, que já estudamos na região (JUNGLAS-MUNIZ; MATOS, 2016) e que se apresenta de forma intensa com os agricultores pesquisados nessa região.

Essa descrição expositiva dos termos retirados do corpus e do glossário, não tem, como já observamos, objetivo de aprofundar questões específicas na área da fonética/fonologia, tendo em vista que nossa proposta de tese não abarca tamanha dimensão. Fica aqui as referidas descrições, como uma visão geral, que servirá como estímulo para análises e debates futuros com base nos dados aqui compilados ou com acréscimos que poderão advir com estudos vindouros.

6.3 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

As línguas orais (e em uso) dispõem de mecanismos que ajustam a entrada de novos elementos no léxico. No português, e em falares regionais e/ou em ambientes linguísticos socioculturais, como o da mandiocultura, em nosso trabalho, não é diferente; encontramos dois processos que são responsáveis pela entrada da maioria dos elementos no léxico: a derivação e a composição. Graças à junção de elementos morfolexicais chamados *morfemas presos*, no processo de derivação, e *morfemas livres*, no de composição, e a empréstimos de outras línguas (indianismos e africanismos), entre outros processos, que a língua consegue compor novos elementos lexicais sem sobrecarregar o sistema. Isto é um pressuposto de economia linguística, e faz com que a comunicação linguística entre os falantes se torne bem mais competente e atualizada das línguas de especialidade, como é o caso, que são constituídas pelos mesmos elementos que compõem o léxico da língua geral, vêm os mesmos processos de renovação lexical. Como veremos a frente, processos como *derivação sufixal*, *composição por aglutinação* e *por justaposição*, por exemplo, são constantemente encontrados no sistema da

língua portuguesa, e apresentam-se igualmente nas línguas de especialidade que têm por alicerce essa língua.

As lexias são formas e estruturas linguísticas de natureza diferente, pois suas características comuns estão acumuladas no léxico, na parte da consciência linguística que abrange as unidades denominativas, e exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade. Em sua classificação, Pottier (1978) admite no conceito geral de *lexia*, com quatro variedades: *as lexias simples* constituídas por apenas um elemento, compõem de um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos. Coincidem com a noção de palavra simples e de palavra derivada da gramática tradicional. *As lexias compostas*, que são formadas por mais de um elemento, consistem em pôr lado a lado duas lexias simples ou derivadas, ligadas pela significação. Escrevem-se simplesmente aglutinadas ou justapostas separadas ou não por um hífen como em palavras compostas; e *as lexias complexas* constituídas por uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas, que em virtude de seu uso constante na língua, acabam por se transformar em construções fixas, num processo de lexicalização semântica, adquirindo significado único, em diversos graus. Já *as lexias textuais* são compostas por textos como provérbios e ditos populares que incidem em frases e/ou textos completos.

Na análise dos elementos colhidos no *corpus*, há ocorrências variadas de elementos em formação retirado do léxico dos plantadores de mandioca na região noroeste do Ceará. Quando da construção de um glossário, são nas lexias simples constituídas de um só radical, de um único lexema, com ou sem afixos, que procuramos nuances de palavras simples e/ou de palavras derivadas que venham a apresentar novos conceitos, e até, repositórios semânticos que se

LEXIAS					
Monolexemáticas		Polilexemáticas			
Lexia Simples		Lexia Composta		Lexia Complexa	Lexia Textual
Primitiva	Derivada	Aglutinação	Justaposição	<i>farinha d'água</i>	“Ele é mais conhecido do que farinha seca”
<i>Goma</i>	<i>Capinação</i>	<i>Enticasca</i>	<i>mão-de-obra</i>		

Quadro 12: Resumo das lexias propostas por Pottier (1978) aplicadas à pesquisa (elaborado pelo autor)

adaptam à língua de especialidade. Vejamos aqui uma pequena mostra dos termos, como lexia simples, em grande maioria, – substantivos, adjetivos e verbos, respectivamente – que coletamos e que constituem os termos do Glossário Regional da Mandiocultura, nesta pesquisa.

6.4 LEXIAS SIMPLES

6.4.1 Análise e distribuição dos termos por categoria gramatical

A distribuição dos termos por categoria gramatical nos demonstrou que a terminologia extraída do *corpus* estudado é constituída em maior número de substantivos, seguidos de sintagmas terminológicos, verbos e adjetivos, respectivamente. Obtivemos os seguintes resultados do *corpus* coletado. Foram coletados e anexados ao glossário 832 substantivos, sendo 425 masculinos, 406 femininos e apenas 01 comum aos dois gêneros. Já adjetivos, contabilizamos 97, enquanto que verbos foram 193. A seguir, a título de exemplificação, apresentamos uma pequena amostra retirada do referido glossário:

Substantivos masculinos
Abano Instrumento de palha transada usado para ventilar o fogo atijando as brasas e acendo-as embaixo do forno da casa de farinha.
Aceiro Abertura cavada no solo separando as extremas do roçado com a finalidade de não dar acesso a focos de incêndio no momento da queima, ou, no momento da cura do plantio, a não disseminação de pragas invasoras para outras áreas do terreno.
Açoite 1 Golpe ou pancada desferido com chicote, cipó ou vara de planta, ou ainda, qualquer objeto semelhante para dominar os animais no transporte da mandioca e seus derivados.
Açoite 2
Açúcar Condimento cristal em pequenos grãos retirado da cana-de-açúcar que serve para dulcificar bolos, grudes e doces feitos com a mandioca e alguns de seus derivados.
Adubo Resíduo vegetal e/ou produtos químicos industrializados utilizados na fertilização da terra para o aumento da produtividade da mandioca.
Afazer
Agricultor
Agrônomo Aquele que estudou e tem conhecimentos técnicos e práticos em agronomia.
Substantivos femininos
Abelha Inseto polinizador da lavoura que vive em colmeias, produz mel e possui ferrão venenoso.
Abóbora
Aciolina Espécie de mandioca brava.

Adubação Operação que consiste na fertilização do solo com a utilização de substâncias orgânicas ou químicas para a obtenção de um melhor desenvolvimento da maniva e da produção de mandioca.

Agricultura Atividade processual de cultivo e produção de gêneros agrícolas para a comercialização e/ou para o próprio consumo.

Agronomia Área de estudo e conhecimentos técnicos e práticos da agricultura e da plantação.

Aguação Processo de respingar nas folhas e caule das plantas com bomba, defensivos agrícolas (veneno) misturados a água para a proteção contra pragas como insetos e larvas que destroem plantações.

Anajá Espécie de mandioca brava.

Apanha

Aradagem Processo ou operação de aradar a terra na preparação inicial para o plantio.

Vocabulário 03: Lista representativa de substantivos retirados do glossário (elaborado pelo autor)

Adjetivos

Aceso Estado em que se encontra o forno, com brasa ou fogo, quando em funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Agrícola Qualidade referente a agricultura, a plantação e a produção agrária.

Amarrada

Amarrado Estado do animal que foi preso por amarras, laços ou cabresto.

Apagado Estado em que se encontra o forno, sem brasa ou fogo, quando está fora de funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Aradado Estado em que se encontra o terreno após a passagem do arado preparado para o plantio.

Areado

Arenoso Qualidade de solo que apresenta em sua constituição básica areia fofa e macia apto ao cultivo da mandioca.

Argiloso Solo que apresenta em sua constituição básica a argila.

Arisco 2 Característica de animal que é arredio, difícil de montar e/ou controlar, pouco domesticável.

Vocabulário 04: Lista representativa de adjetivos retirados do glossário (elaborado pelo autor)

Verbos

Abanar – Ação ou efeito de agitar o abano para ventilar, e assim, acender as brasas do forno da casa de farinha para a produção das farinhas e beijus.

Abarcar – Ação ou ato de envolver abraçando o corpo do animal no momento de colocar os arreios como a cia, o peitoral, a rabichola, e/ou a cangalha para o transporte.

Acender 1 – Atear fogo nas coivaras de plantas secas e folhagens no terreno brocado no processo de queimada quando do preparo do terreno para a plantação.

Acender 2 Ato de pôr fogo intencionalmente e controlado na lenha dentro do forno para gerar alto calor e, assim, preparar a farinha, secar a goma e fazer os beijos e tapiocas na casa de farinha.

Acochar 1 Comprimir a prensa para enxugar a massa que será seca para ser transformada em farinha.

Acochar 2 Apertar com força para prender os arreios dos animais preparando-os para o transporte.

Açoitar Bater com chicote, cipó ou vara de planta nos animais controlando-os no transportes das raízes da mandioca e seus derivados.

Adubar Preparar a terra para o plantio com o uso de resíduos vegetais ou químicos para deixa-la mais fértil.

Afofar

Afoliar Ação de soprar com o fole na boca do formigueiro na operação de aplicação do veneno para o controle de pragas de insetos, especialmente, saúvas e formigas cortadeiras.

Aguar 1 Regar ocasionalmente o solo no período em que não há chuva suficiente para o desenvolvimento das mudas para que elas não morram, ou mesmo, não percam o seu crescimento natural.

Vocabulário 05: Lista representativa de verbos retirados do glossário (elaborado pelo autor)

6.4.2 Outros casos

Foram retirados do discurso dos inqueridos ainda, outros termos como 02 interjeições, 04 pronomes de tratamento, 02 advérbios e 01 pronome indefinido, dos quais destacamos a seguir:

- Interjeição

Arrocha Expressão interjetiva que dá incentivo para continuar um trabalho, ocupação ou serviço pesado e trabalhoso.

Vambora Expressão interjetiva que convida ao trabalho, incentivando a feitura da tarefa.

- Formas de tratamento

Dona Tratamento feminino respeitoso dado às mais velhas ou mulheres casadas, usado com o primeiro nome, apelido, e até com nome de família.

Senhor

Senhora

Seu Tratamento masculino respeitoso dado aos mais velhos ou homens casados, usado com o primeiro nome, apelido, e até com nome de família.

- Adverbio
Atrasmente Referente a tempo transcorrido, passado. Rente 2 Modo como se corta o mato decepando todo o pé pela raiz.
- Pronome indefinido
Tudinho Indica a totalidade, essencialidade e/ou parte indispensável de algo.

Vocabulário 06: Lista representando outros elementos gramaticais retirados do glossário (elaborado pelo autor)

6.4.3 Formação de palavras por derivação

No processo formação de palavras por derivação, vimos que o discurso dos plantadores de mandioca, apresenta poucos casos, no *corpus* coletados por nós, de derivação do tipo prefixal, porém, por outro lado, é constituído de uma considerável presença de sufixos (derivação sufixal), como já podemos ver em parte do *corpus* que fora exposto acima.

Sufixos como *-inho(a)* e *-eco* são amplamente utilizados, nos mais diversos sentidos, pelos plantadores de mandioca da região pesquisada. Em *vermelhinha*, que é um tipo de mandioca excessivamente venenosa, o sufixo *-inha* parece agir de forma eufêmica, tentando anular o teor semântico negativo encontrado nessa espécie de mandioca. O sufixo *-eco* pode ser encontrado em *enxadeco* (espécie de enxada menor que serve para cavar as covas na semeadura da maniva). Sandmann (1989) argumenta que, geralmente, os sufixos diminutivos são empregados com função eufêmica, tentando amenizar o sentido negativo de alguns termos. Também encontramos outras funções dadas pelo diminutivo, como em:

Enxadeco ‘Espécie de enxada, só que pequena’.

Covinha ‘Buraco aberto na terra que serve para o plantio da maniva’.

Mexerico ‘Restos de produtos da tapioca e beijus levados ao forno que é selecionado após seus cozimentos usados para alimentação matinal dentro do café’.

Olhín (*variação de olhinho*) ‘Vincos no tronco da maniva e que nasce os galhos’.

Rocinha ‘Roça com poucos pés de mandioca’.

Talin (*variação de talinho*) ‘Fibras da massa que ficam após torrar’.

Vocabulário 07: Lista representativa substantivos no diminutivo retirado do glossário (elaborado pelo autor)

Outro que podemos destacar é o sufixo *-ada*. Segundo Sandmann (1989, p 51), esse sufixo “(...) expressa uma ação rápida e passageira, como podemos observar no substantivo *farinhada*, época de produção de farinha. Quando os plantadores de mandioca da região pesquisada desejam formar palavras que indicam função ou ação, os sufixos *-(d)or* e *-eiro(a)* são muito produtivos, como demonstram os exemplos a seguir:

Carroçada ‘Quantidade de carga que se pode transportar em um carroça de cada vez que é suportada pelo animal’.

Derrubada ver: Broca

Farinhada ‘Ato produtivo de beneficiar a mandioca para fazer farinha e seus derivados em grande quantidade na casa de aviamentos’.

Arrancador ‘Pessoa que tem a função de arrancar a mandioca’.

Capinador, limpador ‘Pessoa que tem a função de capinar, dar limpa no terreno em que a mandioca está sendo cultivada’.

Serrador ‘Pessoa que serra a mandioca; instrumento usado para serrar a mandioca na casa de farinha’.

Forneiro ‘Pessoa que mexe a farinha no forno para secar e transformá-la em farinha’.

Farinheiro ‘Designação para quem mexe a farinha no forno’.

Cargueiro ‘Aquele que tem a função de transportar a mandioca para a casa de farinha’.

Raspadeira ‘Pessoa (geralmente mulher) que raspa a mandioca na casa de farinha’.

Peneiradeira ‘Pessoa (geralmente mulher) que peneira a massa e a goma da mandioca’.

Vocabulário 08: Lista de palavras formados por sufixos *-ada*, *-dor*, *-eiro* (elaborado pelo autor)

Observamos que quanto aos verbos, a maioria deles, no corpus analisado, são formados pelo sufixo da primeira conjugação *-ar*. Esse evento é explicado uma vez que, na língua portuguesa, a primeira conjugação é muito mais produtiva, acolhendo o maior número de verbos. Vejamos alguns exemplos:

Arrancar (roça) ‘Ato de puxar a mandioca da cova com as mãos’.

Adubar ‘Preparar a terra para o plantio com o uso de resíduos vegetais ou químicos para deixa-la mais fértil’

Farinhar ‘Ato de trabalhar na casa de farinha, em farinhada’.

Descascar ‘Ação de remover a casca da raiz’.

Encabrestar ‘Botar cabresto em animais que fazem o transporte da carga de mandioca e seus derivados’.

Raspar Ver: Descascar

Roçar ‘Limpar o terreno onde estão plantados os pés de mandioca’.

Pubar ‘Tempo em que a mandioca fica de molho no feíto de farinha amarela’.

Prensar ‘Ato de enxugar a massa na prensa’.

Vocabulário 09: Termos que representam verbos com terminação em –ar (elaborado pelo autor)

6.5 LEXIAS COMPOSTAS E HIBRIDAS

As lexias compostas são constituídas por mais de um elemento formado por duas lexias simples ou derivadas, ligadas sempre por uma nova significação. Apresentam-se simplesmente aglutinadas ou justapostas separadas ou não por um hífen como em palavras compostas. Neste trabalho, nos deparamos na formação de palavras pelo processo de composição, que é largamente encontrado no *corpus* da pesquisa. Muitos dos termos utilizados nos discursos dos sujeitos aqui pesquisados apresentam composição por aglutinação ou justaposição, algo já previsto, uma vez que a função primeira da composição, de acordo com Basílio (1989), permiti que sejam feitas categorizações cada vez mais particulares na língua de especialidade.

Como já frisamos anteriormente, no âmbito das línguas de especialidades, a categorização particular, específica é fundamental na nomeação de objetos e processos. Como exemplos de composição por aglutinação, encontramos, em nossos dados, realizações como: *anticasca*, *enticasca* (entre > enti ~ anti + casca), variante de *entrecasca*; termo usado para designar a parte fina da casca que se localiza entre a parte grossa da casca e o tubérculo (da mandioca). Mais alguns exemplos são elencados em seguida para melhor esclarecimento:

Mandioca ‘Tubérculo, batata, raiz da mandioca’.

Manipueira ‘Líquido branco e venenoso que sai da prensa após a massa da mandioca ser prensada’.

Bate-estaca ‘Ferramenta com base de ferro grosso pesado e cabo de madeira usado para bater nas estacas e fixá-las nos buracos na feitura da cerca’.

Pau-a-pique ‘Tipo de cerca de pau mais finos em posição vertical’.

Pé-de-cabra, Pé-de-bode ‘Instrumento usado para arrancar grampo(a) das estacas de cercado de arrame.’

Vocabulário 10: Termos que representam lexias compostas (elaborado pelo autor)

Formas híbridas também foram encontradas na pesquisa e podem configurar como exceções, porém, há termos que são cunhados no linguajar dos inqueridos que remontam formas incomuns da língua geral, como nos casos a seguir:

mão cheia > **muchea** > **muchuada**

atrás + mente = **atrasmente** (juntura)

vamos em boa hora > **vambora** > bora > bo (com maior redução)

Vocabulário 11: Termos que representam lexias híbridas (elaborado pelo autor)

6.6 LEXIAS COMPLEXAS

As chamadas lexias complexas são sintagmas constituídos por uma sequência lexemática, com dois ou mais lexemas, que por ter um uso constante na língua, se converter em construções fixas, no processo de lexicalização semântica, e contraem significado próprio. Verificamos que este é um processo bastante produtivo na fala dos plantadores de mandioca que compõem esta pesquisa. Como são várias as formas de apresentação desse processo, separamos os termos de acordo com sua estrutura morfossintática.

6.6.1 Termos compostos de substantivo + adjetivo

Arame farpado ‘Espécie de arame usado para cercar o terreno plantado’.

Beiju fofo ‘Tipo de iguaria produzida no forno da casa de farinha com goma, coco e sal’.

Farinha madeirada ‘Farinha com impurezas’.

Farinha amarela ‘Espécie de farinha feita com a mandioca puba’.

Formiga cortadeira ‘Variedade de formiga que corta o brolo da maniva, saúva’.

Macaxeira preta ‘Tipo de mandioca mansa’.

Macaxeira Pão ‘Qualidade de mandioca mansa’.

Macaxeira Tataibura ‘Espécie de mandioca mansa’.

Mandioca Manipeba ‘Tipo de mandioca brava’.

Mandioca Poré ‘Qualidade de mandioca brava’.

Mandioca Pecuí ‘Tipo de mandioca brava’.

Maniva derreada ‘Forma de plantar a mandioca para a proteção do vento, um pouco deitada’.

Terra fofa ‘Qualidade de solo propício para a plantação da mandioca’.

Vocabulário 12: Termos representativos de lexias complexas substantivos e adjetivos (elaborado pelo autor)

6.6.2 Termos compostos de substantivo + preposição + substantivo

Rocinha de mandioca ‘Pequena quantidade de mandioca plantada em terreno’.

Farinha de puba ‘Farinha feita da mandioca que fica de molho antes de ralar, farinha amarela’.

Farinha de mandioca ‘Pó produzido da mandioca desmanchada (descascada, ralada, lavada e espremida, prensada), peneirada e torrada na casa de farinha’.

Carreira de roça / de mandioca ‘Pés de mandioca plantados em linha, fileira’.

Casa de farinha ‘Local onde é feito o beneficiamento e processamento da farinha’.

Raiz de mandioca ‘Ver Mandioca 1’.

Bola do serrador ‘Torno com pequenas serras que fica no centro do serrador para ralar a raiz de mandioca’.

Banco do serrador ‘Parte frontal do serrador onde ficam as mandiocas descascadas para serem serradas’.

Cova de mandioca ‘Buraco aberto na terra para o plantio do pé de maniva’.

Forno de farinha ‘Forno de alvenaria em que a massa da mandioca é torrada’.

Prensa de madeira ‘Depósito de madeira onde a massa da mandioca é colocada após ser espremida’.

Puxador de roda ‘Pessoa que exercia a função de puxar a roda para serrar a mandioca na casa de farinha antiga’.

Vocabulário 13: Termos representativos de lexias complexas substantivo + preposição + substantivo (elaborado pelo autor)

6.6.3 Termos compostos de verbo + (determinante) substantivo

Afofar o chão S.T.V.

Aguar a massa S.T.V. Ato ou ação de molhar a massa da mandioca nos tanques após a serração no serrador da casa de farinha com o objetivo de separar a massa que é

espremida e vai para prensa, da goma que vai decantar (assentar) no fundo do tanque, e posteriormente será lavada, tirada e secará ao sol.

Andar a cavalo S.T.V.

Arrancar o mato S.T.V.

Arrancar toco S.T.V.

Arrear a carga S.T.V.

Botar fogo S.T.V.

Colocar a carga S.T.V. Ação de pôr os caçoas cheios de raízes da arranca suspendendo-os e pendurando-os na cangalha sobre os animais para serem levados a casa de farinha.

Criar bicho S.T.V. Descuido do criador com algum ferimento no animal de transporte quando chega a desenvolver larvas de insetos carnívoros como moscas e varejeiras, impossibilitando, assim, o animal do trabalho.

Criar mato S.T.V. Crescimento espontâneo de ervas danosas à planta cultivada que devem ser limpas para o pleno desenvolvimento do cultivo.

Vocabulário 14: Termos representativos de lexias complexas verbo + determinante + substantivo (elaborado pelo autor)

6.6.4 Termos compostos de verbo + preposição + (determinante) substantivo

Cuidar das plantas S.T.V. Atenção do agricultor em todo o processo de plantação e cultivo da mandioca dando assistência a lavoura desde a preparação do terreno até a arranca.

Cuidar dos animais S.T.V. Atenção dispensada aos animais que são usados nos trabalhos de transporte da mandioca e da farinha desde a pega até a soltura após os afazeres do dia.

Dar de beber S.T.V. Cuidar dos animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o processamento na casa de farinha, oferecendo-lhes água e banho.

Dar de comer S.T.V. Alimentar os animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o processamento na casa de farinha.

Enfiar no chão S.T.V.

Enfincar no solo S.T.V.

Vocabulário 15: Termos representativos de lexias complexas verbo + preposição + (determinante) substantivo (elaborado pelo autor)

6.6.5 Termos de composição diversa com mais de três elementos

Casa de farinha mecanizada

S.T.F. Casa grande coberta de telhas, com colunas, onde se encontram os aviamentos movidos à energia elétrica como o serrador elétrico, prensa hidráulica, a peneira e o forno mecânicos.

Cerca de pau-a-pique

S.T.F. Modelo de cerca em que as madeiras são colocadas em pé guiadas por um arame ou um pau entre as estacas base.

Cobra de duas cabeças

S.T.F. Espécie réptil que se assemelha a uma minhoca grande e vive em ambientes subterrâneos e úmidos, cuja cauda se parece com a cabeça e que convivem com a

fauna, a flora, os agricultores, especialmente na escavação, capina e arranque da mandioca.

Forragem de folhas secas

S.T.F. Tipo de ração alimentar ofertada a animais bovinos, muares, suínos, caprinos e/ou ovinos que é composta das folhagens da mandioca secas e desidratadas ao sol resultando em uma composição nutritiva e saborosa.

Ração de maniva moída

S.T.F. Tipo de ração alimentar oferecida a animais bovinos, moares, suínos, caprinos e/ou ovinos que é constituída do pau da maniva passada na forrageira formando um pó úmido e verde que contém alto teor nutritivo.

Caldo levanta defunto

S.T.M.

Pano de volta ao mundo

S.T.M. Tecido fino e ralo que serve como parte do espremedor para coar a massa líquida que é comprimida para que saia o líquido branco que irá virar a goma.

Botar a carga no animal

S.T.V. Pôr o carregamento de raiz de mandiocas nos caçuás após a arranca e alocar sobre os dois lados dos animais para o transporte até a casa de farinha.

Botar a massa na prensa

S.T.V. Atividade que consiste em colocar a massa espremida nos esquadros da prensa para retirar por total o líquido e deixá-la enxuta para ser feita a farinha.

Botar a muda na cova

S.T.V. Atividade que consiste em semear os paus de manivas cortados e preparados para o plantio, que logo em seguida, serão plantados (enterrados) nas covas já feitas e planejadas.

Botar comida na panela

S.T.V.

Botar comida no fogo

S.T.V. Fazer o alimento para a família; preparar as refeições domésticas diárias; colocar o que se vai comer para cozinhar no fogão.

Colocar a madeira na cerca

S.T.V.

Vocabulário 16: Termos representativos de lexias textuais (elaborado pelo autor)

6.7 LEXIAS TEXTUAIS

As lexias textuais são estruturas compostas por textos, fraseologias, expressões idiomáticas, provérbios e ditos populares. A pesquisa nos mostra que os produtores de farinha conhecem e divulgam em seu discurso, alguns destas fraseologias presentes no ambiente da comunidade que envolvem sentidos do léxico da farinha.

Foram recolhidos ditos populares metafóricos envolvendo elementos linguísticos do léxico da mandiocultura que estão também localizados no *corpus* da pesquisa, mas por questões metodológicas não foram incluídos no glossário. Foram encontradas alguns como estes:

“Ele é mais conhecido do que farinha seca” – diz de alguém que é muito popular;

“Está mais barato que farinha ruim” – diz de algo que é desprezível; detestável; odioso;

“É mais zangado do que mandioca braba” – diz de alguém que é ou está muito aborrecido; mal-humorado;

“Está com a cara de quem comeu tapioca sem sal” - diz também de alguém que é ou está desapontado com algo ou alguém; zangado; aborrecido;

“Está mais bêbado do que quem tomou manipueira”- diz de alguém que está muito bêbado, embriagado, fora de si;

“Parece que comeu tapioca seca”- dizemos de alguém que aborrecido, triste, enjoado.

“Que foi, se entalou com grude!” - diz quando uma pessoa está calada, tímida ou acanhada.

“Aleluia, aleluia! Carne no prato, farinha na cuia!” - dito em verso que se usa pra agradecer ou mesmo brincar.

6.8 HOMONÍMIA, POLISSEMIA E VARIAÇÃO

O homem é um ser social e que utiliza a língua para se comunicar. A diversidade sociocultural a que os indivíduos estão expostos propicia a diversidade no uso da língua. Nosso posicionamento é de que mesmo nos grupos ditos mais homogêneos, pode-se ver que não existe uma forma linguística única e invariável, em nenhum dos eixos linguísticos, nem na oralidade, nem na sintaxe, nem mesmo na morfologia, nem tão pouco no seu vocabulário. Fica claro que a variação é inerente a toda e qualquer linguagem. É sabido que a significação em qualquer sistema linguístico está mais especificamente no léxico, que disponibiliza a sua utilização para os falantes de uma língua, a fim de se estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Sabe-se, então, que o léxico, que constitui um inventário aberto e que pode ser enriquecido por criações dos usuários, para responder às suas necessidades culturais ou pessoais. Na verdade, ele é ilimitado e pode mudar constantemente conforme as necessidades das comunidades falantes e de seus membros.

A polissemia é um desses fenômenos da variação que embora tenha muita polêmica sobre suas relações semânticas na linguagem. Tanto a polissemia quanto a homonímia são fenômenos linguísticos de origens diferentes e, embora distintas entre si, contribuem para a ambiguidade lexical, o que vale uma breve discussão sobre a temática.

Ullmann (1964) advoga que os significados diferentes são expressos por um mesmo

nome, na homonímia; e os matizes diversos de um mesmo sentido básico de um nome caracterizam a polissemia. De tal modo, podemos entender a polissemia (*poli* = vários + *semia* = significados) como sendo um termo que apresenta múltiplos significados. Por outro lado, a homonímia (*homo* = semelhante, igual + *nímia* < *nomen* = nome) seria mais de um termo, de origem diferentes, mas que mantem a mesma pronúncia e/ou escrita.

Lyons ainda esclarece (1977), numa definição comum do termo, que homônimos são palavras ou lexemas que têm a mesma forma, mas diferem no significado, e não apenas por terem significados diferentes, mas por serem completamente estranhos um ao outro. Outro que ilustra sobre o tema é Ilari (2002), que considera a homonímia um dos fatores potenciais de ambiguidade nos textos, e que tais palavras são aquelas que se pronunciam da mesma maneira, mas têm significados distintos e são percebidos como diferentes pelos falantes da língua. Já para a polissemia, ele defende que as formas linguísticas admitem extensões de sentido, e que a relação de polissemia é caracterizada pelos diferentes sentidos de uma mesma palavra, percebidos como extensões de um sentido básico.

Os termos oferecidos nesta pesquisa, em grande parte, se apresentam polissêmicos, o que resolvemos cunhando-os em diferentes entradas com uma distinção numérica. Isso demonstra que a fala comum e popular se utiliza largamente deste recurso linguístico, constando em 71 termos deste glossário com polissemia para duas aplicações, com 11 casos para três e com 3 palavras com quatro termos polissêmicos, que os destacamos abaixo:

Mandioca 1. s.f. Batata formada da raiz da maniveira, de polpa branca, amarela ou creme, casca externa grossa, rugosa e marrom, de alto teor de ácido cianídrico (não diretamente comestível) e usada na produção de farinha e seus derivados.

2. s.f. Planta como um todo, vegetal da mandioca composto de batata, caule, galhos, folhas e flores.

3. s.f. Pequenas partes do caule cortado em paus de aproximadamente um palmo com os quais se faz a muda para o cultivo da planta. Pedacos do caule da maniveira que são cortados em pequenos paus em estacas servindo de mudas (sementes) para o plantio da nova safra.

4. s.f. Folhas da planta, parte superior do vegetal.

Medida 1. s.f. Conceito determinado que serve de padrão para avaliar tamanho de um terreno ou espaço de terra que será feito o roçado.

2. s.f. Pedaco de pau que o puxador de arame faz para regular a distância que cada fio de arrame deve ficar um do outro.

3. s.f. Conjunto de vasilhames de tamanho determinado, com que se mede unidades de volume sólidas como os produtos derivados da mandioca a granel. Antigamente, estes vasilhames eram confeccionados de madeira e divididos em meio litro, um litro, uma terça (igual a cinco litros), uma medida (igual a dez litros), meia quarta (igual a vinte litros) e uma quarta (igual a quarenta litros).

4. s.f. Antiga vasilha de madeira convencionada para aferição dos gêneros da mandioca, como a farinha e a goma, que equivalia aproximadamente a 10 litros.

Seca 1. s.f. Temporada em que há ausência de chuvas na época própria e que prejudica o plantio e o desenvolvimento das plantas de mandiocas.

2. Adj. Tipo de terra ou solo que contém areia fofa porém, com ausência de água ou baixa umidade, pobre ou estéril para o plantio.

3. Adj. Propriedade do caule, da folha e da casca da planta quando perde sua cor, desidrata e morre.

4. Adj. Qualidade de goma, farinha ou massa que carece de acréscimo mínimo de água na sua feitura no forno de lenha na casa de farinha.

Vocabulário 17: Termos representativos de elementos polissêmicos (elaborado pelo autor)

É importante salientar que todos os termos polissêmicos são perfeitamente resgatados pelo contexto de uso, o que o(s) inquiridor(es) faz(em) muito bem na prática laboral. Também gostaríamos de salientar que os termos nem sempre pertencem ao mesmo campo e nem mesmo a mesma classe gramatical. Os falantes se utilizam destes termos em contextos, os distinguem e nada disso corresponde a dificuldade de compreensão.

6.9 METÁFORAS E METONÍMIAS CONCEITUAIS

A metáfora e a metonímia conceitual são molduras cognitivas que subjazem a todo e qualquer comportamento linguístico. Tais elementos conceituais também se fazem presentes nas falas dos analisados e nos conceitos por nós recolhidos no ambiente natural de pesquisa.

Lakoff e Johnson (1980) apresentam a metáfora conceitual como, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. O entendimento da metáfora se produziria por meio de buscas de similaridades entre termos comparados. Para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte (aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente) e um domínio-alvo (aquele que desejamos conceitualizar). O domínio-fonte implica propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência; por sua vez, o domínio-alvo tende a ser mais abstrato ou mais

específico, dependendo da situação.

As metáforas conceituais são, nada mais que, uma representação mental (atuam no pensamento). Refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas em uma determinada cultura. Em outras palavras, as metáforas são os resultados do desenvolvimento histórico-cognitivo dos indivíduos na busca de compreender o mundo ao redor. É exatamente isso que podemos encontrar em determinados termos retirados da pesquisa.

Um exemplo de metáfora ocorre com o termo plantar, que além de polissêmico, passa a representar um sentido diverso, recorrendo a ideia de ato violento.

PLANTAR 3

Fon. [plã'tɛ]

[PLANTAÇÃO], Figurado

VERB.

- Ação violenta de bater, surrar, socar, empurrar a alguém ou ainda fazer algo violentamente.

J.. plantou o murro na cara do B.. quando a briga começou.

(Expressão metafórica) Na hora da lida, ele plantou o pau pra cima a trabalhar e até acabou antes do tempo combinado.

Já a metonímia é definida, tradicionalmente, como o deslocamento de significado, no qual uma palavra que normalmente é utilizada para designar determinada entidade, passa a designar outra. Ainda com base nos estudos de Lakoff e Johnson (1980), metonímia é um fenômeno da referência indireta em que um signo linguístico, que substitui ou identifica outro referente, geralmente de parte pelo todo. É este tipo que, de maneira geral, mais ocorre no vocabulário dos agricultores quando apresentam conceitos sobre plantas e instrumentos de uso laborial, como podemos ver em alguns exemplos abaixo:

Exemplos:

Vegetais: pé de ananá, pé de canapum, pé de galinha, pé de graviola, pé de maracujá, pé de oiticica, pé de puçá, etc.

Instrumentos: pé de bode, pé de cabra, mão de pilão, etc.

Não foi nosso enfoque se voltar para o discurso em si; por isso, não focalizamos frases do corpus, pois nossa visão objetivava o léxico e sua formação. Porém, entendemos que com o material pesquisado, ainda podemos muito observar e estudar, dado a “fartura” de elementos e fenômenos que ainda podemos dispor.

6.10 INFLUÊNCIAS E AFLUÊNCIAS DE OUTRAS LÍNGUAS

As diversas influências da variedade falada na região pesquisada neste trabalho dão conta de termos e lexias que advêm das nuances e resquícios de línguas indígenas e/ou africanas que se mesclaram em um passado próximo com a língua portuguesa trazida da Europa. Em nossa pesquisa exibir-se um cabedal de termos presentes no léxico dos pesquisados desta região pertencentes a estes idiomas de convivência com os termos do português europeu que se intercambiam nos campos concernentes a mandiocultura, seja na plantação, no transporte, no beneficiamento, ou mesmo, na culinária.

6.10.1 Indianismos

Alguns destes resquícios são elencados abaixo retirados diretamente do referido glossário:

Abacaxi S.M.

Ananá S.M. Fruto grande e escamoso, de sulcos simétricos e forma cônica, comestível, de polpa muito aromática, acida e saborosa que é cultivado nas regiões de mandiocultura e consumido na feitura de sucos, refrescos e aluás.

Ata S.F. Fruto da ateira; fruta pequena dividida em gomos de cor entre verde e creme, na casca, por fora e por dentro, de cor branca envolvendo sementes pequenas pretas e com gosto doce e polpuda que é apreciada pelos agricultores da mandiocultura.

Beiju

S.M. Tipo de bolo feito de massa crua de mandioca (pode ser misturado com goma), coco e sal e preparado no forno da casa de farinha.

Beiju fofo

S.T.M. Subproduto da mandioca. Espécie de bolinho comprido preparado com massa crua de mandioca, e um preparado de goma, coco e sal sobre a base de massa que é assado no forno da casa de farinha.

Cabocada S.F. Grupo de pessoas que trabalham e convivem com a cultura da mandioca.

Caboclo S.M. Pessoa que trabalha de roceiro, na lida da plantação; ou ainda aquele que trabalha de alugado pro dono da farinhada fazendo de tudo um pouco, de acordo com as necessidades da lida.

Caçosas S.M. Par de cesto produzido com cipó e aselhas de cordas usado em cada lado das costas de um cavalo, jumento ou burro para o transporte de mandioca.

Cajá S.F. Fruto da cajazeira que frutifica em cachos de pequenas frutas carnosas, nas pontas dos galhos; possui gosto ácido e azedo, sendo muito usado na feitura de sucos e refrescos apreciados por moradores e especialmente como parte das refeições nas casas de farinha.

- Caju** S.M. Parte do pedúnculo que contém o fruto do cajueiro (caju e castanha), comestível e de cor amarela ou avermelhada suculento, carnoso e rico em vitamina C que é muito apreciado nas casas de farinha de forma inteira, cortada ou em suco, geralmente no almoço.
- Capoeira** S.F. Extensão de terra escolhida para o plantio que depois da derrubada e queimada da vegetação nativa maior, apresenta vegetais rasteiros em decorrência da regeneração e favorece o cultivo da maniva para a produção da batata da mandioca.
- Capoeiral** S.M. Grande extensão de terra plantada de mandioca constituída de vegetação fechada e de grande porte.
- Capoeirão** S.M.
- Capoeirinha** S.F.
- Carimã** S.M. / S.F. Produto retirado da água da mandioca puba raspada na apuração e coação da goma. Desta coação em sacos de estopa ou algodão, que fica geralmente pendurado, obtendo por gravidade uma massa gomada com o qual se faz pequenos bolinhos, que depois de deixado para secar ao sol por dias deriva em um composto duro e seco que é raspado e/ou desmanchado originando um tipo de pó fino e branco para fazer o caldo.
- Carnaúba** S.F. Parte que compõe a prensa antiga na casa de farinha velha. A carnaúba era uma madeira grossa e pesada que ficava sobre os sacos para retirar a manipueira e enxugar a massa.
- Carnaubeira** S.F. Árvore da família das palmeiras, de grande porte (*Copernicia prunifera*), de folhas palmadas grandes, flores amarelas e bagas ovoides. A madeira é resistente e constantemente usada na construção de casas e em equipamentos da casa de farinha como a prensa antiga; suas folhas fornecem cera, produzem óleo e ainda a palha para a feitura de diversos produtos que servem para embalar e/ou proteger os gêneros da mandioca como bolsas, sacas, urus e esteiras, e também, são usadas na prensa tradicional entre as grades para reter e secar a massa.
- Cipó 1** S.M. Planta de caule fino e mole, mas resistente que serve para tecer cestos, caçoás, peneiras que são de uso importante nas casas de farinha.
- Coité** S.F.
- Crueira** S.F. Pequenos pedaços de mandioca que sobram após o processo de serragem e prensagem quando do peneiramento para sua secagem.
- Cuia** S.F. Espécie de bacia feito de cabaça muito usada na casa de farinha para diversos fins como carregar a massa, a farinha e a goma.
- Cumbuca** S.F. Utensílio doméstico manufaturado do fruto da cabaceira que depois de seco, é limpo e serrado para fazer uma espécie de concha que se utilizava para tirar água do pote e outros fins, especialmente no passado, quando não havia bacias, baldes, travessas e garrafas de plástico.
- Cururu** S.M. Espécie de anfíbio saltitante que se alimenta de insetos das plantas e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca.
- Garajal** S.M.
- Graúna** S.F. Pássaro de porte médio (*Icterídeos*, espécie *Gnorimopsar chopi*) que mede 21,5 a 25,5 centímetros de comprimento e possui todo o corpo e as asas completamente pretas. Sua alimentação é feita de frutas, sementes, insetos, grilos, aranhas e outros invertebrados que convivem no mandiocal. Aproveita restos de grãos junto aos paióis chegando a desenterrar sementes recém-plantadas para se

alimentar. Alimpa os roçados e capoeiras de insetos e animais menores quando da broca e queimação para plantação da cultura da mandioca.

Guarani S.F. Espécie de mandioca brava.

Jerimum S.M. Variedade de planta, fruto do jerimunzeiro (abóbora) que se cultiva no consócio de plantação da mandioca.

Jirau S.M. Estrutura feita de varas e paus fora da casa de farinha para secar os blocos de goma retirados do tanque.

Jurubeba S.F. Planta cheia de espinhos que dificulta o trabalho de capina executada pelo trabalhador rural.

Macaxeira S.F. Batata formada da raiz da maniveira, de polpa branca, casca externa grossa, rugosa e marrom, de baixo teor de ácido cianídrico e usada na alimentação humana direta cozida, assada ou para fazer bolo, pão e pudim.

Mandioca 1 S.F. Batata formada da raiz da maniveira, de polpa branca, amarela ou creme, casca externa grossa, rugosa e marrom, de alto teor de ácido cianídrico (não diretamente comestível) e usada na produção de farinha e seus derivados.

Mandioca 2 S.F. Planta como um todo, vegetal da mandioca composto de batata, caule, galhos, folhas e flores.

Mandioca 3 S.F. Pequenas partes do caule cortado em paus de aproximadamente um palmo com os quais se faz a muda para o cultivo da planta. Pedacos do caule da maniveira que são cortados em pequenos paus em estacas servindo de mudas (sementes) para o plantio da nova safra.

Mandioca 4 S.F. Folhas da planta, parte superior do vegetal.

Manipueira S.F. Sumo extraído da mandioca, de coloração amarela ou esbranquiçada, obtido da massa da mandioca que foi descascada, ralada e espremida.

Maniva 1 S.F. Planta adulta depois de ser arrancada (retirada a raiz, batata) constituída de caule, copa, folha e raiz, que é encanteirada e que serve para a semente, da qual se origina a mandioca após o novo plantio.

Maniva 2 S.F.

Mingau de goma S.T.M.

Murici S.M. Fruta pequena e caroçuda do muricizeiro que é muito comum na região e que é apreciada pelos locais especialmente pelo seu suco.

Paçoca S.F. Iguaria feita com carne de sol assada ou cozida, manteiga e farinha batida no pilão.

Pirão S.M. Subproduto da mandioca; Iguaria de farinha de mandioca como uma papa produzida com caldo cozido de peixe, camarão, ovos ou carne, bem temperado com alho, pimenta, pimentão e cheiro verde mexido e amolecido.

Pote S.M. Recipiente arredondado de barro onde se transporta ou se armazena água para o consumo na casa de farinha.

Preá S.M. Animal mamífero da espécie de pequenos roedores da família dos Cavídeos, particularmente a espécie *Cavia porcellus*, medindo cerca de 25 cm de comprimento, possuindo pelagem cinzenta, corpo robusto, patas e orelhas curtas, incisivos brancos e cauda ausente. Esses animais comem a folhagem seca da roça de mandioca estando presente em muitas das capoeiras e roçados que, quando em grande escala, pode constituir uma praga para as manivas em desenvolvimento e atrair predadores peçonhentos como cobras e serpentes.

- Tapioca 1** S.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju tradicionalmente feito de goma de mandioca meio molhada com coco ralado e sal com uma cobertura de uma camada fina da mesma goma no forno de barro da casa de farinha.
- Tapioca 2** S.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju de goma também preparado com coco e sal, a moda da casa de farinha, porém aquecida em caco de barro ou frigideira no fogão de cozinha doméstico.
- Uru** S.M. Cesto com alça feito de palha de carnaúba que serve para carregar mandioca, milho e feijão, e outros produtos de cultivo do agricultor.
- Urucu** S.M.
- Urucum** S.M. Semente pequena e vermelha do urucuzeiro.
- Urupema** S.F.

Vocabulário 18: Lista de termos de origem indígena encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)

6.10.2 Africanismos

- Aluá** S.M. Bebida refrescante feita das cascas do abacaxi fermentado misturado com água e adocicado com rapadura raspada ou açúcar muito apreciado nas casas de farinha e nas festas regionais tradicionais.
- Angú** S.M. Papa espessa de farinha de mandioca peneirada feita com caldo de carne temperado para alimentar pessoas fracas como bebês e/ou velhos.
- Angú de farinha** S.T.M.
- Cabaça** S.F. Fruto arredondado da cabaceira que depois de maduro, é aberto e limpo para servir de utensílios domésticos usadas nas casas de farinha de antigamente, como a cabaça de água, cuia, bacia, coité, etc.
- Cacimba** S.F. Tipo de poço cavado em forma circular no solo para a obtenção de água usado em diversos procedimentos na casa de farinha, como molhar a massa, lavar a goma e até fins domésticos.
- Calango** S.M. Espécie de pequeno réptil acinzentado e rastejante que come insetos das plantas e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca.
- Canga** S.F. Peça de madeira confeccionada com três paus presos entre si, para ser colocada na cabeça de animais quadrupedes de pequeno e médio porte, como porcos, bodes, carneiros para impedi-los de invadir os mandiocais e provocar estragos comendo as plantas e raízes.
- Cangalha** S.F. Peça de arreio do animal de carga alocada sobre seu dorso que sustenta demais artefatos de carga como cambitos ou caças no momento do transporte da raiz e de seus derivados.
- Cavoucar** VERB.
- Cuscuz de goma** S.T.M. Tipo de bolo de goma (fécula) feito na cuscuzeira com leite de coco raspado.
- Farofa** S.F. Iguaria feita de farinha de mandioca, temperada com tocinho, banha, óleo ou manteiga, sal e, às vezes, misturada com ovos, carne, peixe etc.
- Maxixe** S.M. Produto do maxixeiro; fruto rasteiro comestível que é plantado em consócio e serve como legume na panela do agricultor.
- Moringa** S.F. Utensílio usado para guardar e servir a água de beber.
- Quenga** S.F.

Quenga de coco S.T.F. Parte dura do coco seco que protege a polpa e que quando esta é retirada serve como utensílio ou para a queima no forno da casa de farinha.

Quitanda S.F.

Tacar VERB. Ação de bater em animais, pessoas e/ou coisas; Pôr algo violentamente em alguma coisa ou em algum lugar; Arremessar os paus no forno a lenha da casa de farinha;

Vocabulário 19: Lista de termos de origem africana encontrados na pesquisa (elaborado pelo autor)

Destarte de tudo que foi pesquisado, e, quando necessitado de conferência, aferido em obras de base, como as que aqui daremos crédito: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa; Dicionário Michaelis do Português; Manual de identificação de plantas infestantes de H. J. da C. Moreira; Guia de plantas: visitadas por abelhas na Caatinga de C. Maia-Silva[et al.]; O elemento afro-negro na língua portuguesa de J. Raimundo; Dicionário tupi-português, português-tupi de O. Mello; A influência africana no português do Brasil de R. Mendonça. Glossário eletrônico da terminologia da farinha da mandioca na Amazônia paraense e Glossário Socioterminológico da cultura da farinha de E. M. da S. Rodrigues; A Cultura da Mandioca de J. L. N. de Pinho; Farinhas de mandioca seca e mista e Planejando uma casa de farinha de mandioca de V. S. Bezerra.

Por fim, acreditamos que essa amostra aqui apresentada, servirá para enquadrar a pesquisa, mostrando sua riqueza valorativa no campo da linguística e convence-nos de que valeu realmente “pagar o preço da farinha”, ou seja, todo nosso esforço de pesquisa, análise e descrição. Tudo isso é recompensado, pois a variedade linguística da região, nos estudos que ora empreendemos foi “campo fértil” e nos deu plena satisfação em explorá-la. Nosso objetivo nesta análise não era a de dissecar o corpus, pois essa não era nossa meta. O que acabamos de apresentar aqui, neste último capítulo, nada mais era do que dar um panorama geral de observações de cunho linguístico

Portanto, essa pesquisa exploratória e de campo não está finda nesta tese. Acreditamos que a investigação ainda possa oferecer muito, e em especial, nosso corpus, ainda possa ofertar estudos mais avançados sobre a variedade estudada. Cremos que outras pesquisas com valores mais específicos e objetivos menos gerais possam olhar para esses dados com outros fins que não os de que gerenciaram esta tese: a de constituir um glossário.

Este trabalho de campo foi demasiado grande, por extensão, sua análise aqui, nesta tese, abre lacunas para uma maior exploração, podendo contribuir ainda mais para uma exame bem mais aprofundado da realidade linguística local e, também, poderá contribuir com o desenvolvimento das áreas da linguística envolvidas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos últimos anos, especialmente no período deste doutorado, temos nos envolvidos com pesquisas na área da terminologia, da lexicografia, da etnolinguística e da dialetologia, apresentando e assistindo trabalhos, lendo e escrevendo sobre os temas elencados sob várias perspectivas, além é claro, da nossa pesquisa que, agora revelamos na área do léxico de especialidade. Quando fizemos o projeto-piloto, naquele primeiro momento sabíamos que muito ainda se tinha por fazer e que precisávamos expandir a nossa perspectiva para imersões mais profundas. Foi, então, esse fazer planejado que nos deu a oportunidade de continuar a pesquisa até o fim, podendo assim, contribuir para o conhecimento sobre os saberes tradicionais do universo da atividade da mandioca na região noroeste cearense.

Todos esses estudos, nos levaram a pressupostos teóricos e metodológicos que conclamam uma etnodialexicologia em Aubert (2001), Barbosa (1989, 1990, 1991, 1994, 1996, 2005), Biderman (1984, 2001, 2006), Borba (2003), Cabré (1993, 2002), Faulstich (1995, 2006), Gaudin (1993), Krieger-Finatto (2004), pois, compreendemos que tais estudos têm se voltado à relação linguagem e sociedade, chegando a percepção de que a variação deva ser considerada como um pressuposto importante à prática terminológica.

Ao apresentarmos o Glossário Regional da Mandiocultura, tivemos o maior cuidado em descrever a linguagem em uso, motivo pelo qual se empreendeu a batalha de campo, pois é dela que se utilizamos na interação social da linguagem. Queremos advertir mais uma vez que, o nosso objetivo principal, nessa obra, não era classificar os termos; embora soubéssemos da importância disso para a descrição e o entendimento do funcionamento da linguagem. Nosso real fim foi tão somente, demonstrar que os termos são variantes, e que o falante os elege para o contato sociocomunicativo em seu convívio social, construindo linguagem e categorizando o mundo a sua volta.

Gostaríamos também de salientar que obra elaborada apresenta a perspectiva de ter sido construída com base em ferramentas digitais. De tal modo, que tivemos a disposição recursos computadorizados para extração dos termos, organização e elaboração do glossário eletrônico. Cremos que na contemporaneidade, para qualquer trabalho terminológico que se queira realizar, seja imprescindível a constituição de um *corpus*, e o tratamento deste por meio de recursos informatizados, pois um trabalho controlado por computador, apresenta mais segurança e objetividade na organização, tanto na macroestrutura como da microestrutura do glossário. Essas novas possibilidades na era da informática devem fazer parte da prática e das reflexões

na área dos estudos terminológicos de forma a contribuir para o acesso à informação numa sociedade globalizada cada vez mais exigente pela informação rápida e segura.

Com tudo que já foi dito sobre as vantagens do recurso digital, podemos crer que uma obra terminológica no formato digital venha contribuir bastante na busca de informação para o consulente. Dentre suas características, podemos elencar a facilidade em localizar termos e imagens que corroboram para o entendimento do sentido do termo, que às vezes poderá ser difícil de definir em decorrência de seus aspectos culturais particulares. Há também a possibilidade de qualquer termo na microestrutura do verbete servir de *hyperlink* para a sua explicação ou direcionar rapidamente para o(s) termo(s) variante(s) a que se refere(m), ajudando o consulente na tarefa de compreensão do universo especializado repertoriado.

Ao buscarmos aliar os princípios etnolinguísticos e dialetológicos com a pesquisa terminológica e lexicográfica, confiamos ter oportunizado uma forma de se tratar o termo, no espaço geográfico da pesquisa, garantindo confiabilidade nos resultados alcançados. Como não tínhamos como meta enveredar pelas reflexões sobre regionalismos, não evidenciamos os pontos de inquérito com esse fim. Também, não foi nossa preocupação categorizar os dados linguísticos, do ponto de vista de sua estratificação social, uma vez que, essas informações não teriam sentido para serem inseridas num glossário, em consequência do próprio público-alvo geral a que a obra se destina. Realizamos uma breve discussão de cunho linguístico sobre alguns termos elaborados do glossário e, a partir deles, pudemos evidenciar que há uma diversidade de usos linguísticos, e que essa diversidade corrobora para o universal linguístico sobre a diversidade linguística na unidade.

O repertório confeccionado no glossário traz peculiaridades, no que diz respeito o uso dos termos no discurso especializado, nas várias comunidades investigadas. No entanto, não é pretensão nossa apresentar os nossos resultados como algo totalmente pronto e acabado. Temos plena consciência dos limites de nossa investigação e de que o levantamento de um maior número de pontos de inquérito, ou seja, que uma ampliação da pesquisa poderia trazer resultados mais satisfatórios sobre a natureza da variação geográfica.

De tal modo, com os dados obtidos, pudemos perceber alguns indícios de que há grandes influências indígenas, assim como algumas influências africanas verificáveis no discurso especializado dos trabalhadores rurais. Termos como beiju, carimã, coité, cuia, jiraú, manipeba, mari, paçoca, pirão, *uru*, *urupema*, *etc*; usados na região estudada que evidenciam a influência da linguagem indígena, e de termos como *angú*, *cabaça*, *cangalha*, *farofa*, *maxixe*, *mufumbo*,

quenga, quitanda, etc; confirmam a influência de línguas africanas, cujas abonações foram feitas em dicionários específicos de referência.

Ao analisar o traçado percorrido, chegamos à conclusão de que essa empreitada trouxe grandes descobertas, uma vez que as atividades especializadas tradicionais, como a mandiocultura, não possuem registros escritos por ter somente interação na modalidade oral da língua e precisam ser documentadas para resguardar seu patrimônio lexical ainda evidente. Além disso, mesmo que determinadas terminologias tenham influência de áreas mais técnicas e uma grande tradição na modalidade escrita, são também usadas por falantes nativos da língua em graus de terminologização diferentes. Em nossa convivência profissional, durante todo o tempo da pesquisa, em contato com os agricultores locais, pudemos observar que há uma necessidade dos inqueridos (especialmente, os mais velhos) de passar seus costumes e conhecimentos tradicionais.

Por fim, esperamos que, com a elaboração do Glossário Regional da Mandiocultura, tenhamos colaborado não apenas para o reconhecimento do léxico especializado, mais também para construção de um caminho a ser cada vez mais aprofundado em estudos vindouros. Por isso, temos plena consciência da pequena contribuição, mais que ainda, poderá ser explorada e revelar diversos elementos que aqui não estão expostos. Outras investigações, assim como essa, poderão planejar mais outros pontos de inquérito a fim de se reconhecer melhor a terminologia em foco. Ficamos felizes, ao fechar esse trabalho, em apresentar essa tese, o glossário, nas duas modalidades, analógica (impresso em papel) e digital (gravado em CD-ROM ou como plataforma *on line*) para ser consultado por especialistas nas áreas específicas, como também por estudantes, e até pelos próprios agricultores, que nos auxiliaram nessa sua construção.

8 REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EdueL, 2013.

ALBUQUERQUE, M. E. **Era uma vez na Cruz**. Cruz/Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001 (p. 25 - 31).

ANDRADE, M. M. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001 (p. 191 a 200).

ARAGÃO, M. do S. S. **Linguística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: União Cia. Editora, 1983.

_____. Os estudos fonético-fonológicos nos Estados da Paraíba e do Ceará. In: Revista da ABRALIN, v.8, n.1, p.163-184, jan./jun., 2009.

_____. Atlas Linguístico da Paraíba In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EdueL, 2013 (p. 73 a 100).

_____; SOARES, M. E. **A linguagem falada em Fortaleza**: diálogos entre informantes e documentadores – materiais para estudo. Fortaleza: UFC, 1996.

ARAÚJO, N. de. **Município de Acaraú**: notas para a sua história. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1971.

_____. **Acaraú**: cidade centenária. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1982.

_____. **O município de Cruz.** Acaraú / Fortaleza: Gráfica e Editora R. Esteves Tipoprogresso Ltda, 1989.

_____. **Cronologia da cidade de Acaraú.** Fortaleza: Gráfica Stylus, 1991.

ARAÚJO, J. S. P.; LOPES, C. A. **Produção de farinha de mandioca na agricultura familiar.** Fortaleza: Manual Técnico, v. 13, 1983.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue.** 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

AZEVEDO, O. S.; MARGOTTI, F. W. **Estudo Linguístico-Etnográfico sobre a Mandioca no Baixo Amazonas.** Signum: Estud. Ling. n. 15/2, Londrina, dez/2012 (p. 13-43).

BAGNO, M. **O preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 49ª. Edição. São Paulo: Loyola, 1999.

BARBOSA, M. A. Da macroestrutura dos vocabulários técnico-científicos. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL - IV. **Anais.** São Paulo: PUC, 26-28 de julho / 1989 (p. 567-578).

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA - II E ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICA-CIENTÍFICA - I. **Anais.** Brasília: IBICT, 1990 (p. 153).

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: objeto, métodos, campos de atuação e de cooperação. SEMINÁRIO DO GEL - XXXIX. **Anais.** Franca: UNIFRAN; 1991 (p. 182-189).

_____. Dicionário de língua, vocabulários técnicos-científicos, glossários: estatuto semântico-sintáticos das unidades-padrão. In: Estudos Linguísticos XXIII. SEMINÁRIOS DO GEL. **Anais.** São Paulo, GEL/USP, 1994 (p. 289-294).

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. **Cadernos de Terminologia**, nº 2. São Paulo: FFLCH/ USP, 1996.

_____. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. (p. 33- 51).

_____. Terminologia e lexicologia: plurissignificação e tratamento transdisciplinar das unidades lexicais nos discursos etno-literários. Fortaleza: **Revista de Letras** nº 27 – v. 1/2, jan/dez-2005 (p. 103-107).

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BASÍLIO, M. **Teoria lexical**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

BESSA, J. R. F. (coord.). **Atlas linguístico do Ceará**. Fortaleza: Ed. UFC, 2010 (v. 1 e 2).

BEZERRA, V. S. **Farinhas de mandioca seca e mista**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006.

_____. **Planejando uma casa de farinha de mandioca**. Macapá: Embrapa Amapá, 2011.

BIDERMAN, M. T. C. **A ciência da lexicografia**. São Paulo: **Alfa**. 28 (supl.), 1984. (p. 1-26).

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001 (p. 13-22).

_____. O conhecimento e o dicionário. São Paulo: **Ciência e cultura**. v. 58, n. 2. abr./jun. 2006.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BOURIGAUL, D.; SLODZIAN, M. Por uma Terminologia textual. In: KRIEGER, M.G. e ARAÚJO, L. A Terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, nº17, outubro/dezembro-2004.

CABRÉ, M.T. **La terminologie: teoria, metodologia y aplicaciones**. Barcelona: Antártida / Empúries, 1993.

_____. Una nueva teoría de la terminología; de la denominación a la comunicación. In: CORREIA, M. **Terminologia desenvolvimento e identidade nacional**. Lisboa: ILTEC, 2002.

CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Maciulinilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

CARDOSO, S. A. M. **A dialetologia no Brasil: perspectivas**. São Paulo: D.E.L.T.A. v. 15, 1999 (p. 233-255).

CARDOSO, A. L. M. **Vocabulário do bumba-meu-boi do Maranhão: abordagem lexicográfica e terminológica**. São Paulo: USP, 2004 (Dissertação de Mestrado).

CASCUDO, L. C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.

_____. **História da alimentação do Brasil.** São Paulo, Ed. Global, 2004.

_____. **Civilização e cultura:** pesquisa e notas de etnografia geral. São Paulo: Global, 2004.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHRISTOPHE, R; CANDEL, D. Les elements formants en lexicographie et dictionnaire: ferri-, ferro-, peut-il y avoir confusion? In: QUEMADA, B. **Cahiers de lexicologie.** Revue Internationale de lexicologie et Lexicographie. Vol 49. Paris: Didier Erudition, 1986.

COSERIU, E. **Lições de linguística geral.** Trad. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

_____. **O homem e sua linguagem.** Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CRISTÓFARO, T. S. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

DIFUSORA, rádio. Disponível em: <<http://www.difusoraacarau.com.br>>. Acessado entre nov/2017 a set/2018.

DIOCESE DE SOBRAL. Disponível em: <www.diocesedesobral.com>. Acessado entre mai/2017 a nov/2018.

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

DUBUC, R. **Manuel pratique de terminologie.** Montreal: Linguattech, 1978.

EMBRAPA. **Mandioca e fruticultura.** [s.d.]. Disponível em: <http://www.cnpmf.embrapa.br/index.php?p=pesquisa-culturas_pesquisadasmandioca.php>. Acessado em: 11/out/2016.

FARIAS, E. M. P. **A linguagem da moda no português contemporâneo.** Recife: UFPE, 2001 (Tese de Doutorado).

_____. **Glossário de termos da moda.** Fortaleza: editora da UFC / Sebrae, 2003.

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciências da Informação.** Vol.24. Brasília: IBCT, set./dez. 1995a. (p. 281-8.)

_____. **Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação.** Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995b.

_____. Da linguística histórica à terminologia. In: FARIAS, Y. **Investigações: Linguística e teoria literária.** VOL. 7. 2006.

FERREIRA, R. R. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sígnicos constitutivos de sua linguagem.** Fortaleza: UFC, 1997 (Dissertação de Mestrado).

FINATTO, M. J. B. Elementos lexicográficos e enciclopédicos na definição terminológica: questões de partida. In: KRIEGER, M.G. e BECKER, A.M.(Orgs) **Temas em terminologia.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS / São Paulo: Humanitas, 2001.

FIORIN, J. L; PETTER, M. (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2008.

FONSECA, M. A. N. P. **Em torno do vocábulo da mandioca: subsídios para o estudo de um campo conceitual.** São Paulo: Alfa, V. 27, 1983 (31-38).

FREITAS, V. **Bela Cruz** - biografia do município. Aracajú, SE: Livrorama, 2013.

FUNCEME (Fundação Cearense de Meteorologia). **Dados Pluviométricos**. Disponível em: <www.funceme.gov.br>. Acesso entre fev/2017 a out/2018.

GAUDIN, F. **Pour une socioterminologie**: des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Université de Rouen, nº182, 1993.

GIRÃO, R. **Municípios cearenses e seus distritos**. Fortaleza, Publicação da Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará, 1983.

GONÇALVES, Â. J. **Lexicologia e ensino do léxico**. Brasília: Thesaurus, 1975.

HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETINGER, S; WERNER; R. **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HAGÈGE, C. **O homem dialogal**: contribuição linguística para as ciências humanas. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

HILPERT, M. *Corpus-based Approaches to Metaphor and Metonymy*. In: Anatol Stefanowitsch, Stefan Th. Gries. **Keeping an eye on the data**: Metonymies and their patterns. Mouton de Gruyter: Berlin and New York, 2006.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IBGE. [s.d.]. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br>>. Acesso em 23/12/2017.

_____. [s.d.]. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce>>. Acesso em 20/10/2018.

ICMBIO. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br>>. Acesso em 10/11/2018.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

JUNGLAS-MUNIZ, M. **Uma Análise Descritiva do Processo de Formação de Palavras no Léxico da Mandioca na Região Noroeste do Ceará**. In: IV Seminário Regional de Geolinguística SERGEL, UFPA, Belém: 2015.

_____. **“Da mandioca a farinha”** - um dicionário etnodialexicológico do vocabulário dos agricultores do noroeste cearense. Fortaleza: UFC, 2016 (Projeto de Tese de Doutorado).

JUNGLAS-MUNIZ, M; MATOS, J. G. **A variante [i] como marca verbal da terceira pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo**. In: IV Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários CIELLI, EdUEM, Maringá: 2016 (Anais do IV CIELLI, Universidade Estadual de Maringá, p. 751 a 763).

KRIEGER, M. G; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. FAVERO, T. O. À propos de la terminologie de l'environnement. In: KRIEGER, M. G. e BECKER, A. M. (Orgs) **Temas em terminologia**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. São Paulo: Humanitas, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. BAGNO, M; SCHERRE, M. P.; CARDOSO, C. R. (trad.). São Paulo: Parábola, 2008.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago and London: University of Chicago Press, 1980.

LYONS, J. **Semântica**. Vol. 1. Traduzido por Wanda Ramos. Lisboa: Editorial Presença / Martins Fontes, 1977.

LORENTE, M. Teoría y innovación en terminografía: la definición terminografica. In: CABRÉ, M.T.FELIU, J. **La terminologia científico-tecnica**. Barcelona: IULATERM, 2001.

LODY, R. **Farinha de mandioca: o sabor brasileiro e as receitas da Bahia**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

LUCENA, G. S. **O léxico da pesca em Cabedelo**. João Pessoa: UFPB, 1983 (Dissertação de Mestrado).

LUCENA, J. M. **Construções populares de caráter religioso: uma abordagem léxico-semântica**. João Pessoa: UFPB, 2003 (dissertação de Mestrado).

_____. **uma palmeira em muitos termos: a terminologia da cultura agroextrativista, industrial e comercial do coco babaçu**. Fortaleza: UFC, 2008 (Tese de Doutorado).

MACEDO, M. C. M.; MATTOS, P. L. P. de. **Normaniva: um implemento simples e eficiente para o preparo de “manivas-semente” de mandioca e baixo custo**. Cruz das Almas, BA: EMBRAPA-CNPMPF, 1980. 10p. (EMBRAPA-CNPMPF. Comunicado Técnico, 6).

MAIA-SILVA, C (et al.) **Guia de plantas: visitadas por abelhas na Caatinga**. 1. ed., Fortaleza, Ceará: Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MELLO, O. **Dicionário tupi-português, português-tupi**. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1967.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MICHAELIS. Dicionário [s.d.]. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>>. Acesso entre 10/2017 a 11/2018.

MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectologia general y hispano-americana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MOREIRA, H. J. da C. **Manual de identificação de plantas infestantes**: hortifrúti. São Paulo: FMC Agricultural Products, 2011.

MUNANGA, K. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A.N. (Orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2.ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

PEARSON, J. Como ter acesso a elementos definitórios em textos especializados. In: KRIEGER, M.G. e ARAÚJO, L. A Terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS; nº17, outubro/dezembro - 2004.

PINHO, J. L. N. de. **A Cultura da Mandioca**. (Mimeografada). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

PONTES, A. L. **Os termos da cultura e industrialização do caju**. Assis: UNESP, 1996 (Tese de Doutorado).

_____. **Dicionário para uso escolar**: o que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do português**. Trad. Albert Audubert e Cidmar Pais. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

_____. **Linguística geral**. Teoria e descrição. Rio: Presença, 1978.

RAIMUNDO, J. **O elemento afro-negro na língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RODRIGUES, E. M. da S. **Glossário eletrônico da terminologia da farinha da mandioca na Amazônia paraense**. Fortaleza: UFC, 2015 (tese de doutorado).

_____. **Glossário Socioterminológico da cultura da farinha**. Belém: UFPA, 2010 (dissertação de mestrado).

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie**. Quebec: Gaetan Morin, 1984.

SANDMAMM, A. J. **Morfologia lexical**: formação de palavras, ampliação do léxico e produtividade lexical. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, E. **A linguagem**: uma introdução ao estudo da fala. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SEMACE. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br>>. Acesso entre 10/2017 a 11/2018.

SILVA, H. A. da; MURRIETA, R. S. S.. *Mandioca, a rainha do Brasil: ascensão e queda da Manihot esculenta no Estado de São Paulo*. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Vol. 9 n. 1 jan./abr 2014. Belém: MPEG, 2014.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.

TEMMERMAN, R. Towards new ways of terminology description. In: TEMMERMAN, R. **Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach.** Terminology and Lexicography research and practice. 3 v. Amsterdam: J. Benjamin, 2000 (p. 219-237).

_____. Teoria sociocognitiva da terminologia. In: KRIEGER, M. G. e ARAÚJO, L. A. Terminologia em foco. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS; nº17, outubro/dezembro-2004.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência de significado.** 4ª ed., Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Tradução por Maria Teresa Cabré. Barcelona: Instituto Universitario de Lingüística Aplicada – Universidad Pompeu Fabra, 1998.

VILELA, M. **O léxico da simpatia.** Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980.

_____. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1994.

VASCONCELOS, A. M. M. **Glossário da terminologia do caranguejo: uma perspectiva socioterminológica.** Belém: UFPA, 2000 (Dissertação de Mestrado).

XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (orgs.) **Dicionários na teoria e na prática** – como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: GUIA DE ORIENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO ELETRÔNICO

Este guia de uso se faz necessário à medida que orientará o consulente a instalar e a usar os recursos disponibilizados pelo glossário eletrônico. Podemos dizer que a obra terminológica que elaboramos não nasceu de um simples acaso, mas da necessidade de responder a questionamentos de linguistas que trabalham com o léxico especializado, de técnicos agrícolas que atuam na atividade de extensão e orientação rural para agricultores, e demais interessados que atuam na atividade especializada da mandiocultura.

1. Instalação do glossário

Para o uso do glossário eletrônico é necessário que se realize a instalação do *software* por meio do arquivo denominado *glossário setup* que se encontra no *CD-ROM* juntamente com este guia em formato PDF.

2. Estrutura do verbete

DAR DE COMER

Fon. ['dadi kō'me] ['dadi ku'me]

[TRANSPORTE]



S.T.V. Alimentar os animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o processamento na casa de farinha.

Var.: **alimentar** Ver: **dar comida**

É preciso dar de comer os animais pra que eles estejam fortes e trabalhem bem.

NOTA: Geralmente, os animais são alimentados com grãos como milho e com farelos, restos de outros produtos plantados como casca de feijão ou palha de milho secas, e ainda, casca da mandioca ou folhas da maniva secas e desidratadas.

Campo 1 Campo 2 Campo 10 Campo 5

Campo 3

Campo 7

Campo 8

Campo 4 Campo 9 Campo 6

Os termos do glossário podem vir apoiados por recursos multimodais como transcrição fonética, imagem, *links* e cores na estrutura do verbete. Os campos marcados na imagem anterior demonstram como está estruturado o verbete do glossário com base no que foi definido na macroestrutura e na microestrutura:

Campo 1: termo entrada do glossário localizado em destaque na cor preta, em negrito, caixa alta;

Campo 2: ícone *Fon.*, abaixo do termo entrada, em azul, apresenta a(s) forma(s) transcrita(s) foneticamente do termo da forma como foi pronunciada pelo inquerido;

Campo 3: campo semântico do qual o termo pertence, entre colchetes, na cor em destaque vermelha, em caixa alta;

Campo 4: sigla da categoria gramatical do termo entrada, em azul;

Campo 5: definição do termo cunhado com recursos na área pesquisada;

Campo 6: contexto discursivo em que o termo é usado pelo inquerido, ou seja, a frase reconstituída como exemplo para o consulente, em cor azul, itálico;

Campo 7: ícone *Var.*, que indica variante(s) relacionada(s) ao termo entrada, ou seja, variante(s) com igualdade estabelecida na equivalência do termo, que estão destacadas em cor azul escuro negritada, com link para consulta;

Campo 8: ícone *Ver.*, que expõe relação semântica de inclusão na hierarquia dos termos compreendido ao termo entrada que é destacada em cor azul claro negritada, com link para consulta;

Campo 9: ícone *NOTA*., que apresenta expansão do tema através de anotações gerais sobre o tema entrada;

Campo 10: imagem ilustrativa retirada em campo do termo entrada, localizada ao lado, ajudando o consulente a formar melhor compreensão do termo pesquisado;

3. Organização da listagem dos termos

Embora os termos estejam organizados em ordem alfabética, o **Glossário Regional da Mandioca** possibilita ao consulente a listagem pela categoria gramatical, clicando na aba “*part of speech*” ou pelo campo semântico, clicando na aba “*categorias*”, ou até, consultar em ordem inversa, clicando em “*ordenar a partir do final*”. A consulta por ordem alfabética e a mais recorrente em uso, pode ser feita digitando o termo desejado no quadro de busca e aguardando seu resultado. Caso não exista o termo no banco de dados do glossário, o programa

apresentará um termo mais próximo alfabeticamente da palavra procurada, e ainda, o consulente terá uma lista, apresentada no lado esquerdo da tela, que lhe dará aproximação dos termos credenciados na ordem de digitação da procura feita.

A consulta clicando na aba “*part of speech*” dará os ícones que representam as classes gramaticais que os verbetes pertencem. Ao consultar, por exemplo, o link “*Adj.*” que pertence a adjetivo, apareceram na tela principal todos os adjetivos listados na base de dados do glossário para sua consulta. Caso tenha interesse em um termo *adjetivo* individualmente, basta clicar sobre ele, que este se abrirá oferecendo às informações gerais do verbete entrada.

Quando a consulta for por campos semânticos da área da mandiocultura, deve-se clicar no ícone “*categorias*”, que aparecerá na tela os cinco campos e os treze subcampos relacionados com a pesquisa que deu base para o glossário. A partir daí, o interessado, por meio de um click terá acesso aos termos de cada campo e subcampo. Por exemplo, se o consulente quiser abrir o campo [PLANTAÇÃO] e buscar na letra A, o termo “*Arrado*”; ele terá a abertura na tela principal do verbete com toda informação atribuída a este elemento do léxico. O mesmo também poderá acontecer quando a consulta for por interesse semântico visando os subcampos apresentados, como no caso específico do subcampo “*Instrumento*”, que apresentará uma lista de todos os termos do glossário que são usados como equipamentos em todas as fases da atividade. É importante lembrar que o programa também auxilia o consulente dando o quantitativo de verbetes em cada categoria, abaixo, na tela.

O consulente ainda poderá procurar um termo especificamente clicando na aba “*procurar*”, digitando o termo que deseja achar, no espaço em branco. Nesse caso, o programa direcionará automaticamente ao termo pesquisado para que o consulente possa consultar todas as suas informações organizadas no verbete. É importante salientar que a listagem dos termos apresenta ícones ao lado de cada unidade lexical que correspondem a sua própria estrutura do verbete no glossário. A aba “*procurar*” ainda prover um detalhamento do termo quantitativo nas entradas lexicais, como também nas definições, apresentando mais informações em ligação direta entre todos os termos.

4. Recursos multimodais: imagens e links

Os recursos multimodais como a utilização de imagens e *links* são explorados no glossário na perspectiva de ajudar o consulente a contextualizar os termos na perspectiva do

glossário que é entender os saberes oriundos da atividade especializada da mandiocultura na região pesquisada.

Gravuras

Alguns termos são acompanhados por imagens, entrecortadas dos dados da pesquisa *in loco*, que podem auxiliá-los na compreensão da definição. Ao clicar sobre a imagem, ela se expandirá em uma outra janela, aproximando-a para melhor visualização do consulente. Algumas gravuras são fotografias retiradas em campo, esquemas explicativos sobre os conceitos cunhados, desenhos retratando algum tema que não se concebe uma imagem real, entre outras.

Links

As variantes terminológicas são ligadas ao termo-entrada principal, ou seja, à variante que apresenta a definição. No exemplo do verbete da variante “cocha” a expressão “*Var.: masseira*” direciona por meio de um *link* disposto no termo seguinte, em cor azul negritada, ao verbete onde se encontra o termo da entrada principal com a definição “*MASSEIRA*”.

Há ligações entre todos os termos, o que constitui um fator de facilidade e rapidez para quem se prestar a consulta neste programa. Foi também, aferido ligação entre termos gerais que se necessita consultar por grupos, com exemplificamos com o verbete “*Cobra*” onde podemos encontrar *link* para as diversas espécies de cobras pesquisadas no trabalho.

Existe ainda especificações quanto a origem dos termos, seccionados em originários de línguas indígenas ou africanas, termos técnicos ou mesmo, quando há aceção do termo em sentido figurado alargando seu sentido literal. Esse recurso é mais uma informação disponível que tem o consulente ao dispor dos subsídios do glossário neste formato.

Ademais, nas entradas, os links podem oferecer cada campo e subcampo, que pode ser acessado com apenas um click. O modelo ainda proporciona, na tela principal, em seu canto esquerdo, botões “*retroceder*” e/ou “*avançar*” que poderá levar a frente ou atrás na sequência de consulta.

Abreviaturas usadas no glossário

Várias abreviaturas são usadas no glossário eletrônico, sendo necessário o reconhecimento delas para uma compreensão eficaz da organização dos elementos da estrutura

dos verbetes. Essas abreviaturas dizem respeito a descrição gramatical dos termos, remissivas e demais *links* que indicam relações de sentidos entre os termos, e portanto, devem ser interpretadas do seguinte modo:

Africano	termo de origem nas diversas línguas africanas
Animal	fauna da região integrada a cultura da mandioca
Adj.	adjetivo
Beneficiamento	domínio do beneficiamento
Culinária	domínio da culinária
Figurado	expressões metafóricas e não literais
Fon.	transcrição fonética
Fruta	frutos regionais interligados a área
Indígena	termo de origem nas diversas línguas indígenas
Instrumento	equipamento usado nos ciclos da mandiocultura
E.M.L.	expressão metafórica da linguagem
Var.	variante com igualdade estabelecida na equivalência do termo
Vegetal	flora local associada a cultura da mandioca
Ver.	aproximação de sentido estabelecido por termo
Verb.	verbo
Nota	anotação e expansão do tema
Ocupação	função exercida por pessoa nas etapas da cultura
Partes da planta	componentes do vegetal
Plantação	domínio da plantação
Produto e subproduto	resultado processado da produção final da cultura
Processamento	processo de transformação nas fases da mandiocultura
s.f.	substantivo feminino
s.m.	substantivo masculino
S.T.F.	sintagma terminológico feminino
S.T.M.	sintagma terminológico masculino
S.T.V.	sintagma terminológico verbal
Técnico	termos técnicos
Transporte	domínio do transporte

APÊNDICE 2: GLOSSÁRIO REGIONAL DA MANDIOCULTURA
(VERSÃO IMPRESSA)

Glossário Regional
da Mandioca

Universidade Federal do Ceará
Biblioteca do Centro de Humanidades

R612g Junglas-Muniz, Mário.
Glossário Regional da Mandioca
/ Mário Junglas-Muniz. 2018. 200 f. : il.
Color., enc. ; 30 cm.

Parte da Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.
Área de concentração: Descrição e análise linguística.

Orientação: Profa. Dra. Maria Elias Soares

1. Mandioca – Agricultor – Ceará – Terminologia. 2. Língua Portuguesa - Glossário –
Vocabulário, etc. I. Título

Apresentação

Esse glossário tem como principal objetivo socializar informações linguísticas e culturais sobre a tradição do extrativismo da mandioca extraídas do meio popular na região Noroeste do Ceará. Apresenta a herança a nós legada por nossos antepassados, através da oralidade, que refletem a evolução da língua e da cultura por meio das épocas.

A oralidade é a base de captação deste vocabulário, reunido em campos que refletem os ciclos de trabalho referente a mandiocultura. São registradas palavras que empregadas nos vários subcampos com os instrumentos, processos e usos da linguagem do grupo pesquisado que se apresenta “in vivo”, retirados de entrevistas e questionários aplicados aos informantes locais.

É um instrumento a ser usado por linguistas, professores, estudiosos da cultura popular, os próprios partícipes da comunidade, estudantes em geral, cidadãos comuns, enfim, qualquer um que queira estudar e aprender sobre a cultura da mandioca nesta região. Este glossário de especialidade apreende muitas informações relevantes do léxico com dados que integram vários níveis linguísticos, desde ao léxico em si, passado pela fonética, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, dando grandes subsídios aos que deste tiverem necessidade de consulta.

Os vocábulos presentes neste trabalho mantem as marcas *etnodialetais* dos termos oriundos da atividade de produção da farinha de mandioca e seus derivados nesta região, de uma maneira geral, tanto do ponto de vista da descrição, como da análise do léxico de especialidade. É de extrema importância para o consulente, ter um bom banco de dados sobre a área que possibilite entender melhor as atividades e processos de cada ciclo, como também, conhecer os instrumentos, fases, funções, produtos e subprodutos envolvidos no campo geral do estudo.

Enfim, temos também como finalidade neste trabalho resgatar palavras e expressões da área que podem estar sendo “esquecidas” por desuso, ou até, pela modernização da área, que cada dia que passa, fica mais tecnicista e dispensa o saber tradicional oriundo dessa cultura.

BOA CONSULTA!

Abreviaturas, sinais gráficos e palavras indicativas

Referências gramaticais

adj. para adjetivos;

fon. para transcrição fonética;

verb. para verbos;

s.m. para substantivo masculino;

s.f. para substantivo feminino;

e.m.l. para expressão metafórica da linguagem;

s.t.f. para sintagma terminológico feminino;

s.t.m. para sintagma terminológico masculino;

s.t.v. para sintagma terminológico verbal;

Remissivas

Var. para indicar variação de sentido;

Ver. igualdade estabelecida na equivalência dos termos;

Cf. relação semântica de inclusão na hierarquia dos termos.

Nota para indicar anotação e expansão do tema.

Figurado para indicar expressões metafóricas e não literais;

Técnico para indicar termos técnicos;

Africano para indicar termo de origem nas diversas línguas africanas;

Indígena para indicar termo de origem nas diversas línguas indígenas;

Campos e subcampos específicos da área

[plant.] fase de plantio: etapas da escolha do terreno, brocação, queimação, destoca, adubação, preparação da muda, covar, semear, plantar, capinação, cura e arranque.

[trans.] fase de transporte: etapas de campeio dos animais, alimentação, arreamento, ida ao roçado, montagem da carga, condução do animal a casa de farinha, descarga e cuidados com os animais.

[benef.] fase de beneficiamento: raspagem da raiz, corte, serração, aguação da massa, esprema, prensagem, lavagem da goma, secagem, peneiramento, secagem no forno e feitura dos gêneros (farinha, goma, borra, tapiocas e beijus)

[comer.] fase de comercialização: transporte do gênero, armazenamento, pesagem, compra e venda;

[culin.] fase de culinária: produtos diretos da mandioca, produtos indiretos, pratos compostos e culinária local.

ocupação: função ou atividade exercida por pessoa nas várias etapas da mandiocultura.

instrumento: equipamento, utensílio ou apetrecho usado nos diversos ciclos da mandiocultura.

produto e subproduto: resultado processado da produção final da mandiocultura;

processamento: processo e atividade de mutação e transformação nas fases da mandiocultura.

partes da planta: indica os componentes do vegetal;

animal: indica a fauna da região integrada a cultura da mandioca;

vegetal: indica a flora local associada a cultura da mandioca;

fruta: indica os frutos dos vegetais regionais interligados a mandiocultura;

A, a

Abacaxi *Fon.* [abaka'ʃi] [BENEFICIAMENTO], Fruta, (indígena).

S.M. *Var.:* **Ananá.**

Gosto do suco do abacaxi com bolo de mandioca.

Abanar *Fon.* [abã'na] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação ou efeito de agitar o abano para ventilar, e assim, acender as brasas do forno da casa de farinha para a produção das farinhas e beijus.

Var.: **atiçar.** *Ver :* **acender**₂.

Vai abanar o fogo pra ver se a quentura do forno aumenta.

Abano *Fon.* [a'bãnu] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.M. Instrumento de palha transada usado para ventilar o fogo atizando as brasas e acendo-as embaixo do forno da casa de farinha.

Este abano grande é o melhor pra acender o fogo do forno.

Abarcar *Fon.* [abar'ka] [TRANSPORTE].

VERB. Ação ou ato de envolver abraçando o corpo do animal no momento de colocar os arreios como a cia, o peitoral, a rabichola, e/ou a cangalha para o transporte.

Olhe se a cia abarcou bem e acoche pra carga não escorregar do lombo do animal.

Abelha *Fon.* [a'beʎɐ] [a'beɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Inseto polinizador da lavoura que vive em colméias, produz mel e possui ferrão venenoso.

Ver : **fauna.**

Abóbora *Fon.* [a'bɔbrɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.:* **jerimum.** *Ver :* **plantio em consórcio.**

Aceiro *Fon.* [a'seru] [PLANTAÇÃO].

S.M. Abertura cavada no solo separando as extremas do roçado com a finalidade de não dar acesso a focos de incêndio no momento da queima, ou, no momento da cura do plantio, a não disseminação de pragas in vasoras para outras áreas do terreno.

O aceiro da roça foi feito pra proteger o terreno de praga e pra servir de limites.

NOTA: O aceiro é feito logo após a broca e retirada da madeira do terreno. O aceiro da roça é uma prática comum dos trabalhadores rurais nas atividades desenvolvidas no cultivo da terra para separar as roças e limitar a ação de pragas.

Acender 1 *Fon.* [asẽ'de] [PLANTAÇÃO].

VERB. Atear fogo nas coivaras de plantas secas e folhagens no terreno brocado no processo de queimada quando do preparo do terreno para a plantação. *Var.:* **botar fogo; tocar fogo.**

Vamos acender logo as coivaras antes que chegue o vento forte.

Acender 2 *Fon.* [asẽ'de] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato de pôr fogo intencionalmente e controlado na lenha dentro do forno para gerar alto calor e, assim, preparar a farinha, secar a goma e fazer os beijus e tapiocas na casa de farinha. *Var.:* **tocar fogo.**

Acendi o fogo logo pra acabar de secar a farinha cedo.

Aceso *Fon.* [a'sezu] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que se encontra o forno, com brasa ou fogo, quando em funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Ácido cianídrico *Fon.* ['asidu sja'nidriku] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

S.T.M. Líquido incolor, volátil e muito venenoso encontrado na mandioca especialmente na raiz da planta e que fica presente até no beneficiamento, no processo de desidratação, na lavagem e secagem da massa.

Aciolina *Fon.* [asiõ'line] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Var.:* **ciolina**. *Ver:* **variedade**.

Ele só gosta de plantar aciolina que pra ter muita rama pro gado.

Acochar 1 *Fon.* [ako'ʃa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Comprimir a prensa para enxugar a massa que será seca para ser transformada em farinha. *Var.:* **arrochar**.

Acochar 2 *Fon.* [ako'ʃa] [TRANSPORTE].

VERB. Apertar com força para prender os arreios dos animais preparando-os para o transporte. *Var.:* **arrochar**.

Acocho *Fon.* [ako'ʃu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Ato repetitivo de comprimir a prensa para enxugar a massa que, aos poucos, vai secando, para ser peneirada e transformada em farinha. *Var.:* **arrocho**.

Acunhada *Fon.* [akũ'ɲadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Instrumento ou ferramenta que foi posto a cunha no processo de encabamento, geralmente, antes do primeiro uso, na mandiocultura.

Deixem a enxada bem acunhada, pois a capina vai ser dura.

Acunhar *Fon.* [akũ'ɲa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato ou ação de pôr a cunha de madeira com a finalidade de prender o cabo para não escapar no momento do trabalho, nos instrumentos manuais do agricultor como enxada, enxadeco, chibanca, foice e machado, no ato do encabamento. *Var.:* **botar a cunha**.

Açoitar *Fon.* [asoj'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Bater com chicote, cipó ou vara de planta nos animais controlando-os no transporte das raízes da mandioca e seus derivados. *Var.:* **bater; chicotear; meter a peia**.

NOTA: Açoitar os animais não tem a conotação de judiar nem de violentá-los, mas sim, de acostumá-los no trajeto do trabalho condicionando-os a atividade de transporte da carga. Geralmente, se bate na parte mais grossa que é a traseira do animal para não deixar nenhum ferimento ou marcas no mesmo. Não se deve golpear a cabeça ou os órgãos genitais dos animais.

Açoite 1 *Fon.* [a'sojti] [TRANSPORTE].

S.M. Golpe ou pancada desferido com chicote, cipó ou vara de planta, ou ainda, qualquer objeto semelhante, para dominar os animais no transporte da mandioca e seus derivados.

Açoite 2 *Fon.* [a'sojti] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.M. *Var.:* **chicote**.

Açúcar *Fon.* [a'sukɐ] [CULINÁRIA].

S.M. Condimento cristal em pequenos grãos retirado da cana-de-açúcar que serve para dulcificar bolos, grudes e doces feitos com a mandioca e alguns de seus derivados.

Adubação *Fon.* [aduba'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. Operação que consiste na fertilização do solo com a utilização de substâncias orgânicas ou químicas para a obtenção de um melhor desenvolvimento da maniva e da produção de mandioca. *Ver* : **plantação**.

Adubar *Fon.* [adu'ba] [PLANTAÇÃO].

VERB. Preparar a terra para o plantio com o uso de resíduos vegetais ou químicos para deixa-la mais fértil. *Var.*: **fertilizar**.

Adubo *Fon.* [a'dubu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Resíduo vegetal e/ou produtos químicos industrializados utilizados na fertilização da terra para o aumento da produtividade da mandioca. *Var.*: **fertilizante**. *Ver* : **adubo orgânico; adubo químico**.

Adubo de manipueira *Fon.* [a'dubu di mãnipu'ere] [PLANTAÇÃO], **Subproduto**.

S.T.M. Resíduos líquidos da manipueira misturados com restos de vegetais secos que são colocados em um barreiro (buraco cavado no chão) para se decompor. Quando está próximo do inverno, nas primeiras chuvas, este composto já solidificado é amontoado fora do barreiro e revirado para acelerar a decomposição e, conseqüentemente, ser usado posteriormente na adubação nas novas covas de manivas do novo plantio.

Ver : **adubo orgânico**.

NOTA: A utilização deste recurso na plantação é muito rara pois muitos agricultores não conhecem esta forma de adubação, ou ainda, não a utilizam por medo de matar a plantação, pois usado em grande quantidade pode queimar ou destruir os brotos da mandioca em crescimento.

Adubo orgânico *Fon.* [a'dubu ɔβ'gãniku] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Resíduos de vegetais secos ou da queima destes, como cinzas, ou ainda, excrementos de animais como bovinos, caprinos e aves, aproveitados na fertilização da terra para aumentar a qualidade na produção da batata da mandioca.

Ver : **adubo de manipueira; esterco**.

NOTA: Uma prática tradicional ainda utilizada na região para a fertilização do solo, acontece quando o agricultor utiliza-se das cinzas que ficam no solo, após a queimada da vegetação proveniente da derrubada do mato nativo como um adubo importante na primeira plantação da mandioca e seus consórcios. Outra prática de adubação dos trabalhadores da região é o uso de bagana de palha de carnaúba, que é a palha triturada que fica como resíduo no processo de retirada do pó para fazer a cera, para terras menos férteis ou quando o terreno já foi muito utilizada para o plantil.

Adubo químico *Fon.* [a'dubu 'kimiku] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Produto industrializado usado na fertilização da terra para aumentar a produtividade da mandioca.

Afazer *Fon.* [afa'ze]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. *Var.*: **trabalho**.

Afiada *Fon.* [afi'ade] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.*: **amolada**.

Afiar *Fon.* [afi'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **amoliar**.

Afofar *Fon.* [afɔ'fa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Ver:* **aradar**.

Afofar o chão *Fon.* [afɔ'fa u 'ʃãw] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Ver:* **aradar**.

Afoliar *Fon.* [afoli'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de soprar com o fole na boca do formigueiro na operação de aplicação do veneno para o controle de pragas de insetos, especialmente, saúvas e formigas cortadeiras.

Agrícola *Fon.* [a'grikulɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade referente a agricultura, a plantação e a produção agrária.

Agricultor *Fon.* [agriku'to]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Ocupação**.

S.M. *Ver:* **trabalhador rural**.

Agricultura *Fon.* [agriku'turɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Atividade processual de cultivo e produção de gêneros agrícolas para a comercialização e/ou para o próprio consumo.

Agricultura familiar *Fon.* [agriku'turɐ famili'a] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Cultivo baseado na produção agrícola em pequenas propriedades com fins, prioritariamente, de autossustentação da família.

Agronomia *Fon.* [agrõno'miɐ] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

S.F. Área de estudo e conhecimentos técnicos e práticos da agricultura e da plantação.

Agrônomo *Fon.* [a'grõnomu] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

S.M. Aquele que estudou e tem conhecimentos técnicos e práticos em agronomia. *Var.:* **técnico**.

Agrotóxico *Fon.* [agrɔ'tɔʃiku] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

S.M. *Ver:* **inseticida**.

Água corrente *Fon.* ['agwɐ kɔ'vɛti] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Curso de água corrente em rio, córrego ou sangradouro de lago ou lagoa onde se coloca a batata da mandioca de molho para amolecer num período de três a cinco dias para obter a mandioca puba no manufato da farinha amarela. *Var.:* **água de rio; água de córrego**.

Água de cabaça *Fon.* ['agwɐ di ka'basɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Água de beber levada pelo lavrador em cabaça para o roçado com o fim de saciar a sede nas necessidades do dia de trabalho.

Água de cacimba *Fon.* ['ag^wɛ di ka'sĩbɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Água retirada de cacimbão ou poço para ser usada na casa de farinha para molhar a massa, lavar a goma e para uso geral. *Var.:* **água de cacimbão; água de poço.**

Água de cacimbão *Fon.* ['ag^wɛ di ka'sĩbãw] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **água de cacimba.**

Água de córrego *Fon.* ['ag^wɛ di 'kɔ'βɛgu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. *Ver:* **água corrente.**

Água de poço *Fon.* ['ag^wɛ di 'posu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. *Var.:* **água de cacimba.**

Água de pote *Fon.* ['ag^wɛ di 'pɔti] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Água armazenada no pote para o trabalho doméstico como a lavagem da goma, molhar a massa ou para o beber dos trabalhadores da casa de farinha.

Água de rio *Fon.* ['ag^wɛ di 'ɾiɰ]['ag^wɛ di 'ɾi] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. *Ver:* **água corrente.**

Água morna *Fon.* ['ag^wɛ 'mɔɓnɛ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.F. Variedade de macaxeira, mandioca mansa, conhecida na região. *Ver:* **variedade.**

Aguação *Fon.* [ague'sãw] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. Processo de respingar nas folhas e caule das plantas com bomba, defensivos agrícolas (ve neno) misturados a água para a proteção contra pragas como insetos e larvas que destroem plantações. *Ver:* **plantação; aguar₂.**

Aguamento *Fon.* [ague'mêtu] [BENEFICIAMENTO], Processamento.

S.M. Processo de molhamento da massa da mandioca nos tanques após a serração no serrador da casa de farinha com o objetivo de separar a massa que é espremida e vai para prensa, da goma que vai decantar (assentar) no fundo do tanque, e posteriormente será tirada e secará ao sol. *Ver:* **aguar a massa; lavar a goma.**

Aguar a massa *Fon.* [a'gɯɛ ɐ 'masɛ] [a'g^wa ɐ 'masɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato ou ação de molhar a massa da mandioca nos tanques após a serração no serrador da casa de farinha com o objetivo de separar a massa que é espremida e vai para prensa, da goma que vai decantar (assentar) no fundo do tanque, e posteriormente será lavada, tirada e secará ao sol. *Var.:* **aguar₃.** *Ver:* **aguamento.**

Aguar 1 *Fon.* [a'gɯɛ] [a'g^wa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Regar ocasionalmente o solo no período em que não há chuva suficiente para o desenvolvimento das mudas para que elas não morram, ou mesmo, não percam o seu crescimento natural. *Var.:* **irrigar; molhar; regar.**

Aguar 2 *Fon.* [a'gʷə] [a'gʷa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Aplicar nas plantas defensivos agrícolas líquidos como agrotóxicos para defender as plantas de insetos destruidores das folhas como a lagarta, borboleta e o gafanhoto garantindo o desenvolvimento das mudas para que elas não morram, ou mesmo, não percam o seu crescimento natural. *Ver* : **curar as plantas**.

Aguar 3 *Fon.* [a'gʷə] [a'gʷa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Jogar água na massa depois de cerrada (raspada) no cerrador dentro do tanque no processo de beneficiamento preparando para a esprema; também se diz da aguação da goma na lavagem para o processo de juntagem dos blocos para a posterior secagem. *Var.*: **aguar a massa; lavar a goma**.

Aguentar *Fon.* [aguẽ'tɐ] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **suportar**.

Aipim *Fon.* [ai'pĩ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.M. Nome dado a mandioca mansa, especialmente por pessoas de fora ou outras que conviveram em outras regiões em que se usa esse termo. *Ver* : **mandioca1**

NOTA: O termo "aipim" é estrangeiro a região mais é conhecido por alguns agricultores locais, especialmente aqueles que tem familiares morando na região sudeste, o que é muito comum nos municípios estudados. Muitos filhos ou netos dos inqueridos, e até eles mesmos já tiveram contato com a palavra, porém não é a palavra de uso corriqueiro na região.

Alguidar *Fon.* [awgi'da][agi'da] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Vasilha em forma de cone de barro queimado utilizada em serviços domésticos para botar água e outros líquidos muito usada nas casas de farinhas. *Var.*: **Alguidar de barro**.

Alguidar de barro *Fon.* [awgi'da di 'baʁu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Ver* : **Alguidar**.

Aligeirar *Fon.* [aliẽ'a]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

VERB. Ação de tornar mais rápido, apressar, dar maior agilidade a algum evento ou atividade.

É comum ter que aligeirar o passo pra terminar mais cedo da lida na capina.

Alimentação *Fon.* [alimẽta'sãw] [TRANSPORTE].

S.M. Processo de tratamento dos animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o beneficiamento na casa de farinha. O trato consiste em dar comida, bebida e descanso para os animais, antes e depois de cada seção de transporte para que eles estejam dispostos e fortes para a próxima jornada.

Ver : **dar de comer, dar de beber, dar descanso**

Alimentar *Fon.* [alimẽ'ta] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **dar de comer**.

Alimpar *Fon.* [ali'pɐ] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.*: **limpar**. *Ver* : **capinar**.

Alqueire *Fon.* [awke'ri] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Unidade de medida antiga correspondente a cento e sessenta litros (4 quartas), na qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver* : **alqueiro**.

Alqueiro *Fon.* [awke'ru] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Var.*: **Alqueire**.

Aluá *Fon.* [alu'a] [CULINÁRIA], (africano).

S.M. Bebida refrescante feita das cascas do abacaxi fermentado misturado com água e adoçado com rapadura raspada ou açúcar muito apreciado nas casas de farinha e nas festas regionais tradicionais. *Var.*: **refresco**.

Vamos tomar um aluá pra mode matar a sede.

Aluvião *Fon.* [alu'viãw] [PLANTAÇÃO], Instrumento, Técnico.

S.M. *Var.*: **avião**.

Amarrada *Fon.* [ama'ʁadɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.*: **entrançada**.

Amarrado *Fon.* [ama'ʁadu] [TRANSPORTE].

ADJ. Estado do animal que foi preso por amarras, laços ou cabresto. *Var.*: **encabrestado**.

Amarrar *Fon.* [ama'ʁa] [TRANSPORTE].

VERB. Prender os animais com cabresto de corda atando à árvores e plantas para prepara-los antes e/ou depois do transporte. *Var.*: **apanhar**; **capturar**; **prender**.

Amolada *Fon.* [ama'ʁadɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade do instrumento de corte que é afiado para o trabalho, como foices, facoes, machados e enxadas.

Foice amolada faz mato baixo tremer! *Var.*: **afiada**.

Amolar *Fon.* [amo'la] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de afiar, fazer gume em ferramenta de corte geral, de madeira ou de solo, como facas, facões, foices, machados, roçadeiras e enxadas. *Var.*: **afiar**.

Anajá *Fon.* [ãna'ʒa] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver* : **variedade**.

Ananá *Fon.* [ãnã'na] [BENEFICIAMENTO], Fruta, (indígena).

S.M. Fruto grande e escamoso, de sulcos simétricos e forma cônica, comestível, de polpa muito aromática, acida e saborosa que é cultivado nas regiões de mandiocultura e consumido na feitura de sucos, refrescos e aluás. *Var.*: **abacaxi**.

Andar a cavalo *Fon.* [ã'dɐ ɐ kɐ'valu] [ã'dɐ ɐ kɐ'valu] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.*: **montar**.

Angú *Fon.* [ã'gu] [CULINÁRIA], Subproduto, (africano).

S.M. Papa espessa de farinha de mandioca peneirada feita com leite podendo levar demais condimentos como caldo de carne temperado para alimentar pessoas fracas como bebês e/ou velhos. *Var.:* **angú de farinha.**

Angú de farinha *Fon.* [ã'gu di fa'rĩɲɛ] [ã'gu di fa'rĩɲɛ] [CULINÁRIA], Subproduto, (africano).

S.T.M. *Var.:* **Angú.**

Animais de carga *Fon.* [ãni'majs di 'kaɣɔɛ] [TRANSPORTE], Animal.

S.T.M. Espécie de animais equídeos (jumentos, burros e cavalos) que são usados para o transporte de cargas como as mandiocas em natura para o beneficiamento e os gêneros beneficiados para a armazenagem e/ou para a venda.

Var.: **Animais de tração.** *Ver:* **burro; cavalo; jumento.**

Animais de tração *Fon.* [ãni'majs di tra'sãw] [TRANSPORTE], Animal.

S.T.M. *Ver:* **animais de carga.**

Animais domésticos *Fon.* [ãni'majs do'mɛʃtɪkus] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. Espécie de animais de criação dos agricultores para a alimentação e/ou comercialização que são também uma fonte de renda para a família e convivem integralmente com a cultura da mandioca.

Ver: **cabra_†; capote_†; carneiro; galinha; pato; peru; porco.**

Aninga *Fon.* [ã'nĩɣɛ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Espécie vegetal de caule arborescente (*Philodendron speciosum*), da família das aráceas, de sementes e raízes com propriedades anti-helmínticas, folhas lobadas, flores em espiga, protegidas por espata verde e de margens avermelhadas, e bagas amarelas. Suas sementes e raízes são usadas como vermífugo e em usos medicinais.

Var.: **Aningueira; pé de aninga.** *Ver:* **flora.**

Aningueira *Fon.* [ã'nĩɣɛɣɛ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. *Var.:* **aninga.**

Anum *Fon.* [ã'nũ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. Espécie de ave de porte médio (*Molothus bonariensis*), da família dos emberízídeos, de plumagem azul tirante a violeta muito brilhante. As fêmeas tem penas de coloração negra e menos reluzente. Possui um comportamento de botar seus ovos nos ninhos alheios para que outras aves cuidem de seus filhotes. São encontrados em roçados, especialmente nas épocas das queimadas, e convive com a fauna e a flora da mandiocultura.

Ninguém pode fazer uma queimada que aparece anum pra comer inseto por todo lado.

Ver: **fauna.**

Apagado *Fon.* [apa'gadu] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que se encontra o forno, sem brasa ou fogo, quando está fora de funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Apanha *Fon.* [a'pãɲɛ] [a'pãɲɛ] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. *Ver:* **arranca.**

Apanhar 1 *Fon.* [apã'ɲa] [apã'ia] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.:* **amarrar**.

Apanhar 2 *Fon.* [apã'ɲa] [apã'ia] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **arrancar**.

Apanhar 3 *Fon.* [apã'ɲa] [apã'ia] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.:* **suportar**.

Apodrecer *Fon.* [apodre'se] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **fermentar**.

Apodrecimento da raiz 1 *Fon.* [apodresi'mêtu de ʁa'iz] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **podridão**.

Apodrecimento da raiz 2 *Fon.* [apodresi'mêtu de ʁa'iz] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.:* **pubamento**.

Aquecer *Fon.* [ake'se] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **esquentar**₁; **esquentar**₂.

Aração *Fon.* [ara'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Var.:* **aradagem**.

Aradado *Fon.* [arada'du] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que se encontra o terreno após a passagem do arado preparado para o plantio.

Aradador *Fon.* [arada'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Função de quem opera o arado, seja ele puxado por tração animal, ou até, o motorista do trator especialista em puxar o arado.

Aradagem *Fon.* [ara'dazêj] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. Processo ou operação de aradar a terra na preparação inicial para o plantio. *Var.:* **aração**. *Ver :* **plantação**.

Aradar *Fon.* [ara'da] [PLANTAÇÃO].

VERB. Remover o solo com a utilização de arado, puxado por tração animal ou por tração motorizada de um trator, para descompactá-lo deixando-o solto e fofo para a realização do plantio das mudas de mandioca. *Var.:* **arar**; **afofar**.

Arado *Fon.* [a'radu] [PLANTAÇÃO], **Instrumento**.

S.M. Instrumento agrícola utilizado para revirar o solo de uma área de terra onde se realizará o plantio de manivas.

Ver : **carro de boi**; **carro de aradar**.

NOTA: Tradicionalmente, o arado era um instrumento agrícola de tração animal usado em pequenas propriedades. Atualmente existem arados modernos movidos por tração motorizada, utilizados em grandes propriedades. No município de Acará, o trabalhador rural faz referência às duas formas de utilização do arado: por tração animal e por tração motorizada, com a utilização de um trator. No entanto, quase não se faz uso desse instrumento em decorrência da falta de recursos econômicos dos que trabalham na atividade de produção da farinha.

Arado de boi *Fon.* [a'radu di 'boj] **[PLANTAÇÃO], Instrumento.**

S.T.M. Instrumento agrícola puxado por tração animal bovina, usado para virar a terra no roçado após a queimada e a destoca onde se realizará o plantio das manivas.

Arado de burro *Fon.* [a'radu di 'buʁu] **[PLANTAÇÃO], Instrumento.**

S.T.M. Instrumento agrícola puxado por tração animal equino (cavalo, jumento ou burro), usado para virar a terra no roçado após a queimada e a destoca onde se realizará o plantio das manivas.

Arado de trator *Fon.* [a'radu di tra'to] **[PLANTAÇÃO], Instrumento.**

S.T.M. Instrumento agrícola motorizado puxado por um trator utilizado para revolver o solo em maior escala de uma área em que se realizar o plantio das manivas.

Arame *Fon.* [a'rãmi] **[PLANTAÇÃO].**

S.M. Fio de metal flexível e forte que será grampeado em estacas para cercar o terreno que será plantado.

Ver: **Arame farpado; arame liso.**

Arame farpado *Fon.* [a'rãmi faʁ'padu] **[PLANTAÇÃO].**

S.T.M. Tipo de arame com fio de metal flexível e forte com rosetas ou farpas grampeado nas estacas para cercar o terreno plantado com o objetivo de proteger dos animais invasores como bovinos, moares, caprinos, ovinos e suínos. *Ver:* **aramé.**

Arame liso *Fon.* [a'rãmi 'lizu] **[PLANTAÇÃO].**

S.T.M. Tipo de arame de metal flexível e forte que não contem rosetas ou farpas, de superfície lisa, grampeado nas estacas para cercar o terreno plantado. *Ver:* **aramé.**

Aranha *Fon.* [a'rãjɐ] [a'rãjɐ] **[PLANTAÇÃO], Animal.**

S.F. Inseto aracnídeo, de grande abdome, com quatro pares de patas que se alimentam de insetos e invertebrados menores ou até de outras aranhas presas em suas teias esticadas através das plantas, podendo ser venenosa ou não, e que vive em árvores e plantas da lavoura e convivem com as atividades da mandiocultura. *Var.:* **caranguejeira.**
Ver: **fauna.**

Arapuá *Fon.* [arapu'a] **[PLANTAÇÃO], Animal.**

S.M. Inseto pequeno de cor preta polinizador da lavoura frequentador dos roçados de mandioca que tem sua colméia em árvores que produz uma cera e um mel amarelado e grosso. *Ver:* **fauna.**

Arapuca *Fon.* [ara'puka] **[PLANTAÇÃO].**

S.F. Armadilha confeccionada de pequenos paus entrançados com cipós formando uma grade que cai sobre a presa quando esta pisa na base de aprisionamento usada para capturar pássaros, roedores e até pequenos mamíferos, em terrenos e cercados que convivem com a mandiocultura.

Arar *Fon.* [a'ra] **[PLANTAÇÃO].**

VERB. *Ver*: **aradar**.

Arataca *Fon.* [ara'takɐ] [PLANTAÇÃO], (indígena).

S.F. Armadilha para pegar tatu ou peba nos terrenos plantados de mandioca, como uma grade de arame ou ferro, que se coloca na boca do buraco para aprisionar a presa quando esta sai para comer ou passear..

Área de mandioca *Fon.* ['ariɐ di mândi'okɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **mandiocal**.

Areado *Fon.* [ari'adu] [are'adu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Ver*: **arenoso**.

Areia *Fon.* [a'rea] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de solo macio, fofo e solto que é apropriado ao cultivo e a produção da mandioca.

Var.: **terra**. *Ver*: **areia branca**; **areia escura**.

Areia branca *Fon.* [a'rea 'brãkɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de solo macio, fofo e solto encontrado em morros a beira mar que é inapropriado para o plantio da mandioca por conter baixa umidade e pouca produtividade. *Var.*: **areia**.

Areia escura *Fon.* [a'rea is'kurɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de solo macio, fofo e solto encontrado próximo a cursos d'água como a margem de rios, riachos, lagos ou lagoas que contem grande quantidade de umidade e detritos orgânicos que são de alta fertilidade.

Var.: **areia**.

Arenoso *Fon.* [a'renozu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade de solo que apresenta em sua constituição básica areia fofo e macia apto ao cultivo da mandioca.

Var.: **areado**.

Argila *Fon.* [a'ziɫɐ] [aʁ'zi'lɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Material que compõe o solo lamacento e úmido geralmente encontrado em margem de rios, lagos e lagoas, rico em nutrientes que no período do verão pode ser apto para a mandiocultura.

Argiloso *Fon.* [aʁ'zi'lɔzu] [a'zi'lɔzu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Solo que apresenta em sua constituição básica a argila.

Arisco 1 *Fon.* [a'risku] [PLANTAÇÃO].

S.M. Solo ou terreno areno-humoso próprio para o desenvolvimento e produção das plantas tuberculosas como a raiz da mandioca.

Arisco 2 *Fon.* [a'risku] [TRANSPORTE].

ADJ. Característica de animal que é arredo, difícil de montar e/ou controlar, pouco domesticável.

Armazém *Fon.* [aʁma'zɛj] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Local de recolhimento do gênero para conservação e/ou comercialização.

Armazenar *Fon.* [aʁmazẽ'na] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de conservar, guardar ou recolher em armazém ou paiol os gêneros beneficiados da mandioca para a proteção e consumo e/ou comercialização.

Aroeira *Fon.* [aro'ere] [PLANTAÇÃO].

S.F. Arbusto de galhos pendentes que produz flores brancas ou amarelo-esverdeadas muito encontrada na região em ambientes de cultivo da mandioca.

Arranca *Fon.* [a'ʁãkɐ] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. Operação que consiste na remoção manual da batata da mandioca, cavando um pouco, retirando a terra do tronco da maniva, ao redor da planta, antes de puxá-la e retirar cada mandioca.

Var.: **arranque; arrancação; apanha; colheita.** *Ver:* **plantação.**

NOTA: Em terras fofas, as plantas são arrancadas com facilidade, puxando-as pela base e sacudindo-as várias vezes com o objetivo de retirar o excesso de terra aderido às raízes; em terras densas, principalmente quando a umidade é pouca, usa-se a enxada e/ou o enxadeco para cavar e retirar parte da terra. Essa operação é geralmente realizada entre oito a dezoito meses após o plantio da muda quando as raízes estão crescidas e maduras, já prontas para serem retiradas da terra e usadas na fabricação da farinha.

Arrancação *Fon.* [aʁãka'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Ver:* **arranca.**

Arrancada *Fon.* [aʁã'kadɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da planta, neste caso, da mandioca, que foi retirada da terra para ser levada a casa de farinha e beneficiada.

Arrancador *Fon.* [aʁãka'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Pessoa (geralmente homem) encarregada de realizar a colheita da mandioca, às vezes, cortando com o facão ou quebrando o seu tronco, e puxando-a da terra pelo pau da maniva.

Arrancar *Fon.* [aʁã'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação que consiste na arranca do pau de mandioca para a retirada da batata, levar a casa de farinha para o processo de beneficiamento e produção da farinha e derivados. *Var.:* **apanhar₂; colher; desenterrar.**

Arrancar o mato *Fon.* [aʁã'ka u 'matu] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Ver:* **capinar.**

Arrancar toco *Fon.* [aʁã'ka 'toku] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.:* **destocar.**

Arranque *Fon.* [a'ʁãki] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. *Ver:* **Arranca.**

Arreamento *Fon.* [aʁea'mẽtu] [PLANTAÇÃO].

S.F. Operação que consiste em pôr arreios nos animais que transportam a mandioca.

Arrear *Fon.* [aʁe'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de pôr arreios nos animais que transportam a mandioca.

Arrear a carga *Fon.* [aʁe'a ɐ 'kaʁɔ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **tirar a carga**.

Arreios *Fon.* [a'ʁeius] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.M. Conjunto de artefatos que se aparelham os animais que servem de montaria e de carga no transporte das mandioca à casa de farinha e/ou seus gêneros beneficiados para o armazem, paiol ou feira..

Ver: **arreios de carga; arreios de montaria**.

Arreios de carga *Fon.* [a'ʁeius di 'kaʁɔ] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.T.M. Conjunto de artefatos que se aparelham os animais de carga que servem de transporte para a mandioca do roçado até a casa de farinha.

Ver: **cabresto; cambitos; cangalha; caçuás; cia; chicote; esteira₁; peitoral; rabichola**.

Arreios de montaria *Fon.* [a'ʁeius di mōta'riɐ] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.T.M. Conjunto de artefatos que se aparelhamos animais que servem de montaria para o guia que tange os outros animais de carga em comboio que transportam a mandioca à casa de farinha.

Ver: **chicote; cochim; esporas; esteira₁; estribo; ferraduras; freio; rédea; sela**.

Arrelhar *Fon.* [aʁe'ʎa] [aʁe'a] [aʁi'a] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de pôr os arreios nos animais para o transporte da carga, ou também, para montaria.

Arribar *Fon.* [aʁi'ba] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de levantar-se, erguer-se, ou ainda, levantar ou erguer algo na plantação, no beneficiamento e no transporte da mandioca.

Arroba *Fon.* [a'ʁobɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Unidade de medida antiga usada para medir/pesar a farinha que corresponde a XX litros (cerca de XX quilos).

Arrocha *Fon.* [a'ʁɔʃa] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

INTERJ. Expressão interjeitiva que dá incentivo para continuar um trabalho, ocupação ou serviço pesado e trabalhoso. **Arocha, menino, pra nós terminar a arranca dessa roça!**

Arrochar *Fon.* [aʁo'ʃa] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Ver:* **acochar₁; acochar₂**.

Arrocho *Fon.* [aʁo'ʃu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.:* **acocho**.

Árvore da maniva *Fon.* ['avɾi dɐ ma'nivɐ] ['aki dɐ ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.F. *Var.:* **mandioca**₂.

Assado *Fon.* [a'sadu] [CULINÁRIA].

ADJ. Preparado culinário que se assou em seco; torrado, tostado, levemente queimado.

Assar *Fon.* [a'sa] [CULINÁRIA].

VERB. Preparar a comida ao calor do fogo em seco, até que o mesmo fique levemente tostado.

Ver: **Botar comida no fogo.**

Assentar *Fon.* [asɛ'ta] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Estado em que a manipueira fica estática e cai lentamente no fundo do tanque e é lavada para retirar os blocos de goma na casa de farinha. *Var.:* **sentar. Depois que a manipueira acentar, vamos lavar a goma.**

Assum-preto *Fon.* [a'sũ 'pretu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. *Var.:* **graúna.**

Ata *Fon.* ['ata] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], (indígena), Fruta.

S.F. Fruto da ateira; fruta pequena dividida em golmos de cor entre verde e creme, na casca, por fora e por dentro, de cor branca envolvendo sementes pequenas pretas e com gosto doce e polpuda que é apreciada pelos agricultores da mandiocultura.

Atalhar *Fon.* [ata'ka] [ata'ja] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE].

VERB. Ação de cercar o animal rodeando e bloqueando sua passagem na pega e preparação do comboio para o transporte das raízes.

Ateira *Fon.* [a'terɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.F. Árvore pequena (*Annona squamosa*), da família das anonáceas, nativa dos trópicos americanos, de folhas oblongas, flores grandes, carnosas e trímeras no perianto e frutos com polpa doce e delicada conhecidos como atas, que são muito apreciados pelos nativos especialmente os que lidam com o trabalho da mandiocultura. *Ver:* **flora.**

Atiçar *Fon.* [ati'sa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **abanar.**

Atrasmente *Fon.* ['atrazmɛti] [PLANTAÇÃO].

ADV. Referente a tempo transcorrido, passado.

Aviamento *Fon.* [avia'mɛtu] [avia'mɛtu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.:* **casa de farinha.**

Aviamentos *Fon.* [avia'mɛtus] [avia'mɛtus] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.M. Equipamentos encontrados na casa de farinha como o forno, os tanques, a prensa, o serrador e demais equipamentos necessários para o beneficiamento da mandioca e da produção de farinha e seus derivados que compoem a casa de farinha. O termo pode também ser usado no singular referindo-se a própria casa de farinha em si.

Avião *Fon.* [avi'ãu] [a'vi'ãu] [PLANTAÇÃO], **Instrumento.**

S.M. *Var.:* **chibanca.** O termo avião é corriqueiramente usado no lugar de nome da ferramenta dado pelo fabricante que é aluvião. *Ver.:* **aluvião.**

Avoante *Fon.* [avu'ãti] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Ave, tipo de pomba migratória campestre (*Zenaida auriculata*), que possui até 21 cm de comprimento, dorso pardo, cabeça com duas faixas negras laterais, e manchas negras nas asas. É uma importante fonte de alimento, na época da seca, para as populações locais. São encontradas em matos rasteiros e capoeiras na região e tem neste habitat convivência com a cultura da mandioca.

Avulso *Fon.* [a'vusú] [a'vusu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Modo ou maneira de plantio da maniva na cova sem um padrão de distância entre as mesmas.

Var.: **plantação avulsa.**

B, b

Bacia *Fon.* [ba'siɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Vaso redondo, de bordas largas e de pouca profundidade, que é usado para vários fins, na casa de farinha, entre elas a de retirar a massa do tanque e levar a prensa.

Bacural *Fon.* [baku'raw] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.M. Ave da família caprimulgidae, chegando a medir entre 22 e 28 cm de comprimento e pesa entre 42 a 90 gramas. O macho adulto apresenta coloração marrom acinzentado com as partes superiores tingidas de castanho com manchas marrons, cinza e brancas. As asas são de coloração castanha com penas marrom acinzentadas com manchas conspícuas marrons e bege. Na cauda, as duas retrizes externas apresentam em sua grande parte a coloração branca. As partes inferiores são castanho acinzentadas, com marcações marrons e amareladas na barriga e nos flancos. A garganta apresenta uma mancha branca, geralmente restrita à porção inferior da garganta da ave. Suas asas são grandes e visíveis quando a ave está em repouso. Na cabeça, a porção central de sua coroa é amplamente riscada de marromescuro. Possui umbigo curto e negro com duas grandes narinas na porção proximal. Seus olhos são marromescuros e as pernas são curtas e como os pés, possui coloração acinzentada. Tem hábitos noturnos e alimenta-se de numerosas espécies de insetos, como besouros, mariposas, borboletas, abelhas, vespas, e formigas que são capturados em voos curtos para o ar a partir do solo, ou de seus poleiros. O ninho consiste em uma pequena depressão no solo, em folhagens ou pequenos paus secos, sem ou com pouco preparo do local onde os ovos são depositados. *Ver* : **fauna**.

Bacurinho *Fon.* [baku'ri] [baku'rĩnu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Porco pequeno ou filhote ainda bebê. *Ver* : **animais domésticos**. *Var.*: **porco**.

Bacurote *Fon.* [baku'roti] [PLANTAÇÃO].

S.M. Porco jovem ou filhote já adolescente em fase de amadurecimento. *Ver* : **animais domésticos**. *Var.*: **porco**.

Bagaço *Fon.* [ba'gasu] [BENEFICIAMENTO], **Subproduto.**

S.M. Detritos da mandioca resultante do processo de beneficiamento para a produção de farinha após a descasca, serragem da batata e transformação em massa.

Bagana *Fon.* [ba'gãɲɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Resíduo triturado da palha de carnaúba muito usado como adubo para enriquecer o solo nas capoeiras na região onde é cultivada a mandioca.

Baguda *Fon.* [ba'gudɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Tipo de farinha grossa que apresenta textura carçuda, com calombos e/ou pequenos paus resultantes da ralação. *Var.*: **Carçuda**.

Balança *Fon.* [ba'lãsɐ] [COMERCIALIZAÇÃO], **Instrumento.**

S.F. Instrumento usado para a pesar a farinha, a goma e demais produtos da farinhada aferidos em peso.

Var.: **balança pequena; balança grande**.

NOTA: Há, tradicionalmente, dois tipos de balanças: a balança grande que pesa grandes quantidades como sacos e sacas de farinha ou goma de até 250 kilos; e aquela usada mais restritamente nas vendas, mercados e feiras, que se usa para pequenas quantidades como meio quilo, um quilo e até cinco quilos.

Balança grande *Fon.* [ba'lãsɐ 'grãdi] [COMERCIALIZAÇÃO], **Instrumento.**

S.T.F. Instrumento de metal usado para pesar grandes quantidades de farinha, de goma e demais produtos (sólidos) da farinha aferidos em peso, para a venda em grande escala para que o comerciante leve ao armazém onde será distribuído para ser vendido em mercados e feiras. O pesador, que geralmente é o comerciante interessado que já leva com ele a balança, afere o peso do produto usando os pesos que podem variar de 1 quilo, 2 quilos, 5 quilos, 10 quilos, 20 quilos, 50 quilos, 100 quilos, até 200 quilos. *Ver* : **balança**.

Balança pequena *Fon.* [ba' lãsə pi'kêne] [COMERCIALIZAÇÃO], Instrumento.

S.T.F. Instrumento de metal com duas bandejas usado para pesar a farinha, a goma e demais produtos (sólidos) da farinha aferidos em peso, em pequenas quantidades, nas vendas, mercados e feiras. O vendedor de um lado coloca o produto e, do outro, os pesos que podem variar de 50 gramas, 100 gramas, 250 gramas (uma quarta), 500 gramas (meio quilo), 1 quilo, 2 quilos, e às vezes, a até 5 e 10 quilos, dependendo do tamanho da bandejas. *Ver* : **balança**.

NOTA: Atualmente, existem balanças modernas elétricas digitais que já são usadas em vendas, mercados e feiras que são mais eficientes e atribuem mais confiança aos envolvidos na negociação dos produtos.

Balde *Fon.* ['bawdi] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Recipiente com alça e de forma arredondada, feito de madeira, zinco, ferro ou plástico duro, usado na casa de farinha para retirar água do poço e carregar para os tanques de goma por ocasião da lavagem.

Bamburral *Fon.* [bãbu'kaw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Espécie subarbutiva da família das labiadas (*Hyptis suaveolens*); possui folhas ovaladas aveludadas, flores cor-de-rosa ou lilás, em espigas e fruto capsular, cujas folhas apresentam propriedades medicinais e pode atingir até 1,3 m de altura. Ocorre principalmente em áreas abertas, formando grandes manchas uniformes, em terrenos da mandiocultura e seus consórcios. *Ver* : **flora**.

Banana *Fon.* [bã'nãne] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto da bananeira;

Bananeira *Fon.* [bãnã'nerə] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie vegetal que produz o fruto, banana. *Var.:* **pé de banana**. *Ver* : **flora**.

Banco do serrador *Fon.* [bãku du sɛka'do] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.M. Movél de madeira que faz parte do serrador em que a pessoa que vai serrar fica em cima para receber as raízes descascadas e enfiá-las na bola de serra para a serragem das mesmas transformando-as em massa no processo de beneficiamento.

Banhar *Fon.* [bã'ja] [bãi'a] [TRANSPORTE].

VERB. Atividade de molhar e lavar os animais para refresca-los após o trabalho de transporte da mandioca para a casa de farinha. *Var.:* **dar banho**.

Barata *Fon.* [ba'ratə] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Insetos (ortópteros da família dos Blactídeos) de hábitos noturnos geralmente chatos, dorso coberto por uma placa dorsal do protórax, antenas compridas multiarticuladas, às vezes com asas compridas, voando livremente, mas geralmente com asas curtas ou inexistentes que se constituem pragas importunas infestando casas de farinha, armazéns e comércios, inviabilizando o consumo dos gêneros provenientes da mandiocultura infectados após a produção. *Ver* : **inseto**.

Barato *Fon.* [ba'ratu] [COMERCIALIZAÇÃO].

ADJ. Qualidade baixa do preço de produtos derivados da mandioca a venda geralmente no período da grande safra em feiras, armazéns e comércios. *Var.*: **Pouco mais ou nada.**

Barbatimão *Fon.* [baʁbati'mãw] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.M. Vegetação da família das leguminosas, de folhas bipenadas, flores vermelhas, roseas ou alvacentas, fruto carnoso cujas sementes são de grande toxicidade para o gado, mas muito apreciada por sua madeira pela resistente à umidade.

Ver : **flora.**

Barracão *Fon.* [baʁa'kãw] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Espécie de mercado comunitário onde se comercializa produtos em geral, incluindo os gêneros da mandioca, como farinhas e goma, que são distribuídos para compra e venda. *Var.*: **mercado.** *Ver* : **feira.**

Barragem *Fon.* [baʁa'zêj] [baʁa'zi] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de veneno incolor, liquido, diluido em água e aplicado com bomba diretamente no caule e folha das plantas para matar insetos, principalmente, em fase de larva como a lagarta, e também alguns besouros que destroem os brotos das manivas e seus consorciados, como o feijão e o milho. *Ver* : **inseticida.**

Barrão *Fon.* [baʁãw] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Porco Macho que é escolhido para reprodutor. **Aquele barrão do compadre é danado pra furar cerca.**

Barreiro de manipueira *Fon.* [ba'ʁeru di mãnipu'erɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Local para onde escoo o produto final da manipueira, espécie de reservatório ou poço, que é retirada na lavagem da goma e da prensagem final na casa de farinha. O barreiro é uma espécie de esgoto para onde flui todo detrito da manipueira da casa de farinha. Geralmente fica do lado de baixo da sala principal para não oferecer mal cheiro aos trabalhadores do aviamento.

Barro *Fon.* ['baʁu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Tipo de solo avermelhado, amarelado ou preto, úmido e areado, que pode ser, quando descompactado, usado para o plantio da mandioca. *Var.*: **terra.** *Ver* : **barro areado; barro preto; barro vermelho.**

NOTA: O barro amarelo e/ou avermelhado pode ser usado também na construção civil como mistura de massa de cimento, e o preto é encontrado em regiões de ilha ou próximo a leito de rio, e é também utilizado na fabricação de tijolos, telhas e objetos de barro, como pote, alguidar, panela e jarra.

Barro areado *Fon.* ['baʁu aʁi'adu] ['baʁu aʁe'adu] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Tipo de solo híbrido alaranjado contendo altas concentrações de areia branca derivando sua cor laranja escuro que pode ser utilizado na plantação da mandioca. *Ver* : **barro.**

Barro preto *Fon.* ['baʁu 'pretu] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Tipo de solo com tonalidade preto-acinzentada encontrado próximo a regiões de cursos d'água que é muito rico em nutrientes, se conter umidade. Em períodos de seca, sem a presença de água inviabiliza o plantio. *Ver* : **barro.**

Barro vermelho *Fon.* ['baʁu vɛʁ'mɛlu] ['baʁu vɛʁ'mɛlu] ['baʁu vɛʁ'mɛj] ['baʁu vɛʁ'mɛj] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Tipo de solo com tonalidade avermelhada para alaranjada que dá ligamento e é muito rico em nutrientes, se conter umidade, propício ao plantio. *Ver* : **barro**.

Barroso *Fon.* [ba'kozu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade de solo com tonalidade avermelhada para alaranjada que é rico em nutrientes, se conter umidade, propício ao plantio.

Batata de mandioca *Fon.* [ba'tatɐ di mândi'okɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.F. *Var.*: **Mandioca**₁.

Batata de maniva *Fon.* [ba'tatɐ di mǎnive] [ba'tatɐ di ma'niɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.F. *Ver* : **mandioca**₁.

Batata doce *Fon.* [ba'tatɐ 'dosi] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.T.F. Espécie de raiz comestível advinda da batateira que é muito apreciado quando preparado cozida ou assada.

Batata 1 *Fon.* [ba'tatɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.F. *Var.*: **Mandioca**₁.

Batata 2 *Fon.* [ba'tatɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. *Var.*: **batata doce**.

Batateira *Fon.* [bata'terɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. Espécie vegetal rasteira e enramadeira, de folhas pequenas e caule baixo que produz em sua raiz um tubérculo comestível, a batata doce. *Ver* : **flora**.

Bate-estaca *Fon.* ['bati iʃ'takɐ] [PLANTAÇÃO], **Instrumento.**

S.T.M. *Var.*: **marreta**.

Bater *Fon.* [ba'tɛ] [TRANSPORTE].

VERB. *Ver* : **açoiar**.

Beiju *Fon.* [bej'zu] [be'zu] [bi'zu] [CULINÁRIA], **(indígena), Subproduto.**

S.M. Tipo de bolo feito de massa crua de mandioca (pode ser misturado com goma), coco e sal e preparado no forno da casa de farinha.

Assim que o forneiro tirar a farinha branca, vamos começar a fazer beiju.

Beiju fofo *Fon.* [bej'zu 'fofu] [be'zu 'fofu] [bi'zu 'fofu] [CULINÁRIA], **Subproduto, (indígena).**

S.T.M. Subproduto da mandioca. Espécie de bolinho comprido preparado com massa crua de mandioca, e um preparado de goma, coco e sal sobre a base de massa que é assado no forno da casa de farinha. *Ver* : **biscoito**.

Bem pesado *Fon.* [bêjpe'zadu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Movimento da balança quando esta pende mais para o prato do gênero levantando o peso no momento da venda. Indica que o gênero foi pesado até um pouco mais do que o peso indicado.

Bem-te-vi *Fon.* [bêti'vi] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Pássaro insetívoro dos campos de medio porte (mede entre 20 e 25 cm de comprimento e pesa aproximadamente 60 gramas) que possui o dorso pardo e a barriga de um amarelo vivo; tem também uma listra branca no alto da cabeça, acima dos olhos e sua cauda é preta. Seu bico é preto, achatado, longo, resistente e um pouco encurvado e a zona abaixo do bico é branca e possui um topete amarelo visível apenas quando a ave o eriça em determinadas situações. Alimenta-se de insetos como também de frutas, sementes, folhas, flores de jardins, ovos de outros pássaros, lagartas, minhocas, pequenas cobras, lagartos, crustáceos, além de peixes e girinos de rios e riachos com profundidade rasa, e até mesmo pequenos roedores. Seu habitat é as plantas altas e médias dos roçados e das capoeiras. Contribui para o controle de pragas de insetos na cultura da mandioca. *Ver* : **fauna**.

NOTA: O nome popular, bem-te-vi, possui origem onomatopeica, ou seja, seu canto tem um som trissilábico característico que lembrando as sílabas "bem-te-vi", que dão esse nome à espécie. É um dos pássaros mais comuns na região e muito querido pelo agricultor pelo seu canto e sua tarefa de limpar a lavoura das pragas, especialmente lagartas.

Beneficiamento *Fon.* [bênefisja'mêtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. Grande processo que vai desde a descasca da raiz, até a finalização da manufatura dos seus principais produtos como a farinha branca, a farinha amarela, a goma e a borra. Para o beneficiamento da mandioca e a produção de farinha branca, as etapas do processo, na casa de farinha, como um todo são: descascar a raiz, serrar ou ralar a mandioca descascada, colocar água na massa, espremer a massa pra tirar o excesso e gerar a goma, prensar a massa, retirá-la da prensa e peneirar e, por último, secá-la no forno transformando, assim, na farinha branca. Já para o beneficiamento da mandioca e a produção da farinha amarela (farinha d'água), primeiro devemos descascar e colocar a raiz de molho em tanques por algum tempo até que esta fique mole. A partir daí, temos que serrar ou ralar, prensar, peneirar, torrar e, por fim, pôr a farinha para esfriar.

Beneficiar *Fon.* [bênefi'sja] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação processual de transformar a raiz da mandioca em produtos e subprodutos comestíveis, na casa de farinha, e que passa por várias etapas, entre elas: descascar e serrar a mandioca; espremer, prensar, peneirar e secar a massa; e por fim, esfriar a farinha, seu produto principal. *Ver* : **descascar; serrar; espremer; prensar; peneirar; secar**.

NOTA: Os principais produtos beneficiados da mandioca, para o consumo alimentício humano, são a massa que derivam as farinhas (brancas e amarelas), a goma (fécula) e a borra da goma. Desses produtos podem derivar uma diversidade de artigos na indústria alimentícia, na culinária e na cozinha tradicional. Podemos apresentar como subprodutos da mandioca, os feitos na casa de farinha, como a tapioca, beiju, beiju fofo, carraspanha, grude, bolo, pé-de-moleque, mexerico etc, fabricados a partir da goma e da massa da mandioca; e outros ainda feitos de borra, como o grolado e as tapiocas de borra.

Berduégua *Fon.* [berdu'egwê] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. Arbusto do tipo gramínea, rasteiro, da família Portulacaceae (Portulaca oleracea). Suas folhas são suculentas, carnudas, ovais, de um verde brilhante. Suas flores são geralmente amareladas e alaranjadas. O caule é roxo-amarronzado que se ramifica e a planta cresce, rastejando pelo chão. Considerada erva daninha, pelos agricultores, muito conhecida nas roças de mandioca da região que crescem nos mandiocais. *Ver* : **flora**.

NOTA: Fora da região, essa planta é conhecida como Beldroega.

Besouro *Fon.* [bi'zoru] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Espécie geral de insetos que atacam a cultura da mandioca e seus consórcios especialmente na fase pós plantio e/ou de desenvolvimento provocando retardamento, má formação e, até a morte da planta. *Ver* : **inseto**.

NOTA: Os agricultores relatam diferentes tipos de insetos que são causadores de diversas doenças com variados formatos, cores e tamanhos dependendo da região e da fase de desenvolvimento da planta.

Besta *Fon.* ['beste] [TRANSPORTE], **Animal**

S.F. *Var.*: **égua**

Bezerro *Fon.* [be'zeɾɔ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. *Var.:* **garrote**. *Ver:* **vaca**.

Bicheira *Fon.* [bi'feɾɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Ferimento ou ferida externa em animal de carga como cavalo, jumento ou burro, que por descuido do cuidador pode apresentar larvas de mosca e varejeiras.

Os animais de transporte tão tudo com bicheira e fracos.

Bicho-de-pé *Fon.* ['biʃu di pɛ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. *Var.:* **pulga-de-bicho**.

Biscoito *Fon.* [bis'kojtu] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.M. *Ver:* **beiju fofo**.

Bocado *Fon.* [bu'kadu] [CULINÁRIA], Figurado.

S.M. Certa quantidade ou porção de alimento que se coloca na boca. Metafórico: Pedaco ou porção de qualquer coisa e/ou quantidade de coisas ou de algo.

Bode *Fon.* ['bodi] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Animal mamífero, quadrupede, de médio porte, macho da cabra. Animal domesticado utilizado para alimentação fornecendo carne, couro para os arários de transporte, e adubo para as plantações. *Ver:* **cabra**₁; **cabrito**.

Bodega *Fon.* [bɔ'dɛgɐ] [bu'dɛgɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Pequeno local de comércio ou venda que se negocia produtos provenientes da casa de farinha como a farinha e seus derivados.

Var.: **boteco**; **botequim**; **comércio**₂; **mercearia**; **venda**₁; **quitanda**. **Vai comprar uns produtos na bodega, menino.**

Bodegueiro *Fon.* [bɔdɛ'gɛru] [budɛ'gɛru] [COMERCIALIZAÇÃO], Ocupação.

S.M. Função daquele que é dono ou atende na bodega, que vende e revende produtos da mandiocultura como farinhas, gomas e etc.

Peça o bodegueiro pra me mandar fiado a lista de mercadorias.

Boi *Fon.* ['boi] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Animal mamífero, quadrupede, herbívoro, ruminante, bovino, macho da vaca. Animal domesticado utilizado para alimentação fornecendo carne, couro para os arários de transporte, e adubo para as plantações, e comumente, usado no processo de arradagem da terra no preparo do plantio. Sua alimentação pode ser diretamente da raízes da mandioca, do caule, dos paus e folhas secas e de seus derivados beneficiados como cascas secas e crueiras.

Boi de aradar *Fon.* ['boi di ara'da] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. *Var.:* **Boi de arrado**.

Boi de arado *Fon.* ['boi di a'radu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. Animal bovino (geralmente macho) que puxa o carro de aradar para afofar o terreno antes do plantio das mudas de mandioca. *Var.:* **Boi de arradar.**

Quem tem um boi de arado, não passa fome na época da plantação.

Bola de massa *Fon.* ['bɔlə di 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Quantidade de massa emolada com a mão após espremida pela espremedeira para ser colocada na prensa. *Var.:* **bolo de massa.**

Bola de serra *Fon.* ['bɔlə di 'sɛɾɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.F. Parte do serrador feita de madeira, de forma roliça, cheia de serrilhas que rodam com ajuda da roda ou do motor que é usada na trituração da mandioca. *Var.:* **serra; tarisca; rodete.**

Bolo de carimã *Fon.* ['bolu di kari'mã] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. Tipo de bolo feito de massa grossa puba da mandioca, que depois de processado, é seco ao sol e desmanchado para fazer caldo.

Bolo de macaxeira *Fon.* ['bolu di maka'fɛɾɐ] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. Tipo de bolo tradicional feito com a massa de mandioca crua ralada ou com a macaxeira cozida e amassada, com leite, coco, açúcar e manteiga.

Bolo de massa *Fon.* ['bɔlu di 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.:* **bola de massa.**

Bolo de puba *Fon.* ['bolu di 'pubɐ] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. Tipo de bolo feito de massa da mandioca puba, açúcar, coco e cravo feito na folha da bananeira no caco do forno da casa de farinha em fogo brando.

Bolsa de palha *Fon.* ['bowsa di 'paʎɐ] ['bowsa di 'paʎa] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. Espécie de sacola tecida de palha de carnaúba para carregar pequenas quantidades de gêneros comestíveis da casa de farinha ou das feiras como farinha, goma e tapioca.

No passado, se carregava tudo era em bolsa de palha.

Bomba *Fon.* ['bõba] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Instrumento manual geralmente usado nas costas do seu aplicador com a função de vaporização de inseticida para aguar as plantas e protege-las de pragas e/ou controle de insetos. *Var.:* **bomba de aguar.**

Bomba de aguar *Fon.* ['bõba di a'gɐ] ['bõba di a'gʷa] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.T.F. *Var.:* **bomba.**

Bomba d'água *Fon.* ['bõba d'agʷɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.F. Instrumento manual de ferro fundido composto de um cano que vai até o fundo do poço e de uma mão, aste que se põe força para por pressão, fazer subir a água de um poço. Este artefato era comumente usado nas casas de farinhas mais antigas e tinha grande serventia na lavagem da goma e para colocar a água na massa.

Bomba d'água elétrica *Fon.* ['bõba d'agʷɐ ɛ'letrikɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.F. Variados modelos de instrumento elétrico que serve para puxar água da cacimba ou poço para enviar á caixa d'água, e daí, aos tanques na fase de lavagem da goma e/ou colocar a água na massa. *Var.:* **motor**₂; **motobomba**.

Borboleta *Fon.* [bɔɓbu'letɛ] [brabu'letɛ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.F. Insetos (lepidópteros) que nesta fase de vida possuem antenas, dois pares de asas coloridas e uma tromba em espiral, e que, infectam de ovos as plantações que se tomarão lagartas (pragas) e atacarão os vegetais. *Ver.:* **inseto**; **lagarta**.

NOTA: A vida de uma borboleta pode ser dividida em quatro fases: a de ovo, a de larva (lagarta), a de pupa (ou crisálida) e a de adulto. A borboleta fêmea adulta coloca seus ovos normalmente nas folhas de uma planta, que geralmente serão utilizadas como alimento quando esses insetos nascerem. As borboletas ficam atentas para a textura da folha para garantir que ela não irá se quebrar após a postura dos ovos. Os ovos demoram cerca de 5 a 15 dias para eclodir, dependendo da espécie, e liberar as larvas, conhecidas popularmente como lagartas.

Bornal *Fon.* [bɔɓ'naw] [TRANSPORTE].

S.M. *Var.:* **mochila**.

Borra *Fon.* ['bɔɓa] [BENEFICIAMENTO], **Produto**.

S.F. Sedimento meio arroxeadado extraído no processo de coação da goma que serve para fazer o grolado. A borra é o detrito da goma que é retirada na hora da lavagem. Tem uma cor arroxeadada e um cheiro mais forte de mandipueira. Por isso, não é um produto muito valorizado pelo produtor.

Bosta de rato *Fon.* ['bɔʃtɛ di 'ɓatu] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de veneno granulado que se usa para matar formigas colocando-o no caminho desses insetos para que elas carreguem para dentro do formigueiro e que tem sua ação interna. Esse tipo de veneno é muito usado para a espécie de saúva, também conhecida como formiga de roça ou cortadeira, que por ser parecido com "bosta de rato" em seu formato e na sua aplicação ficou assim chamado.

Bota *Fon.* ['bɔta] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de calçado de plástico ou de borracha usado pelo agricultor no trabalho da mandiocultura, que serve como proteção para os pés de cortes de enxada e/ou mordidas ou ferroadas de animais venenos como cobras, lacraias e escorpiões.

Botar *Fon.* [bɔ'ta] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

VERB. Por ou colocar algo em algum lugar; pendurar algo em algum lugar;

Não vai botar água nos potes hoje?

Botar a carga no animal *Fon.* [bɔ'ta ɛ 'kaɓɔ nu ãni'maw] [TRANSPORTE].

S.T.V. Pôr o carregamento de raiz de mandiocas nos caçuás após a arranca e alocar sobre os dois lados dos animais para o transporte até a casa de farinha. *Ver.:* **carregar**.

O segredo de botar a carga no animal é um segurar o caçuá de mandioca de um lado, e mais dois pôr o outro.

Botar a cunha *Fon.* [bɔ'ta kũ'na] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.:* **acunhar**.

Botar a massa na prensa *Fon.* [bɔ'ta ɛ 'masɛ na 'prɛsɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Atividade que consiste em colocar a massa espremida nos esquadros da prensa para retirar por total o líquido e deixá-la enxuta para ser peneirada e feita a farinha. *Var.*: **Prensar**.

Botar a muda na cova *Fon.* [bɔ'ta v 'mudɐ na 'kɔvɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Atividade que consiste em semear os paus de manivas cortados e preparados para o plantio, que logo em seguida, serão plantados (enterrados) nas covas já feitas e planejadas. *Var.*: **semear**.

Botar comida na panela *Fon.* [bɔ'ta ku'midɐ na pã'nelɐ] [CULINÁRIA].

S.T.V. *Ver.*: **Botar comida no fogo**.

Botar comida no fogo *Fon.* [bɔ'ta ku'midɐ nu 'fogu] [CULINÁRIA].

S.T.V. Fazer o alimento para a família; preparar as refeições domésticas diárias; colocar o que se vai comer para cozinhar no fogão. *Var.*: **Botar comida na panela; cozinhar; assar**.

Botar fogo *Fon.* [bɔ'ta 'fogu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Ver.*: **acender**₁; **acender**₂.

Botar o cabo *Fon.* [bɔ'ta u 'kabu] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.*: **encabar**.

Boteco *Fon.* [bɔ'teku] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Ver.*: **Bodega**.

Botequim *Fon.* [buti'kĩ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Ver.*: **Bodega**.

Braça *Fon.* ['brasɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Antiga unidade de medida usada para aferir a área (comprimento) de um terreno para o cultivo de mandioca, e ainda na venda, que mede aproximadamente dois metros e vinte centímetros, equivalente a dez palmos, duas varas.

Ver.: **medida**₁.

Braçal *Fon.* [bra'saw] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Função na qual o trabalhador rural exerce as atividades de cultivo na roça de mandioca.

Brasa *Fon.* ['brasɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Estado de temperatura alta em que fica a lenha dentro do forno propício para pôr a massa pelo forneiro para fazer farinha e seus derivados na casa de farinha.

Brava *Fon.* ['bravɐ] ['brabɐ] ['bravɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Qualidade da batata da mandioca que contém alto teor de ácido cianídrico. Termo usado geralmente para caracterizar a mandioca venenosa e que só serve para a farinha. *Ver.*: **mandioca brava; mandioca venenosa**.

Briba *Fon.* ['bribɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Pequena lagartixa branca, réptil escamado da família Gekkonidae, Briba brasileira, que vive nas plantações e se adapta às paredes das casas, inclusive na casa de farinha, que come pequenos insetos e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.:* **víbora**. *Ver :* **fauna**.

Broa *Fon.* ['brɔɐ] [**CULINÁRIA**], **Subproduto**.

S.F. Pão doce pequeno feito de goma da mandioca (fécula) e açúcar.

Broca rebaixada *Fon.* ['brɔkɐ ʁɛbaɪ'ʃadɐ] [**PLANTAÇÃO**].

S.T.F. Maneira de corte da vegetação baixa e fina em que se retira a madeira para depois queimar a área onde se realizará o plantio de manivas para a cultura da mandioca.

Broca 1 *Fon.* ['brɔkɐ] [**PLANTAÇÃO**], **Processamento**.

S.F. Operação que incide no corte da vegetação alta e média da área onde se realizará o plantio de manivas para a cultura da mandioca. *Var.:* **brocação; derruba; derrubação; derrubada; desmate; desmatamento**. *Ver :* **plantação**.

Broca 2 *Fon.* ['brɔkɐ] [**PLANTAÇÃO**].

S.F. Resultado da ação de pragas que atacam a planta de manivas perfurando o interior do caule e causando o apodrecimento da raiz, chegando até a morte da planta.

Brocação *Fon.* [brɔka'sãw] [**PLANTAÇÃO**], **Processamento**.

S.F. *Ver :* **broca**₁.

Brocada 1 *Fon.* [brɔ'kadɐ] [**PLANTAÇÃO**].

ADJ. Planta ou maniva que foi atacada por pragas e contém broca.

Brocada 2 *Fon.* [brɔ'kadɐ] [**PLANTAÇÃO**].

ADJ. Mata ou terreno que é retirado o mato cortando a machado ou foice para fazer um roçado.

Brocador *Fon.* [brɔka'do] [**PLANTAÇÃO**], **Ocupação**.

S.M. Função de quem broca (geralmente homem) a mata, ou seja, derruba a mata alta com foice e/ou machado preparando o terreno para o plantio de manivas na etapa inicial da mandiocultura.

Brocar 1 *Fon.* [brɔ'ka] [**PLANTAÇÃO**].

VERB. Ação de derrubar a mata para a destoca a queima e, em seguida, o plantio no processo do cultivo da mandioca.

Ver : **roçar**.

Brocar 2 *Fon.* [brɔ'ka] [**PLANTAÇÃO**].

VERB. Ato de ataque por praga na raiz ou no caule da planta que a adoce podendo leva-la até a morte.

Brolhação *Fon.* [brɔʎa'sãw] [brɔja'sãw] [**PLANTAÇÃO**].

S.F. *Ver :* **brotação**.

Brolhamento *Fon.* [brɔ'la'mẽtu] [brɔ'ja'mẽtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. *Var.:* **nascimento.**

Brolhar *Fon.* [brɔ'la] [brɔ'ja] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **nascer.**

Brolho *Fon.* ['broʎu] ['broju] ['broj] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.M. Saliência que envolve todo o caule da maniva de onde sai os galhos. *Var.:* **broto; nó; olho; rebento.**

Brotação *Fon.* [brɔta'sãw] [PLANTAÇÃO].

S.F. Estado de crescimento dos hastes, bulbos e raízes que surgem da maniva semeada na terra. *Var.:* **brotação.**

Brotamento *Fon.* [brɔta'mẽtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. Processo natural do desenvolvimento das raízes e do caule da maniva. *Var.:* **nascimento.**

Brotar *Fon.* [brɔ'ta] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **nascer.**

Broto *Fon.* ['brotu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.M. *Var.:* **broto.**

Bule *Fon.* ['buli] [CULINÁRIA].

S.M. Utensílio doméstico da cozinha usado para fazer café que é a principal bebida misturada com as tapiocas e beijus servidas na casa de farinha.

Bulim *Fon.* [bu'li] [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.M. Pequenos bolinhos arredondadas de 4 a 5 centímetros preparados com goma de mandioca, açúcar e cravo assado no fogo abaixo do forno da casa de farinha. O termo "bulim" é usado de maneira generalizada na região. O termo vem da palavra "bolinho", porém referencia uma outra palavra específica que não o diminutivo de bolo.

Buraco 1 *Fon.* [bu'raku] [PLANTAÇÃO].

S.M. Pequenas aberturas rasas feitas na terra com auxílio de uma enxada ou enxadeco para a realização do plantio das mudas de mandioca. *Var.:* **cava; cova; covinha.** *Ver :* **Técnicas de plantio.**

Buraco 2 *Fon.* [bu'raku] [PLANTAÇÃO].

S.M. Pequena abertura em forma meio arredondada aberta no solo de aproximadamente 15 centímetros na beirada e meio metro de fundura com a função de enfiar as estacas para segurar o arame da cerca no cercamento do terreno.

Burra *Fon.* ['buka] [TRANSPORTE], **Animal.**

S.F. Fêmea do burro. *Var.:* **burro.**

Burro *Fon.* ['buku] [TRANSPORTE], **Animal.**

S.M. (Macho) animal forte de carga, fruto do cruzamento de cavalo com jumenta, ou égua com jumento, muito usado no transporte de cargas de mandioca e de seus gêneros. *Var.:* **burra**. *Ver :* **animais de carga**.

C, c

Cabaceira *Fon.* [kaba'seirɐ] [kaba'serɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Planta de ramagem que produz como fruto a cabaça que era muito usada, no passado, para fazer utensílios como a cabaça de guardar água de beber na roça, cuias e bacias usadas para pegare guardar produtos como massa, goma, borra, ou até, água na casa de farinha. *Ver* : **flora**.

Cabaça *Fon.* [ka'basɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (africano).

S.F. Fruto arredondado da cabaceira que depois de maduro, é aberto e limpo para servir de utensílios domésticos usadas nas casas de farinha de antigamente, como a cabaça de água, cuia, bacia, coité, etc.

Se usava cabaça, no passado, pra levar água de beber pro roçado e pra transportar pra longe onde não tinha.

Cabaça d'água *Fon.* [ka'basɐ 'dagʷa] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Utensílio tradicional feito da fruta da cabaceira para armazenar água de beber no roçado e/ou na casa de farinha.

Cabeceira *Fon.* [kabe'serɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Fonte de água onde nasce ou se pereniza um rio, correjo ou riacho. *Var.*: **Nascente**.

Cabeça da mandioca *Fon.* [ka'besɐ dɐ mândi'okɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], Partes da planta.

S.T.F. Parte maior da batata da raiz que é cortada na raspagem para retirar parte do tronco do pau da mandioca por ser muito dura e não conter muita massa e pouco liquido.

Cabeça de alto *Fon.* [ka'besɐ di 'awtu] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Extensão de terra geralmente pedregosa localizada em partes altas que são usadas para o plantio de culturas agrícolas variadas como a mandioca, feijão e milho.

Cabeça de fogo *Fon.* [ka'besɐ di fogu] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modo de organização da coivara alguns dias após a broca, em que se faz um monte de gravetos e folhas, geralmente contra o vento, de onde se inicia a queima.

Cabeça-de-fita *Fon.* [ka'besɐ di 'fita] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. Espécie de pássaros pequenos (mede cerca de 17 centímetros) de plumagem branca com detalhes vermelhos na cabeça e asas preto-acinzentadas que se alimenta de sementes, pequenos caroços e frutas, e que tem seu habitat nos roçados e convivem com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.*: **galo-de-campina**. *Ver* : **fauna**.

Cabeça-de-velho *Fon.* [ka'besɐ di 'vɛj] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie vegetal herbácea perene que ocorre principalmente em áreas úmidas abertas como quintais, cercados e terrenos de mandiocal. Possui caule pequeno e baixo, mas em grande quantidade. Seus ramos são eretos e se estendem para cima por no máximo 60 cm, e possui galhos escamados sem folhas. Suas inflorescências são formadas por flores muito pequenas e com pétalas brancas. A cabeça-de-velho é uma fonte de néctar muito importante para as abelhas nativas. Quando ocorrem em terrenos de cultivo da mandioca dificultam o desenvolvimento das mesmas e devem ser arrancados ou cortados. *Ver* : **flora**.

Cabeçotes *Fon.* [kabe'sotis] [TRANSPORTE].

S.M. Jogo de duas forquilhas em forma de vê da cangalha em que se pendura as aselhas dos caços e/ou dos cambitos para fazer o transporte.

Caber *Fon.* [ka'be] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

VERB. Poder estar contido e ou passar em determinado espaço e/ou local.

Cabo *Fon.* ['kabu] [PLANTAÇÃO], **Figurado**.

S.M. Espécie de pau comprido ou madeira, que serve para pegar, que é colocado nas ferramentas, como enxada, enxadeco, foice, machado, ciscador etc, antes de usar na lida da roça.

Cabo d'enxada *Fon.* ['kabu dɨ'ʃadɐ] [PLANTAÇÃO], **Figurado**.

S.T.M. Pau comprido de madeira que é usado na enxada para prender a lâmina de metal que é usada para cavar, covar, capinar e arrancar a roça. Metaforicamente é uma expressão usada para indicar as tarefas pesadas da lida do trabalhador rural com a mandioca. *Ver* : **enxada**.

Estive trabalhando no cabo de enxada o inverno inteiro.

(Expressão metafórica) Ele vivi do cabo de enxada.

Cabocada *Fon.* [kabo'kadɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.F. Grupo de pessoas que trabalham e convivem com a cultura da mandioca.

Caboclo *Fon.* [ka'boku]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.M. Pessoa que trabalha de roceiro, na lida da plantação; ou ainda aquele que trabalha de alugado pro dono da farinha fazendo de tudo um pouco, de acordo com as necessidades da lida. **Seu P... é um caboclo velho trabalhador! Ele não se poupa nem de noite!** *Ver* : **cabra**₂.

Cabra trabalhador *Fon.* ['kabrɐ traba'la'do] ['kabrɐ traba'ja'do] ['kabɐ tabaja'do]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], **Figurado**.

S.T.M. Pessoa (geralmente homem) que é afeiçoada ao serviço e que tem grande atenção e cuidado no trabalho da mandiocultura. *Var.*: **cabra**₂.

J... é um cabra trabalhador. Ele sabe tocar o trabalho e nele tenho confiança.

Cabra 1 *Fon.* ['kabrɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.F. Animal mamífero herbívoro de médio porte, domesticado, fêmea do bode; criado na região que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus e folhas secas da mandioca e de seus derivados beneficiados.

Var.: **bode**. *Ver* : **animais domésticos**.

Cabra 2 *Fon.* ['kabrɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], **Figurado**.

S.M. Designação dada a pessoa (geralmente homem) que trabalha na roça e faz trabalhos pesados como plantar e beneficiar a mandioca. *Ver* : **caboclo**.

(Expressão metafórica) Convide um cabra bom para o serviço do arranque da roça.

Cabra-cego *Fon.* ['kabrɐ 'sɛʒu] *Fon.* ['kabɐ 'sɛʒu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. Insecto alado pertencente à subordem Anisoptera, com várias espécies; mede entre 2 e 19 cm de envergadura e possui corpo fusiforme, com o abdômen muito alongado, olhos compostos, dois pares de asas semitransparentes e seis pernas, porém, praticamente não consegue andar com elas. Seu forte é o voo: podem voar a cerca de 85 km/h. Come outros insetos, como mosquitos e moscas e ajudam a controlar pragas e infestações na lavoura. São constatemente encontradas nos terrenos de mandiocultura e em ambientes plantados com mandioca e seus consórcios. *Var.:* **libélula**.

Cabresto *Fon.* [ka'breʃtu] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.M. Arreio feito de cordas ou couro que se usa na cabeça dos animais como cavalos, jumentos e burros, para dirigir o animal no transporte da mandioca. *Ver:* **arreios de carga**.

Cabrito *Fon.* [ka'britu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Bode pequeno, jovem ou filhote. *Var.:* **bode**. *Ver:* **animais domésticos**.

Cacau *Fon.* [ka'kaw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver:* **variedade**.

Cacimba *Fon.* [ka'sĩbɐ] [BENEFICIAMENTO], (africano).

S.F. Tipo de poço cavado em forma circular no solo para a obtenção de água usado em diversos procedimentos na casa de farinha, como molhar a massa, lavar a goma e até fins domésticos. *Var.:* **cacimbão; poço₂**.

Lá na casa de farinha tem uma cacimba funda de onde se tira água pra lavagem da goma.

Cacimbão *Fon.* [kasi'bãw] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.:* **cacimba**.

Caco de barro *Fon.* ['kaku di 'baʁu] [CULINÁRIA].

S.T.M. Utensílio feito de barro, como uma caçarola sem cabo, usado para fazer tapioca, beiju, grolado, de forma tradicional, no fogão a lenha.

A tapioca fica boa mesmo é em caco de barro.

Caco do forno *Fon.* ['kaku du 'foʁnu] [CULINÁRIA].

S.T.M. Parte do forno de barro usado na casa de farinha especialmente para fazer as tapioca, os beiju, as farinhas e secar a goma.

Caçarola *Fon.* [kasa'ɾɔɫɐ] [CULINÁRIA].

S.F. *Var.:* **frigideira**.

Caçote *Fon.* [ka'sɔti] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Espécie de anfíbio da família Leptodactylidae, *Physalaemus gracilis*, parecido com um sapo pequeno (2,7 a 3,2cm) Possui um focinho pontiagudo e uma coloração muito variável, que pode ir, desde o castanho avermelhado até o cinza claro. Pode apresentar manchas vermelho-alaranjadas nos flancos. Algumas espécies deste gênero geralmente possuem uma faixa preta que vai da ponta do focinho ate quase a base das coxas. Possui também uma mancha arredondada na base da coxa. Os machos possuem a região do “papo” mais escura devido a presença do saco vocal. Alimenta-se principalmente de colembolos, ácaros e formigas. A vocalização dos machos lembra o choro de uma criança. Seu habitat natural é em lagoas, terras irrigadas, áreas agrícolas temporariamente alagadas e canais e valas, e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver:* **fauna**.

Caçuás *Fon.* [kasu'az] [TRANSPORTE], Instrumento, (indígena).

S.M. Par de cesto produzido com cipó e aselhas de cordas usado em cada lado das costas de um cavalo, jumento ou burro para o transporte de mandioca. *Var.:* **Garajal**. *Ver :* **arreios de carga**.

Caga-fogo *Fon.* [kaga'fogu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. *Var.:* **pirilampo**.

Caixa de massa *Fon.* ['kajfɛ di 'masɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.F. *Var.:* **masseira**.

Caixão de farinha *Fon.* [kaj'fãw di fa 'rĩɲɛ] [kaj'fãw di fa 'rĩɛ]

[BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], Instrumento.

S.T.M. Caixa de madeira grande em que se armazenava a farinha para o consumo doméstico e/ou para a comercialização. **Meu pai mesmo tinha um caixão de farinha que não faltava gênero dentro pro inverno e pro verão.**

Cajá *Fon.* [ka'ʒa] [BENEFICIAMENTO], Fruta, (indígena).

S.F. Fruto da cajazeira que frutifica em cachos de pequenas frutas carnosas, nas pontas dos galhos; possui gosto ácido e azedo, sendo muito usado na feitura de sucos e refrescos apreciados por moradores e especialmente como parte das refeições nas casas de farinha.

Cajazeira *Fon.* [kaʒa'zeɾɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Árvore de grande porte (Spondias mombin), da família das anacardiáceas, nativa de regiões tropicais, de folhas pequenas e grandes galhos, flores aromáticas que nascem os cachos de frutos drupáceos, envoltos em caroços carnosos, polpa de gosto ácido especialmente usada na feitura de sucos e refrescos que convivem com a cultura agrícola da mandioca. *Var.:* **Pé de cajá**. *Ver :* **flora**.

Caju *Fon.* [ka'ʒu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta, (indígena).

S.M. Parte do pedúnculo que contém o fruto do cajueiro (caju e castanha), comestível e de cor amarela ou avermelhada suculento, carnoso e rico em vitamina C que é muito apreciado nas casas de farinha de forma inteira, cortada ou em suco, geralmente no almoço.

Cajueiro *Fon.* [kaʒu'ɛru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Árvore de porte médio da família das anacardiáceas, nativa da região tropical, com folhas ovaladas e de textura coriácea, pequenas flores melíferas vermelhas dispostas em panículas e frutos comestíveis formados por pedúnculo (cajú) e castanha, e que está presente em terrenos plantados de mandioca e convive com a mandiocultura.

Var.: **pé de caju**. *Ver :* **flora**.

Cajuina *Fon.* [lɛsĩ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.F. Tipo de vinho de caju espremido, apurado, engarrafado e cozido, de gosto doce que é muito apreciado pelos trabalhadores e frequentadores das casas de farinhas como sobremesa servido após as refeições por ocasião da lida nas farinhadas.

Calango *Fon.* [kɛ'lãɣu] [PLANTAÇÃO], Animal, (africano).

S.M. Espécie de pequeno réptil acinzentado e rastejante que come insetos das plantas e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver :* **fauna**.

Calda de fumo *Fon.* [ka'udɛ di 'fũmu] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Tipo de produto líquido produzido basicamente de fumo de rolo picado ou moído com água que serve de inseticida natural para aplicar nos vegetais, como mandioca e seus consórcios. *Ver* : **inseticida**.

Calda de manipueira *Fon.* [ka'udɛ di m̃anipu'eɾɛ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Tipo de produto líquido produzido basicamente da manipueira pura depurada em reservatório próprio (barreiro) na casa de farinha, que serve de inseticida natural para aplicar nos vegetais, como mandioca e seus consórcios.

Ver : **inseticida**.

Caldo de carimã *Fon.* [ka'udw di kari'mã] [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.M. Espécie de mingau forte e vigoroso feito de massa fina de carimã processado da mandioca.

Var.: **mingau de goma**. *Ver* : **caldo levanta defunto**.

Caldo levanta defunto *Fon.* [ka'udw lɛ'vãta di'fũtw] [ka'udw lɛ'kãta di'fũtw] [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.M. *Ver* : **caldo de carimã**.

Calubim *Fon.* [kalw'bi] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. Tipo de vegetação média rasteira e espinhenta que se reproduz com intensidade e rapidez em terras úmidas. Possui um tronco acinzentado, com ramos e espinhos esparsos e copa bem aberta que na seca comporta-se completamente sem folhas. Quando é feito o plantio da maniveira no roçado, seu crescimento, se não for barrado, prejudica o desenvolvimento da planta de cultivo em todas as etapas, inclusive na arranca, dificultando o acesso as raízes. É muito encontrado em solos negros, com barro massapé, em ilhas ou, em solos brancos, como em locais de bancos de rios e riachos. *Ver* : **flora**.

Camaleão *Fon.* [kãmale'ãw] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Espécie verde de réptil que se camufla nas folhas da maniva e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver* : **fauna**.

Cambica *Fon.* [kã'bikɛ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.F. Espécie de suco grosso, forte e adocicado feito com murici, misturado com carroços de farinha grossa e/ou baguda, e/ou, ainda, espécie de sopa grossa, forte e adocicada preparada com leite de vaca ou leite de côco cozidos e batata doce cozida amassada. Esta iguaria é, geralmente, apreciada pelos agricultores da mandiocultura na lida quando vão ao trabalho pesado. *Ver* : **cambica de batata**; **cambica de murici**.

Eu mesmo gosto muito de tomar uma cambica de murici com uma farinha carroçada e boa.

Cambica de batata *Fon.* [kã'bikɛ di ba'tatɛ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.F. Espécie de sopa grossa, forte e adocicada preparada com leite de vaca ou leite de côco cozidos e batata doce cozida amassada que é servida antes da saída pro trabalho de plantação, de transporte e/ou de beneficiamento da mandioca pelos trabalhadores da lida.

Cambica de murici *Fon.* [kã'bikɛ di muri'si]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.F. Espécie de suco grosso, forte e adocicado feito commurici mole amassado com as mãos que é tomado com farinha antes da saída pro trabalho de plantação, de transporte e/ou de beneficiamento da mandioca pelos trabalhadores da lida. *Ver* : **murici**.

Cambitos *Fon.* [kã'bitus] [TRANSPORTE], **Instrumento**.

S.M. Peça em par de madeira em forma de V (vê) pendurada por duas alças na cangalha nas costas do animal para o transporte de mandioca em sacas, ou ainda, lenha para queimar no forno. *Ver* : **arreios de carga**.

Camundongo *Fon.* [kãmũ'dõgu] [PLANTAÇÃO], **Animal, (africano)**.

S.M. *Var.*: **Catita**. *Ver* : **rato**.

Cana *Fon.* ['kãne] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécies de gramíneas perenes altas do gênero Saccharum, tribo Andropogoneae, utilizadas principalmente para a produção de garapa de açúcar, caldo de cana e rapadura. Possui caules robustos, fibrosos e articulados que são ricos em sacarose e mede entre dois e seis metros de altura. Sua produção é geralmente para o consumo próprio sendo plantada em pequena escala. É plantada em locais úmidos e baixos perto de rios e riachos, raramente em consórcio direto com a mandioca. *Var.*: **cana-de-açúcar**. *Ver* : **flora**.

Cana-de-açúcar *Fon.* ['kãne di a'sukɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.T.F. *Var.*: **cana**.

Canafístula *Fon.* [kãna'fistulɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Arbusto perene e de porte médio (Senna trachypus) com caule longo e fino, porém com grande quantidade de galhos cheios de folhas pequenas e alongadas. Sua florada é formada por flores de cor amarelas, grandes e com anteras porcidas nas estações chuvosas. *Ver* : **flora**.

Canapum *Fon.* [kãna'pũ] [PLANTAÇÃO], **Fruta**.

S.M. Fruto do pé de mesmo nome; fruto pequeno semelhante a um pequeno tomate de gosto levemente azedo e ácido, bacáceo, comestível, com cálice anguloso, que é encontrado em ambientes da mandiocultura.

Canário *Fon.* [kã'nariw] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Espécie de ave canora, pequena, de plumagem geralmente amarela e canto melodioso que habita as árvores dos roçados e que convive com a fauna e a flora. *Ver* : **fauna**.

Canário sujo *Fon.* [kã'naru 'suzu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. Espécie de ave pequena, de plumagem cinza amarelada que invade aos bandos os roçados na época da plantação consórciada e destrói grande parte da plantação de grãos, especialmente de milho e feijão, que convive com o habitat, a fauna e a flora das capoeiras de mandioca. *Ver* : **fauna**.

Cancela *Fon.* [kã'selɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Porteira gradeada de madeira grande afixada em estrada que se abre e se fecha em forma de porta usada para dar passagem a animais e pessoas no acesso ao cercado durante as atividades de lida com a mandioca. *Var.*: **porteira**.

Candé *Fon.* [kã'dɛ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver* : **variedade**.

Candeeiro *Fon.* [kãdi'eru][kãdi'eju] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.M. *Var.:* **lamparina**.

Caneco *Fon.* [kã'neku] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Recipiente de metal, geralmente de alumínio, utilizado na casa de farinha para beber água do pote, que servia, no passado, como bebedouro para os trabalhadores.

Canga *Fon.* ['kãgɐ] [PLANTAÇÃO], (africano).

S.F. Peça de madeira confeccionada com três paus presos entre si, para ser colocada na cabeça de animais quadrúpedes de pequeno e médio porte, como porcos, bodes, carneiros para impedi-los de invadir os mandiocais e provocar estragos comendo as plantas e raízes.

Cangalha *Fon.* [kã'gaʎɐ][kã'gajɐ] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], Instrumento, (africano).

S.F. Peça de arreio do animal de carga alocada sobre seu dorso que sustenta demais artefatos de carga como cambitos ou caças no momento do transporte da raiz e de seus derivados. *Ver:* **arreios de carga**.

Caninana *Fon.* [kãñi'nanɐ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Espécie de cobras não venenosas com uma coloração pardo-amarelada com manchas azuladas chegando até 3 metros de comprimento que são encontradas na vegetação em moitas nos roçados e que interagem com os estágios da mandiocultura. *Var.:* **papa-ovo**. *Ver:* **cobra**.

Canoa *Fon.* [kã'noɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver:* **variedade**.

Cansação *Fon.* [kãsãsãw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie arbustiva pequena, de caule fino e folhas pequenas alongadas e aveludadas. Sua principal característica é o fato de provocar, assim como a urtiga, a sensação de queimadura em contato com a pele. Seu efeito urticante e vesiculante (causador de bolhas) é maior e mais agudo, bastando para tanto o simples contacto com seus pelos. Os mandiagricultores cuidam de arrancá-las usando luvas, ou com enxadas, pois conhecem bem seu efeito devastador para aqueles que simplesmente encostam em suas folhas. *Ver:* **flora**.

Canteiro de manivas *Fon.* [kã'teru di ma'nivɐ] [kã'teru di ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Local onde as manivas escolhidas para o futuro plantio ficam encanteiradas. Geralmente se coloca as estacas todas juntas de cabeça para baixo em posição vertical sob sombra de uma arvore maior durante o verão mas em contato com o solo para que não sequem, e sim, criem raízes e brotos mantendo uma brotação mínima para que no tempo do cultivo estejam em bom estado vegetativo e sejam transformadas em sementes para o novo plantio.

Capado *Fon.* [ka'padu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], Animal.

S.M. Porco macho, retirado os órgãos genitais e alimentado especialmente para manter-se na engorda para o abate e para o consumo de sua carne. *Var.:* **porco**. *Ver:* **animais domésticos**.

Capão *Fon.* [ka'pãw] [CULINÁRIA].

ADJ. Ave adulta grande (peru, capote, pato ou galo) que se mantém na engorda para o abate e para o consumo de sua carne, por vias de algum festejo, comemoração ou ocasião especial.

Capiba *Fon.* [ka'pibə] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. *Var.:* **tubiba**.

Capim *Fon.* [ka'pĩ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (Indígena).

S.M. Tipo de vegetação rasteira que suga a seiva da planta de mandioca impedindo seu pleno desenvolvimento e até, podendo provocar, sua morte. *Ver:* **flora**.

Capim Elefante *Fon.* [ka'pĩ ɛfãti] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Gramínea pertencente à família Graminae ou Poaceae, subfamília Panicoideae, tribo Paniceae, gênero Pennisetum. Apresenta colmo ereto dispostos em touceira ou não, os quais são preenchidos por um parênquima suculento, chegando a 2 cm de diâmetro, com entrenós de até 20 cm, com folha de coloração verde escuro ou claro, de inflorescência com panículas sedosas de 15 cm de comprimento em média, podendo alcançar de 3 a 5 metros de altura quando presente em habitat natural. Apresenta espiguetas bifloradas, providas de duas flores ou grupos de duas flores. É plantado em terrenos principalmente em aceiros e divisões de terrenos, em lateral de cercas consorciadas com a mandioca, e é muito usado como alimento para gado e equinos que são produzidos em consócio na agricultura familiar com a cultura da mandioca. *Ver:* **flora**.

Capina *Fon.* [ka'pĩnɛ] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. *Ver:* **capinação**.

Capinação *Fon.* [kapĩnɛ'sãw] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. Operação que consiste na limpeza do roçado feita geralmente com enxada para deixá-lo livre de capim, vegetais indesejados e ervas daninhas, melhorando as condições de desenvolvimento das mandiocas.

Var.: **capina; capinagem; capinamento; limpa; limpeza do mato**. *Ver:* **plantação**.

NOTA: Os agricultores, em geral, devem dar de cinco a oito capinações na roça até chegar o tempo da arranca. Não é uma conta exata, pois depende muito de fatores como as chuvas, o solo e as variedades plantadas, e do desenvolvimento futuro das mudas que, já estão gerando as raízes que engrossarão, e só assim, se tornarão mandiocas adultas.

Capinadeira *Fon.* [kapĩnɛ'derɛ] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Aparelho de ferro com cinco pequenas pás e uma rodilha que se finca ao chão puxada por animal de tração, como um arado, servindo para cortar o mato em uma carreira de legumes por suas laterais. *Var.:* **Cultivadeira**.

NOTA: A capinadeira é somente utilizada enquanto as plantas estão pequenas e quando são plantadas em carreiras perfiladas, pois o meio da carreira fica livre para a limpeza. Em seguida, deve-se fazer o trabalho de capinação mais detalhado, como limpar o pé da planta, que é mais delicado.

Capinado *Fon.* [kapĩ'nadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Terreno, roçado ou roça plantada que foi retirado o mato com enxada na capina. *Var.:* **limpado; limpo**.

Capinador *Fon.* [kapĩnɛ'do] [PLANTAÇÃO], Ocupação.

S.M. Função da pessoa (geralmente homem) que assume o papel de capinar, limpar com enxada e/ou manual a roça retirando as ervas danosas ao desenvolvimento da planta cultivada.

Var.: **limpador; limpador da roça; puxador de mato**.

Capinagem *Fon.* [kapĩ'nazɛj] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. *Ver:* **capinação**.

Capinamento *Fon.* [kapĩna'mẽtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. *Var.* : **capinação.**

Capinar *Fon.* [kapĩna] [PLANTAÇÃO].

VERB. Atividade de limpeza do capim e demais vegetais daninhos da roça, geralmente comenxada, cortando o mato para deixá-lo livre de ervas daninhas e melhorar as condições de desenvolvimento da mandioca.

Var.: **arrancar o mato; limpar.**

NOTA: O agricultor pode dar até cinco limpas no terreno dependendo do inverno e do nível de infestação de ervas daninhas. O mato pode ser retirado e ciscado, ou até, enterrado em valas para dificultar que ele volte a nascer, ou mesmo, pregar que é quando ele ainda não foi arrancado totalmente, e continua a crescer.

Capoeira *Fon.* [kapu'eɾɐ] [PLANTAÇÃO], (indígena).

S.F. Extensão de terra escolhida para o plantio que depois da derrubada e queimada da vegetação nativa maior, apresenta vegetais rasteiros em decorrência da regeneração e favorece o cultivo da maniva para a produção da batata da mandioca. *Var.*: **capoeirinha; cercado₁; roça; roçado; terreno.**

Capoeiral *Fon.* [kapuej'ɾaw] [PLANTAÇÃO], (indígena).

S.M. Grande extensão de terra plantada de mandioca constituída de vegetação fechada e de grande porte.

Var.: **capoeirão.**

Capoeirão *Fon.* [kapue'rãw] [PLANTAÇÃO], (indígena).

S.M. *Var.*: **capoeiral.**

Capoeirinha *Fon.* [kapue'rĩɐ] [PLANTAÇÃO], (indígena).

S.F. *Var.*: **capoeira.**

Capote 1 *Fon.* [ka'põtĩ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Animal avícola domesticado com penas pequenas preta e branca, que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus, brotos e folhas secas da mandioca e de seus derivados e subprodutos beneficiados.

Var.: **galinha de angola.** *Ver.* : **animais domésticos.**

Capote 2 *Fon.* [ka'põtĩ] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Maneira de descasca e raspagem da raiz da mandioca na casa de farinha em que uma raspadeira limpa apenas a metade do lado da cabeça da raiz, enquanto a outra, limpa o outro lado. Isto se deve provavelmente, para que as mãos não sujem as raízes que serão serradas, logo em seguida, e não serão lavadas.

NOTA: Esta prática de fazer o capote é muito comum no dia-a-dia das raspadeiras de mandiocas na região. Funciona também como um recurso para a competição entre as raspadeiras para ver quem bota mais mandioca uma para a outra, e é uma forma de aumentar a rapidez das mesmas para terminar o trabalho mais cedo.

A bom... capote, a gente faz pra aligeirar mais o trabalho das raspadeiras. É uma competição que ajuda a terminar logo a raspagem!

Capturar *Fon.* [kaptu'ɾa] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **amarrar.**

Caracol *Fon.* [kɐɾa'kɔw] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. *Var.*: **centopéia.**

Caranguejeira *Fon.* [kɐrãŋi'ʒerɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Espécie grande de aranha cabeluda que se alimenta de pequenos vertebrados de sangue frio, que enocula veneno em suas vítimas podendo alcançar um tamanho com as pernas estendidas de até vinte e cinco centímetros.
Ver : **aranha**.

Carga *Fon.* ['kargɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Aquilo que é levado no lombo do animal ou em carroça para a casa de farinha, no caso da raiz, ou para o depósito ou comércio, no caso do gênero já produzido pronto para se utilizar.

Ver : **carroçada; carrada**. *Var.*: **carga de mandioca**.

NOTA: Há, tradicionalmente, dois tipos de carga: em lombos de animais ou em carroças. Em animais, como cavalos, jumentos ou burros, é o tipo mais barato e mais comum; coloca-se os arreios nos animais de carga e se prepara as peças para receber a carga que geralmente usa-se caços ou em alguns casos, põem-se os cambitos e sacas tecidas de palha de carnaúba, que vão abertas para serem colocadas as mandiocas após o arranque. Outro tipo de carga é feita em carroças puxadas por burros e, mais modernamente, e mais raro, por ser mais caro, em carrocerias de carros de transporte de médio porte, como em caminhonetes, e/ou de grande porte, como em caminhões.

Carga de mandioca *Fon.* ['kargɐ di mãdi'ɔkɐ] [TRANSPORTE].

S.T.F. *Var.*: **carga**. Na experiência dos trabalhadores, 8 cargas de mandioca carregados em lombo de animal pode dar entre 3 e 4 prensas que pode produzir até 7 sacos de farinha.

Cargueiro 1 *Fon.* ['kargerɐ] [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. *Var.*: **carregador**.

Cargueiro 2 *Fon.* ['kargerɐ] [TRANSPORTE].

ADJ. Animal que transporta tanto a raiz para o beneficiamento, como o produto final para a comercialização e a utilização.

Carimã *Fon.* [kari'mã] [CULINÁRIA], **Produto, (indígena).**

S.M. / S.F. Produto retirado da água da mandioca puba raspada na apuração e coação da goma. Desta coação em sacos de estopa ou algodão, que fica geralmente pendurado, obtendo por gravidade uma massa gomada como qual se faz pequenos bolinhos, que depois de deixado para secar ao sol por dias deriva em um composto duro e seco que é raspado e/ou desmanchado originando um tipo de pó fino e branco para fazer o caldo.

Carnaúba *Fon.* [karna'ubɐ] [BENEFICIAMENTO], **(indígena).**

S.F. Tronco de madeira da carnaubeira que compunha a prensa antiga na casa de farinha velha. A carnaúba era uma madeira grossa e pesada que ficava sobre os sacos para retirar a manipueira e enxugar a massa.

Carnaubal *Fon.* [karna'ubɐ] [PLANTAÇÃO], **(indígena).**

S.M. Grande extensão de terra constituída de vegetação, na maioria, de carnaúbeira, em que se faz uso para o cultivo da mandioca e/ou seus consociados.

Carnaubeira *Fon.* [karnau'berɐ] [PLANTAÇÃO], **(indígena).**

S.F. Árvore da família das palmeiras, de grande porte (Copernicia prunifera), de folhas palmadas grandes, flores amarelas e bagas ovoides. A madeira é resistente e constantemente usada na construção de casas e em equipamentos da casa de farinha como a prensa antiga; suas folhas fornecem cera, produzem óleo e ainda a palha para a feitura de diversos produtos que servem para embalar e/ou proteger os gêneros da mandioca como bolsas, sacas, urus e esteiras, e também, são usadas na prensa tradicional entre as grades para reter e secar a massa.

Carneiro *Fon.* [ka'neru] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Macho da ovelha. *Var.:* **ovelha**. *Ver :* **animais domésticos**.

Caro *Fon.* ['karu] [COMERCIALIZAÇÃO].

ADJ. Qualidade alta do preço de produtos derivados da mandioca a venda geralmente no período fora de safra em feiras, armazéns e comércios.

Caroço de farinha *Fon.* [ka'rosu di fa'rĩɲɛ] [ka'rosu di fa'rĩɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Grão ou bago de farinha resultante do peneiramento e torramento no forno da massa da mandioca.

Var.: **grão de farinha**.

Caroçuda *Fon.* [karo'sudɔ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.:* **baguda**.

Carrada *Fon.* [ka'kadɔ] [TRANSPORTE].

S.F. Quantidade de carga que se pode transportar em uma carroceria de um carro, de médio porte, como caminhonete, ou em um carro maior, como um caminhão. *Var.:* **carga**.

NOTA: O carro é um transporte mais comum na comercialização do gênero da mandioca já pronto, como a goma e as farinhas. Geralmente o comerciante que se interessa pelo produto dispõe de recurso para fazer o transporte até o armazém ou ao mercado e vem, comumente, comprar na casa de farinha mesmo negociando com o dono da farinha a compra desses produtos.

Carrapateira *Fon.* [kavapa'terɛ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Arbusto ruderal (*Ricinus communis*), da família das euforbiáceas, com caule alto e ereto, com folhas grandes, palmínervas e longipecioladas, e inflorescências em cachos, com flores masculinas na base e femininas no ápice. Seu fruto é uma cápsula trilocular, com uma semente em cada carpelo, a mamona; Geralmente, é plantada em consórcio com os mandiocais em pés de cercas e separação de terrenos. *Var.:* **pé de mamona**. *Ver :* **flora**.

Carrapato 1 *Fon.* [kava'patu] [TRANSPORTE], **Animal**.

S.M. Espécies de animais artrópodes da ordem dos ácaros, que são parasitas de vertebrados, como bois, cavalos, jumentos, burros etc, podendo atacar também, cães, gatos, galinhas e até, humanos; possuem tamanho que vai de 0,03 cm a 2 cm de comprimento. O formato do seu corpo, antes de se alimentar, é achatado, porém, após a alimentação, fica esférico. Sua cor pode variar, de acordo com a espécie, apresentando tons entre preto, marrom, preto e vermelho, preto e amarelo, avermelhado. Sua forma de ataque é se fixando na pele do animal hospedeiro, e retira o sangue para se alimentar. Pode transmitir diversas doenças.

Carrapato 2 *Fon.* [kava'patu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. *Var.:* **mamona**.

Carrapicho *Fon.* [kava'pifɯ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Espécie subarbusciva do tipo gramíneas (ou seu fruto), malváceas e tiláceas, como capim que em sua ponta tem pequenos espinhos ou pelos aderentes a roupas ou aos pelos dos animais; ocorre em áreas abertas como solos argilosos e úmidos e é um tipo de vegetal que concorre diretamente com a mandioca nos roçados e mandiocais. *Ver :* **flora**.

Carrasco *Fon.* [ka'ʁasku] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. Tipo de mata baixa contendo diferente vegetação dura como espinhos e cactus encontrada na região, geralmente em altos pedregosos, árida e seca que convive com a cultura da mandioca.

Carraspanha *Fon.* [kavas'pãje] [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.F. Subproduto da mandioca: espécie de tapioca grande e bem fina feita de massa da mandioca que quando cozida no forno da casa de farinha, é dobrada e fica dura. Geralmente é guardada dentro da farinha e pode ser comida molhada no café ou no leite, especialmente nas refeições matinais e no lanche.

Carraspanha de goma *Fon.* [kavas'pãje di gômɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.T.F. *Var.:* **lencim.**

Carregador *Fon.* [kavɛga'do] [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função da pessoa que se encarrega de fazer o transporte das raízes para o beneficiamento na casa de farinha e/ou dos gêneros beneficiados e comercializados. *Var.:* **cargueiro**₁. *Ver :* **carroceiro; comboieiro.**

Carregar *Fon.* [kavɛ'ga] [TRANSPORTE].

VERB. Transportar em carroça, carro ou lombo de animal a raiz para a casa de farinha e, depois, para o depósitos e/ou comércios.

Carreira de roça *Fon.* [ka'βɛɾa di 'kɔsɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Forma de plantar e cultivar a roça em fileiras, umas atrás das outras, formando um corredor do começo ao fim do cercado. Na capina da mandioca, o capinador vai limpando com a enxada um lado e outro da carreira de modo a deixar o legume ao meio da carreira sempre cuidando pra não atingir sua muda. *Var.:* **fileira.**

NOTA: As carreiras de roça sempre tem uma distância maior que um metro entre um pé e outro de roça pois, geralmente, a maioria dos agricultores plantam outras variedades em consócio com a mandioca como o milho e o feijão que vão ser plantados ao meio da carreira de manivas. Em alguns casos, as fileiras consóciadas são plantadas de forma a reservar espaço para as duas ou três culturas na mesma fileira.

Carro de aradar *Fon.* ['kavɔ di ara'da] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Espécie de carroça de ferro com lâminas cortantes que é puxada pelo boi ou trator no terreno para cortar o mato, afogar o solo e revirada da terra, no processo de arradagem antes do plantio das mandiocas no roçado. *Var.:* **Carro de boi.**

Carro de boi *Fon.* ['kavɔ di 'boi] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **Carro de aradar.**

Carro de mão *Fon.* ['kavɔ di 'mãw] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], **Instrumento.**

S.T.M. Instrumento de transporte de pequeno porte movido a força humana feito de metal ou madeira, composto de uma caçamba, dois braços e uma roda. É usado para levar ferramentas, pequena quantidade de material para a roça, e também, pode transpostar pequena quantidade de raiz após o arranque para a casa de farinha, quando a distância é pequena.

Carroceiro *Fon.* [kavɔ'sɛɾu] [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função daquele que guia a carroça no transporte das mandiocas do roçado para a casa de farinha e/ou transporta os gêneros beneficiados para o armazenamento e/ou comercialização.

Carroça *Fon.* [ka'ʁosɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Tipo de carro com duas rodas que é puxada por tração animal até onde se coloca a raiz ou os gêneros derivados da mandioca para seu transporte.

NOTA: A carroça é composta pelo carro e pelo animal. O carro da carroça é constituído de uma carroceria, das rodas (geralmente pneus de automóvel sobre um eixo de ferro) e de duas abas que se ligam ao animal. Dependendo do tamanho e do peso, e também do porte do animal, o carro da carroça pode ser puxado por diferentes animais como cavalo, jumento ou burro, e até boi. Na região, o mais comum é mesmo o burro, por ser um animal de carga forte e robusto.

Carroçada *Fon.* [kaʁo'sadɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Quantidade de carga que se pode transportar em um carroça de cada vez que é suportada pelo animal.
Var.: **carga**.

Caruncho *Fon.* [ka'rũʃu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Pequeno besouro que ataca os paiois de farinha e/ou goma deixando um bolor de mofo, umidade e causando a destruição do gênero. *Ver:* **inseto**.

Casa de farinha *Fon.* ['kazɐ di fa'rĩɲɐ] ['kazɐ di fa'rĩɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Construção apropriada para abrigar os equipamentos e pessoas envolvidos no beneficiamento da mandioca para produzir as farinhas, a goma, a borra, os beijus e as tapiocas. *Var.:* **casa dos aviamentos; aviamento**.

Casa de farinha mecanizada *Fon.* ['kazɐ di fa'rĩɲɐ mekãni'zadɐ] ['kazɐ di fa'rĩɛ mekãni'zadɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Casa grande coberta de telhas, com colunas, onde se encontram os aviamentos movidos à energia elétrica como o serrador elétrico, prensa hidráulica, a peneira e o forno mecânicos.

Casa de palha *Fon.* ['kazɐ di 'paʎɐ] ['kazɐ di 'pajɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.T.F. Espécie de construção usada como habitação pelo agricultor feita com madeira da mata derrubada e tapada com palha de carnaúba. *Var.:* **tapera**.

Casa de taipa *Fon.* ['kazɐ di 'taipɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.T.F. Espécie de construção usada como habitação pelo agricultor feita com madeira da mata derrubada, tecida com cipó e rebocada com barro amassado. *Var.:* **tapera**.

Casa dos aviamentos *Fon.* ['kazɐ duzavia'mẽtu] ['kazɐ duzakia'mẽtu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. *Var.:* **casa de farinha**.

Casca da mandioca *Fon.* ['kaskɐ di mãdi'okɐ]

[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], **Partes da planta**.

S.T.F. Camada externa, grossa, rugosa, de cor marrom que envolve a batata da mandioca e que é retirada no processo de descascamento em seu beneficiamento. Quando seca e desidratada, serve de alimento para animais especialmente aqueles que transportam a mandioca e seus gêneros da casa de farinha. *Ver:* **Ração para animais**.

Casca de feijão *Fon.* ['kaskɐ di fe'zãw] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE].

S.T.F. Palha da baja do feijão que quando seco e descascado serve de alimento para os animais que transportam a mandioca e seus gêneros. Também pode ser usado como bagana que ao se decompor alimenta o terreno plantado de mandiocas tornando-o mais fértil.

Cascavel *Fon.* [kaskɐ'vɛw] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.F. Tipo de serpente rastejante que se caracteriza por sua corescura compintas esbranquiçadas e de uma espécie de anéis enfileirados no final da cauda que produzem um som semelhante a um chocalho, com cabeça escamosa, cujo veneno é altamente neurotóxico e que convivem com a fauna, a flora, e os agricultores na cultura da mandioca.

Var.: **Jararaca**. *Ver :* **cobra**.

Cassaco *Fon.* [ka'saku] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Animal mamífero marsupial (didelfídeos) onívoros, fazem suas tocas em ocas de árvores e chegam a medir quarenta a cinquenta centímetros de comprimento, sem contar com a cauda, que chega a medir quarenta centímetros. Seu corpo é parecido com o rato, incluindo a cabeça alongada, e com uma dentição especializada (poliprotodonte). A cauda tem pelos apenas na região proximal, é escamosa na extremidade e tem a capacidade de enrolar-se a um suporte, como um ramo de árvore. As patas são curtas e têm cinco dedos em cada mão, com garras; o primeiro dedo das patas traseiras (hálux) é parcialmente oponível e, em vez de garra, possui uma unha e tem marsúpio e, ao contrário da maioria dos marsupiais, sua cauda é menor que seu corpo. Quando importunado, produz um cheiro desagradável que afasta seu opositor e seu habitat é comum às matas e roçados de plantações da mandioca. *Var.:* **fauna**.

Catanduba *Fon.* [katãdubɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, (indígena)**.

S.F. Vegetação de porte médio (*Pityrocarpa moniliformis*) que ocorre principalmente em solos arenosos próprios para a produção de mandioca. Suas inflorescências são reunidas em espigas, formadas por flores pequenas, perfumadas e com coloração amarelo claro. Sua floração em massa ocorre principalmente entre os meses de dezembro e abril, período que é caracterizado pela transição da estação seca para a chuvosa. *Ver :* **flora**.

Catingueira *Fon.* [katĩ'gerɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Arbusto de pequeno porte que ocorre principalmente em solos arenosos em terrenos utilizados para o cultivo da mandioca. Essa espécie (*Poincianella bracteosa*) possui tronco de coloração acinzentado e suas flores emitem leve odor adocicado, possuem pétalas amarelas e uma pétala central com pontuações avermelhadas. *Ver :* **flora**.

Catita *Fon.* [ka'titɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal, (africano)**.

S.F. Espécie pequena de rato que comumente ataca o paiol, os armazens de gêneros produzidos na casa de farinha e até as plantações. Tem orelhas grandes, longa cauda, olhos orlados de preto, narinas providas de pelos compridos e apresentam hábitos terrícolas. *Var.:* **Camundongo**. *Ver :* **rato**.

NOTA: A etimologia da palavra catita pode ser questionada. Talvez, possa vir de catito, do quimbundo kaxitu (fonte: Dicionário Online de Português).

Caule *Fon.* ['kawli] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.M. Parte da maniveira elevada do solo acima das raízes que sustenta o crescimento dos ramos, folhas e flores no desenvolvimento do pé de mandioca.

Var.: **corpo; haste; pau de mandioca; pau de maniva; rama**. *Ver :* **tronco**.

NOTA: Contendo pequenos hastes e folhas, o caule é dividido em diversas estacas para ser transplantado ao chão na formação da nova planta. É do caule que é retirado as mudas que seram replantados e gerarão as plantas para um novo plantio.

Cava *Fon.* ['kavɐ] ['kaʋɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **buraco**.

Cavador 1 *Fon.* [kava'do] [kaʋa'do] [PLANTAÇÃO], **Instrumento**.

S.M. Instrumento de ferro com ponta afilada e cabo de madeira que serve para cavar buracos para fixar as estacas que serviram de base para o cercado.

Cavador 2 *Fon.* [kava'do] [kaʁa'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função daquele que cava buracos para fixar as estacas que serviram de base para o cercado.

Cavaleiro *Fon.* [kava'leɾu] [kaʁa'leɾu] [TRANSPORTE], **Ocupação.**

S.M. Pessoa que monta em cavalo ou qualquer animal de montar por transporte próprio, tanger comboio de carga ou lazer.

Cavalgar *Fon.* [kavaw'ga] [kaʁaw'ga] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.:* **montar.**

Cavalo *Fon.* [ka'valu] [ka'ʁalu] [TRANSPORTE], **Animal.**

S.M. (Macho) animal equino muito usado no passado para o transporte da mandioca da roça para a casa de farinha por ocasião do arranque pra beneficiamento da farinha e seus derivados. *Var.:* **égua.** *Ver:* **Animais de carga.**

Cavalo-do-cão *Fon.* [ka'valu du 'kãw] [ka'ʁalu du 'kãw] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.M. Insetos, marimbondos da família dos pompilídeos, especialmente aos indivíduos do gênero *Pepsis* Fabricius, vespa parasitoide que caça aranhas para servirem de hospedeira e futura refeição para suas larvas, que cresce se alimentando dos órgãos não vitais da aranha até ter um tamanho suficiente para sobreviverem por conta própria. Na fase adulta se alimenta de néctar e alimentos ricos em açúcar; o macho é visivelmente menor do que a fêmea. *Ver:* **fauna.**

Cavar 1 *Fon.* [ka'va] [ka'ʁa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Ver:* **covar.**

Cavar 2 *Fon.* [ka'va] [ka'ʁa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Furar na terra buracos estreitos de aproximadamente meio metro de profundidade com auxílio de um cavador ou cavadeira para enfiar estacas de madeira na confecção do cercado da plantação. *Var.:* **fazer buracos.**

Cavoucar *Fon.* [kavu'ka] [kaʁu'ka] [PLANTAÇÃO], (africano).

VERB. *Ver:* **covar.**

Centopeia *Fon.* [sêto'peɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Espécie miriápode da classe dos Diplópodes que possuem um corpo cilíndrico coberto de revestimento duro e com numerosos segmentos, com dois pares de pés na maioria dos segmentos aparentes chegando a possuir mais de uma centena deles, que quando tocado se enrola e vive em ambientes úmidos e frios especialmente embaixo de folhagens e troncos. Não têm presas venenosas e alimentam-se em grande parte de matéria vegetal retirada do mesmo habitat em que se insere a mandiocultura. *Var.:* **caracol.** *Ver:* **fauna.**

Cerca *Fon.* ['seɾkɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Estrutura circundante de um terreno feita de madeira, arame, plantas e outros materiais para proteção evitando entrada de animais ou outros intrusos, ou ainda para delimitar estremas de propriedades.

Ver: **cerca (en)trançada; cerca mista; cerca de arame; cerca de pau-a-pique; cerca viva.**

NOTA: Há diferentes tipos de cerca dependendo da sua função, aplicação e custo. Cercas para plantações de mandiocas, são estruturas de aproximadamente dois metros de altura circundando todo o terreno plantado utilizando o material que se apresenta abundante no terreno como a madeira cortada na broca e arame farpado para maior segurança contra animais de médio porte como porcos, cabras, ovelhas, e de grande porte, como jumentos, cavalos, e vacas.

Cerca de arame *Fon.* ['serkɐ diarãmi] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de cerca que usa fios de arame em toda extensão do cercado pregado em estacas. *Ver* : **cerca**.

Cerca de pau-a-pique *Fon.* ['serkɐ di pawa'pik] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modelo de cerca em que as madeiras são colocadas empé guiadas por um arame ou um pau entre as estacas base. *Var.*: **cerca faxina**. *Ver* : **cerca**.

Cerca entrançada *Fon.* ['serkɐ ãtrã'sadɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modelo de cerca feita de paus deitados entrelaçados nas estacas base. *Var.*: **cerca trançada**. *Ver* : **cerca**.

Cerca faxina *Fon.* ['serkɐ faʃĩnɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **cerca de pau-a-pique**. *Ver* : **cerca**.

Cerca mista *Fon.* ['serkɐ 'mĩʃtɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modelo de cerca feita de paus deitados entrelaçados nas estacas base em baixo e de alguns fios de arame farpado na base de cima. *Ver* : **cerca**.

Cerca trançada *Fon.* ['serkɐ trã'sadɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **cerca entrançada**.

Cerca viva *Fon.* ['serkɐ 'vivɐ] ['serkɐ 'vĩvɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modelo de cerca que se utiliza de certas espécies de plantas vivas, geralmente, espinhosas alinhadas lado-a-lado, bem juntas ou com um certo espaço entre elas para obter uma maior proteção. *Ver* : **cerca**.

Cercado 1 *Fon.* [sɛr'kadu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Terreno ou local rodeado de arame ou paus de madeira em que se faz o plantio da mandioca, e as vezes, serve também de curral temporário para os animais após a arranca. *Var.*: **capoeira**; **roça**; **roçado**. *Ver* : **terreno**.

Cercado 2 *Fon.* [sɛr'kadu] [TRANSPORTE].

S.M. *Var.*: **curral**.

Cercado 3 *Fon.* [sɛr'kadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade de terreno que está rodeado de arame ou paus de madeira pronto para o plantio da mandioca.

Cercamento *Fon.* [sɛrka'mêtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Processo de levantar da cerca para a proteção do terreno após a derruba da mata, queimada e destoca. *Var.*: **levantar a cerca**. *Ver* : **plantação**.

Cercar *Fon.* [sɛr'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Rodear com cerca de madeira ou arame uma extensão de terra em que se pretende plantar ou para fins de criação de animais. *Ver.* : **cercamento**.

Cesto *Fon.* ['sɛʃtu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Utensílio feito de cipó usado para levar as raízes já limpas após serem raspadas ao serrador para transformar em massa na casa de farinha.

Chanana *Fon.* [ʃã'nãɲɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Arbusto de característica baixa e perene (*Turnera ulmifolia*), que ocorre principalmente em solos arenosos e em áreas abertas. Suas folhas são verde-escuras e ovaladas e suas flores são pequenas, com coloração amarelas, esbranquiçadas, e possuem corola preta afunilada. Seu habitat concorre com a mandiocultura e seus consócios em roçados e terrenos de roças, e deve ser arrancada e/ou cortada por ocasião da capina. *Ver.* : **flora**.

Chão *Fon.* [ʃãw] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.*: **terra**₁. *Ver.* : **areia**.

Chapéu *Fon.* [ʃa'pɛw] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Tipo de cobertor feito de palha para a proteção da cabeça do agricultor contra o sol e as intempéries usado corriqueiramente em todas as fases, do plantio a comercialização.

Chibanca *Fon.* [ʃi'bãkɐ] [PLANTAÇÃO], **Instrumento**.

S.F. Instrumento de ferro e com cabo de madeira usado para arrancar tocos e troncos de árvores na destoca do terreno, antes da plantação da mandioca. *Var.*: **avião**.

Chibata *Fon.* [ʃi'batɐ] [TRANSPORTE], **Instrumento**.

S.F. *Var.*: **chicote**.

Chicotada *Fon.* [ʃikɔ'tadɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Ato de chicotear, bater no animal para controlar sua força no momento de montar ou tanger. *Var.*: **Lapada**.

Chicote *Fon.* [ʃi'kotɨ] [TRANSPORTE], **Instrumento**.

S.M. Instrumento, geralmente de couro, usado para bater no animal com o fim de comanda-lo no transporte da mandioca e seus derivados. *Var.*: **açoitte**₂; **chibata**; **cipó**₂; **relho**. *Ver.* : **arreios de montaria**; **arreios de carga**.

Chicotear *Fon.* [ʃikɔti'a] [TRANSPORTE].

VERB. *Ver.* : **açoitar**.

Chimbé *Fon.* [ʃĩbɛ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.M. Espécie de bebida com um gosto levemente ácido, como um tipo de suco grosso, forte e adoçado com rapadura raspada ou desmanhada, feito de alguma fruta da região, como murici, abacaxi, cajá, umbú etc. Geralmente é, misturado com farinha resultando em uma textura semelhante a um mingau, uma papa. Costuma ser servido em um prato e comido de colher, mas também pode ser tomado em um copo com pouca farinha, ou mesmo sem.

Chiqueiro *Fon.* [ʃi'keru] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Local pequeno onde se prende e cria animais de pequeno porte como ovinos, suínos ou caprinos que se alimentam com a raiz ou as partes desidratadas da mandioca e que servem de alimentação para os trabalhadores na época da farinhada.

Chocalho *Fon.* [ʃɔ'kaʎu] [ʃu'kaʎu] [ʃɔ'kaju] [ʃu'kaju] [TRANSPORTE].

S.M. Instrumento de metal com uma espécie de campainha que se coloca no pescoço dos animais que produz um som rítmico cada vez que o animal se move e que tem a função identificadora de facilitar sua localização quando for procurado.

Chover *Fon.* [ʃɔ've] [ʃu've] [ʃɔ'ʎe] [ʃu'ʎe] [PLANTAÇÃO].

VERB. Fenômeno de precipitação natural de água, chuva, geralmente, no período invernos propício a plantação da maniva.

Chuva *Fon.* [ʃuvɐ] [ʃuʎɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Precipitação de água advinda das nuvens e que são de extrema necessidade para a nascença e o desenvolvimento da lavoura.

Cia *Fon.* [ʃiɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Espécie de corda ou sola que é amarrada ao dorso do animal e que prende a cangalha ou a sela para a fixação dos demais apetrechos de carga no transporte da raiz e dos demais gêneros da mandioca. *Ver* : **arreios de carga**.

Ciolina *Fon.* [siɔ'liɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.*: **aciolina**.

Cipó 1 *Fon.* [si'pɔ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], (indígena).

S.M. Planta de caule fino e mole, mas resistente que serve para tecer cestos, caçoás, peneiras que são de uso importante nas casas de farinha. *Ver* : **flora**.

Cipó 2 *Fon.* [si'pɔ] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.M. Tipo de relho ou chicote tirado no mato de um vegetal duro, espesso e duradouro, com a finalidade de bater no animal para fazê-lo marchar mais rápido dirigindo-o melhor no transporte das mandiocas e/ou seus derivados. *Ver* : **chicote**.

Ciriguela *Fon.* [sirigu'eʎɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. *Var.*: **siriguela**.

Ciscador 1 *Fon.* [siska'do] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.M. Instrumento com várias garras de ferro e cabo comprido de madeira usado para apanhar folhas e demais resíduos de vegetais antes da queima após a broca. *Ver* : **Forquilha**.

Ciscador 2 *Fon.* [siska'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Pessoa que após a broca, cisca e faz montes da mata brocada encoivarando-a para, posteriormente, fazer a queima.

Ciscamento *Fon.* [siska'mêtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. Processo ciscar em montes a mata brocada e já seca, antes de colocar fogo no terreno depois da broca para preparar a área do plantio das manivas. *Ver* : **plantação.**

Ciscar *Fon.* [sis'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de afastar gravetos, folhas, lenhas e paus após a broca com o ciscador ou forquilha organizando-os para encoivar e queimar preparando, assim, a terra para o plantio.

Cismado *Fon.* [sib'madu] [TRANSPORTE].

ADJ. Qualidade de animal que se comporta empacado ou agindo diferente em situações de transporte ou de carga.

NOTA: Alguns animais tem comportamento diferente por ter mudado seu trageito ou o tangedor, e por essa razão, ficam estranhos desejando deitar a carga ou pular, ou ainda, parados sem quererem caminhar com a carga.

Coação *Fon.* [koa'sãw] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.F. *Var.*: **esprema.**

Cobra *Fon.* ['kɔbrɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Espécie de réptil alongado e rastejante que pode ou não ser peçonhento e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.*: **caninana; cascavel; cobra (de) coral; cobra de duas cabeças; cobra de cipó; cobra de viado; cobra verde; cobra papagaio; jararaca; surucucu de oco.** *Ver* : **fauna.**

Cobra de cipó *Fon.* ['kɔbrɐ di si'pɔ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.F. Espécies de serpente verdeacinzentada comprida e fina, como um cipó, que vivem em árvores pertencentes a diversos gêneros, geralmente não peçonhenta mas que tem comportamento agressivo podendo se sustentar em pé em sua defesa, e que é encontrada no desmatamento e destoca do terreno para o cultivo da mandioca. *Ver*: **cobra.**

Cobra de duas cabeças *Fon.* ['kɔbrɐ di 'duas ka'besɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.F. Espécie reptil que se assemelha a uma minhoca grande e vive em ambientes subterrâneos e úmidos, cuja cauda se parece com a cabeça e que convivem com a fauna, a flora, os agricultores, especialmente na escavação, capina e arranque da mandioca. *Ver* : **cobra.**

Cobra de viado *Fon.* ['kɔbrɐ di vi'adu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.F. Espécies de serpente verdeacinzentada comprida e fina, que vivem em árvores pertencentes a diversos gêneros, geralmente não peçonhenta mas que tem comportamento agressivo podendo se sustentar em pé em sua defesa, e que é encontrada no desmatamento e destoca do terreno para o cultivo da mandioca. *Ver* : **cobra.**

Cobra papagaio *Fon.* ['kɔbrɐ papa'gaiw] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.F. Espécies de cobras que são encontradas na vegetação e que interagem com os estagios da mandiocultura. *Ver* : **cobra.**

Cobra verde *Fon.* ['kɔbrɐ 'verdi] ['kɔbrɐ 'berdi] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.F. Espécie de cobra de cor esverdiada e fina que é encontrada na vegetação e que interage com os estágios da mandiocultura. *Ver* : **cobra**.

Cobra (de) coral *Fon.* ['kɔbrɐ (di) 'kɔraw] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.F. Espécie de serpentes rastejantes geralmente de anéis rubro-negros que podem ou não ser peçonhentas e que convivem com a fauna, a flora, os agricultores na cultura da mandioca. *Ver* : **cobra**.

Cocha *Fon.* ['koʃɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Var.*: **masseira**.

Cocheira *Fon.* [ko'ʃɛrɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Var.*: **masseira**.

Cochim *Fon.* ['koʃi] ['kuʃi] [TRANSPORTE].

S.M. Espécie de cobertor muito macio, às vezes feito de retalhos de pano que tem a função de protetor para o lombo do animal de montaria que se põe por baixo da sela. *Ver* : **arreios de montaria**.

Cocho *Fon.* ['koʃu] [TRANSPORTE].

S.M. Tipo de vasilha, geralmente, feito de madeira ou esculpido na madeira utilizado para colocar o alimento para os animais de transporte das mandiocas para o beneficiamento na casa de farinha.

Cochonilha *Fon.* [kɔʃo'niʎɐ] [kɔʃo'niɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Espécie de fungo que produz uma praga que ataca a folha da maniveira deixando-a preta ou esbranquiçada, que pode diminuir a qualidade de produção da planta podendo levar até a morte. *Ver* : **praga**.

Coco *Fon.* ['koku] [CULINÁRIA], Fruta.

S.M. Fruto do coqueiro; de forma arredondada, o albume líquido (água de coco) é um refrigerante nutritivo, e o albume sólido, muito rico em óleo, pode ser transformado em leite de coco; ralado, é utilizado na preparação de muitos pratos. Possui polpa branca e lisa que pode ser removida e raspada para misturar em tapiocas, beijus, bolos e outros subprodutos da mandioca.

Coice *Fon.* ['kojsi] [TRANSPORTE].

S.M. Espécie de movimento brusco de defesa que os animais de carga ou de montaria dão com as patas traseiras.

Coiceiro *Fon.* ['kojsɛru] [TRANSPORTE].

ADJ. Qualidade de animal arreado que dá coices.

Coçar *Fon.* [koj'sa] [TRANSPORTE].

VERB. Ação brusca de movimento em que os animais de carga ou de montaria dão com as patas traseiras.

Coité *Fon.* [koj'tɛ] [kuj'tɛ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], (indígena).

S.F. *Var.*: **cuia**.

Coivara *Fon.* [koj'varɐ] [koj'βarɐ] **[PLANTAÇÃO]**.

S.F. Amontoado de vegetação cortada após a primeira derrubada das plantas nativas na broca, que é reunido e queimado deixando o terreno limpo para o cultivo da mandioca.

Coivarar *Fon.* [kojva'ra] [kojβa'ra] **[PLANTAÇÃO]**.

VERB. Juntar o resto de vegetação que sobrou após a broca, posteriormente para a queima deixando o terreno limpo para o cultivo da mandioca. *Var.:* **encoivarar**.

Colheita *Fon.* [ko'ʎejtɐ] ['ku'ʎejtɐ] [koj'ejtɐ] ['kuj'eitɐ] **[PLANTAÇÃO], Processamento**.

S.F. *Var.:* **arranca**. *Ver:* **plantação**.

Colher *Fon.* [ko'ʎe] ['ku'ʎe] [koj'e] [kuj'e] **[PLANTAÇÃO]**.

VERB. *Var.:* **arrancar**.

Colocar a carga *Fon.* [kɔb'ka a 'kaʁɔ] **[TRANSPORTE]**.

S.T.V. Ação de pôr os caçuas cheios de raízes da arranca suspendendo-os e pendurando-os na cangalha sobre os animais para serem levados a casa de farinha.

Colocar a madeira na cerca *Fon.* [kɔb'ka ma'derɐ nɐ 'sɛrkɐ] **[PLANTAÇÃO]**.

S.T.V. *Var.:* **Emadeirar**.

Coloral *Fon.* [kɔb'raʋ] **[CULINÁRIA], Subproduto**.

S.M. Tipo de condimento avermelhado em pó usado para carnes e peixes feito com urucum, sal, pimenta, óleo e farinha de mandioca.

Com escuro *Fon.* [kõ is'kuru] [kũ is'kuru] **[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO]**.

S.T.M. Expressão corriqueira que indica noite, parte da noite ou da madrugada que ainda não há luz solar que corresponde aos horários muito cedo em que os trabalhadores costumam sair para o trabalho de plantação, transporte e/ou beneficiamento da mandioca na casa de farinha.

Os trabalhadores saíram com escuro pra arrancar a roça.

Comboiamento *Fon.* [kõbɔja'mêtu] **[TRANSPORTE], Processamento**.

S.M. *Var.:* **Transporte₂**.

Comboiar *Fon.* [kõbɔj'a] **[TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO]**.

VERB. Ato de guiar bando de animais que servem para transportar as mandiocas para o beneficiamento e/ou os produtos já beneficiados para armazenar e/ou para comercializar em feiras, barracões, mercados e/ou vendas.

Comboieiro *Fon.* [kõbɔ'eru] **[TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], Ocupação**.

S.M. Função daquele que dirige o comboio de animais de carga no transporte das mandiocas do roçado para a casa de farinha e/ou, ainda, na condução dos gêneros beneficiados para o armazenamento e/ou a comercialização, muitas vezes, sendo o dono ou o responsável pela venda dos produtos em feiras e mercados. *Ver:* **tangedor**.

Comboio *Fon.* [kõ'bɔju] **[TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO]**.

S.M. Grupo de animais de carga guiados por uma ou mais pessoas no transporte das raízes de mandioca da roça para a casa de farinha e/ou, ainda, dos gêneros beneficiados para o armazenamento e/ou a comercialização.

Comer *Fon.* [kõ'me] [ku'me] [CULINÁRIA].

VERB. Ato de degustar os alimentos;

Comercialização *Fon.* [kõmɛʃjaliza'sãw] [kumɛʃjaliza'sãw] [kõmɛʃjaliza'sãw]
[kumɛʃjaliza'sãw]

[COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Ato de negociação dos produtos fabricados na casa de farinha especialmente a farinha e a goma.

Var.: **comércio**₁; **venda**₂.

Comercializar *Fon.* [kõmɛʃjali'za] [kumɛʃjali'za] [kõmɛʃjali'za] [kumɛʃjali'za]
[COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. *Ver:* **vender**.

Comerciante *Fon.* [kõmɛʃi'ãti] [ku'mɛʃi'ãti] [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Função daquele que comercializa, vende produtos da cultura da mandioca, e até, acessórios desde a fase da plantação até a culinária. *Ver:* **bodegueiro**.

Comerciar *Fon.* [kõmɛʃi'a] [kumɛʃi'a] [kõmɛʃi'a] [kumɛʃi'a] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. *Ver:* **vender**.

Comércio 1 *Fon.* [kõ'mɛʃiw] [ku'mɛʃiw] [kõ'mɛʃiw] [ku'mɛʃiw] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Var.:* **comercialização**.

Comércio 2 *Fon.* [kõ'mɛʃiw] [ku'mɛʃiw] [kõ'mɛʃiw] [ku'mɛʃiw] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Var.:* **bodega**.

Comida *Fon.* [ku'midɔ] [CULINÁRIA].

S.F. Alimento manufaturado, produzido e processado na casa de farinha e/ou na cozinha doméstica e demais alimentos em geral. *Var.:* **de comer**.

Compra *Fon.* ['kõprɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Obtenção de produtos fabricados pelos agricultores na casa de farinha.

Comprador *Fon.* [kõpra'do] [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Pessoa que adquire os produtos fabricados pelos agricultores na casa de farinha para revender nas vendas, mercearias, bodegas, feiras e mescados. *Var.:* **negociador; negociante**. *Ver:* **consumidor**.

Comprar *Fon.* [kõ'pra] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de adquirir com dinheiro artigos produzidos pelos lavradores na casa de farinha. *Var.:* **consumir**.

Consumidor *Fon.* ['kõsumido] [COMERCIALIZAÇÃO], **Técnico**.

S.M. Aquele que consome, que se utiliza dos serviços do comércio, aquele que compra os produtos derivados da mandiocultura. *Ver* : **comprador**.

Consumir *Fon.* [kõ'sumi] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. *Var.*: **comprar**.

Contra fogo *Fon.* ['kõtrẽ 'fogu] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Modo de queimada em que se coloca fogo em diversas partes da coivara para separar e proteger a mata de incêndios indiscriminados.

Controle de praga *Fon.* ['kõtroli di 'pragẽ] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.T.M. Processo que visa inspecionar o crescimento das plantas, fiscalizar a infestação de pragas para aplicar o defensivo adequado, fazer a aplicação do combatente e verificar sua eficácia em devolver a saúde ao vegetal.

Copa *Fon.* ['kopẽ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. Parte aérea superior da maniveira onde se encontra os galhos altos e as folhagens.

Var.: **copinha; copa da maniveira; copa da maniva; folhagem; rama; ramada; ramagem**.

Copa da maniva *Fon.* ['kopẽ da mã'nivẽ] ['kopẽ da ma'nivẽ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.F. *Var.*: **copa**.

Copa da maniveira *Fon.* ['kopẽ da mani'verẽ] ['kopẽ da mani'verẽ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.F. *Var.*: **copa**.

Copinha *Fon.* [kõ'pĩnẽ] [kõ'pĩẽ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. *Var.*: **copa**.

Copo *Fon.* ['kopu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Recipiente, geralmente de vidro, usado para beber água também usado na casa de farinha especialmente pelos convidados.

Coqueiro *Fon.* [kõ'keru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Palmeira de grande porte (Cocos nucifera), da família das arecáceas, com caule forte e lenhoso, palhas em espiral de folhas retilíneas com talo forte. É muito cultivado em regiões praeiras, pois os agricultores se utilizam de seus frutos para a feitura de tapiocas e bejus. *Var.*: **pé de coco**.

Corante *Fon.* [kõ'rãti] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Tipo de substância que é adicionada à massa para dar uma cor amarelada (alaranjada) no processo final da farinha amarela. É um pigmento de um composto químico que é adicionada a massa no tanque, após ser serrada.

Corda *Fon.* ['kõrdẽ] [TRANSPORTE].

S.F. Espécie de cabo formado de fios alongados, flexíveis, torcidos em espiral, feitos de fibras naturais da palha da carnaúda (embira) usado em várias funções da mandiocultura como para amarrar os animais, alguns instrumentos que transportam e beneficiam a mandioca e a própria carga.

NOTA: As cordas são muito utilizadas nas atividades dos agricultores para quase tudo que eles tem que fazer na roça. Sua atuação vai desde uma simples amarração no gogó de uma cabaça de água para pendurar na enxada quando transportam a água de beber para o roçado como na amarração de um animal, para a feitura de cabrestos, peias, chicotes etc. Na casa de farinha, em todas as etapas, tudo que se desprende se ata com cordas. Há, também, diversos tipos de corda: a mais comum é tecida da embira da palha de carnaúba, porém existem cordas bem mais resistentes de tecido de algodão e até de cabos de náilon, de seda ou de fios sintéticos retorcidos.

Cordas da prensa *Fon.* ['kɔrdɐs da 'prẽsɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Par de cordas ligando o órgão e a carnaúba, usada na prensa antiga, que acocha a massa para seu enxugamento.

Corpo *Fon.* ['kɔɾpu] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.M. *Var.:* **corpo da maniva**. *Ver:* **caule**.

Corpo da maniva *Fon.* ['kɔɾpu da ma'nivɐ] ['kɔɾpu da ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.M. *Var.:* **corpo**.

Córrego *Fon.* ['kɔʁɛgu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.M. Rego ou sulco de água aberto pela corrente de chuvas ou transbordamento que geralmente vai dar em lago, lagoa e/ou rio. Suas margens são propícias para o plantio e sua água serve para matar a sede e refrescar os animais que servem de transporte para as mandiocas em beneficiamento. *Var.:* **riacho**.

Correia *Fon.* [kɔ'ʁɛɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. Espécie de cabo de couro de boi que liga a roda de puxar ao serrador da raiz, usado nos tempos mais antigos como movedor na casa de farinha. *Var.:* **Relho**₂.

Corrupião *Fon.* [ku'ʁupĩãw] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Pássaro de porte médio (icterídeos) que mede cerca de 23 cm de comprimento e possui cabeça, parte anterior do dorso e asas negras com uma mancha branca na ponta das asas e o peito e o ventre amarelo-alaranjados. Alimenta-se de frutas, sementes, insetos, lagartas, aranhas e outros pequenos invertebrados e seu canto é melodioso. Seu habitat é as plantas altas e médias dos roçados e das capoeiras vivendo intergado à fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver:* **fauna**.

Cortadeira *Fon.* [kɔɾta'derɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. *Var.:* **saúva**.

Cortar *Fon.* [kɔɾ'ta] [CULINÁRIA].

VERB. *Var.:* **dobrar**.

Cortar a mandioca *Fon.* [kɔɾ'ta a mãdi'ɔkɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato de separar com faca ou facão as batatas da maniva descascadas para ralar no serrador no processo de beneficiamento.

Cortar a maniva *Fon.* [kɔɾ'ta a ma'nivɐ] [kɔɾ'ta a ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Ato de separar com faca ou facão os paus da maniva para fazer a muda para o cultivo.

Cova *Fon.* ['kɔvɐ] ['kɔvɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Abertura fofa feita no solo, em carreiras distanciadas, aproximadamente, de 1 a 2 metros, na vertical e na horizontal do terreno, onde se semeia e planta os paus de manivas em pé, por estaquia. *Var.:* **buraco**₁. *Ver* : **Técnicas de plantio. Nossa cova aqui é fofa e rasa, mas o pau tem que ficar mais fundo pra mode o vento não derrubar.**

Covador *Fon.* [kɔva'do] [kɔva'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Pessoa que exerce a função de fazer as covas, com enxada ou enxadeco, para receber as mudas de maniva no terreno, concretizando, assim, a fase inicial do plantio.

Covar *Fon.* [kɔ'va] [kɔ'va] [PLANTAÇÃO].

VERB. Abrir covas no terreno preparado para o plantio para receber as mudas de maniva na fase inicial da plantação; *Var.:* **cavar**; **cavoucar**.

Covinha *Fon.* [kɔ'vĩɲɐ] [kɔ'vĩɲɐ] [kɔ'vĩɲɐ] [kɔ'vĩɲɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **buraco**₁.

Cozido *Fon.* [ku'zidu] [CULINÁRIA].

ADJ. Qualidade daquilo que foi cozinhado, geralmente, na panela com, no mínimo, água e sal. *Ver* : **cozinhado. O caldo tem que está bem cozido pra dar pirão.**

Cozinha 1 *Fon.* [ko'zĩɲɐ] [ko'zĩɲɐ] [ku'zĩɲɐ] [ku'zĩɲɐ] [CULINÁRIA].

S.F. Modo detalhado de preparação dos alimentos. *Var.:* **culinária**.

Cozinha 2 *Fon.* [ko'zĩɲɐ] [ko'zĩɲɐ] [ku'zĩɲɐ] [ku'zĩɲɐ] [CULINÁRIA].

S.F. Parte da casa e/ou local onde se prepara os alimentos.

Cozinhado *Fon.* [kozi'ɲadu] [kozi'adu] [kuzi'ɲadu] [kuzi'adu] [CULINÁRIA].

ADJ. *Var.:* **cozido**.

Cozinhar *Fon.* [kozi'ɲa] [kozi'a] [kuzi'ɲa] [kuzi'a] [CULINÁRIA].

ADJ. Preparar no fogão o alimento, geralmente, na panela com água fervente até amolecer.

Ver : **Botar comida no fogo**.

Cozinheira *Fon.* [kozi'ɲere] [kozi'ere] [kuzi'ɲere] [kuzi'ere] [CULINÁRIA], **Ocupação.**

S.F. Função de quem cozinha, prepara os alimentos pra serem comidos.

Crescer *Fon.* [kre'se] [PLANTAÇÃO].

VERB. Fenômeno natural de desenvolvimento da planta desde o estágio de muda (semente) à planta adulta.

Cria 1 *Fon.* ['kria] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.F. *Var.:* **criação**.

Cria 2 *Fon.* ['kria] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.F. Filhote de animal em fase de crescimento que é cuidado por sua mãe ou protetor.

Criação *Fon.* ['kriasãw] [TRANSPORTE].

S.F. Animal de criação do agricultor que é cuidado em ambiente cercado ou solto, pastoreado, para fins de transporte e/ou alimentação. *Var.:* **cria**.

NOTA: O agricultor sempre tem algum tipo de animal que convive com o ambiente da mandiocultura, como aves (galinhas, patos, capotes e perus) e/ou mamíferos (porcos, cabras, ovelhas, cavalos, jumentos, burros e vacas). Alguns são criados para alimentar a família, enquanto que outros são de uso restrito aos transportes de carga ou de montaria como o cavalo, o jumento e o burro.

Criador *Fon.* [kria'do] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], **Ocupação**.

S.M. Função da pessoa (geralmente homem) que tem animais, cuidador, que se utiliza deles para alimento ou para transporte e locomoção.

Criar bicheira *Fon.* [kri'a bi'ʃerɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **criar bicho**.

Criar bicho *Fon.* [kri'a 'biʃu] [TRANSPORTE].

S.T.V. Descuido do criador com algum ferimento no animal de transporte quando chega a desenvolver larvas de insetos carnívoros como moscas e varigeiras, impossibilitando, assim, o animal do trabalho.

Criar mato *Fon.* [kri'a 'matu] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Crescimento espontâneo de ervas danosas à planta cultivada que devem ser limpas para o pleno desenvolvimento do cultivo.

Croa *Fon.* ['kroɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de banco de areia e/ou argila situado ao longo dos rios e riachos que geralmente tem bom substrato para o plantio.

O velho pantou na croa do rio e colheu bem pra danar.

Croatá *Fon.* [kroa'ta] [krua'ta] [BENEFICIAMENTO], **Vegetal, Fruta, (indígena)**.

S.M. Vegetal pequeno rasteiro de poucas folhas duras, espinhosas e alongadas, com flores vermelhas ou rosadas (família das bromélias). É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga, cujas folhas fornecem fibra para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus, além de outras peças artesanais e decorativas. Seu fruto é uma espécie de abacaxi pequeno também conhecido pelo mesmo nome e que é encontrado nas áreas de mandiocultura.

NOTA: O nome croatá vem da palavra em tupi kara wã, que significa talo com espinho.

Crueira *Fon.* [kru'era] [BENEFICIAMENTO], **(indígena)**.

S.F. Pequenos pedaços de mandioca que sobram após o processo de serragem e prensagem quando do peneiramento para sua secagem.

NOTA: Esses pequenos pedaços da raiz que ainda ficaram sólidos são levados ao forno ou levados ao sol para secar e servem de alimentos para animais como porcos e galinhas.

Cuia *Fon.* ['kuja] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Instrumento, (indígena)**.

S.F. Espécie de bacia feito de cabaça muito usada na casa de farinha para diversos fins como carregar a massa, a farinha e a goma. *Var.:* **coité**.

Cuidado *Fon.* [kuj'dadu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.M. Conjunto de precauções tomadas com as plantas, com animais e com os aparelhos de beneficiamento com o fim de conseguir o objetivo de produção da farinha e derivados.

Cuidador *Fon.* [kujda'do] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], **Ocupação**.

S.M. Função da pessoa (geralmente homem) que toma conta dos animais de carga tratando de oferecer comida e bebida, e também, proteção.

Cuidar das plantas *Fon.* [kuj'da das 'plãtes] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Atenção do agricultor em todo o processo de plantação e cultivo da mandioca dando assistência a lavoura desde a preparação do terreno até a arranca.

Cuidar dos animais *Fon.* [kuj'da duzãni'mejs] [TRANSPORTE].

S.T.V. Atenção dispensada aos animais que são usados nos trabalhos de transporte da mandioca e da farinha desde a pega até a soltura após os afazeres do dia.

Culinária *Fon.* [kuli'nariɛ] [CULINÁRIA].

S.F. *Var.:* **cozinha**₁.

Cultivadeira *Fon.* [kuti'va'derɛ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **Capinadeira**.

Cultivar *Fon.* [kuti'va] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Ver:* **plantar**₁.

Cultivo *Fon.* [ku'tivu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. *Ver:* **plantio**.

Cultivo consorciado *Fon.* [ku'tivu kōsosi'adu] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Plantio em que as manivas são cultivadas com outras culturas agrícolas, geralmente feijão e milho, na mesma área.

Cultivo da mandioca *Fon.* [ku'tivu da mãdi'ɔkɛ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Operação que consiste em realizar o preparo da área, o plantio, os tratos culturais e a colheita da mandioca.

Cumbuca *Fon.* [kũ'bukɛ] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], **(indígena)**.

S.F. Utensílio doméstico manufaturado do fruto da cabaceira que depois de seco, é limpo e serrado para fazer uma espécie de concha que se utilizava para tirar água do pote e outros fins, especialmente no passado, quando não havia bacias, baldes, travessas e garrafas de plástico.

Cunha *Fon.* ['kũɲa] [PLANTAÇÃO].

S.F. Pequeno pedaço de madeira, cortado em ângulo sólido e que serve para ajustar nos encaixes das ferramentas, no processo de encabamento, usadas na mandiocultura.

Cupim *Fon.* [ku'pĩ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Inseto que ataca a batata da mandioca secando o pau e fazendo com que as folhas das manivas fiquem amareladas, secas e morram. *Var.:* **cupim de chão**. *Ver:* **inseto**.

Cupim de chão *Fon.* [ku'pĩ di 'jãw] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. *Var.:* **cupim**.

Curar as plantas *Fon.* [ku'ras 'plãtəs] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Cuidados que os agricultores tem com as plantas aplicando defensivos agrícolas prevenindo pragas e insetos.

Ver: **aguar**₂.

Curar os animais *Fon.* [ku'ra uzãni'məjs] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Cuidados os agricultores tem com os animais, usando de cuidados veterinários como vacinas e remédios prevenido vermes e sarando feridas.

Curral *Fon.* [ku'ɾaw] [TRANSPORTE].

S.M. Cercado em que se recolhe animais domésticos de grande e médio porte, como vacas, ovelhas e cabras, e/ou animais de carga que vão servir de transporte para a mandioca até a casa de farinha nos dias de farinhada.

Var.: **cercado**₂.

Currimboque *Fon.* [kuɾĩ'bɔki]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Tipo de pó feito do fumo desfiado e aquecido no fogo e pisado, geralmente, em uma quenga de coco com uma pedra para torna-se um pó acinzentado que será cheirado pelo usuário. *Var.:* **Rapé**.

Cururu *Fon.* [kuru'ru] [PLANTAÇÃO], **Animal**, (indígena).

S.M. Espécie de anfíbio saltitante que se alimenta de insetos das plantas e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.:* **sapo**. *Ver:* **fauna**.

Cuscuz de goma *Fon.* [kus'kus di gômɐ] [CULINÁRIA], **Subproduto**, (africano).

S.T.M. Tipo de bolo de goma (fécula) feito na cuscuzeira com leite de coco raspado.

Cuscuzeira *Fon.* [kuku'zerɐ] [CULINÁRIA].

S.F. Utensílio geralmente de alumínio em que se prepara o cuscuz de milho ou de goma.

Cuscuzeira de barro *Fon.* [kuku'zerɐ di 'baɾu] [CULINÁRIA].

S.T.F. Utensílio de barro sendo arredondado na base, onde fica a água, e mais largo em cima, onde fica a massa, que é usada para cozinhar cuscuz de goma no fogão a lenha.

Custoso *Fon.* [kuʃ'tozu]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

ADJ. Qualidade daquilo ou daquele que é demorado, difícil, trabalhoso, árduo.

Cutia *Fon.* [ku'tiɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Mamífero roedor de pequeno porte (gênero *Dasyprocta*, família *Dasyproctidae*), medindo entre 49 e 64 centímetros. Possui carne branca e saborosa, motivo principal das perseguições e caçadas. Vive em capoeiras e matas virgens, e habita troncos ocos e buracos cavados no solo, esconderijos que procura quando perseguida. Sae ao anoitecer para comer frutas, sementes, e invade plantações para comer milho, cana-de-açúcar e mandioca, e assim, interagem com os ciclos da mandiocultura. *Ver* : **fauna**.

D, d

Dar água *Fon.* ['da 'ag^wɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Ver.* : **dar de beber.**

Dar banho *Fon.* ['da bã'ɲu] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Ver.* : **banhar.**

Dar bebida *Fon.* ['da bibidɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Ver.* : **dar de beber.**

Dar coice *Fon.* ['da 'kojsi] [TRANSPORTE].

S.T.V. Movimento brusco que os animais de carga ou de montaria fazem com as patas traseiras geralmente para se defender.

Dar comida *Fon.* ['da ku'midɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.*: **dar de comer.**

Dar de beber *Fon.* ['da di be'be] [TRANSPORTE].

S.T.V. Cuidar dos animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o processamento na casa de farinha, oferecendo-lhes água e banho. *Var.*: **dar bebida; dar água.**

Dar de comer *Fon.* ['da di kō'mɛ] ['da di ku'mɛ] [TRANSPORTE].

S.T.V. Alimentar os animais que estão no trabalho de transporte da raiz da mandioca para o processamento na casa de farinha. *Ver.* : **alimentar; dar comida.**

NOTA: Geralmente, os animais são alimentados com grãos como milho e com farelos, restos de outros produtos plantados como casca de feijão ou palha de milho secas, e ainda, casca da mandioca ou folhas da maniva secas e desidratadas.

Dar descanso *Fon.* ['da dis'kãsu] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.*: **descansar os animais.**

Dar fé *Fon.* ['da fɛ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Figurado.**

S.T.V. Expressão que indica ver, perceber, notar.

Quando Dona I... deu fé, a tapioca já estava era queimando.

Dar o corte *Fon.* ['da u 'kɔrti] [CULINÁRIA].

S.T.V. *Var.*: **dobrar.**

Dar o ponto *Fon.* ['da u 'põtu] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.V. Estado de cozimento em que os produtos (farinha, goma e borra) e subprodutos (tapiocas, beijus, grude, bolos, etc) da mandioca atingem consistência desejada para sua finalização.

De comer *Fon.* [di kō'mɛ] [CULINÁRIA].

S.T.V. *Ver.* : **comida.**

Deitada *Fon.* [dej'tadɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Modo como a muda é colocada na cova levemente inclinada para se proteger do vento. *Var.:* **derreada**.

Deixar solto *Fon.* [dej'ʃa 'sowtu] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **soltar**.

Derramar *Fon.* [dɛʁã'ma] [TRANSPORTE].

VERB. *Ver:* **descarregar**.

Derreada *Fon.* [dɛʁi'adɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.:* **deitada**.

Derruba *Fon.* [dɛ'ʁubɐ][di'ʁubɐ][dɛ'ʁibɐ] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Ver:* **broca**₁.

Derrubação *Fon.* [dɛʁuba'sãw]][diʁuba'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Ver:* **broca**₁.

Derrubada *Fon.* [dɛʁu'badɐ][diʁu'badɐ][dɛʁi'badɐ] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Ver:* **broca**₁.

Derrubar *Fon.* [dɛʁu'ba][diʁu'ba][dɛʁi'ba] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de cortar a vegetação na área escolhida para a roça onde se realizará o plantio da maniva.
Var.: **desmatar**.

Desbastar *Fon.* [disbaʃ'ta] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de separação de partes do caule podando os ramos fracos, removendo os galhos em excesso e deixando os mais fortes para que cresçam melhor.

Desbaste *Fon.* [dis'baʃti] [PLANTAÇÃO].

S.M. Processo de separação dos galhos melhores e arranque daqueles fracos ou que estão em excesso. O agricultor faz o desbaste dos galhos fracos, secos e amarelados que podem atrasar o desenvolvimento da planta, deixando geralmente como pendão o caule principal que irá crescer e receber mais sol e produzir melhor seiva para as raízes. Geralmente, o desbaste é feito no período das últimas capinas.

Descansar os animais *Fon.* [diskã'sa uzãni'maiz] [TRANSPORTE].

S.T.V. Ato de deixar os animais de carga que transportamos gêneros, em descanso embaixo de plantas, na sombra para relaxar com o oferecimento de comida e bebida. *Var.:* **dar descanso**.

Descarga *Fon.* [dis'kargɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Ato ou efeito de tirar a carga dos animais retirando as raízes dos caços e despejando no local para ser descascada pelas raspadeiras na casa de farinha.

Descarregar *Fon.* [diskaʁɛ'ga] [TRANSPORTE].

VERB. Tirar a carga dos animais despejando as raízes no local para ser descascada pelas raspadeiras na casa de farinha. *Var.:* **despejar**, **derramar**.

Descasca *Fon.* [dis'kaskɐ] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.F. Processo que visa remover a casca e cabeça da mandioca manualmente com faca para, em seguida, ser serrada e obter a massa. *Var.:* **descascamento; descasque; rapagem; raspagem.**

Descascada *Fon.* [diskas'kadɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Qualidade da raiz que já passou pelo descasque (descascamento) sendo raspada pela raspadeira no processo inicial do beneficiamento da mandioca na casa de farinha. *Var.:* **rapada; raspada.**

Descascadeira 1 *Fon.* [diskaska'derɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.F. Função (geralmente mulher) de quem ra(s)pa ou descasca a mandioca na casa de farinha.

Var.: **rapadeira; raspadeira.**

Descascadeira 2 *Fon.* [diskaska'derɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.F. Máquina que ra(s)pa ou descasca a mandioca na casa de farinha mecanizada ou fábrica de farinha.

Var.: **descascador de mandioca.**

Descascador de mandioca *Fon.* [diskaska'dor di mãdi'ɔkɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.T.M. *Var.:* **descascadeira₂.**

Descascamento *Fon.* [diskaska'mêtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. *Var.:* **descasca.**

Descascar *Fon.* [diskas'ka] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de retirar manualmente a casca da mandioca pelas rapadeiras com a utilização de faca.

Var.: **lavar₂; rapar; raspar.**

NOTA: Há duas formas de retirar a casca da mandioca: uma é a raspagem propriamente dita, quando a pele da raiz está fina, com a faca levemente derreada, fazemos movimentos de cima para baixo sobre a raiz; a outra é quando a casca está mais dura que a rapadeira tem que lavar, cortando pedaços da superfície da casca da batata.

Descasque *Fon.* [dis'kaski] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. *Var.:* **descasca.**

Desenterrar *Fon.* [disête'ɾa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **arrancar.**

Desmanchar os torrões *Fon.* [dismã'ʃa us tɔ'ɾɔiz] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.:* **destorroar.**

Desmanche dos torrões *Fon.* [dismã'ʃi dus tɔ'ɾõjs] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.T.M. *Var.:* **esfarelamento.**

Desmatamento *Fon.* [dismata'mêtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. *Ver*: **broca**₁.

Desmatar *Fon.* [disma'ta] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.*: **derrubar**.

Desmate *Fon.* [dis'mati] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. *Ver*: **broca**₁.

Despejar *Fon.* [dispe'za] [TRANSPORTE].

VERB. *Ver*: **descarregar**.

Despenca *Fon.* [dis'pēka] [PLANTAÇÃO].

S.F. Ato de separar a raiz do pau de maniva no momento do arranque da roça para o posterior transporte e beneficiamento.

Despencar *Fon.* [dispē'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Separar a mandioca do tronco, quebrando ou cortando, para a retirada da batata por ocasião do arranque da roça para seu beneficiamento na casa de farinha.

Destoca *Fon.* [dis'toka] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. Operação que consiste na retirada da sobra de tocos de árvores do solo após a queima.

Var.: **destocagem**. *Ver*: **plantação**.

Destocagem *Fon.* [disto'kaʒẽj] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **destoca**.

Destocar *Fon.* [disto'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação que visa retirar a sobra dos tocos e troncos de plantas do solo após a broca, encoivramento e queima. *Var.*: **arrancar toco**.

Destorroamento *Fon.* [distoʁoa'mêtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.M. *Var.*: **esfarelamento**.

Destorroar *Fon.* [distoʁo'a] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de desmanche dos torrões que saem dos sacos de massa retirados da prensa para serem peneirados. *Var.*: **desmanchar os torrões**.

Dobrar *Fon.* [dɔ'bra] [CULINÁRIA].

VERB. Operação de corte dos beijus e tapiocas na feitura das mesmas no forno da casa de farinha quando de sua finalização. *Var.*: **cortar**; **dar o corte**.

Dona I... dobrou a tapioca bem no meio e pôs pra esfriar.

Doença *Fon.* [do'ẽsɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de alteração que ocorre nas estruturas e nas funções vitais das plantas, transmitidas por pragas que geralmente são bactérias, fungos e vírus e que podem causar grandes danos à produção agrícola. *Ver* : **podridão**.

Dona *Fon.* ['dõna] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

PRON. TRAT. Tratamento feminino respeitoso dado às mulheres casadas ou mais velhas, usado com o primeiro nome, apelido, e até com nome de família. *Var.*: **Senhora**.

Dono da farinha *Fon.* [dõnu da farĩnadɐ] [dõnu da farĩadɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Aquele que é o responsável pela feitura da farinha e quem contrata e se responsabiliza por comandar todos em cada um de seus afazeres dentro da casa de farinha naquela impleitada desde o trabalho de arranque até a finalização da farinha e da goma.

E, e

Égua *Fon.* [ˈɛgʷɐ] [TRANSPORTE], **Animal**.

S.F. Fêmea do cavalo. *Var.:* **cavalo**.

Em sociedade *Fon.* [ɛsosiɛˈdadi]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **troca de dia**.

Emadeirada *Fon.* [ĩmadeˈrade] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Atributo da cerca que foi posta a madeira, ou seja, feita de madeira.

Emadeirar *Fon.* [ĩmadeˈra] [PLANTAÇÃO].

VERB. Pôr a madeira na cerca entrelaçando os paus para compor o fecho e não deixar buracos para que os pequenos animais não transpassem para o lado de dentro do cercado. *Var.:* **colocar a madeira na cerca**.

Embaganado *Fon.* [ĩbagãˈnadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Propriedade de um terreno que foi adubado com bagana de palha da carnaúba espalhada no solo do roçado para apodrecer e fertiliza-lo.

Embaganar *Fon.* [ĩbagãˈna] [PLANTAÇÃO].

VERB. Espalhar a bagana de carnaúba sobre o terreno para apodrecer e assim, torna-lo adubado e fértil, pronto para o plantio. *Ver:* **bagana**.

Embiguda *Fon.* [ĩbiˈgudɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver:* **variedade**.

Embira de palha *Fon.* [ĩbire di ˈpaʎɐ] [ĩbire di ˈpaʒɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de tecido da palha de carnaúba usado para confecção de cordas, como alça em paneiros, cacuás e cambitos, e outros utensílios produzidos pelo trabalhador rural para carregar mandiocas ou mudas da maniva.

Empalhar 1 *Fon.* [ĩpaˈʎa] [ĩpaˈʒa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato ou ação de embrulhar com palha de carnaúbeira a massa na prensa mais antiga para retirar a manipueira e torná-la menos úmida para o peneiramento. No processo tradicional, da prensa antiga, no lugar dos sacos eram usadas palhas de carnaúbeiras para prensar e secar a massa. Por causa disso, era bem mais lento a secagem da massa para a feitura da farinha.

Empalhar 2 *Fon.* [ĩpaˈʎa] [ĩpaˈʒa]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Figurado**.

VERB. Tomar o tempo de alguém atapanhando-o em alguma coisa.

Empeleita *Fon.* [ĩpeˈlejta] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.F. *Var.:* **empreita**.

Empeleitado *Fon.* [ĩpelejˈtadu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Atributo do trabalho que é contatado para ser feito, como a capina, a arranca e/ou a farinhada.

Empeleitar *Fon.* [ĩpelej'ta] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **empreitar**.

Empreita *Fon.* [ĩprejta] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.F. Valor remunerativo previamente ajustado entre o dono da roça mandioca com um trabalhador para o desenvolvimento de atividades no plantio ou no beneficiamento da farinha.

Empreitar *Fon.* [ĩprej'ta] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

VERB. Fazer uma empreita ajustando o trabalho do plantio e/ou beneficiamento da farinha.

Encabado *Fon.* [ĩka'badu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Instrumento ou ferramenta que foi posto o cabo, antes do primeiro uso, no processo de encabamento.

Encabamento *Fon.* [ĩkaba'mětu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Ato ou ação de pôr o cabo nas ferramentas de uso manual do agricultor antes de usá-las na lida.

Encabar *Fon.* [ĩka'ba] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato ou ação de pôr o cabo de madeira nos instrumentos manuais de trabalho do agricultor como enxada, enxadeco, ciscador, chibanca, foice e machado. *Var.:* **botar o cabo**.

Encabrestado *Fon.* [ĩkabrej'tadu] [TRANSPORTE].

ADJ. Animal que está ou se encontra preso com cabresto. *Var.:* **amarrado**.

Encabrestar *Fon.* [ĩkabrej'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Botar cabresto em animais que fazem o transporte da carga de mandioca e seus derivados.

Encanteirado *Fon.* [ĩkãtej'radu][ĩkãte'radu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade de acondicionamento dos caules de manivas adultas, que foram arrancadas na última estação, e que servirão para fazer as mudas na próxima temporada.

Encanteiramento *Fon.* [ĩkãtejra'mětu][ĩkãtera'mětu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Processo de acondicionamento dos caules de manivas adultas, que foram arrancadas na última estação, em canteiros que servirão para fazer as mudas na próxima temporada.

Encanteirar *Fon.* [ĩkãtej'ra][ĩkãte'ra] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de conservar, geralmente na sombra para proteger do sol e de pragas, os caules de manivas adultas que foram arrancadas e que servirão para fazer as mudas na temporada seguinte.

Encoivaração *Fon.* [ĩkojvara'sãw] [ĩkojʋarɛ'sãw] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **encoivramento**.

Encoivramento *Fon.* [ĩkojvara'mětu] [ĩkojʋarɛ'mětu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Ato de juntar em coivaras para queimar a vegetação da broca deixando o terreno limpo para o cultivo da mandioca. *Var.:* **encoivaração**.

Encoivarar *Fon.* [i'kojva'ra] [i'kojba'rɐ] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **coivarar**.

Enfiar no chão *Fon.* [i'fja nu 'ʃãw] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.:* **plantar**₂.

Enfincar no solo *Fon.* [i'fi'ka nu 'sɔlu] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.:* **plantar**₂.

Enfornar *Fon.* [i'foʋ'na] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato ou ação de pôr ao forno a massa para fazer a farinha, a goma fria para torrar e/ou os beijos ou tapiocas para prepará-los.

Engioca *Fon.* [i'ʒi'ɔka] [i'wi'ɔka] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento**.

S.F. Instrumento de madeira com dois pares de pontas afixadas em forma de X (xis) com um pau na transversal na boca do poço (cacimba) que usa uma corda e um balde para extrair água para o uso nas casas de farinha e/ou nas casas dos agricultores.

Engolido *Fon.* [i'gu'lidu] [CULINÁRIA].

ADJ. Alimento que foi comido, que já passou pela boca, pela garganta e foi para o estomago.

Engolir *Fon.* [i'gu'li] [CULINÁRIA].

VERB. Parte do ato de comer passando o alimento da boca ao estômago, após a mastigação.

Enraizamento *Fon.* [i'ʁajza'mɛtu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Processo natural de crescimento e de desenvolvimento das raízes da maniva.

Enraizar *Fon.* [i'ʁa]'za] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação natural de crescimento de raízes das plantas.

Ensacado *Fon.* [i'sa'kadu] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO].

ADJ. Qualidade do produto feito na casa de farinha quando é guardado em saco, pronto para ser transportado para os armazéns, feiras e/ou mercados.

Ensacamento *Fon.* [i'saka'mɛtu]

[BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Ato de armazenamento dos produtos feitos na casa de farinha para ser transportado para os armazéns, feiras e mercados.

Na hora do ensacamento, a farinha já tem que está bem fria pra não mofar no armazenamento.

Ensacar *Fon.* [isa'ka] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de armazenar em sacas ou sacos os produtos fabricados na casa de farinha para o transporte.

Entalado *Fon.* [ĩta'ladu] [CULINÁRIA].

ADJ. Alguém que se engasgou, que está com a garganta obstruída por ter comido alimentos a seco ou mastigado pouco a comida.

Entalar *Fon.* [ĩta'la] [CULINÁRIA].

VERB. Ter engasgo obstruindo a garganta no ato de comer beijus e tapiocas a seco.

Entalo *Fon.* [ĩ'talu] [CULINÁRIA].

S.M. Entrave à respiração, devido à presença de alimentos na garganta.

Enteiriço *Fon.* [ĩĩ'risu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

ADJ. Qualidade de algo ou alguma coisa que seja inteiro, completo, todo.

Ele plantou o terreno enteiriço.

Enterrada *Fon.* [ẽtẽ'kadẽ] [ĩtẽ'kadẽ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da muda de maniva que é colocada na terra para a germinação no plantio.

Enterrar 1 *Fon.* [ẽtẽ'ka] [ĩtẽ'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **plantar**₂.

Enterrar 2 *Fon.* [ẽtẽ'ka] [ĩtẽ'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **estaquear**.

Entrançada *Fon.* [ẽtrã'sadẽ] [ĩtrã'sadẽ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Modo de arrumar as madeiras deitadas entrelaçadas nas estacas base formado a cerca de proteção.
Var.: **amarrada. Faço cerca entrançada porque além de ser mais barata, ela ainda usa os paus da broca tudinho.**

Entrançar *Fon.* [ẽtrã'sa] [ĩtrã'sa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **trançar**.

Entrecasca *Fon.* [ẽti'kaskẽ] [ãti'kaskẽ] [ĩti'kaskẽ]

[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Partes da planta.**

S.F. Parte fina da casca que se localiza entre a parte grossa da casca e o tubérculo da raiz da mandioca.

Var.: **pele da raiz.**

Enxada *Fon.* [ẽ'xadẽ] [ĩ'xadẽ] [PLANTAÇÃO], **Instrumento.**

S.F. Ferramenta de ferro e/ou aço com um cabo longo de madeira, usado para cavar a terra, plantar, capinar e arrancar a mandioca na roça.

Nota: Há diversos tipos de enxada de acordo com o tamanho e a largura da lâmina: de 1 libra, 1.5, 2.0 e 2.5 libras.

Enxadada *Fon.* [ẽʃa'dadɐ] [ĩʃa'dadɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Ato de cavar e/ou capinar a terra com uso de enxada. *Ver* : **covar**; **capinar**.

Vamos dar uma enxadada pra cortar o mato.

Enxadeco *Fon.* [ẽʃa'dɛku] [ĩʃa'dɛku] [PLANTAÇÃO], **Instrumento**.

S.M. Ferramenta como uma enxada menor usada também para cavar a terra especialmente no arranque de tocos e na feitura das covas na semeadura e plantação; e na arranca, na colheita da raiz da mandioca.

Enxugar *Fon.* [ĩʃu'ga] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato ou ação de secar, tirar a umidade da massa através da prensa. Quando a massa é colocada na prensa, presa e emprensada vai escorrendo o líquido (manipueira) fazendo com que ela torne-se um bloco seco de massa.

Enxuta *Fon.* [ĩʃuta] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado da massa após passar pela prensa, de modo que fica seca, sem umidade, pronta para o peneiramento, e depois, para o processo final do forno se transformando na farinha. *Var.*: **massa enxuta**.

Erosão *Fon.* [ɛɾo'zãw] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

S.M. Fenômeno natural de desgaste de uma superfície, geralmente do solo, com o transporte de materiais pela água e/ou pelo vento. Em geral, quando é derrubada a mata nativa e o chão fica limpo, as enchuradas retiram do solo o composto rico em humos que serve de adubo natural para as plantações.

Erva daninha *Fon.* [ɛ'kvɐ da'nĩnɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.T.F. Tipos de plantas que nascem inoportunamente interferindo de modo negativo e atrasando o nascimento e/ou desenvolvimento das raízes da mandioca. *Ver* : **flora**.

Escaldar *Fon.* [ĩʃkaw'da] [CULINÁRIA].

VERB. Ação de ferver a água e/ou outros líquidos tornando-os um caldo quente como para temperar o grude e outros subprodutos feitos na casa de farinha. *Var.*: **ferver**.

Escorpião *Fon.* [ĩʃkɔkpi'ãw] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Espécie de artrópodes pulmonados, vivíparos, da classe dos Aracnídeos, que se alimentam de insetos e aranhas. Seu corpo divide-se em cefalotórax, onde encontram-se um par de quilíferas, um par de palpos que se constituem em fortes tenazes e quatro pares de patas locomotoras; o abdome, onde consta de sete segmentos, e o pós-abdome, que se compõem de seis, com o último deles provido de um ferrão curvo, em cuja base se encontram duas glândulas venenosas que, através de dois orifícios, lançam a peçonha quando o animal ataca sua vítima. Seu tamanho pode variar entre 5 a 7 centímetros e pode ter coloração amarelada, alaranjada, avermelhada ou escura dependendo da sua espécie e do habitat. *Ver* : **fauna**.

Escorrer *Fon.* [isko'kɛ] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato de tirar o suspiro do tanque para que saia a manipueira da parte superior do tanque para que seja selecionada a goma na casa de farinha.

Esfarelamento *Fon.* [isfarela'mêtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.M. Após sair da prensa, a massa seca tem que ser desmanchada os torrões (bolos de massa) para a preparação para peneirar. O processo de fragmentação destes torrões (destorroamento) de cada saco retirado da prensa facilita a atividade de peneiração nas cochas ou caixões de armazenagem que depois irão para o forno.

Var.: **desmanche dos torrões; destorroamento.**

Esfriamento *Fon.* [isfria'mêtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. Processo pelo qual passa a farinha após sair do forno e antes da armazenagem. O produto não deve ser armazenado quente pois isso pode ocasionar uma perda na qualidade da farinha gerando até um apodrecimento precoce ou atrair fungos e bactérias como o mofo.

Esfriar *Fon.* [isfri'a] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de tornar o forno frio ou menos quente no ato torrar os gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Dona I... dobrou a tapioca bem no meio e pôs pra esfriar.

Esporar *Fon.* [ispo'ra] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de usar a espora em animal de montaria para inciatá-lo ao galope ou desenvolver uma marcha mais rápida.

Esporas *Fon.* [is'pɔras] [TRANSPORTE], **Instrumento.**

S.F. Par de utensílio de montaria, pontiagudo, usado no calcanhá do cavaleiro para instigar a montaria a correr.

Ver : **arreios de montaria.**

Basta meter as esporas que o bicho se dana a correr.

Esprema *Fon.* [is'prêma] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.F. Ato de espremer as bolas de massa das mandiocas serradas advindas do tanque de serração que contém muito líquido, com o objetivo de retirar mais líquido, e assim, ser posteriormente prensada e ir ao forno virando farinha.

Var.: **coação.**

Maria foi pra esprema da massa agora a noitinha.

Espremedeira *Fon.* [isprême'derɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.F. Função da pessoa (geralmente mulher) que espreme a massa no espremedor para retirar o máximo do líquido, antes desta ir para a prensa.

Espremedor *Fon.* [isprême'do] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. Instrumento de espremer rústico composto de dois paus e um pano fino amarrado onde se coloca a massa tirada do tanque de serração para ser comprimida e retirada o máximo do líquido, e depois, levada à prensa.

Var.: **Giranda.** *Ver :* **pano de volta ao mundo.**

Espremer *Fon.* [isprê'me] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de comprimir a massa da mandioca pela espremedeira, na primeira etapa de coação, com a utilização do espremedor na dcasa de farinha..

Espremada *Fon.* [isprê'midɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que fica a massa após ser retirada parte da água no espremedor para ser levada a prensa.

Esquentar 1 *Fon.* [iskê'ta] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de tornar o forno quente ou menos frio no ato torrar os gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha. *Var.:* **aquecer.**

Esquentar 2 *Fon.* [iskẽ'ta] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de acender o fogão (a lenha ou a gás) para o preparo de cozimentos gerais da culinária da mandiocultura. *Var.:* **aquecer**.

Estaca 1 *Fon.* [iʃ'takɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Madeira forte e acentuada que se finca no solo como base para a cerca de arame ou de paus. *Var.:* **vara**₁.

Estaca 2 *Fon.* [iʃ'takɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **mandioca**₃.

Estaquear *Fon.* [iʃ'taki'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato de fixar as estacas no solo cavado para o levante da cerca que irá proteger a plantação. *Var.:* **enterrar**₂.

Esteira 1 *Fon.* [iʃ'tera] [iʃ'tejra] [TRANSPORTE].

S.F. Cobertor macio de junco que se põe no dorso do animal por baixo da cangalha ou da sela para prepará-lo para o transporte e/ou montaria. *Ver :* **arreios de carga**; **arreios de montaria**.

Esteira 2 *Fon.* [iʃ'tera] [iʃ'tejra] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Manta trançada de palha de carnaúba, que serve para cobrir o piso da casa de farinha onde são colocadas as raízes para serem raspadas no processo do beneficiamento.

Esterco *Fon.* [iʃ'terku] [PLANTAÇÃO].

S.M. Estrume, excremento de animais como aves, suínos, caprinos, ovinos e bovinos, que são usados como adubo nas plantações de mandioca e demais culturas quando a terra é fraca. *Ver :* **adubo orgânico**.

Esticado *Fon.* [isti'kadu] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado de rigidez (duro) em que fica o arame quando é puxado em volta das estacas, na atividade de cercamento.

Pode trazer as grampas que as estacas já estão enfincadas e também o arame já está esticado.

Esticar o arame *Fon.* [iʃ'ti'ka u a'rãmi] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Ato de estender e puxar o arame no terreno já estaqueado para em seguida grampear as estacas da cerca que irão dar segurança e proteção às plantas. *Var.:* **puxar o arame**.

Estribo *Fon.* [iʃ'tribu] [TRANSPORTE].

S.M. Par de peças curvas, de metal, com base horizontal em sola penduradas de cada lado da sela, onde o cavaleiro firma os pés, quando cavalga. *Ver :* **arreios de montaria**.

F, f

Faca *Fon.* [ˈfakɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.F. Ferramenta de metal cortante composta por uma lâmina com gume encaixada em um cabo usada pelas raspadeiras para cortar e descascar (raspar) as raízes da mandioca na casa de farinha. *Var.:* **peixeira.**

Facão *Fon.* [faˈkãw] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. Ferramenta de metal grande e pesada, como uma faca maior, que é carregada no cinto, usada na roça para roçar o mato baixo na época da broca do terreno, cortar os troncos da planta da maniva adulta no momento do arranque, as cabeças da raiz de mandioca na casa de farinha na etapa do serramento, etc.

Farelo *Fon.* [faˈrɛlu] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.M. Resto de resíduos resultantes das tapiocas e beijus feitos no forno a lenha na casa de farinha que são varridos para uma parte do forno. Geralmente são comidos crus ou colocados dentro de café ou leite.

Var.: **farelo de forno; mexerico; mexerico de beijus.**

Farelo de forno *Fon.* [faˈrɛlu di ˈfɔʁnu] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.T.M. *Var.:* **farelo.**

Farinha *Fon.* [faˈrĩɲɐ] [faˈrĩɛ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.F. Tipo de pó granulado comestível de cor branca ou amarelada produzido da mandioca nos processos de beneficiamento: descascada, serrada, lavada e espremida, prensada, peneirada e torrada, no caso da farinha branca, e pubada, serrada, lavada, prensada, peneirada e torrada, no caso da farinha amarela.

Ver : **farinha amarela; farinha branca; farinha d'água; farinha engomada; farinha de mistura; farinha de primeira; farinha de segunda; farinha fina; farinha grossa; farinha seca.**

Farinha amarela *Fon.* [faˈrĩɲɐ amaˈrɛɫɐ] [faˈrĩɛ amaˈrɛɫɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Pó granulado comestível obtido no beneficiamento da mandioca mole que é mergulhada em água até ficar puba para ser processada. *Ver :* **farinha; farinha d'água; farinha (de) puba.**

Farinha branca *Fon.* [faˈrĩɲɐ ˈbrãkɐ] [faˈrĩɛ ˈbrãkɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Pó granulado comestível obtido no beneficiamento da mandioca ralada/serrada, lavada, espremida, prensada, peneirada e queimada no forno. *Ver :* **farinha.**

Farinha de coco *Fon.* [faˈrĩɲɐ di ˈkoku] [faˈrĩɛ di ˈkoku] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.T.F. Mistura de coco ralado no rapa-coco com farinha pronta e açúcar que pode ser comido a seco, ou apenas a mistura do coco com a farinha, que pode ser degustado com café e/ou leite na refeição matinal, ou colocado no feijão cozido no almoço.

Farinha de crueira *Fon.* [faˈrĩɲɐ di kruˈɛra] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], **Subproduto.**

S.T.F. Espécie de farinha feita com crueiras passadas na forrageira findando um pó branco que é misturado a líquidos como caldo de feijão, e é servido como ração, especialmente, a galinhas e/ou a porcos. *Ver :* **Ração.**

Farinha de metade *Fon.* [faˈrĩɲɐ di mɛˈtadi] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.F. Produção de farinha e derivados em que o dono das mandiocas, aquele que plantou e cuidou da plantação, acorda com outro agricultor para fazer o beneficiamento do gênero (do arranque ao armazenamento). Após a produção final dos gêneros, o total é dividido ao meio, a metade para o primeiro que plantou e cuidou, e a outra metade para o segundo que fez o beneficiamento. Este tipo de cooperação ajuda na resistência desta cultura, pois muitas vezes, aquele que planta não possui recursos para beneficiar suas raízes, e deste modo, existe, pelo menos uma saída para o escoamento da produção.

Farinha de primeira *Fon.* [fa' rĩɲɛ di primeɾɛ] [fa' rĩɛ di primeɾɛ]

[BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Farinha produzida com alta qualidade de modo a ser avaliada como muito boa e vendida bem mais cara.

Ver : **farinha.**

Farinha de segunda *Fon.* [fa' rĩɲɛ di si'gũdɛ] [fa' rĩɛ di si'gũdɛ]

[BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Farinha produzida com qualidade inferior avaliada como menos boa e comercializada bem mais barata.

Ver : **farinha.**

Farinha d'água *Fon.* [fa' rĩɲɛ 'dagwɛ] [fa' rĩɛ 'dagwɛ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. *Ver* : **farinha amarela.**

Farinha engomada *Fon.* [fa' rĩɲɛ ɲgɔ'madɛ] [fa' rĩɛ ɲgɔ'madɛ]

[BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Farinha produzida com massa engomada ficando um pó mais fino e liso.

Ver : **farinha. Farinha engomada é que dá pirão grosso e gostoso.**

Farinha fina *Fon.* [fa' rĩɲɛ 'fĩnɛ] [fa' rĩɛ 'fĩnɛ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Farinha produzida com massa fina ou levemente peneirada para retirado dos carroços. *Ver* : **farinha.**

Farinha grossa *Fon.* [fa' rĩɲɛ 'grɔsɛ] [fa' rĩɛ 'grɔsɛ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. Farinha produzida com massa mais grossa mantendo os carroços grandes e bagudos. *Ver* : **farinha.**

Farinha mofada *Fon.* [fa' rĩɲɛ mo'fadɛ] [fa' rĩɛ mo'fadɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Farinha que fica mal armazenada em locais inadequados e cria mofo, ficando arruinada para o consumo humano.

Farinha (de) puba *Fon.* [fa' rĩɲɛ (di) pubɛ] [fa' rĩɛ (di) pubɛ]

[BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Produto.**

S.T.F. *Ver* : **farinha amarela.**

Farinhada *Fon.* [fa' rĩɲadɛ] [fa' rĩadɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Ato produtivo de beneficiar a mandioca para fazer farinha e seus derivados em grande quantidade na casa de aviamentos. É na farinhada que o trabalhador rural necessita de mais trabalhadores que o ajude, pois pode começar cedo da manhã e passar o dia inteiro, e ainda, para terminar de torrar toda a massa para produzir farinha dependendo da quantidade pode farinhar por dias e/ou semanas.

Farinhar *Fon.* [fa' rĩɲa] [fa' rĩa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Processo de beneficiamento da mandioca na casa de farinha para a feitura da farinha e seus derivados que consiste de arranque, transporte, fermentação, descascamento, ralamento, maceração, esprema, prensagem, escaldamento, torração da massa da mandioca e resfriamento para a obtenção da farinha amarela; e de arranque, transporte, descascamento, ralamento, maceramento, esprema, prensagem, peneiração, torração e resfriamento para a obtenção da farinha branca. *Var.:* **fazer farinha**₁; **fazer farinha**₂.

Farinheiro *Fon.* [faɾĩˈneɾu] [faɾĩˈeɾu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função da pessoa que produz farinha ou que compra farinha do atravessador para revendê-la em feiras livres. *Var.:* **negociador**; **negociante**.

Farofa *Fon.* [faˈɾɔfɐ] [CULINÁRIA], **Subproduto, (africano).**

S.F. Iguaria feita de farinha de mandioca, temperada com toicinho, banha, óleo ou manteiga, sal e, às vezes, misturada com ovos, carne, peixe etc.

Farol *Fon.* [faˈɾɔw] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. Espécie de lamparina feito em forma artesanal com latas reutilizáveis, contendo um bico com um pavio coberto de uma lata onde se concentra o foco. Geralmente queima querosene, gasolina ou ainda qualquer gás inflamável usado especificamente para iluminar atividades na casa de farinha antiga, como tirar a prensa, lavar a goma e peneirar a massa, nos afazeres noturnos e na madrugada. *Ver:* **lamparina**.

Farpado *Fon.* [faɾˈpadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Ver:* **arame farpado**.

Fartura *Fon.* [faɾˈtura] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. *Var.:* **safra**.

Fauna *Fon.* [ˈfawɲɐ] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

S.F. Tipos de animais que estão integrados na região e que convivem com a cultura da mandioca.

Ver: **abelha**; **anum**; **aranha**; **arapuá**; **bem-te-vi**; **bacural**; **bribe**; **cabeça-de-fita**; **caçote**; **calango**; **camaleão**; **catita**; **canário**; **canário sujo**; **cassaco**; **cavalo-do-cão**; **centopeia**; **cobra**; **corrupião**; **cururu**; **cutia**; **escorpião**; **guaxinim**; **graúna**; **jaçanã**; **lagarta de fogo**; **lagarto**; **lagartixa**; **mangangá**; **meruanha**; **minhoca**; **mocó**; **mutuca**; **nambu**; **peba**; **piolho de cobra**; **preá**; **rã**; **rabudo**; **rato**; **sábia**₂; **sanhaçú**; **siricora**; **socó**; **soim**; **tamanduá**; **tatu**; **teiju**; **tejubina**; **xexéu**; **víbora**.

Fazer a muda *Fon.* [faˈzeɐ̃ ˈmudɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Ação de cortar as manivas com faca ou facão, em pequenos paus, de mais ou menos um palmo, que estejam em boa qualidade para ser germinados e virarem uma planta saudável.

Fazer andar *Fon.* [faˈze ˈãˈda] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **tanger**.

Fazer brasa *Fon.* [faˈze ˈbrɐzɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato de incendiar o fogo na boca do forno já alimentado de lenha para após a queima, gerar a brasa ideal para a superfície do forno ficar quente o suficiente e na medida para o torramento da farinha, secar a goma e a feitura dos beijos e tapiocas.

Fazer buraco *Fon.* [fa'ze bu'raku] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Ver.* : **cavar**₂.

Fazer farinha 1 *Fon.* [fa'ze fa'rĩɲɐ] [fa'ze fa'rĩɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ação de produzir a farinha, em geral, passando por todo o processo do beneficiamento, desde a descasca, serramento, aguamento, esprema, prensagem, peneiramento e a queima da farinha no forno.

Var.: **farinhar**; **fazer farinhada**.

Fazer farinha 2 *Fon.* [fa'ze fa'rĩɲɐ] [fa'ze fa'rĩɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato específico e final do processo de produção da farinha, em que o forneiro leva a massa peneirada ao forno para torrã-la e transformã-la em farinha. *Var.*: **torrar a massa**; **queimar a massa**.

Fazer farinhada *Fon.* [fa'ze farĩɲadɐ] [fa'ze farĩadɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Ver.* : **farinhar**; **fazer farinha**₁.

Fazer tapioca *Fon.* [fa'ze tapi'okɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.V. Ação de preparar os subprodutos da mandioca como as tapiocas e beijus na casa de farinha.

Fécula *Fon.* ['fɛkulɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Produto**, **Técnico**.

S.F. Substância industrializada branca e fina extraída da mandioca (goma), utilizada na produção de alimentos ou na indústria para fabricação de álcool e outros produtos derivados. *Ver.* : **Goma**.

Feijão *Fon.* [fe'zãw] [PLANTAÇÃO], [CULINÁRIA], **Vegetal**.

S.M. Vegetal plantado em consócio com a mandioca que é a semente cultivada que é a alimentação base na mesa do agricultor. *Ver.* : **plantio em consócio**.

Feira *Fon.* [fe'ra] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Local público aberto, como rua ou praça, que em épocas fixadas servem para expor e comercializar artigos populares e produtos agrícolas como os derivados da mandioca. *Var.*: **feira de rua**; **feira livre**.

Feira de rua *Fon.* [fe'ra di 'ruɐ] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **feira**.

Feira livre *Fon.* [fe'ra 'livri] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **feira**.

Feirante *Fon.* [fe'rɛti] [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Função daquele que vender os produtos da mandiocultura em pequena escala nas feiras livres e mercados públicos. *Ver.* : **vendedor**.

Feitio *Fon.* [fe'itiw] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Propriedade que determina a natureza ou modo de atuação; jeito, maneira ou qualidade inerente; temperamento, caráter, índole.

Não era do seu feito vender farinha ruim por boa.

Feitura da carga 1 *Fon.* [fej'turɐ da 'kargɐ] [TRANSPORTE], **Processamento.**

S.T.F. Processo de organização das raízes feito pelo arrancador ou arrumador, nos caçoas, em sacas de palha para ser levados em cambitos, ou ainda, na carroça com destino ao beneficiamento na casa de aviamentos. Logo que são arrancadas as raízes, os arrancadores vão quebrando os paus de maniva, separando e já organizando tais raízes em pequenos montes, ou mesmo, já vão colocando nos caças para serem levados nos lombos dos animais. Isso facilitará a feitura da carga e o transporte que deve ser feito de modo rápido e seguro até a casa de farinha, onde se dará seu beneficiamento.

Feitura da carga 2 *Fon.* [fej'turɐ da 'kargɐ] [TRANSPORTE], **Processamento.**

S.T.F. Processo de organização dos produtos derivados do beneficiamento, como a farinha, goma e borra, feito pelo dono da farinhada, medido/pesado em sacas de palha para ser levadas em cambitos, carroça ou carro com destino às feiras, mercados ou comércios por ocasião da venda ou do armazenamento. A feitura da carga com o fim de ser levada para a venda é a etapa terminal de acabamento na casa de farinha e é seguido de pesagem dos gêneros e o acondicionamento em sacos e/ou sacas para o transporte final. Tradicionalmente, são usadas sacas de palha de carnaúba para acondicionar a farinha já fria saída do forno que tem a capacidade entre 50 e 60 kilos.

Feixe de maniva *Fon.* ['feʃi di ma'nivɐ] ['feʃi di ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Conjunto de varas da mandioca amarrada com cipó, palha ou corda que são armazenadas para virar novas mudas para o próximo plantio ou que pode ser usado também para o alimento de animais.

Fermentar *Fon.* [fɛʁmɛ'tasãw'] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**

S.M. Etapa em que se colocar a mandioca para amolecer (pubar) em água pelo período de três a cinco dias no processo inicial de produção da farinha amarela.

Fermentar *Fon.* [fɛʁmɛ'ta] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de colocar a mandioca para amolecer (pubar) em água pelo período de três a cinco dias no processo de produção da farinha amarela. *Var.:* **apodrecer; pubar.**

Ferradura *Fon.* [fɛʁa'durɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Peça de metal em pares com forma de semi-circulo preso com cravos aos cascos dos animais de carga e/ou de montaria como cavalos, jumentos e burros. *Ver:* **arreios de montaria.**

Fértil *Fon.* ['fɛʁtiw] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

ADJ. Qualidade da terra ou solo que tem fecundidade ou foi fertilizado (adubado) para garantir uma boa produção. *Var.:* **produtivo.**

Quando o solo está fértil, as manivas nascem viçosas e fortes.

Fertilidade *Fon.* [fɛʁtili'dadi] [PLANTAÇÃO].

S.F. Propriedade do solo que possui compostos orgânicos e temperatura adequada para uma produção adequada da batata da maniveira.

Fertilizante *Fon.* [fɛʁtili'zãti] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

S.M. *Var.:* **adubo.**

Fertilizar *Fon.* [feʁtili'za] [PLANTAÇÃO], Técnico.

VERB. *Var.:* **adubar**.

Ferver *Fon.* [feβ've] [fe'βe] [CULINÁRIA].

VERB. *Var.:* **escaldar**.

Fiado *Fon.* [fi'adu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

ADJ. Tipo de venda ou compra feita no crédito a prazo, sem precisar pagar nada na hora da compra. É geralmente confiada ou marcado na conta, na bodega; ou negociação dos produtos derivados da mandioca vendido na base da confiança.

O bodegueiro me disse que não vai mais mandar fiado nenhuma mercadoria.

Fileira *Fon.* [fi'leɾe] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **carreira de roça**.

Fim d'água *Fon.* [fi 'dagʷe] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Expressão temporal que indica o final de temporada das chuvas, ou seja, momento que corresponde ao fim do inverno em que os produtores rurais começam a arrancar a mandioca para seu beneficiamento e produzir as farinhas.

Vou deixar pra arrancar minha roça lá pro fim d'água que ela vai está mais boa.

Flor *Fon.* ['flo] [fu'lo] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. Órgão reprodutor da planta que fica localizada na parte de cima da copa entre as folhagens mais altas.

Flora *Fon.* ['floɾe] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.F. Tipos de vegetais que estão integrados na região e que convivem com a cultura da mandioca.

Ver : **aninga; ateira; bamburral; bananeira; batateira; barbatimão; berduégua; cabaceira; cabeça-de-velho; cajazeira; cajueiro; cana; canafistula; cansação; capim; capim elefante; carrapateira; carrapicho; catanduba; catingueira; chanana; cipó; côco; erva daninha; feijão; grama; goiabeira; goitizeira; gurgurizeiro; imbuzeiro; janaguba; jerimunzeiro; juazeiro; jurema; jurubeba; maçaranduba; malícia; mangueira; marmeleiro; mata pasto; maxixeiro; melancieira; mufumbo; muricizeiro; pé de ananá; pé de canapum; pé de galinha; pé de graviola; pé de maracujá; pé de oiticica; pé de puçá; pega-pinto; pente de macaco; pereira; pinhão; pitombeira; pau ferro; sabiá; salsa; sipaúba; tucunzeiro; vassourinha; urucunzeiro; urtiga.**

Fogão a lenha *Fon.* [fu'gãwa 'lẽɾe] [fu'gãwa 'lẽɾ] [CULINÁRIA].

S.T.M. Tradicional construção de alvenaria em que se faz fogo para cozinhar usando madeira fina.

Foice *Fon.* ['foisi] ['foisa] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Ferramenta de metal curva e com gume, com cabo de madeira, usado pelo lavrador para cortar, ceifar ou roçar vegetação grossa e fina no ato da brocação e preparação do terreno para o plantio.

Fojo *Fon.* ['foʒu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Armadilha para captura de roedores como preás, ratos e rabudos, formada por uma tábua de madeira em gangora que é afixada no solo, nas veredas destes roedores, e que tem de um lado, a base, com um buraco, no outro lado, que objetiva o aprisionamento da presa próximo a terrenos agriculturáveis.

Fole *Fon.* [ˈfɔli] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.M. Instrumento de aplicação de veneno em pó em formigueiros, por expansão e contração alternadas, que absorve ar por uma válvula ou orifício e expulsa-o junto com o pó venenoso com força através de um tubo fino que se aproximando da boca do formigueiro atinge-o em cheio.

Folha *Fon.* [ˈfɔlɐ] [ˈfoja] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. Parte verde e fina da planta que fica na copa dos galhos e que recebe a luz solar para o crescimento da planta.

Ver : **copa**.

NOTA: A folha da planta, quando seca, serve também de alimento para os animais. Muitos animais como boi, cavalo, jumento, bode, ovelha, etc.

Folhagem *Fon.* [fɔˈlazẽj] [fɔˈjazẽj] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. *Ver* : **copa**.

Formiga *Fon.* [fɔʁˈmige] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Inseto que vive em sociedade em formigueiros, debaixo da terra, que constituem pragas que atacam cortando as flores e as folhas da maniveira. *Ver* : **sauva; traçanga; tubiba**.

Formiga cortadeira *Fon.* [fɔʁˈmige kortaˈdere] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.F. *Var.* : **sauva**.

Formiga de roça *Fon.* [fɔʁˈmige di ˈʁɔsɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.F. *Var.* : **saúva**.

Formigueiro *Fon.* [fɔʁmiˈgeru] [PLANTAÇÃO].

S.M. Buraco feito geralmente no chão ou em árvores que serve de abrigo para as formigas viverem e se reproduzirem.

Fornada *Fon.* [fɔʁˈnadɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Quantidade de massa colocada no forno para ser transformada em farinha, de cada vez.

Bote fogo no forno que ele tem que está bem quente pra primeira fornada.

Fornagem *Fon.* [fɔʁˈnazẽj] [fɔʁˈnazi] [BENEFICIAMENTO], Processamento.

S.F. Processo de pôr a massa enxuta e peneirada no forno para transformá-la em farinha, ou a goma para torrar, ou ainda, fazer as tapiocas e os beijos no forno da casa de farinha.

Var. : **queimação; secagem no forno; torragem; torrimento**.

Forneiro *Fon.* [fɔʁˈneru] [BENEFICIAMENTO], Ocupação.

S.M. Pessoa (geralmente homem) encarregada de mexer a massa da farinha e/ou a goma no forno da casa de farinha finalizando o processo de aquecimento dos gêneros.

Fornicidol *Fon.* [fɔɓnisi'dɔw] [PLANTAÇÃO].

S.M. Tipo de veneno branco, em pó, aplicado geralmente com fole, como também, embebido em água e aspirado com bomba, na boca do formigueiro. *Ver* : **inseticida**.

Forno *Fon.* ['fɔɓnu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Equipamento arredondado feito de alvenaria com tijolos e barro, que utiliza combustão a lenha, empregado para torrar a massa da mandioca na produção de farinha na casa de farinha. *Var.*: **forno de barro; forno a lenha**.

Forno a lenha *Fon.* ['fɔɓnɐ 'lɛɾɐ] ['fɔɓnɐ 'lɛɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.*: **forno**.

Forno de barro *Fon.* ['fɔɓnu di 'baɾu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.*: **forno**.

Forquilha de ciscar *Fon.* [fɔɓ'kiɫa di 'siska][fɔɓ'kia di 'siska][fuɓ'kiɫa di 'siska][fuɓ'kia di 'siska]

[PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.T.F. *Var.*: **forquilha**₃.

Forquilha 1 *Fon.* [fɔɓ'kiɫa] [fɔɓ'kia] [fuɓ'kiɫa] [fuɓ'kia] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Instrumento bifurcado de madeira em forma de Y (ípsilon) aberto na ponta utilizado para prender e puxar o arame na feitura de cercas.

Forquilha 2 *Fon.* [fɔɓ'kiɫa] [fɔɓ'kia] [fuɓ'kiɫa] [fuɓ'kia] [PLANTAÇÃO].

S.F. Membro do caule da mandioca aonde começam as ramificações, geralmente duas, ou três que expande o caule e compõem a copa.

Forquilha 3 *Fon.* [fɔɓ'kiɫa] [fɔɓ'kia] [fuɓ'kiɫa] [fuɓ'kia] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Instrumento feito de madeira com duas ou três bifurcações e cabo longo que, é como ciscador, para remover as folhas verdes e/ou secas para montes que serão queimados após a broca do terreno.

Var.: **forquilha de ciscar**. *Ver* : **ciscador**.

Forragem *Fon.* [fo'ɓazɛj] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE].

S.F. Restos da planta que são deixados no cercado após a arranca da roça como folhas secas, restos de caule, pedaços de raiz e pontas de manivas que podem ser consumidas pelos animais como alimento. *Ver* : **Ração**.

Forragem de folhas secas *Fon.* [fo'ɓazɛj di 'fɔɫɐ 'sekɐ] [fo'ɓazɛj di 'foja 'sekɐ] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], Subproduto.

S.T.F. Tipo de ração alimentar ofertada a animais bovinos, moares, suínos, caprinos e/ou ovinos que é composta das folhagens da mandioca secas e desidratadas ao sol resultando em uma composição nutritiva e saborosa. *Ver* : **Ração**.

Fragosa *Fon.* [fra'gɔzɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver* : **variedade**.

Freio *Fon.* ['freju] ['frej] [TRANSPORTE].

S.M. Peça de metal presa a rédea posto na boca entre os dentes do animal que quando puxada funciona como uma trava para nordea-lo quanto a sua velocidade e o seu destino. *Ver.*: **arreios de montaria**.

Frigideira *Fon.* [fri'zidere] [CULINÁRIA].

S.F. Utensílio culinário de metal, com pouca profundidade, e cabo geralmente de plástico usado para preparar a tapioca em fogão convencional doméstico. *Var.*: **caçarola**.

Frio *Fon.* ['friw] ['fri] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que se encontra o forno quando não está em pleno funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

Fritar *Fon.* [fri'ta] [CULINÁRIA].

VERB. Ação de torrar, assar usando óleo, banha, manteiga alimentos como a mandioca e/ou a batata.

Fumo *Fon.* ['fũmu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Espécie de vício feito com as folhas do tabaco que fica em forma de rolo usado para fumar em forma de cigarros, cheirar ou mascar que o agricultor usa nas atividades da mandiocultura. *Var.*: **Fumo de rolo**.

NOTA: Nos tempos mais antigos, os usuários do fumo compravam o produto em rolo, desfiavam em pequenos pedaços para mascar, picavam em pedaços menores pra fumar em forma de charruto ou em cachimbo, ou ainda, aqueciam as pelhas e batiam em um pano até se tornasse um pó fino que era usado para cheirar, o chamado currimboque. Hoje, o vício do tabagismo já foi substituído quase totalmente pelo cigarro industrializado.

Vish... no tempo do meu pai eles tudo usava fumo pra mascar ou fumar.

Fumo de rolo *Fon.* ['fũmu di 'ʁolu]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.T.M. *Var.*: **Fumo**.

Funda *Fon.* ['fũdɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Estado da cova, buraco ou furo no solo que possui maior comprimento e/ou extensão.

G, g

Gafanhoto *Fon.* [gafã'notu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Espécie de inseto voador verde e grande que ataca as folhas das maniveiras comendo-as causando grande prejuízo a planta e ao cultivo da mandioca. *Ver* : **inseto**.

Galhada *Fon.* [ga'ladɐ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.F. Conjunto de galhos que forma a planta que nasce dos pequenos brotos do tronco principal.

Galho *Fon.* ['gaju]['gaɦu] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.M. Parte mais dura e externa da planta que leva a copa das folhas nascido dos brotos do tronco. *Ver* : **galhada**.

Galinha *Fon.* [ga'liɲɐ][ga'liɛ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. (Fêmea) animal avícola domesticado criado na região que serve para a alimentação humana e que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus, brotos e folhas secas da mandioca e de seus derivados e subprodutos beneficiados. *Var.*: **galo**. *Ver* : **animais domésticos**.

Galinha de angola *Fon.* [ga'liɲɐ di ã'gɔɭɛ][ga'liɛ di ã'gɔɭɛ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.F. *Var.*: **capote**₁. *Ver* : **animais domésticos**.

Galo *Fon.* ['galu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Macho da galinha. *Var.*: **galinha**.

Galo-de-campina *Fon.* ['galu di kã'pĩɲɐ] ['galu kã'pĩɲɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. *Var.*: **cabeça-de-fita**. *Ver* : **fauna**.

Galopar *Fon.* [gab'pa] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de andar dos quadrúpedes de forma rápida.

Galope *Fon.* [ga'lopi] [TRANSPORTE].

S.M. Tipo de passo rápido dos quadrúpedes, geralmente com pouco peso ou sem carga, em que o movimento da passada se dá pelo afastamento das quatro patas do animal do solo ao mesmo tempo. *Ver* : **passo**₁.

Garajal *Fon.* [gara'zaw] [TRANSPORTE], Instrumento, (indígena).

S.M. *Var.*: **Caçuás**. *Ver* : **arreios de carga**.

Garrancho *Fon.* [ga'kãɦu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Pedacos finos de madeira retirados na broca que não servem para madeirar cerca e devem ser queimados nas coivaras no processo da queimada.

Depois de queimar os garranchos, fazer as coivaras, é hora de plantar nas primeiras chuvas.

Garrote *Fon.* [ga'koti] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Animal bovino, filhote, em fase pequena e/ou jovem. *Var.*: **bezogro**. *Ver* : **vaca**.

Gênero *Fon.* [zẽneru] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **mercadoria**.

Meu pai mesmo tinha um caixão de farinha que não faltava gênero dentro pro inverno e pro verão.

Germinação *Fon.* [ʒɛrmina'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Var.:* **nascimento**.

Germinar *Fon.* [ʒɛrmi'na] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

VERB. *Var.:* **nascer**.

Giranda *Fon.* [ʒi'rãdɐ] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento**.

S.F. *Var.:* **Espremedor**.

Gobira *Fon.* [gɔ'birɐ] [TRANSPORTE], **Animal**

S.F. *Var.:* **égua**

Goiaba *Fon.* [goi'abɐ] [BENEFICIAMENTO], **Fruta**.

S.F. Fruto bacáceo de polpa branca, rósea, avermelhada ou arroxeadada, com pequenas sementes, muito apreciado por seu aroma e sabor, utilizados na produção de sucos, refrescos, licores, geleias e doces em toda região, em especial nos quintais das casas dos agricultores e nos cercados onde são produzidos produtos da mandiocultura.

Goiabeira *Fon.* [goia'berɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Árvore de porte pequeno ou médio (*Psidium guajava*), da família das mirtáceas, nativa da América tropical, de onde se expandiu para todas as regiões tropicais do mundo, de casca escamosa e tanífera, folhas opostas e obovadas com propriedades medicinais contra diarreia, de flores brancas, miúdas e cálice membranoso, com frutos bacáceos de polpa branca, rósea, avermelhada ou arroxeadada, a goiaba, encontrada em toda a região como planta permanente nas casas e terrenos envolvidos na cultura ativa da mandioca. *Var.:* **Pé de goiaba**. *Ver:* **flora**.

Goiti *Fon.* [goi'ti] [BENEFICIAMENTO], **Fruta, (indígena)**.

S.M. Fruto do goitizeiro; fruto de coloração amarela, quando maduro, envolvida por polpa macia e adocicada com inúmeros fiapos no meio da carne, comestível, saboroso e muito procurados pela fauna em geral; *Ver:* **Goitizeira**.

NOTA: A etimologia do nome é do tupi guarani: Goi-, massa, polpa; -ti, fio ou cabelo; significando, então, “fruta com massa cabeluda”, fazendo alusão aos fiapos impregnados na polpa.

Goitizeira *Fon.* [goitizɛrɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Árvore da família das Chrysobalanaceae, *Licania tomentosa*, de 8 a 20 m de altura, com copa globosa com largura igual a metade da sua altura. Seu tronco é reto e curto, cresce de 30 a 65 cm de diâmetro, tem casca áspera de coloração cinzenta ou marrom claro e bifurca-se na altura de 3 a 4 metros, formando galhos vigorosos e ascendentes. As folhas são simples, sempre alternadas, mais longas que largas, lanceoladas (com forma de lança), de textura cartácea, como cartolina, e densamente tomentosas (cobertas de lanugem) que ao esfregar fica parecendo teia de aranha. As flores surgem em tipos de cachos longos axilares (na junção da folha e ramo) ao longo dos ramos com diâmetro inferior a 1,5 cm. Esses cachos medem de 3 a 7 cm de comprimento, tem um eixo central esparsamente tomentoso, de coloração esverdeada, contendo 3 a 7 verticilos (nós) contendo cada um cerca de 4 ou 5 minúsculas flores brancas. O fruto é uma drupa oblonga (mais longa que larga) medindo 6 a 12 cm de comprimento por 3 a 5 cm de diâmetro, com casca fina, verde escura no início passando para o amarelo dourado na altura da maturação, tendo uma grande semente que mede 4 a 8 cm de comprimento por 2 a 3,5 cm de diâmetro, envolvida por polpa macia e adocicada com 1 a 2,5 cm de espessura com inúmeros fiapos no meio da carne. *Var.:* **pé de goiti**. *Ver:* **flora**.

Golinha *Fon.* [gɔ'liɲɐ][gɔ'liɲɐ] [PLANTAÇÃO], Animal

S.M. *Var.:* **papa-capim**

Goma *Fon.* ['gõmɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], Produto.

S.F. Substância sólida, fina e branca, resultante da decantação do líquido extraído da massa da mandioca exprimida dentro do tanque. *Var.:* **Fécula**.

Gosto *Fon.* ['goʃtu] [CULINÁRIA].

S.M. Sentido gustativo (paladar) pelo qual se percebe e distingue sabores das substâncias comestíveis como a mandioca frita e a farinha.

Gostoso *Fon.* [goʃ'tozu] [CULINÁRIA].

ADJ. Aquilo que tem ou dá gosto bom, saboroso.

Gramma *Fon.* ['grãmɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Nome comum dado a diversas plantas gramíneas que são consideradas prejudiciais a plantação de mandioca. *Ver:* **flora**.

Grampa *Fon.* ['grãpɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Espécie de prego de metal em forma de U com duas pontas finas que serve para prender os fios de arame farpado às estacas do cercado que cerca a roça. *Var.:* **grampo**.

Pode trazer as grampas que as estacas já estão enfincadas e também o arame já está esticado.

Grampar *Fon.* [grã'pa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Ver:* **grampear**.

Grampeamento *Fon.* [grãpia'mɛtu] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.M. Operação que consiste na pregação do arame puxado (endurecido) nas estacas na feitura da cerca do roçado.

Grampear *Fon.* [grãp'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato de pregar com grampas os fios de arame farpado nas estacas da cerca do roçado para a proteção contra animais. *Var.:* **grampar; martelar**.

Grampo *Fon.* ['grãpu] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **grampa**.

Grão de farinha *Fon.* ['grãw di fa'rĩɲɐ] ['grãw di fa'rĩɲɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.:* **caroço de farinha**.

Graúna *Fon.* [gra'ũɲɐ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Pássaro de porte médio (Icterídeos, espécie *Gnorimopsar chopi*) que mede 21,5 a 25,5 centímetros de comprimento e possui todo o corpo e as asas completamente pretas. Sua alimentação é feita de frutas, sementes, insetos, grilos, aranhas e outros invertebrados que convivem no mandiocal. Aproveita restos de grãos junto aos paíóis chegando a desenterrar sementes recém-plantadas para se alimentar. Alimpa os roçados e capoeiras de insetos e animais menores quando da broca e queimação para plantação da cultura da mandioca. *Var.:* **assum-preto**. *Ver:* **fauna**.

Graviola *Fon.* [gravi'olɐ] [gravi'olɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto da gravioleira; fruta comestível de gosto levemente azedo e de forma ovalada com pequenos falsos espinhos, de cor verde, que possui uma polpa branca com pequenas sementes pretas.

Gravioleira *Fon.* [gravjo'lerɐ] [graxjo'lerɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.:* **pé de graviola**.

Grolado *Fon.* [grɔ'ladu] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.M. Iguaria tradicional em flocos feita da borra da mandioca com coco e sal, mexido no caco de barro no fogão de lenha.

Grolar *Fon.* [grɔ'la] [CULINÁRIA].

VERB. Forma de mexer que se usa ao fazer o grolado, as farinhas e a goma para ficar mais ou menos caroçuda.

Grudado *Fon.* [gru'dadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Ver:* **pregado**.

Grudar *Fon.* [gru'da] [CULINÁRIA].

VERB. Ato de pregar unindo a superfície da tapioca e/ou do beiju no caco do forno quente por ocasião da preparação destes na casa de farinha. As tapioqueiras e rapadeiras se reúnem geralmente na última fornada para fazer as tapiocas e/ou os beijus em volta do forno, colocam a massa previamente preparada na base do caco. Os produtos devem cozinhar de tal maneira que juntem as duas capas por isso tem que serem virados e vigiados constantemente para não queimar. Elas tem que prestar atenção para eles não colar no caco pois aí então eles já passam de cozidos a queimados.

Grude *Fon.* ['grudi] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.M. Iguaria feita da mistura de goma seca com coco ralado, molhada com água quente e assada no forno a lenha embrulhada na folha da bananeira.

Guabiraba *Fon.* [g^wabi'rabɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Fruto da guabirabeira; pequena fruta que se colhe em cachos nas pontas dos galhos, de cor arroxeadas e gosto levemente azedo-adocicado que contém pequenas sementes. Nas brocas dos terrenos para se fazer os roçados, são encontradas as plantas nativas, que logo que o inverno cai, crescem suas flores que dão seus cachos de frutas. São encontradas na região, especialmente em terrenos destinados a mandiocultura.

Guabirabeira *Fon.* [g^wabira'berɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.:* **pé de guabiraba**.

Guajiru *Fon.* [g^waʒi'ru] [PLANTAÇÃO], Fruta, (indígena).

S.M. Fruto do guajiruzeiro; fruto de coloração rosa, branca, ou roxo-escuro. Apresenta uma única semente, e é consumido in natura, ou também como doce em caldas, compotas e geleias.

Guajiruzeiro *Fon.* [g^waʒiru'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. *Var.:* **pé de guajiru.**

Guarani *Fon.* [g^warã'ni] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver :* **variedade.**

Guardar *Fon.* [g^war'da] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **armazenar.**

Guaxinim *Fon.* [g^waʃĩmĩ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. Mamífero roedor de pequeno porte, da família dos procionídeos (*Procyon lotor*). Possui cabeça grande e focinho pontiagudo, pelo longo e cauda espessa, com anéis castanhos e pretos. No dorso e dos lados, sua cor é marrom-acinzentado e o abdômen é cinza-claro. Apresenta manchas pretas em suas "bochechas", que se estendem entre os olhos e através da testa em uma listra vertical. Chega a medir entre 45 e 70 centímetros. Tem hábitos noturnos e caça pássaros, ratos, insetos, peixes pequenos, lesmas, cobras, camarões de água doce e rãs. Sua dieta também inclui ovos, nozes, cereais e frutas, e é onívoro. Vive em matas virgens, dorme em árvores ocas, buracos em pedras ou no chão, e afugentado pelo desmatamento, foge para capoeiras e interage com os ciclos da mandiocultura. *Ver :* **fauna.**

Gurguri *Fon.* [gʊʁgʊ'ri] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.M. Fruto do gurgurizeiro; pequeno fruto (2 a 4 cm de diâmetro cujo peso varia de 9 a 18 gramas) redondo alaranjado composto de uma casca lisa e fina, envolvido em uma polpa espessa de sabor doce contendo de uma a três pequenas sementes ovóides lisas. Este fruto é apreciado por animais como aves e pequenos roedores, e também como iguaria para o consumo humano consumido ao natural ou sob a forma de geleia.

Gurgurizeiro *Fon.* [gʊʁgʊri'zeru] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.M. Árvore de médio porte (família das Melastomáceas, *Mouriri Guianensis*), que cresce de 4 a 10 m de altura e possui tronco curto com casca fissurada (com rugas) no sentido vertical e de coloração pardacenta. A copa é arredondada e folhosa sendo facilmente reconhecida por terem folhas lustrosas, brilhantes e desuniformes. Seus ramos novos tem coloração amarronzada com folhas simples, opostas, de consistência igual a cartolina, elípticas e ovadas chegando a medir 3 a 7 cm de comprimento por 2 a 4 cm de largura, com base arredondada na forma de coração e ápice agudo. Suas flores nascem nos ramos maduros com um tipo de cacho curto contendo de 3 a 5 flores com cálice campanulado, ou seja, na forma de sino e 5 pétalas rosadas com ápice agudas. Esse tipo vegetal é encontrado na área da mandiocultura cultivada próxima a rios e lagoas com solo escuro. *Var.:* **Pé de gurguri.**
Ver : **flora.**

H, h

Hábito *Fon.* ['abitu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.M. Modo de fazer alguma ação, ou disposição de agir constantemente de certo jeito adquirido frequentemente pela repetição de um ato ou ação no trato mandiocultural.

Haste *Fon.* ['astí] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.M. *Ver*: caule.

Hectare *Fon.* [ek'tari] [PLANTAÇÃO].

S.M. Tipo de medida agrária que equivale a dez mil metros quadrados cujo símbolo é ha.

Herança cultural *Fon.* [ε'rãsv kutu'raw]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: herança₂.

Herança 1 *Fon.* [ε'rãsv] [PLANTAÇÃO].

S.F. Aquilo que se herda por testamento ou direito sucessório como terrenos e bens usados na mandiocultura.

Herança 2 *Fon.* [ε'rãsv]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Tudo que se herda pela cultura, conhecimentos, hábitos e costumes das gerações passadas transmitidas aos mais jovens como os da mandiocultura. *Var.*: herança cultural.

Herbicida *Fon.* [εb'i'sidε] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.M. Preparo ou mistura inseticida natural feito de raízes, folhas e cascas de ervas ou vegetais que pode ser usado para destruir ou dificultar o crescimento de plantas daninhas, mas inofensivo às plantas de cultivo como a mandioca e seus consócios. *Ver*: inseticida.

Herdar *Fon.* [εb'da] [PLANTAÇÃO].

VERB. Receber ou ter direito a ganhar ou resgatar de herança como bens, possessões e terrenos.

Herdeiro *Fon.* [εb'deru] [PLANTAÇÃO].

S.M. Aquele que herda ou recebe o direito de posse em terrenos e bens, ou parte deles, após a morte do proprietário, sendo este seu familiar ou transmissor.

Hidratar *Fon.* [idra'ta] [BENEFICIAMENTO], Técnico.

VERB. Molhar as raízes combinando-as com água e/ou outros elementos para o estado de pubação no processo de feitura da farinha amarela.

Homem do campo *Fon.* ['õmi du 'kãpu] ['õmẽ du 'kãpu]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], Ocupação.

S.T.M. *Ver*: trabalhador rural.

Húmos *Fon.* ['umus] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.M. Tipo de matéria orgânica em apodrecimento ou derivada de queimada que dá fertilidade ao terreno.

l, i



Imbu *Fon.* [ĩbu] **[BENEFICIAMENTO], Fruta.**

S.M. Fruto do imbuzeiro; carnudo de forma arredondada envolvendo um carroço e de gosto levemente azedo e ácido. *Var.:* **umbu.**

Imburana *Fon.* [ĩbu'rãnɐ] **[PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).**

S.F. Árvore de tronco avermelhado e cascas esfoliantes (*Commiphora leptophloeos*) que se desprendem em lâminas. Suas flores são amarelas, pequenas, isoladas ou formam pequenos grupos e seus frutos são comestíveis servem de alimento para muitas espécies de animais silvestres.

NOTA: Muitas vezes, os agricultores usam essas plantas para marcar a separação entre um terreno de um dono e de outro formando cercas vivas com essas variedades de árvores.

Imbuzeiro *Fon.* [ĩbu'zeru] **[PLANTAÇÃO], Vegetal.**

S.M. Árvore de grande porte, da família das anacardiáceas, de madeira leve, ramos cinzentos e fracos, que possui pequenas flores vermelho-escuras e frutos avermelhados ou alaranjados, de polpa doce, levemente ácida e aromática. *Var.:* **umbuzeiro.** *Ver :* **flora.**

Imprensar *Fon.* [ĩprẽ'sa] **[BENEFICIAMENTO].**

VERB. *Var.:* **prensar.**

Indrex *Fon.* [ĩdrɛks] **[PLANTAÇÃO].**

S.M. Tipo de veneno incolor, líquido, autamente tóxico, com um odor forte, que é diluído em água e aplicado com bomba diretamente no caule e folha das plantas para matar diversos insetos que se agrupam em colônias em fase de nascimento das manivas e de seus consorciados, como o feijão e o milho. *Ver :* **inseticida.**

Infértil *Fon.* [ĩfɛrtiw] **[PLANTAÇÃO].**

ADJ. Qualidade da terra ou solo que não tem fertilidade e que precisa ser fertilizado (adubado) para garantir uma boa produção.

Inseticida *Fon.* [ĩseti'sidɐ] **[PLANTAÇÃO].**

S.M. Defensivo agrícola preparado químico ou organicamente para matar insetos que constituem pragas na plantação das maniveiras.

Var.: **agrotóxico; herbicida; pesticida; veneno.** *Ver :* **barragem; calda de fumo; calda de manipueira; fornicidol; indrex.**

Inseto *Fon.* [ĩsetu] **[PLANTAÇÃO], Animal.**

S.M. Pequenos animais invertebrados que vivem em colônias, ataca as plantações provocando doenças podendo até causar a morte destes vegetais e/ou destruindo o gênero produzido na casa de farinha, armazem ou mercado.

Ver : **fauna.** Há alguns insetos que destroem a lavoura. Entre eles: *Ver :* **besouro; borboleta; caruncho; cupim; formiga; gafanhoto; lagarta.**

Irrigar *Fon.* [ĩri'ga] **[PLANTAÇÃO].**

VERB. *Var.:* **aguar₁.**

J, j

Jaçanã Fon. [ʒasã'nã] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Espécie animal de pássaros caradriiformes, da família dos jacanídeos (*Jacana jacana*) de porte médio, podendo medir aproximadamente 39 cm de comprimento de plumagem negra, dorso vermelho-castanho, cauda escura, bico amarelo expandindo-se na frente num escudo vermelho, rêmiges da mão verde-claras marginadas de preto, de grandes dedos e unhas compridas e direitas que permitem a locomoção rápida sobre a vegetação aquática que convive em roçados perto de rios e lagos plantados de mandioca. Ver : **fauna**.

Janaguba Fon. [ʒana'gubɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Vegetal apocináceo, alto e com folhas largas, tipo latifólios coriáceos (*Himatanthus drasticus*); tem flores em corimbos, ou seja, uma inflorescência indeterminada, em que as flores saem de pontos diferentes da mesma haste ou eixo, mas terminam na mesma altura porque seus pedicelos são de tamanhos diversos. Chega a crescer até 7 metros de altura, com folhagem densa nas extremidades dos ramos, que é frequentemente encontrado em regiões de broca onde é feita a roça de mandioca. Ver : **flora**.

NOTA: Seu leite gera um látex, que é tóxico em grandes doses, mas usado para as moléstias do fígado. É também purgativo e febrífugo, e fornece uma matéria corante. Sua madeira é muito útil na carpintaria.

Jararaca Fon. [ʒara'rakɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Espécies de serpentes altamente venenosas de cor rajada cinza com pintas negras que se caracterizam por viver em pequenos arbustos, moitas rasteiras e matos baixos nos roçados e se alimentam de anfíbios, pequenos roedores e animais pertencentes ao habitat da mandiocultura. Ver : **cobra**.

Jenipapeiro Fon. [ʒɛnipa'peru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Árvore de grande porte da família das rubiáceas (*Genipa americana*), nativa, com casca tanífera, com altura média de 8 a 14 m. Possui tronco vigoroso entre 40 e 60 cm de diâmetro e copa ramificada, bastante frondosa, com galhos pendentes e fracos. Suas folhas são forrageiras e simples, medindo de 15 a 35 cm de comprimento, suas flores apresentam campânulas, brancas ou amareladas, que brota um fruto de bagas comestíveis (o jenipapo).

Jenipapo Fon. [ʒɛni'papu] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Fruto do jenipapeiro; baga subglobosa, amarelo-pardacenta, com polpa aromática, comestível, ovalóide de 8 a 12 cm de comprimento e de 6 a 9 cm de diâmetro. Possui uma cor escura e casca rugosa e murcha, com polpa marrom clara e numerosas sementes pardas e achatadas. Apresenta um gosto muito ácido para ser consumido em natura, mas é utilizado em doces, compotas, licores, sucos e refrescos, e geralmente é plantado em quintais ou na frente das casas dos agricultores próximos a plantações de mandioca.

NOTA: Sua polpa servia para a produção de tintas pretas, que era usadas pelos índios na tintura da pele, daí seu significado em Guarani, "fruta que serve para pintar". Do sumo do fruto verde, se extrai também uma tinta com a qual se pode pintar a pele, paredes, cerâmica etc.

Jerimum Fon. [ʒeri'mũ] [ʒiri'mũ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Fruto do jerimunzeiro (abóbora) que se cultiva no consócio de plantação da mandioca.

Var.: **abóbora**. Ver : **plantio em consócio**.

Neste inverno vou plantar jerimum na minha roça.

Jerimunzeiro Fon. [ʒeri'mũzeru] [ʒiri'mũzeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Variedade de planta rasteira e espalhada de folhas grandes e cheias que cresce enramando no chão e produz o jerimum. Var.: **pé de jerimum**. Ver : **flora**.

Jirau *Fon.* [ʒi'raw] [BENEFICIAMENTO], (indígena).

S.M. Estrutura feita de varas e paus fora da casa de farinha para secar os blocos de goma retirados do tanque.

No jirau é onde se coloca a goma pra secar ao sol, pra depois peneirar e secar no forno.

Juá *Fon.* [ʒw'a] [PLANTAÇÃO], Fruta, (indígena).

S.M. Fruto do juazeiro, pequeno e arredondado (como uma cereja), de cor que vai do alaranjado ao marrom, contém polpa translúcida, sabor adocicado, levemente ácido, rico em vitamina C e em cada fruto contém uma semente; é comestível e tem propriedades químicas e medicinais, sendo utilizado para fazer geleia, sabão e outros produtos de limpeza. O pó da casca é usado geralmente para limpar os dentes. Também utilizado na alimentação de animais, como bovinos e caprinos, na época da seca e da estiagem, que convive com a cultura da mandioca.

Juazeiro *Fon.* [ʒua'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Árvore de médio porte que possui ramos tortuosos com espinhos e copa verde durante o ano inteiro. Essa espécie é muito conhecida na região pelos seus frutos comestíveis (juá) e também devido às suas propriedades farmacológicas e cosméticas. Sua floração surge nos encontros de galhos, sendo composta por muitas flores amarelas pequenas.

Ver : **flora**. *Var.*: **pé de juá**.

Jumenta *Fon.* [ʒu'mẽtɐ] [TRANSPORTE], Animal.

S.F. Fêmea do jumento. *Var.*: **jumento**.

Jumento *Fon.* [ʒu'mẽtu] [TRANSPORTE], Animal.

S.M. (Macho) animal de carga de marcha segura e firme, branda, resignada, ideal para o transporte da mandioca, especialmente no passado. *Var.*: **jumenta**. *Ver* : **Animais de carga**.

Jurema *Fon.* [ʒu'rẽmɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Árvore de pequeno porte muito conhecida pelos espinhos que cobrem seus ramos. Possui tronco com casca de cor castanho escuro e ramos de cor castanho avermelhada. Floresce durante um longo período do ano, porém predominantemente durante a estação seca. É constantemente encontrada em terrenos agrícolas cultivados com a mandioca. *Ver* : **flora**.

Jurubeba *Fon.* [ʒuru'bɛbɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Planta de pequeno porte, em forma de moita, cheia de espinhos com folhas aveludadas e flores de cor roxa com anteras porcidas amareladas. Sua convivência dificulta o trabalho de capina executada pelo trabalhador rural, porém são conservadas quando se localizam próximas a cercas e laterais dos roçados. *Ver* : **flora**.



Labuta *Fon.* [la'butɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.F. *Var.:* **trabalho.**

Lacraia *Fon.* [la'kraje] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. *Var.:* **piolho de cobra.**

Lagarta *Fon.* [la'garte] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Larva de inseto que ataca as folhas da maniva prejudicando o seu desenvolvimento e destruindo a plantação.

Ver : **inseto; borboleta.**

NOTA: A lagarta é um estágio na vida de borboleta (adulto). Apresenta um corpo alongado e cilíndrico, com cores variadas e, muitas vezes, pelinhos que causam alergias e queimaduras quando tocados. Durante essa fase da vida, ela se alimenta intensamente das folhas de vegetais, causando sérios problemas às plantações. É dessas folhas que a lagarta tira seus nutrientes e a água de que precisa para sobreviver. A borboleta fica na forma de lagarta de 1 a 8 meses, aproximadamente, dependendo da espécie. Durante o estágio de lagarta, ocorrem várias mudanças de pele enquanto o animal cresce, geralmente de cinco a oito mudanças. Depois de algum tempo, a lagarta prende-se pela porção posterior de seu corpo através de fios de seda e inicia-se a formação da crisálida — um estágio imóvel, em que o animal sobrevive graças às reservas nutritivas acumuladas na fase de lagarta. O estágio de crisálida pode durar de uma a três semanas, dependendo da espécie observada.

Lagarta de fogo *Fon.* [la'garte di 'fogu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.M. Inseto, lagarta, em fase de larva, de cor branca, com pelos urticantes de coloração castanha avermelhada (*Megalopyge lanata*). Nesta fase, pode viver em troncos de árvores e em folhas que serve de alimento. Suas cerdas podem queimar em contato com a pele, daí seu nome. Pode ser encontrada em terrenos agriculturáveis em consórcios da mandioca, como em folhas de jerimum e melancia. *Ver :* **fauna.**

As vezes, nos pés de roça, aparecem lagarta de fogo nas folhas.

Lagartixa *Fon.* [laɣar'tiʃɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Espécie de pequeno réptil rastejante com listras marrom esverdeada da cabeça á calda que come insetos da maniva e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.:* **tejubina.** *Ver :* **fauna.**

Lagarto *Fon.* [la'gartu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Nome comum dado aos répteis (animais de corpo longo) de tamanho pequeno (como o calango e a lagartixa) ou médio (como o teju e o camaleão), e geralmente com cauda fina na ponta. *Ver :* **fauna.**

Lago *Fon.* ['lagu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.M. *Var.:* **lagoa.**

Lagoa *Fon.* [la'goɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.F. Extensão de água acumulada em depressão natural ou por represamento advinda de chuvas e/ou córregos e riachos. As terras que margeiam lagoas e/ou logos são férteis e úmidas favorecendo a mandiocultura e servindo também de ponto de encontro de animais que servem de transporte para beber, tomar banho e comer a vegetação crescente em suas margens. *Var.:* **lago.**

Lama *Fon.* [lã'mɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de solo preto e argiloso de beira de rios e lagoas rico em umidade e minerais.

Lamacento *Fon.* [lãma'sɛtu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Aquilo que contém lama, argila. *Var.:* **lamento**.

Lamento *Fon.* [lã'mɛtu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.:* **lamacento**.

Lamparina *Fon.* [lãpa'rĩnɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. Utensílio feito em forma artesanal com latas ou vidros reutilizáveis de várias formas, contendo um bico com um pavio aonde se encontra a mecha, em que se coloca geralmente querosene, gasolina ou ainda qualquer gás inflamável usado para iluminar a casa de farinha antiga nos afazeres noturnos e em demais ocasiões à noite e na madrugada escura. *Var.:* **candeeiro; lampeão**. *Ver:* **farol**.

Lampeão *Fon.* [lãpi'ãw] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.M. *Var.:* **lamparina**.

Lapada *Fon.* [la'padɐ] [TRANSPORTE], (africano).

S.F. *Var.:* **Chicotada**.

Laranja *Fon.* [la'rãʒɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto da laranjeira; fruta redonda de casca verde alaranjada, grossa e protegida com sumo. Sua polpa é formada em golmos que se abstrai o seu suco cítrico que pode ser de azedo a doce. É muito apreciada pelos agricultores locais que consomem na sua época de colheita, para sucos e para comer sua polpa.

Laranjeira *Fon.* [la'rãʒɛrɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie vegetal que produz como fruto a laranja. Árvore rutácea, de folhagem persistente, caule forte e cheio de espinhos alongados, muito cultivada em quintais e terrenos próximos a casas com o cultivos consorciados com a mandioca em regimes de agricultura familiar. *Var.:* **pé de laranja**. *Ver:* **flora**.

Lata *Fon.* [ˈlatɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Tipo de balde feito de folha de flandres reaproveitado do acondicionamento de conservas e líquidos, tais como óleo, gasolina, tintas etc que é usado para o uso doméstico na casa de farinha especialmente para recolher água e levar aos tanques de massa.

Lavadeira *Fon.* [lava'dɛrɐ] [lava'dɛrɐ] [BENEFICIAMENTO], Ocupação.

S.F. Função da pessoa (geralmente mulher) que lava a goma e/ou a borra na manipueira acentada pondo -a para secar no jirau. *Var.:* **lavadeira da goma**.

Tem que tem a lavadeira pra lavar a goma e fazer os beijus.

Lavadeira de goma *Fon.* [lava'dɛrɐ di 'gõmɐ] [lava'dɛrɐ di 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO], Ocupação.

S.T.F. *Ver:* **lavadeira**.

Lavar a goma *Fon.* [la'va 'gõmɐ] [la'ʁa 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Atividade de acrescentar água no tanque em que a manipueira (leite) está assentada, retirando a parte superficial (borra), limpando, para mais tarde, fazer escoar o líquido impuro, e assim, retirar a goma fresca. *Var.:* **aguar**₃.

Lavoura *Fon.* [la'vorɐ] [la'ʁorɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Trabalho de elaboração do terreno para semente, plantio, cultivo e produção de artigos agrícolas.

Lavra *Fon.* ['lavra] ['laʁa] [PLANTAÇÃO].

S.F. Atividade de quem cuida da plantação, da lavoura. *Var.:* **trabalho**.

Lavrador *Fon.* [lavra'do] [laʁa'do]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Ocupação**.

S.M. *Ver:* **Trabalhador rural**.

Lavrar 1 *Fon.* [la'vra] [la'ʁa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **Plantar**₁.

Lavrar 2 *Fon.* [la'vra] [la'ʁa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Modo de retirada da casca da raiz da mandioca fazendo com a faca cortes superficiais entre a casca e o polpa para retirá-la fora. *Ver:* **Descascar**.

Légua *Fon.* [lɛgʷɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE].

S.F. Conceito antigo que serve de medida de extensão, distância entre dois pontos equivalente a 6.000 m., ou seja, 6 quilômetros.

Legume *Fon.* [le'gumi] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. Toda e qualquer espécie plantada, cultivada pelo agricultor.

Leite de coco *Fon.* ['lejtɨ di 'koku] [CULINÁRIA].

S.T.M. Sumo branco espremido da polpa do coco ralado usado em diversos preparos na cozinha da mandiocultura.

Leite de gado *Fon.* ['lejtɨ di 'gadu] [CULINÁRIA].

S.T.M. *Var.:* **leite**₃.

Leite de mandioca *Fon.* ['lejtɨ di mǎdi'ɔkɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **leite**₁.

Leite de manipueira *Fon.* ['lejtɨ di mǎnipu'ere] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.:* **manipueira**.

Leite de maniva *Fon.* ['lejtɨ di mǎ'nivɐ] ['lejtɨ di ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.*: **leite**₁.

Leite de vaca *Fon.* ['lejtɨ di 'vakɐ] ['lejtɨ di 'vakɐ] [CULINÁRIA].

S.T.M. *Var.*: **leite**₃.

Leite 1 *Fon.* ['lejtɨ] [PLANTAÇÃO].

S.M. Líquido esbranquiçado que sai da raiz, do caule e da folha da maniva quando se corta e/ou se quebra.

Var.: **leite de mandioca**; **leite de maniva**.

NOTA: Para o trabalhador rural, esse líquido é indicação de que a maniva está viva, ou seja, em boa qualidade para o plantio.

Leite 2 *Fon.* ['lejtɨ] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.*: **manipueira**.

Leite 3 *Fon.* ['lejtɨ] [CULINÁRIA].

S.M. Líquido branco, expelido das glândulas mamárias da vaca, muito usado na cozinha da mandiocultura para a preparação de guloseimas como bolos, pudins e cremes. *Var.*: **leite de gado**; **leite de vaca**.

Leito de rio *Fon.* ['lejtu di 'riw] ['lejtu di 'ri] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Local onde o rio corre quando tem água, no inverno, e que no período seco, verão, é usado para plantar.

Lencim *Fon.* [lɛsĩ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.M. Espécie de carraspanha fina e pequena feita de goma e coco, que quando é dobrado fica duro. Serve também pra ser guardado dentro da farinha e pode ser comida molhada no café ou no leite, especialmente nas refeições matinais e como lanches. *Var.*: **carraspanha de goma**.

NOTA: O termo lencim (lencinho) é dado porque a carraspanha de goma quando ainda está molhe em cima do forno é dobrada (ou enrolada) e fica parecendo com um pequeno lenço branco.

Lenha *Fon.* [lɛ̃ɾɐ] [lɛ̃ɾ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Madeira seca pronta para ser queimada no forno da casa de farinha geralmente retirada da brocação de novos terrenos.

Levantar a cerca *Fon.* [lɛvã'ta 'serkɐ] [lɛvã'ta 'serkɐ] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.T.V. *Var.*: **cercamento**.

Libélula *Fon.* ['kabɾɐ 'sɛʒu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. *Var.*: **cabra-cego**.

Liberar *Fon.* [libɛ'ra] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **soltar**.

Lida *Fon.* ['lidɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.F. *Var.*: **trabalho**.

É comum ter que aligeirar o passo pra terminar mais cedo da lida na capina.

Lidar *Fon.* [li'da] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

VERB. *Var.:* **trabalhar**.

Ligeira 1 *Fon.* ['lizeɾɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Tipo de tapioca que é a primeira da farinhada, feita de modo rápido para servir de alimento para o grupo que está na lida da casa de farinha.

Ligeira 2 *Fon.* ['lizeɾɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Modo de desempenho de pessoa (ou animal) no trabalho de forma rápida e bem-feita.

Limão *Fon.* [li'mãw] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Fruta**.

S.M. Fruto do limoeiro; tipo de fruto cítrico, arredondado, geralmente pequeno verde, amarelo (quando maduro), de gosto azedo e ácido. Sua polpa é composta de pequenos golmos de onde se extrai o suco. Muito usado para sucos e na culinária da casa em pratos e também na feitura e consumo de receitas.

Limoeiro *Fon.* [limu'eru] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. Árvore da família das rutáceas, com tronco forte, galhos espalhados e folhas alongadas pequenas, que produz o limão. Suas folhas, flores e frutos tem usos medicinais para chás e lambedores no tratamento de gripes e influências e são muito usadas pelos agricultores e é a árvore das mais cultivadas nos quintais próximos a casas de farinhas e residências e convive com a mandiocultura. *Var.:* **pé de limão**.

Limpa *Fon.* ['lɪpɐ] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.F. *Ver:* **capinação**.

Na maioria das vezes, eu dou seis limpas na roça pra depois arrancar.

Limpado *Fon.* [li'padu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.:* **capinado**.

Limpador *Fon.* [lɪpa'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. *Var.:* **capinador**.

Limpador da roça *Fon.* [lɪpa'do da 'ɔsɐ] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.T.M. *Var.:* **capinador**.

Limpar *Fon.* [li'pɐ] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **alimpar**. *Ver:* **capinar**.

Limpeza do mato *Fon.* [li'pezɐ du 'matu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.T.F. *Ver:* **capinação**.

Limpo *Fon.* [li'pu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. *Var.:* **capinado**.

Litro *Fon.* ['litru] ['litu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Unidade de medida antiga como um quadrado de madeira, correspondente ao volume de um decímetro cúbico, aproximadamente um quilograma, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver* : **medida**₃.

M, m

Macaxeira *Fon.* [maka'ʃerɐ][PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Produto, Vegetal, (indígena).**

S.F. Batata formada da raiz da maniveira, de polpa branca, casca externa grossa, rugosa e marrom, de baixo teor de ácido cianídrico e usada na alimentação humana direta cozida, assada ou para fazer bolo, pão e pudim.

Var.: **mandioca mansa; mandioca doce.****NOTA:** Termo proveniente do tupi “maka’xera”, que significa mandioca doce (aipim) é uma planta euforbiácea menor que a mandioca e sem os seus princípios tóxicos e de hastes não angulosas. Pode ser utilizada na alimentação quando cozida, assada ou frita por conter baixo teor de ácido cianídrico proveniente de variedade da raiz de mandioca não venenosa que na culinária pode servir de fonte direta para o alimento humano.*Ver :* **mansa; variedade; Água morna; Cacau; Candé; Pão; Pão do chile; Tataibura.****Macaxeira cozida** *Fon.* [maka'ʃerɐ ku'zidɐ][PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Subproduto.**

S.T.F. Iguaria característica feita da macaxeira cozinhada com água e sal, servida nas refeições matinais e/ou lanches com café e leite, ou nas demais, cozida no feijão, nas carnes ou aves.

Macaxeira do maranhão *Fon.* [maka'ʃerɐ du ma'rãɲãw] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.T.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira.

Macaxeira frita *Fon.* [maka'ʃerɐ 'fritɐ][PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Subproduto.**

S.T.F. Prato típico da raiz cortada em cubos, cozida e assada no óleo de soja, de algodão e/ou de milho e salpicado sal.

Macaxeira pão *Fon.* [maka'ʃerɐ 'pãw] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**S.T.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver :* **variedade.****Macaxeira preta** *Fon.* [maka'ʃerɐ 'pretɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.T.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira.

Machado *Fon.* [ma'ʃadu] [PLANTAÇÃO], **Instrumento.**

S.M. Ferramenta de metal com cabo de madeira que serve para cortar a vegetação nativa do terreno usado na broca, e rachar paus e lenhas que serviram, para pôr fogo no forno da casa de farinha.

O mato grosso tem que cortar a machado mesmo por que o bicho é forte.**Maçaranduba** *Fon.* [masaʁã'dubɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, (indígena).**S.F. Árvore de grande porte, da família das sapotáceas, lactescente (*Mimosaops salzmanni*), de folhas coriáceas e inflorescências axilares com caule alongado e madeira leitosa encontrada em campos de broca usada na feitura de cercas e porteiras de cercados. *Ver :* **flora.****Madeira** *Fon.* [ma'derɐ] [PLANTAÇÃO].

S.M. Substância sólida dos vegetais que compõe a parte principal do tronco, e dos galhos na maioria das plantas de corte. A madeira retirada do desmatamento das áreas plantadas servem inicialmente para fazer cercas que rodeiam os roçados, e depois que elas já se encontram mais apodrecidas pela exposição ao sol e a chuva podem servir como combustível para o aquecimento do forno na casa de farinha.

Malícia *Fon.* [ma'lisɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. Espécie de planta sensível, espinhenta e rasteira muito encontrada nos roçados e terrenos que se planta mandioca.

Ver : **flora**.

Mamão Fon. [ka'ʒu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.M. Fruto do mamoeiro, com casca de cor verde-escura, que vai se tornando amarelada à medida que amadurece. Possui uma polpa macia e aromática e pequenas sementes negras e rugosas, envolvidas por fina película e presas por filamentos de cor da polpa. Sua forma é alongada ou arredondada e tem tamanhos e pesos diversos, dependendo da variedade e da fecundidade do solo.

Mamoeiro Fon. [mãmu'eru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Árvore frutífera (Carica papaya) que produz o mamão; possui caule grosso, leitoso, porém, oco e frágil. Suas folhas são grandes e estiradas em talos ocados e finos, e seus frutos são doces e carnudos sendo usado na alimentação nas refeições e bastante apreciados pelos agricultores, que costumam cultivar nos quintais próximos a casas de farinhas e residências e convive com a mandiocultura. Var.: **pé de mamão**.

Mamona Fon. [mã'mõnɐ] [PLANTAÇÃO], (africano).

S.F. Fruto ou semente da carrapateira; cápsula tricoca, espinhosa, com uma semente em cada um dos carpelos. De sua semente se produz um líquido oleoso conhecido como azeite de carrapato, óleo de rícino ou de mamona. Var.: **carrapato**.

NOTA: No passado, o óleo extraído da semente da carrapateira, a mamona, era muito usado para acender candeeiros nas casas dos agricultores e casas de farinhas antigas.

Mandacaru Fon. [mãdaca'ru] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Espécie vegetal cactácea com caule verde rolisso e espinhoso (Cereus jamacaru). Pode alcançar até seis metros de altura e possui um formato que pode lembrar um candelabro. O mandacaru é importante para a restauração de solos degradados, servindo também como cerca natural e alimento para os animais, especialmente nos períodos de estiagem. Essa planta é comum em regiões mais pobres de solo que se cultiva a mandioca.

Mandioca brava Fon. [mãdi'ɔkɐ 'bravɐ] [mãdi'ɔkɐ 'braɐ] [mãdi'ɔkɐ 'brabɐ]
[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Vegetal.

S.T.F. Batata da mandioca que contém alto teor de ácido cianídrico apenas usada para fazer farinha.

Var.: **mandioca venenosa**. Ver : **variedade**.

NOTA: Existem uma infinidade de variedades de mandioca brava ou venenosa que é conhecida na região somente como mandioca: Ver : **Aciolina; Anajá; Canoa; Embiguda; Fragosa; Guarani; Manipeba; Pecuí; Poré; Pretinha; Sacaiba; Vermelhinha**.

Mandioca doce Fon. [mãdi'ɔkɐ 'dosi]
[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Produto, Vegetal.

S.T.F. Var.: **macaxeira**.

Mandioca mansa Fon. [mãdi'ɔkɐ 'mãsɐ]
[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Produto, Vegetal.

S.T.F. Var.: **macaxeira**.

Mandioca mole Fon. [mãdi'ɔkɐ 'mɔli] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Var.: **Mandioca puba**.

A mandioca mole é a mesma da puba que serve pra fazer farinha d'água.

Mandioca nova *Fon.* [mãdi'okɐ 'novɐ] [mãdi'okɐ 'noβɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO],
Vegetal.
S.T.F. *Ver* : **nova**.

Mandioca puba *Fon.* [mãdi'okɐ 'pubɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Raiz que é colocada na água pelo período aproximadamente de três a cinco dias para fermentar no beneficiamento da farinha amarela. *Var.*: **Mandioca mole**.

Mandioca velha *Fon.* [mãdi'okɐ vɐɐ] [mãdi'okɐ βɐɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Vegetal.
S.T.F. *Ver* : **velha**.

Mandioca venenosa *Fon.* [mãdi'okɐ vɛnɛ'nɔzɐ] [mãdi'okɐ 'βɛnɛ'nɔzɐ]
[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Vegetal.
S.T.F. *Var.*: **mandioca brava**.

Mandioca 1 *Fon.* [mãdi'okɐ]
[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal,
(indígena).

S.F. Batata formada da raiz da maniveira, de polpa branca, amarela ou creme, casca externa grossa, rugosa e marrom, de alto teor de ácido cianídrico (não diretamente comestível) e usada na produção de farinha e seus derivados.

Var.: **batata; batata de mandioca; batata de maniva; raiz; raiz de mandioca; raiz de manivera; tubérculo**.

NOTA: Termo proveniente do tupi “mani’oka”. A extraordinária importância como alimento indispensável nos povoados interioranos e nas zonas urbanas. O vocábulo tem extensa documentação e abundante uso, sendo o termo de origem tupi de maior documentado na língua portuguesa.

Mandioca 2 *Fon.* [mãdi'okɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO],
[CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal, Partes da planta, (indígena).

S.F. Planta como um todo, vegetal da mandioca composto de batata, caule, galhos, folhas e flores.

Var.: **árvore da maniva; maniveira; pé de maniva; pé de mandioca; planta; planta da maniva**.

Ver : **maniva**₁.

Mandioca 3 *Fon.* [mãdi'okɐ]
[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal,
(indígena).

S.F. Pequenas partes do caule cortado em paus de aproximadamente um palmo com os quais se faz a muda para o cultivo da planta. Pedacos do caule da maniveira que são cortados em pequenos paus em estacas servindo de mudas (sementes) para o plantio da nova safra. *Var.*: **estaca**₂; **maniva**₂; **muda; pau de maniva**₂; **semente**₂.

NOTA: A planta é dividida com facão ou faca grande em pequenos paus, de mais ou menos um palmo para servir de muda, a maniva é semeada e enfiada nas covas previamente preparadas nas capoeiras. Dali surgirá os brotos, que com pouco tempo crescerão e constituirão os galho e as folhas da nova planta.

Mandioca 4 *Fon.* [mãdi'okɐ]
[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal,
(indígena).

S.F. Folhas da planta, parte superior do vegetal. *Ver* : **copa**.

NOTA: Por vezes, quando há escassez de sementes próprias, como manivas de plantio, os agricultores costumam plantar as partes superiores da planta, ou seja, os galhos mais finos de cima da árvore que são menos germinativos.

Mandiocal *Fon.* [mãdiõ'kaw] [PLANTAÇÃO].

S.M. Grande extensão de terra ou terrenos aonde se semeia a maniva que gera a mandioca e que são produzidas as raízes que beneficiam os subprodutos da mandiocultura.

Var.: **area de mandioca; manival; terreno de maniva; terreno de mandioca.**

Mandiocultura *Fon.* [mãdiõku'tura] [PLANTAÇÃO].

S.F. Ramo ou atividade agrícola que se relaciona com todas as fases desde a escolha do terreno para o plantio passando pelo beneficiamento da raiz até a fase final da comercialização dos produtos derivados da mandioca.

Manejo *Fon.* [mã'neʒu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

S.M. Ação de manejar, de servir-se de algo ou alguma coisa; ato de fazer algo usando a mão, ou ainda, saber fazer uso de um conhecimento ou costume, como o da mandiocultura.

Manga *Fon.* ['mãgɐ] [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto da mangueira; fruta de forma ovalada verde, amarela ou avermelhada que contém polpa carnuda amarelo-alaranjada e que é muito apreciada pelos trabalhadores na casa de farinha na hora do almoço com feijão e farinha, e até, com suco ou refresco.

Mangangá *Fon.* [mãgã'ga] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. Inseto polinizador da lavoura de numerosas espécies, tipo de grande abelha, vespa ou marimbondo, como a *Bombus terrestris*. Possui abdome largo e piloso, geralmente de cor negra e amarela, peludo e emite um zumbido alto ao voar. Mede aproximadamente 3 centímetros de comprimento e possui ferrão venenoso. *Var.*: **mongongá**.
Ver : **fauna**.

Mangueira *Fon.* [mã'gɛɾɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Árvore frondosa (*Mangifera indica*), da família das anacardiáceas, nativa da Índia, de folhas lanceoladas, coriáceas, verde-escuras, flores pequenas, alvas ou amareladas, aromáticas, e muitas variedades de frutos, de casca cerosa e polpa amarela, doce e suculenta que é muito cultivada na região e que convive constantemente com o habitat da mandiocultura. *Var.*: **Pé de manga**. *Ver* : **plantio em consórcio**.

Manipeba *Fon.* [mãni'pebɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver* : **variedade**.

Manipueira *Fon.* [mãnipu'ɛɾɐ] [mãnipu'ɛɾɐ] [BENEFICIAMENTO], (indígena).

S.F. Sumo extraído da mandioca, de coloração amarela ou esbranquiçada, obtido da massa da mandioca que foi descascada, ralada e espremida. *Var.*: **leite₂; leite de manipueira**.

NOTA: Deste líquido brancacento gerado na massa da serragem (ralação) da mandioca é que está o veneno (ácido cianídrico) que com a adição de água é dispensado da massa. Deste líquido, separar-se-á a massa que originará a farinha, e em baixo do tanque, após a lavagem e o assentamento, originará a goma (fécula) e a borra.

Maniva 1 *Fon.* [ma'nivɐ] [ma'nivɐ] [PLANTAÇÃO], (indígena), Vegetal, Partes da planta.

S.F. Planta adulta depois de ser arrancada (retirada a raiz, batata) constituída de caule, copa, folha e raiz, que é encanteirada e que serve para a semente, da qual se origina a mandioca após o novo plantio. *Ver* : **mandioca₂**.

NOTA: No momento da plantação de uma nova safra, a árvore da maniva que está encanteirada é escolhida por sua melhor constituição e vitalidade. Geralmente é escolhido as varas que tem um caule grosso e está bem verde ainda indicando que será mais fácil de se desenvolver dali nova planta.

Maniva 2 *Fon.* [ma'nivɐ] [ma'nivɛ] [PLANTAÇÃO], (indígena), Vegetal.

S.F. *Var.:* **mandioca**₃.

Manival *Fon.* [mani'vaw] [mani'ɣaw] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **mandiocal**.

Manivar *Fon.* [mani'va] [mani'ɣa] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **semear**.

Depois desta chuva de agora, vamos covar, manivar e plantar.

Maniveira *Fon.* [mani'verɐ] [mani'ɣerɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.:* **mandioca**₂.

Mansa *Fon.* ['mãsɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Qualidade da batata que não tem veneno podendo servir como alimento humano que é utilizada largamente na culinária. *Ver:* **macaxeira**.

Mão cheia *Fon.* ['mãw 'ʃɛɐ] [mu'ʃɛɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.T.F. *Var.:* **muchea**.

Mão de pilão *Fon.* ['mãw di pi'lãw] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.T.F. Parte do pilão usado para bater, quebrar, amassar, socar ou triturar condimentos que serão colocados nos beijus e tapiocas como castanhas, côcos e amêndoas, e demais temperos como coloral feito com urucum, sal, pimenta, óleo e farinha.

Mão-de-obra *Fon.* ['mãw di 'obrɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Pessoa ou grupo de pessoas que trabalham na atividade da mandiocultura.

Mãos calejadas *Fon.* ['mãws kale'zadɛs]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Figurado**.

S.T.F. Estado físico em que fica as mãos como resultado do trabalho pesado e duro do trabalhador. Metaforicamente é uma expressão usada para indicar as tarefas pesadas com que lida o trabalhador rural em todo o processo de plantio e fabricação dos produtos da mandioca.

Arrancar roça é uma tarefa pesada e como prova mostro minhas mãos calejadas.

(Expressão metafórica) A vida do homem do campo são suas mãos calejadas.

Maracujá *Fon.* [maraku'ʒa] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto de casca oval amarelado, de polpa composta de sementes pretas com um líquido incolor;

Maracujazeiro *Fon.* [marakuʒazeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. *Var.:* **pé de maracujá**.

Marcela *Fon.* [mar'selɐ][ma'selɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Arbusto perene (*Achyrocline satureioides*) que atinge cerca de um metro de altura e que geralmente costuma florescer entre março e maio. As folhas são finas e de cor verde-claro, meio acinzentada, que se destaca do restante da vegetação do campo pelo cheiro intenso e revigorante. Suas flores são amarelas, com cerca de um centímetro de diâmetro, florescendo em pequenos cachos, possuem um aroma agradável e a infusão de suas folhas alivia dores de cabeça, cólicas e problemas estomacais usados pelos agricultores que encontram facilmente em seus cercados, próximos a rios e riacho e ambientes úmidos.

Marcha *Fon.* ['maʃɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Tipo de passo cadênte comum dos quadrúpedes em carga com peso, como a carga da mandioca pra casa de farinha. *Ver* : **passo**.

Marchar *Fon.* [ma'ʃa] [TRANSPORTE].

VERB. Ação comum de andar dos quadrúpedes em cadência, geralmente com carga pesada.

Mari *Fon.* [ma'ri] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. *Var.*: **umari**.

Marimbondo *Fon.* [marĩ'bõdu] [PLANTAÇÃO], Animal, (africano).

S.M. Espécies de insetos de tamanho maior que a vespa, providos de ferrão na extremidade do abdome, cujas asas anteriores são mantidas dobradas, quando em repouso, no sentido longitudinal. Podem apresentar perigo, especialmente no momento da broca e plantação pois fazem suas casas na vegetação e interagem com os estagios da mandiocultura.

Marizeira *Fon.* [marĩ'zɛrɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. *Var.*: **umarizeira**.

Marizeiro *Fon.* [marĩ'zɛru] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. *Var.*: **umarizeira**.

Marmeleiro *Fon.* [mame'leru] [PLANTAÇÃO].

S.M. Arbusto de porte pequeno com folhas aveludadas medianas, e que pode atingir, no máximo, a altura de 4 metros. Essa planta (*Croton sonderianus*) chama atenção no seu período de floração pois logo que dá as primeiras chuvas na caatinga, o marmeleiro fica repleto de flores pequenas, com coloração branca e muito perfumadas. Ele é encontrado muito comumente em terrenos utilizados para o cultivo da mandioca. *Ver* : **flora**.

Marreta *Fon.* [ma'ʁetɐ] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Ferramenta com base de ferro grosso pesado e cabo de madeira usado para bater nas estacas e fixá-las nos buracos na feitura da cerca. *Var.*: **bate-estaca**.

NOTA: Em alguns lugares em que a areia é frouxa, é comum a cerca ser feita com marreta para bater nas estacas e fixá-las, sem precisar cavar buracos profundos, como em terrenos de alto de pedra ou de solo barroso.

Martelar *Fon.* [martɛ'la] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Ver* : **grampear**.

Martelo *Fon.* [mar'telu] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.M. Ferramenta de ferro com cabo de madeira destinado a bater nas estacas e pregar grampas segurando o arrame na cerca do terreno que virá a ser o roçado.

Massa *Fon.* ['masɐ] [BENEFICIAMENTO], Produto.

S.F. Pasta proveniente do processo de serragem (ralagem) que depois da esprema vai para a prensa, sai enxuta e é peneirada para originar as farinhas, os beijus e as tapiocas. *Ver* : **massa enxuta**; **massa molhada**.

Massa enxuta *Fon.* ['masɐ ɨ'ʃutɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Bloco seco de massa retirada da prensa após a remoção da manipueira pronta para ser peneirada e usada na feitura das farinhas. *Var.*: **enxuta**; **massa prensada**.

Massa molhada *Fon.* ['masɐ mɔ'ladɐ] ['masɐ muj'adɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Pasta proveniente da serragem da raiz banhada com água para ser espremida retirando, assim, parte da manipueira que ao ir para a prensa se torna enxuta. *Ver* : **massa**.

Massa prensada *Fon.* ['masɐ prɛ'sadɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. *Var.*: **massa enxuta**.

Masseira *Fon.* [ma'serɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. Utensílio de madeira em forma de caixão usado para depositar os blocos de massa enxuta que vem da prensa, para ser desmanchada manualmente, e em seguida, peneirada para mais tarde ir ao forno.

Var.: **caixa de massa**; **cocha**; **cocheira**.

Mastigar *Fon.* [maʃti'ga] [CULINÁRIA].

VERB. Ato de comer triturando os alimentos.

Mata burro *Fon.* ['matɐ 'buɾu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie de mandioca brava.

Mata-pasto *Fon.* ['matɐ 'paʃtu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie vegetal herbácea, da família das leguminosas, subarborescente, anual e frequente em áreas abertas (*Senna obtusifolia*). Possui folhas trifilares com formato oval e suas flores são amarelas, de tamanho médio e possuem anteras poricidas. O caule é ereto com galhos laterais e pode chegar até 1,5 m de altura. Suas sementes são produzidas em grande quantidades, em baixas que caem ao chão e proliferam. É conhecido pela rápida infestação invasora dos pastos ou de plantações que, muitas vezes, se alastram por grandes superfícies e aniquilam as gramíneas que servem de alimento para animais e, ainda, prejudica o cultivo e o desenvolvimento da raiz da mandioca. *Ver* : **flora**.

Mata-pasto do pará *Fon.* ['matɐ 'paʃtu du pa'rɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.*: **mata-pasto**

NOTA: Esta espécie é uma variedade que contém algumas diferenças: nas folhas, que não são redondas, e sim, oblongadas; no caule, que é bem maior e cresce bem mais; e nas flores que são mais amarelas e maiores que o mata-pasto comum.

Mato *Fon.* ['matu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Toda e qualquer vegetação daninha que prejudica a plantação e o crescimento da mandioca.

Maxixe *Fon.* [ma'ʃiʃi] [PLANTAÇÃO], Fruta, (africano).

S.M. Produto do maxixeiro; fruto rasteiro comestível que é plantado em consócio e serve como legume na panela do agricultor. *Ver* : **plântio em consócio**.

Maxixeiro *Fon.* [maʃiʃeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Planta rasteira que cresce em rama e que é plantada em consócio com a mandioca e de que provem o maxixe. *Var.*: **Pé de maxixe**. *Ver* : **flora**.

Medição 1 *Fon.* [medi'sãw] [midi'sãw] [PLANTAÇÃO].

S.F. Avaliação de medida, extensão ou grandeza de um terreno para a plantação da mandioca.

Medição 2 *Fon.* [medi'sãw] [midi'sãw] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Aferição de quantidade no beneficiamento, produção e comercialização dos gêneros da mandioca.

Medida 1 *Fon.* [me'didɐ] [mi'didɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Conceito determinado que serve de padrão para avaliar tamanho de um terreno ou espaço de terra que será feito o roçado. *Ver* : **braça; palmo; passo₂; vara₂**.

EQUIVALÊNCIA DE MEDIDAS DE COMPRIMENTO: 1 palmo = (+/-) 22 centímetros; 1 vara ou 1/2 braça = (+/-) 1 metro e 10 centímetros = 5 palmos; 1 braça = (+/-) 2 metros e 20 centímetros = 10 palmos;

Medida 2 *Fon.* [me'didɐ] [mi'didɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Pedaco de pau que o puxador de arame faz para regular a distância que cada fio de arame deve ficar um do outro.

Medida 3 *Fon.* [me'didɐ] [mi'didɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Conjunto de vasilhames de tamanho determinado, com que se mede unidades de volume sólidas como os produtos derivados da mandioca a granel. Antigamente, estes vasilhames eram confeccionados de madeira e divididos em meio litro, um litro, uma terça (igual a cinco litros), uma medida (igual a dez litros), meia quarta (igual a vinte litros) e uma quarta (igual a quarenta litros). *Ver* : **meio litro; litro; terça; medida₄; meia quarta; quarta; meio alqueiro; alqueiro**. EQUIVALÊNCIA ENTRE MEDIDAS DE PRODUTOS: 1/2 litro = (+/-) 1/2 quilo; 1 litro = (+/-) 1 quilo; 1 terça = 5 litros = (+/-) 5 quilos; 1 medida = 10 litros = (+/-) 10 quilos; 1/2 quarta = 20 litros = (+/-) 20 quilos; 1 quarta = 40 litros = (+/-) 40 quilos; 1/2 alqueiro = 80 litros = (+/-) 80 quilos; 1 alqueiro = 160 litros = (+/-) 160 quilos;

Medida 4 *Fon.* [me'didɐ] [mi'didɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Antiga vasilha de madeira convencionada para aferição dos gêneros da mandioca, como a farinha e a goma, que equivalia aproximadamente a 10 litros. *Ver* : **medida₃**.

Medir 1 *Fon.* [me'di] [mi'di] [PLANTAÇÃO].

VERB. Efeito e/ou ato de aferir um terreno que consiste em calcular o tamanho do terreno a ser cuidado. Geralmente, o trabalhador rural usava o próprio corpo como parâmetro de medição como braças (usando os braços), palmos (usando a palma da mão – distância entre o dedo mindinho e o polegar) e pés.

Medir 2 *Fon.* [me'di] [mi'di] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Efeito e/ou ato de aferir os produtos beneficiados da mandioca como as farinhas, goma e borra para a venda. O trabalhador rural usava para a aferição de medidas de quantidades de gêneros da mandioca, no balanço de produção e comercialização após o beneficiamento, as medidas tradicionais feitas em caixas de madeira de diferentes tamanhos conhecidas como meio litro, um litro, uma terça, uma medida, meia quarta, uma quarta, meio alqueiro e um alqueiro.

Var.: **pesar**. *Ver :* **alqueire; litro; medida₄; quarta; terça**.

Meia braça *Fon.* ['meiɐ 'brasɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **Vara₂**. *Ver :* **Medida₁**.

Meia quarta *Fon.* ['meiɐ 'qwartɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. Unidade de medida antiga como um grande quadrado de madeira, correspondente a vinte litros, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver :* **medida₃**.

Meio alqueire *Fon.* ['meiw aw'qeri] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Unidade de medida antiga como um grande quadrado de madeira, correspondente a oitenta litros, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver :* **medida₃**.

Meio litro *Fon.* ['meiw 'litru] ['mej 'litu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Unidade de medida antiga como um quadrado de madeira, correspondente ao volume de meio decímetro cúbico, aproximadamente meio quilograma, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver :* **medida₃**.

Mel da folha *Fon.* ['mɛw dɐ 'fɔʎɐ] ['mɛw dɐ 'fɔja] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Tipo de praga que se apresenta na folhagem das mandiocas médias, como um líquido melado, causado por um mosquito, que impede o desenvolvimento e o crescimento das manivas podendo até levá-las à morte. *Ver :* **praga**.

Melancia *Fon.* [mɛlãsiɐ] [PLANTAÇÃO], Fruta.

S.F. Fruta da melancieira; Fruta grande, de casca verde-clara ou verde-escura, de interior avermelhado ou esbranquiçado, refrescante, aquoso, de sabor doce e agradável, que é largamente cultivada em consócio com mandioca, feijão e milho.

Ver : **plântio em consócio**.

Melancieira *Fon.* [mɛlãsiɛrɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Planta rasteira que cresce em rama plantada em consócio com a mandioca de que provem a melancia.

Var.: **Pé de melancia**. *Ver :* **flora**.

Melão *Fon.* [mɛlãw] [PLANTAÇÃO], Fruta.

S.M. Fruto do meloeiro, grande, esférico ou um pouco alongado, de cor verde-esbranquiçada ou amarelo alaranjada, plantado em consócio entre as lavras de milho, feijão e/ou mandioca; muito apreciado pelo seu gosto adocicado e aquoso.

Melão Caetano *Fon.* [mɛlãw kaj'tãnu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Tipo vegetal de cipó herbáceo da família das Curcubitáceas (Momordica charantia), muito comum nas cercas entrançadas nos terrenos onde são cultivadas as mandiocas ou margeando as casas de farinha e dos agricultores. De sua semente germinada, nasce seu caule que se fixa ao chão enquanto distribui suas ramas e folhas subindo cercas, estacas e outras plantas. Seus frutos tem cor de laranja escuro com espinhos moles na superfície, que, quando maduros, se abrem espontaneamente em três partes, mostrando no interior as sementes avermelhadas, comestíveis, muito concorridas pelos passarinhos. Suas flores são solitárias e possuem cinco pétalas amarelo-pálidas ou quase brancas, de textura fina e muito delicada.

Mercado *Fon.* [mɛʁ'kadu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. *Var.:* **barracão**.

Mercadoria *Fon.* [mɛʁkadu'riɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Qualidade de produtos de negociação em comércio, feira ou venda, suscetível de ser comprado ou vendido.

Var.: **produto; gênero**.

Mercearia *Fon.* [mɛʁsja'riɐ] [misja'riɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. *Ver:* **Bodega**.

Meruanha *Fon.* [mɛɾu'ãɲɐ] [mɛɾu'ãjɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena)**.

S.F. Inseto, mosca da família dos muscídeos, de distribuição cosmopolita e de notável semelhança com a mosca-doméstica, embora dela se diferencie pela tromba alongada do aparelho bucal, uma vez que a utiliza para sugar o sangue de animais e humanos, causando-lhes feridas e transmitindo doenças. Pode ser encontrada em campos abertos no período do inverno por ocasião da plantação e do arranque das mandiocas. *Ver:* **fauna**.

Meter a peia *Fon.* [mɛ'tɛɐ 'pɛɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **açoitar**.

Meter fogo *Fon.* [mɛ'tɛ 'fogu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Acender o forno e conservar acesso com brasa para a feitura da farinha e de seus derivados.

Mexer a farinha *Fon.* [mɛ'ʃɛɐ fa'riɲɐ] [mɛ'ʃɛɐ fa'riɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.:* **mexer a massa**.

Mexer a goma *Fon.* [mɛ'ʃɛɐ 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.:* **secar a goma**₂.

Mexer a massa *Fon.* [mɛ'ʃɛɐ 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Movimentar a massa no forno de barro revirando, empurrando e puxando com o rodo, sempre da frente para traz, sem deixar que esta perca a consistência e queime, na torração da farinha, fase final do beneficiamento.

Var.: **mexer a farinha**.

Mexer a terra *Fon.* [mɛ'ʃɛɐ 'tɛɾɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. Ação de virar e revirar o solo com o objetivo de renovar o húmus próximo a raiz da planta.

Mexerico *Fon.* [mɛʃɛ'ricu] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.M. *Var.:* **farelo**.

Mexerico de beijus *Fon.* [mɛʃɛ'ricu di bej'zu] [mɛʃɛ'ricu di be'zu] [mɛʃɛ'ricu di bi'zu] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.M. *Var.:* **farelo**.

Milho *Fon.* ['miʎu] ['miw] ['mi:] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Vegetal gramínea anual nativa da América do Sul amplamente cultivada em culturas consociadas com a mandioca por seus grãos serem muito apreciados na alimentação humana (farinha, maisena, canjica, pipoca etc.) e animal (palha, espiga, sabugo e grãos). *Ver* : **plântio em consórcio**.

Mingau de goma *Fon.* [mĩ'gau di 'gõmɐ] [CULINÁRIA], Subproduto, (indígena).

S.T.M. *Var.*: **caldo de carimã**.

Minhoca *Fon.* [mĩ'ɲokɐ] [mĩ'ɔkɐ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Espécie de verme anelídeo oligoqueto que vive subterraneamente em lugares úmidos, importante para a processar a terra e deixá-la fértil e que convive com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver* : **fauna**.

Miolo *Fon.* [mi'olu] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.M. *Var.*: **polpa**.

Mochila *Fon.* [mu'ʃilɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Espécie de saco tecido de palha de carnaúba ou mesmo de algodão com alça que se prende à cabeça envolvendo totalmente à boca do animal que se coloca ração para que este se alimente. Às vezes, coloca-se também no animal com o intuito de evitar que este ataque plantas ou outros artigos comestíveis na casa de farinha. *Var.*: **bormal**.

Mocó *Fon.* [mɔ'kɔ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. Animal mamífero, quadrúpede, peludo, roedor da família Caviidae (Kerodon rupestris), encontrado em áreas descampadas, pedregosas e/ou pés de morro com vegetação rasteira próxima a roçados e terrenos cultivados com a mandioca e seus consórcios. Tal roedor possui o tamanho pouco maior do que um preá, cauda ausente ou vestigial e pelagem cinzenta. Alimenta-se de cascas de árvores, brotos, folhas e frutos. Passa a maior parte do tempo em tocas, habita as matas e roçados e convive com a fauna e a flora do lugar. *Ver* : **fauna**.

Mofada *Fon.* [mɔ'fadɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

ADJ. Estado da farinha que adquiriu umidade pela má armazenagem ou acondicionamento descuidado e criou mofo, não apropriada para o consumo humano.

Mofó 1 *Fon.* ['mofu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Tipo de praga que provoca um bolor esponjoso e esbranquiçado ou negro e ataca as folhas da maniva impedindo seu contínuo desenvolvimento. *Ver* : **praga**.

Mofó 2 *Fon.* ['mofu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Fungo que se desenvolve sobre os gêneros mal acondicionados na armazenagem, como a farinha e a goma, tomando-os inapropriados ao consumo.

Mofumbo *Fon.* [mu'fũbu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Espécie arbustiva que chega a medir 3 metros de altura (Combretum leprosum). Suas flores são amareladas, pequenas e muito perfumadas. Cresce muito comumente em região de ilha e várzea com solo úmido, a beira de rio ou riacho, e é encontrado em plantações da mandiocultura nessas condições.

Molhada *Fon.* [mɔ'ʎadɐ] [muj'adɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado da massa quando se adiciona a água para retirar a manipueira. A massa molhada ainda deve ser espremida e prensada para ficar enxuta, e depois, peneirada para se fazer a farinha e os beijus. *Ver* : **massa molhada**.

Molhar *Fon.* [mo'ʎa] [muj'a] [**PLANTAÇÃO**].

VERB. *Var.:* **aguar**₁.

Molhar a massa *Fon.* [mo'ʎa masɐ] [muj'a masɐ] [**BENEFICIAMENTO**].

S.T.V. Uma das etapas após o serramento da raiz; aguar a massa proveniente da serração da batata para posteriormente separar a massa que vai fazer a farinha, da água branca (leite de manipueira) que vai gerar a goma.

Molho de manipueira *Fon.* [mo'ʎu di mǎnipu'eɾɐ] [moj'u di mǎnipu'eɾɐ] [moj' di mǎnipu'eɾɐ] [**CULINÁRIA**], **Subproduto**.

S.T.M. Condimento apimentado feito com o leite da manipueira, pimenta malagueta, alho e pimenta do reino.

Mongongá *Fon.* [mõgõ'ga] [**PLANTAÇÃO**], **Animal**, (indígena).

S.M. *Var.:* **mangangá**.

Montar *Fon.* [mõ'ta] [**TRANSPORTE**].

VERB. Ação de subir e/ou andar em uma montaria. *Var.:* **andar a cavalo**; **cavalgar**.

Moringa *Fon.* [mu'rĩga] [**BENEFICIAMENTO**], **Instrumento**, (africano).

S.M. Utensílio usado para guardar e servir a água de beber. *Var.:* **quarta**₂; **quartinha**.

Morno *Fon.* [moɾ'nu] [**BENEFICIAMENTO**].

ADJ. Estado em que se encontra o forno quando em seu funcionamento inicial para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha. Neste estado ainda não está no ponto para realizar o processo de secagem ou queimação dos gêneros.

Motobomba *Fon.* [motu'bõba] [**BENEFICIAMENTO**], **Instrumento**, **Técnico**.

S.F. *Var.:* **Bomba d'água elétrica**.

Motor1 *Fon.* ['moto] [**BENEFICIAMENTO**], **Instrumento**.

S.M. Máquina elétrica ou a combustível que movimenta a bola de serrar para que o serrador triture as raízes descascadas e transforme-as em massa.

Motor2 *Fon.* [mo'to] [**BENEFICIAMENTO**], **Instrumento**.

S.M. *Var.:* **Bomba d'água elétrica**.

Mourão 1 *Fon.* [mo'rãw] [**PLANTAÇÃO**].

S.M. Estaca grossa e pesada que prende horizontalmente outras mais finas, usada nos cantos do cercado, ou na porteiras de uma cerca, e que também pode servir para amarrar os animais.

Mourão 2 *Fon.* [mo'rãw] [**BENEFICIAMENTO**].

S.M. Grosso tronco forte fincado ao chão que serve de base para a prensa tradicional antiga que segura o órgão e a virgem.

Movida *Fon.* [mu'vidɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da raiz que está pouco desenvolvida, não cresceu ou pouco cresceu.

Muchea *Fon.* [mu'ʃea] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.F. Medida para provar a qualidade da farinha que consiste em jogar com a mão o artigo diretamente na boca mastigando e avaliando o gosto e a textura do produto. *Var.:* **mão cheia**.

Muchuada *Fon.* [mu'ʃe'adɐ] [CULINÁRIA].

S.F. Medida para a feitura da farofa que feita com a própria mão em forma de concha enterrada na farinha, colocada na fritura e mexida até a mistura ficar bem distribuída.

Muda *Fon.* ['mudɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. *Var.:* **mandioca**₃.

Mufumbo *Fon.* [mu'fũbu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**, (africano).

S.M. Vegetação rasteira de pequeno porte (*Combretum leprosum*) encontrada na região, da família das combretáceas. Tem folhas simples, opostas, com pequenos pontos brancos, flores amareladas, em panículas terminais, e sâmaras aveludadas; utilizada como planta medicinal, com ação anti-inflamatória, sudorífera e calmante. *Ver:* **flora**.

Mulungu *Fon.* [mulũ'gu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.M. Árvore de grande porte podendo ir de 10 a 20 metros de altura, com espinhos, da família das Leguminosae - Papilionoideae (*Erythrina verna*), conhecida pelo seu aspecto quando em flor. Perde todas as folhas e se cobre de flores vermelhas. Há variados tipos de Mulungus e este é o de maior porte e que possui germinação por sementes ou estaquia. Seu fruto é um tipo de vagem marrom que contém de uma a três sementes. Quando madura ela permanece aberta na árvore durante algum tempo, exibindo o interior branco. Suas sementes são de um marrom claro, com cerca de 1 cm, no formato de um feijão. É encontrada em várzeas e ilhas de terreno escuro, em que se planta mandioca e macaxeira para arranque nos fins d'água.

Murcha *Fon.* ['muʃɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da folha que apresenta amarelidão e enfraquecimento por doença, falta de umidade na planta ou qualquer outra causa. *Ver:* **seca**₃.

Murchamento *Fon.* [muʃa'mẽtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento**.

S.M. Processo natural de enfraquecimento por falta d'água ou por doença, que pode se apresentar em toda e qualquer planta especialmente nas folhas enrugadas, amareladas e franzinas.

Murchar 1 *Fon.* [mu'ʃa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Fenômeno em que a planta perde o viço e a cor das suas ramas e folhas, por falta de umidade ou adubo ou ataque de pragas ou ervas daninhas.

Murchar 2 *Fon.* [mu'ʃa] [TRANSPORTE].

VERB. Ato de contrair as orelhas em animais que indica sensação de medo, espanto ou ataque.

Murici *Fon.* [muri'si] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], (indígena), Fruta.

S.M. Fruta pequena e carocuda do muricizeiro que é muito comum na região e que é apreciada pelos locais especialmente pelo seu suco. *Ver* : **cambica de murici**.

NOTA: É um costume muito frequente servir suco e cambica do murici como merenda para os trabalhadores da roça e da casa de farinha nos dias de transporte e beneficiamento das raízes.

Muricizeiro *Fon.* [muri'si'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Pequenas árvores e arbustos da família das malpighiáceas, em particular alguns do gênero *Byrsonima*, de frutos drupáceos compoça edule, de folhas verde-escuras, lustrosas na parte superior e sedosas na inferior, flores amarelas em racemos e, por fruto, uma drupa carnosa amarela, comestível que é encontrada na região e que faz parte do habitat da mandiocultura. *Var.*: **Pé de murici**. *Ver* : **flora**.

Mutuca *Fon.* [mu'tukə] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Inseto, mosca, tabanidae, família de dípteros, da subordem Brachycera. Possuem corpo robusto e de tamanho médio a grande, porém só as fêmeas são hematófagas. São um incômo ao gado e ao homem devido a inserção do estilete frontal sobre a epiderme da pele. Diferentemente das fêmeas, os machos se nutrem de seiva, néctar e fezes. Pode ser encontrada em campos abertos no período do inverno por ocasião da plantação e do arranque das mandiocas. *Ver* : **fauna**.

N, n

Na rama *Fon.* [na ʁãmɐ] [PLANTAÇÃO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. *Ver* : **no pau**.

O roceiro vendeu a mandioca na rama pra ser beneficiada.

Nambu *Fon.* [nã'bu] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.F. Pequena ave que vive no chão, principalmente, em áreas degradadas ou capoeiras e que alimenta-se de sementes e pequenos insetos encontrados no solo. Normalmente, faz seu ninho em pequenas moitas próximas ao solo onde põem os ovos. O interessante dessa ave é que, os filhotes quando nascem, abandonam o ninho imediatamente. É apreciada pelos agricultores locais que abatem para comer sua carne e ovos. Atualmente, quase não são encontrados devido a sua procura e a destruição do habitat. *Ver* : **fauna**.

NOTA: O nome nambu vem da palavra em tupi y -nhã-bu, que significa aquela que surge fazendo barulho.

Nascente *Fon.* [na'sêti] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **Cabeceira**.

Nascer *Fon.* [na'se] [PLANTAÇÃO].

S.M. Fenômeno natural em que ocorre o brotamento de hastes no caule e de bulbos na raiz da maniva semeada e enfiada na terra. *Var.*: **brotar; brolhar; germinar; pregar₃; vingar**.

NOTA: As manivas possuem pequenos nós salientes envoltos do caule por onde ocorre o processo de germinação da planta. Desses nós nascem os galhos que sustentam e desenvolvem o pé de planta.

Nascimento *Fon.* [nasi'mêtu] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. Processo de fenômeno natural da brotação de hastes, bulbos e raízes que surge da maniva semeada na terra.

Var.: **brolramento; brotamento; germinação**.

Negociador *Fon.* [negosia'do] [nigusia'do] [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. *Var.*: **comprador**.

Negociante *Fon.* [negosi'ãti] [nigusi'ãti] [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. *Var.*: **comprador**.

Negociar *Fon.* [negosi'a] [nigusi'a] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. *Ver* : **vender**.

Nó *Fon.* ['nɔ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.M. *Var.*: **brolho**.

No pau *Fon.* [nu 'paw] [PLANTAÇÃO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Expressão que indica o vegetal ainda em natura, ou seja, antes do arranque, ainda na roça. *Var.*: **na rama**.

A mandioca ainda estava no pau quando ele chegou pra comprar.

NOTA: Geralmente, quando o agricultor vende o produto em grande escala para fabricas de farinha e fécula, ou para fazendas para ser transformada em ração para o gado, ele vende o pau da mandioca na roça ainda plantado mas pronto para ser arrancado, de onde vem esta expressão.

No ponto *Fon.* [nu 'põtu] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. *Var.*: **quente. O forno já tá no ponto pra fazer a queima da farinha.**

Nova *Fon.* [novɐ] noʁɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Qualidade da raiz plantada recentemente, jovem, que ainda não chegou a seu desenvolvimento máximo.

Ver : **mandioca nova**.

Nutriente *Fon.* [nu'triẽ'ti] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.M. Tipo de substância que serve para alimentar os seres vivos, como os compostos orgânicos formados por detritos de folhas e plantas, e esterco de animais para nutrir as plantas na cadeia da plantação. *Ver* : **adubo**.

O, o

Oitica *Fon.* [oiti'sikɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Fruto da oiticqueira; Fruto elíptico, de aproximadamente 7 cm de comprimento com 2 cm de largura. Tem uma cor amarronzada quando já está muito maduro e cai, mas tende a ser verde quando ainda no pé. No geral, apresenta uma polpa bem carnuda, de tom amarelado, de cheiro pouco agradável que chega a até 5 cm de comprimento. Possui uma semente com o mesmo formato da fruta em um tom avermelhado. É da semente que se faz um óleo muito usado na indústria de tintas e vernizes.

Oitiqueira *Fon.* [oiti'sikerɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. *Var.:* **pé de oitica**.

Olhinho *Fon.* [o'liɲu] [o'li] [o'i] [PLANTAÇÃO], Vegetal, Partes da planta.

S.M. *Var.:* **brolho**.

Olho *Fon.* [o'lu] [oi] [PLANTAÇÃO], Vegetal, Partes da planta.

S.M. *Var.:* **brolho**. *Ver :* **olhinho**.

Orgão *Fon.* [ɔkɔãw] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Parte da prensa antiga tradicional de secar a massa da mandioca na casa de farinha.

Ouro e fio *Fon.* [o'ri 'fi] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Peso exato da balança quando esta não pende nem pra mais, nem pra menos, com os pratos no mesmo nível.

Ovelha *Fon.* [o'veɫɐ] [u'vea] [u'vea] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. (Fêmea) animal mamífero ovino de pequeno porte domesticado criado na região que serve para a alimentação humana e que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz do caule, paus e folhas secas da mandioca e de seus derivados beneficiados. *Var.:* **carneiro**.

Ovo *Fon.* [o'vu] [o'vu] [CULINÁRIA].

S.M. Tipo de ... de aves usado como ingrediente na culinária da mandiocultura em bolos, cremes e pudins .

P, p

Pá *Fon.* ['pa] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.F. Ferramenta composta de cabo de madeira e colher de ferro usada na arranca da roça para a retirada da raiz entranhada no chão quando há quebra da mesma.

Paçoca *Fon.* [pa'sokɐ] [CULINÁRIA], (indígena).

S.F. Iguaria feita com carne de sol assada ou cozida, manteiga e farinha batida no pilão.

Paio *Fon.* [paj'ow] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Local como um armazém ou depósito em que se guarda os géneros beneficiados da farinha para o consumo ou para a venda.

Palha de milho *Fon.* ['palɐ di 'miɫu] ['pajɐ di 'miju] ['pajɐ di 'mi] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Parte da cobertura da espiga de milho que após seca é utilizada como alimentação para os animais que transportam as raízes da mandioca para o beneficiamento.

Palheta *Fon.* ['palɛtɐ] ['pajɛtɐ] ['paɛtɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], Instrumento.

S.F. Pequena lâmina de madeira, feita geralmente de talo da folha da carnaubeira, que serve para mexer e virar os beijus e as tapiocas no cozimento e preparação no forno da casa de farinha.

Palmo *Fon.* ['pawmu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Extensão da mão aberta da ponta do dedo mindinho (mínimo) ao polegar, que mede aproximadamente vinte e dois centímetros, que serve de medida para a superfície de terrenos, profundidade de terra e a maioria das medições rotineiras da mandiocultura. *Ver* : **medida**₁.

Pano de espremer *Fon.* ['pãnu di isprɛ'mɛ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.M. Tipo de tecido fino e resistente do espremedor em que se retira parte do líquido da massa logo que esta é serrada (ralada), e que, em seguida, vai para a prensa.

Pano de volta ao mundo *Fon.* ['pãnu di vouta'mũdu] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.M. Tecido fino e ralo que serve como parte do espremedor para coar a massa líquida que é comprimida para que saia o líquido branco que irá virar a goma. *Ver* : **espremedor**.

Pão *Fon.* ['pãw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

ADJ. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver* : **variedade**.

Pão de macaxeira *Fon.* ['pãw di maka'ʃɛɾɐ] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. Subproduto da macaxeira; Pão feito com a massa da macaxeira cozida e depois amassada, juntada com massa do trigo, margarina, fermento, sal, e coco.

Pão do chile *Fon.* [pãw du 'ʃili] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver* : **variedade**.

Papa-arroz *Fon.* ['papɛka'pĩ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. *Var.*: **papa-capim**

Papa-capim *Fon.* [papa'koiz] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Diversos tipos de aves passeriformes da família dos emberizídeos, cujos machos possuem coloração geral entre negra e escura, abdome branco ou amarelo-claro; as fêmeas cores que variam entre pardacenta tirante ao oliva-claro; *Var.:* **golinha, papa-arroz**

Papa-ovo *Fon.* ['papɐ'ovu] ['papɐ'ovu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. *Var.:* **caninana.** *Ver :* **cobra.**

Passada *Fon.* [pa'sadɐ] [TRANSPORTE].

S.F. *Var.:* **passo.**

Passo 1 *Fon.* ['pasu] [TRANSPORTE].

S.M. Ato de avançar as patas dianteiras e, em seguida, as traseiras na andada dos quadrúpedes, como cavalos, jumentos ou burros, com a variação de velocidade e cadência. *Var.:* **passada.** *Ver :* **marcha; trote; galope.**

Passo 2 *Fon.* ['pasu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Medida antiga referente a uma passada, espaço entre umpé e outro em movimento, que era usada para aferir quantidade de terreno que se arrendava para plantar. Na experiência dos agricultores mais antigos, 25 passos de terreno plantado com mandioca renderia 20 carreiras, cada uma com 20 pés de roça que somaria aproximadamente 400 pés de roça, podendo produzir aproximadamente 2 arrancas (12 cargas de animal ou 4 carroçadas). Fazendo uma media geral, um pelo outro, um pau de roça produziria de maneira geral 4 kilos de mandioca o que daria neste terreno, caso não houvesse nenhuma perda, aproximadamente um montante de 1.600 kilos de raiz prontas para serem beneficiadas entre 12 a 16 meses após seu plantio.

Pata 1 *Fon.* ['patɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Fêmea do pato. *Var.:* **pato.**

Pata 2 *Fon.* ['patɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Parte da frente do animal que toca o chão. *Var.:* **pé.**

Pato *Fon.* ['patu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. (Macho) animal avícola domesticado criado em regiões com água, perto de lagoas e rios, que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus, brotos e folhas secas da mandioca e de seus derivados e subprodutos beneficiados. *Var.:* **pata.** *Ver :* **animais domésticos.**

Pau *Fon.* ['paw] [PLANTAÇÃO], **Partes da planta.**

S.M. *Ver :* **caule.**

Pau de mandioca *Fon.* ['paw di mãdi'okɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.M. *Var.:* **caule.**

Pau de maniva 1 *Fon.* ['paw di mã'nivɐ] ['paw di mã'nivɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.M. *Var.:* **caule.**

Pau de maniva 2 *Fon.* ['paw di mã'nivɐ] ['paw di mã'nivɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.T.M. *Var.:* **Mandioca**₃.

Pau ferro *Fon.* ['paw 'fɛɾu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie vegetal de caule reto, grosso e forte com espinhos que é muito usado para fazer estacas usadas no cercado do roçado das manivas. *Ver:* **flora**.

Pé de ananá *Fon.* [pɛ di ãnã'na] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Planta terrestre, da família das bromeliáceas, cultivada ou selvagem, nativa do Brasil, de folhas lineares com bordas espinhosas, que produz uma infrutescência carnosa, o ananá (abacaxi). *Ver:* **flora**.

Pé de aninga *Fon.* [pɛ di ã'nĩgɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **aningueira**.

Pé de banana *Fon.* [pɛ di gra'vjola] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **bananeira**. *Ver:* **flora**.

Pé de bode *Fon.* ['pɛ di 'bɔdi] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.T.M. Ferramenta de metal com um bico, em uma ponta e um gancho, em outra usada para arrancar pregos e grampas na desprega do arame das estacas quando da desfeita da cerca. *Var.:* **pé de cabra**.

Pé de cabra *Fon.* ['pɛ di 'kabrɐ] [PLANTAÇÃO], Instrumento.

S.T.M. *Var.:* **pé de bode**.

Pé de cajá *Fon.* [pɛ di ka'za] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Cajazeira**.

Pé de caju *Fon.* [pɛ di ka'zu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Cajueiro**.

Pé de canapum *Fon.* [pɛ di kãna'pũ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Tipo de planta herbácea da família da Physalis, que possui um caule triangular na base e quadrangular nos numerosos ramos superiores; produz flores amarelas com anteras arroxeadas e pequenos frutos bacáceos comestíveis com cálice anguloso, o canapum. Geralmente, é encontrado nos terrenos abertos que tem cultivares de mandioca e seus consorciados. *Ver:* **flora**.

Pé de coco *Fon.* [pɛ di ko'ku] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **coqueiro**.

Pé de galinha *Fon.* ['pɛ di ga'liɲɐ][pɛ di ga'liɲɛ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Capim verde claro entouceirado que se desenvolve espontaneamente, da família das Gramineae, Eleusine indica; apresenta colmos eretos, prostrados, ramificados e achatados e possui altura entre 20-60 cm, com reprodução por semente, ocorrendo com muita frequência em áreas com lavouras anuais e perenes. Desenvolve-se bem em qualquer tipo de solo, sendo presença marcante em lavouras anuais. Tem resistência a seca e a alta umidade e instala-se facilmente em áreas de cultivos de mandioca e seus consórcios, infestando os terrenos, chegando a ser considerada praga. *Var.:* **flora**.

Pé de goiaba *Fon.* [pɛ di goi'abɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Goiabeira.**

Pé de goiti *Fon.* [pɛ di goi'ti] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Goitzeira.**

Pé de graviola *Fon.* [pɛ di gra'vjola] [pɛ di gra'ɣjola] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie vegetal que produz o fruto, graviola. *Var.:* **gravioleira.** *Ver :* **flora.**

Pé de guabiraba *Fon.* [pɛ di 'goi'abɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Árvores e arbustos da família das mirtáceas, Campomanesia xanthocarpa, que produzem cachos de pequenos frutos, comestíveis, arroxeados, de gosto meio azedo-adocicado. *Var.:* **guabirabeira.**

Pé de guajiru *Fon.* [pɛ di g^wazi'ru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Arbusto ou árvore da família das crisobanáceas, Chrysobalanus icaco, medindo até 10 metros. Possui folhas variadas, flores em racemos, geralmente esbranquiçadas, e drupas comestíveis. É encontrada em regiões arenosas e de cultura da mandioca, e dá um fruto vermelho que tem gosto muito parecido com o do jambo. *Var.:* **Guajiruzeiro.**

Pé de gurguri *Fon.* [pɛ di guɣgu'ri] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **gurgurizeiro.**

Pé de jerimum *Fon.* [pɛ di zɛri'mũ] [pɛ di ziri'mũ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Jerimunzeiro.**

Pé de juá *Fon.* ['pɛ di ʒw'a] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **juazeiro.**

Pé de laranja *Fon.* [pɛ di la'rãʒɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **laranjeira.**

Pé de limão *Fon.* [pɛ di li'mãw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **limoeiro.**

Pé de mamão *Fon.* [pɛ di mã'mãw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **mamoeiro.**

Pé de mamona *Fon.* [pɛ di mã'mõnɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **carrapateira.**

Pé de mandioca *Fon.* ['pɛ di mãdi'okɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal, Partes da planta.

S.T.M. *Var.:* **mandioca**₂.

Pé de manga *Fon.* [pɛ di mã'gɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Mangueira**.

Pé de maniva *Fon.* ['pɛ di mã'nivɐ] ['pɛ di mã'nikɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], Vegetal, Partes da planta.

S.T.M. *Var.:* **maniveira; mandioca**₂.

Pé de maracujá *Fon.* [pɛ di maraku'ʒa] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie vegetal trepadeira que produz o fruto, maracujá. *Var.:* **maracujazeiro**. *Ver :* **flora**.

Pé de maxixe *Fon.* ['pɛ di maʃiʃi] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Maxixeiro**.

Pé de melancia *Fon.* ['pɛ di melãsiɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Melancieira**.

Pé de moleque *Fon.* ['pɛ di muleki] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. Subproduto da mandioca; Doce típico da região muito consumido após as refeições ou como lanche, feito a partir da mistura da massa de mandioca fermentada (puba), coco ralado e açúcar, temperado com cravo (podendo levar especiarias como erva doce e gengibre) e assado no forno da casa de farinha, enrolado em folhas de bananeiras, o que dá um sabor característico, bem aromatizado.

Pé de murici *Fon.* [pɛ di muri'si] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **Muricizeiro**.

Pé de oiticica *Fon.* [pɛ di oiti'sikɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Árvore de grande porte da família das crisobalanáceas (*Licania rigida*), nativa, de folhas alternas, pecioladas, rígidas e coriáceas, flores amarelas dispostas em espigas ramosas e frutos drupáceos, fusiformes ou ovalados. Possui tronco forte e grosso, podendo atingir até 15 metros de altura, com folhas simples, sempre verde, com densa cutícula e hipostomáticas. *Var.:* **oitiqueira**. *Ver :* **flora**.

Pé de pitomba *Fon.* ['pɛ di pi'tõba] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.:* **pitombeira**.

Pé de planta *Fon.* ['pɛ di 'plãtɐ] ['pɛ di 'prãtɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Parte do caule de vegetal ou todo vegetal quando plantado. *Var.:* **pé**₁.

Pé de puçá *Fon.* [pɛ di pu'sá] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Arbusto da família da Melastomataceae, Mouriri pusa Gardner, que produz o puçá; árvore rústica que pode chegar a oito metros de altura, com tronco curto e tortuoso, de casca pardacenta a acinzentada, grossa, suberosa, escamosa, descamando em placas finas. Suas folhas são simples, opostas, quase sésseis, subcoriáceas, oblongo-elípticas, base aguda e ápice sub-arredondado. As flores são pequenas, dispostas em inflorescências ao longo dos ramos lenhosos, as vezes, até o caule principal, com quatro pétalas brancas e estames longos. Produz um fruto pequeno e arredondado bagas, de casca fina, polpa suculenta, amarelada, doce e de sabor agradável. Está presente próximo a cultivares de mandioca e seus consorciados na encosta de morros e em campos abertos de solo branco e areado. *Var.*: **puçazeiro**. *Ver* : **flora**.

Pé de siriguela *Fon.* [pɛ di sirigu'eɫɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Árvore de porte médio, frutífera, da família das anacardiáceas (spondias purpurea), da mesma família do caju, podendo atingir até sete metros de altura. Apresenta tronco grosso e vigoroso, com galhos quebradiços que se desenvolvem rente ao solo e folhas verdes compostas. Suas flores formam frutos, isolados ou em cachos, nos próprios galhos. Produz um fruto, a siriguela, uma drupa de casca fina, brilhante, de cor verde, na fase inicial de maturação, e de cor laranja e/ou vermelha, quando madura. Sua polpa é amarela, aromática, ácida, doce e suculenta, com uma semente grande, do tamanho de uma cajá. *Var.*: **Sirigueleira**.

Pé de tamarina *Fon.* [pɛ di tãma'rĩnɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.*: **tamarineiro**.

Pé de tamarindo *Fon.* [pɛ di tãma'rĩdu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.*: **tamarineiro**.

Pé de tamarino *Fon.* [pɛ di tãma'rĩnu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.*: **tamarineiro**.

Pé de tangerina *Fon.* [pɛ di tâʒe'rĩnɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Árvore semelhante à laranjeira, de caule longo, de folhas menores, que produz como fruta a tangerina; sua folhas e flores soltam um cheiro que servem de chás, lambedores e cozimentos para a cura de gripes. São plantadas geralmente em quintais e currais próximos a casas, e terrenos consorciados com a cultura da mandioca e servem a família dos agricultores com suas frutas, folhas e flores. *Var.*: **tangerineira**.

Pé de urucum *Fon.* [pɛ di uru'kũ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. *Var.*: **Urucunzeiro**. *Ver* : **flora**.

Pé de xixá *Fon.* [pɛ di ʃi'ʃa] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Árvore de grande porte e frondosa, podendo atingir de 10 a 20 metros de altura. Sua copa se abre como um enorme guarda-sol e os galhos se distribuem formando uma taça e os ramos jovens transpiram ceras transparentes e pegajosas. O tronco é provido de saponinas basais de 40 a 60 cm de diâmetro, com casca cinzenta, rósea ou castanha com fissuras formando pequenas praças delgadas. As folhas são alternas, com hastes de 7 a 15 cm de comprimento, com uma lâmina foliar triangular, de 15 a 30 cm de diâmetro, com ponta fina e aguda, cor de ferrugem e coberta de lanugem, e possuem uma coloração verde prateada com nervuras amareladas na face superior e avermelhadas na face inferior. As flores são monóicas e nascem em cachos compostos de até 12 cm de comprimento, com 15 a 30 flores de coloração alaranjada ou púrpura. *Var.*: **xixazeiro**. *Ver* : **flora**.

Pé 1 *Fon.* ['pɛ] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.*: **pé de planta**.

Pé 2 *Fon.* [ˈpɛ] [TRANSPORTE].

S.M. *Var.:* **pata**₂.

Pear *Fon.* [pe'a] [pi'a] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de prender com peia amarrando as patas impedindo seu andar natural e, assim, evitando sua fuga.

Peba 1 *Fon.* [ˈpɛbɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Animal roedor cascudo que serve para a alimentação humana e que vive em buracos subterrâneos que ataca e constitui praga aos mandiocais. *Var.:* **tatu**. *Ver :* **fauna**.

Peba 2 *Fon.* [ˈpɛbɐ] [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.M. Doce feito com rapadura ou açúcar, farinha, castanha de cajú assada e cajú preto (às vezes, com gegelim), que são pisados exaustivamente no pilão até formar uma massa desna e unida.

Pecuí *Fon.* [pɛku'i] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver :* **variedade**.

Pedaço de chão *Fon.* [peda'su di 'ʃãw] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **terreno**.

Pedaço de terra *Fon.* [peda'su di 'tɛɾɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **terreno**.

Pedra *Fon.* [ˈpedrɐ] [ˈpredɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de mineral rochoso de forma dura e tamanho médio que se apresenta em solos de regiões altas próximo a cursos de água que é de difícil penetração e cavação para o plantio da mandioca.

Pedrada *Fon.* [pe'dradɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da raiz que, por passar do tempo da colheita ou por ter envelhecida, fica dura e rija sem serventia para o beneficiamento.

Pedregoso *Fon.* [pedrɛ'gozu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade do terreno que contém um solo com muitas pedras e tem solo duro para o plantio da mandioca.

Pega-pinto *Fon.* [pe'gɐ pĩtu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie herbácea bienal ou perene, suculenta, podendo medir de 50 cm e chegar até 1,0 m de altura, com muitos ramos vegetativos rasteiros e poucos ramos eretos, pilosos, de onde partem folhas pequenas, simples, opostas, ovadoblancas de margens onduladas, pilosas e pecioladas, de cor verde claro na face inferior, medindo de 4-8 cm de comprimento, que ocorre principalmente em áreas abertas. Sua florada é composta de flores pequenas com coloração roxa e seus frutos são pequenas cápsulas com pêlos glandulares que se aderem à roupa e à pele. São consideradas pragas quando proliferam no mandiocal na fase de plantio e podem prejudicar as raízes de se desenvolver, concorrendo por substrato. *Ver :* **flora**.

Pegar *Fon.* [pe'ga] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de agarrar, amarrar, prender e/ou segurar a força ou com cordas animais domesticados para o transporte de carga de mandioca do roçado para a casa de farinha usados neste fim.

Peia *Fon.* [ˈpea] [TRANSPORTE].

S.F. Instrumento feito de corda ou couro que se coloca nas patas dos animais e que os impede de ter livre movimentação deixando-os, portanto, presos a um determinado campo.

Peido de alma *Fon.* [pejdu di ˈawmɐ] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.T.M. *Var.:* **Peta**.

Peitoral *Fon.* [ʃiˈkɔti] [TRANSPORTE], Instrumento.

S.M. Instrumento, geralmente de couro, colocado acima das patas frontais do animal para dar tração, especialmente em carroças puxadas por burros e/ou jumentos. *Ver:* **arreios de carga**.

Peitoral *Fon.* [pejtoˈraw] [TRANSPORTE].

S.M. Apetrecho feito geralmente de sola em forma de correia usado no peito acima das pata dianteiras em animais de carga, geralmente aqueles que puxam carroça, para dar força de sustentação e de tração a carga. *Var.:* **Peiteira**

Peixeira *Fon.* [peˈʃerɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Ver:* **faca**.

Pele da raiz *Fon.* [ˈpeli dɐ ʁaˈiz] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Partes da planta.

S.T.F. *Var.:* **Entrecasca**.

Pelejar *Fon.* [peleˈʒa] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO],

VERB. Ação rotineira de estar sempre fazendo algo; trabalhar, viver;

Vamos aqui pelejando com a vida.

Peneira *Fon.* [pêˈnerɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. Utensílio tradicional produzido artesanalmente com cipó ou talo de palmeira, em formato de tela, de aproximadamente 1 metro, usado para peneirar a massa e a goma da mandioca.

Var.: **peneirinha; urupema**.

NOTA: Há, pelo menos, dois tipos de peneiras: uma mais grossa, com espaços maiores entre os talos, para peneirar a massa (peneira de massa ou peneira grossa) e a chamada peneira fina, com espaços menores entre os talos para a goma (peneira de goma ou peneira fina).

Peneira de arame *Fon.* [pêˈnerɐ di aˈrãmi] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.T.F. Utensílio produzido com tela de arame usado modernamente para peneirar a massa da farinha.

Peneirada *Fon.* [pêˈneˈradɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Atividade de peneiramento da massa bruta para afinar retirando as impurezas e partes pequenas da casca que ficaram ainda da prensagem.

Peneiradeira *Fon.* [pêˈneraˈderɐ] [BENEFICIAMENTO], Ocupação.

S.F. Função daquela (geralmente mulher) que peneira a massa e/ou a goma da mandioca enxuta para aprontá-la para o secamento no forno. *Var.:* **Peneiradeira de massa.**

Peneiradeira de massa *Fon.* [pẽnera'dere di 'masɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.T.F. *Ver:* **Peneiradeira.**

Peneiramento *Fon.* [pẽnera'mẽtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. Operação que consiste em passar a massa da mandioca ralada e já prensada numa peneira para deixá-la fina e pronta para ser levada ao forno.

Peneirar *Fon.* [pẽne'ra] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Passar a massa da mandioca em uma peneira para retirar as cruzeiras e deixá-la fina e pronta para ser torrada ao forno.

Peneirinha *Fon.* [pẽne'rĩɲɐ] [pẽne'riã] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.F. *Var.:* **peneira.**

Pente de macaco *Fon.* ['pẽjti di ma'kaku] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Planta de caule fino e mole, espécie de cipó, trepadeira lenhosa, *Pithecoctenium crucigerum*, com tronco entre 5 a 10 cm de diâmetro, com gavinhas robustas e ramos angulosos. Possui folhas compostas, de 2-3 foliadas e flores tubulosas de cor branco-amarelada, com cerca de 5 a 7 cm de comprimento. Floresce principalmente na primavera e no verão. Os frutos são secos e deiscentes, com a parte externa coberta por espinhos grossos, o que lhe confere a denominação pente-de-macaco. Seus frutos em geral amadurecem no final do verão e suas sementes se desprendem do pé e voam aladas para germinar o mais longe possível do tronco São encontrados em terrenos de broca para fazer os roçados. *Ver:* **flora.**

Pereira *Fon.* [pe'reɾɐ] [PLANTAÇÃO].

S.M. Árvore (*Aspidosperma tomentosum*) da família das apocináceas que se desenvolve bem na região e é encontrada nas matas que servem de broca para a feitura do roçado. Possui uma madeira dura e boa pra fazer cercas e para demais utilidades. *Ver:* **flora.**

Permuta *Fon.* [peɾ'mutɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. *Var.:* **troca de dia.**

Peru *Fon.* [pe'ru] [pi'ru] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. (Macho) animal avícola domesticado (de maior porte que a galinha) criado na região que serve para a alimentação humana e que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus, brotos e folhas secas da mandioca e de seus derivados e subprodutos beneficiados. *Var.:* **perua.** *Ver:* **animais domésticos.**

Perua *Fon.* [pe'rua] [pi'rua] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Fêmea do peru. *Var.:* **peru.**

Pesador *Fon.* [peza'do] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Pessoa encarregada de pesar o gênero produzido na casa de farinha como a farinha, a goma ou a borra com o fim de ser comercializada. Muitas vezes, o pesador é o próprio comerciante que vai até a casa de farinha com um carro de transporte levando a balança pra pesar a farinha, comprá-la para ser comercializada no retalho, ou seja, vendida em pequena quantidade em seu comércio.

Pesar *Fon.* [pɛ'za] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. *Var.:* **Medir**₂.

Peso *Fon.* ['pɛzu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Tipo de forma de metal usada para aferir valor na balança tradicional; de um lado da balança, se colocava o peso, do outro lado, aquilo que se pretendia pesar. Ia se despejando, o gênero na bandeja até este lado descer ou igualar com o lado do peso, para se obter a quantidade medida solicitada para venda.

NOTA: Os gêneros da mandiocultura eram medidos em litro, embora se pudesse medir no peso, quando se quisesse. Havia geralmente, os pesos de 50 gramas, 100 gramas, 250 gramas, meio quilo, um quilo e dois quilos nas balanças pequenas tradicionais de medir os gêneros da mandiocultura no retalho, nas mercearias e comércios da região.

Peste *Fon.* ['pɛʃti] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **praga**. *Ver:* **inseto**.

Pesticida *Fon.* [pesti'sidɐ] [PLANTAÇÃO], Técnico.

S.M. *Ver:* **inseticida**.

Peta *Fon.* ['petɐ] [CULINÁRIA], Subproduto.

S.F. Subproduto da mandioca; Iguaria feita de goma da mandioca, gordura de porco ou margarina e ovos com formato vertical e meio arredondado. *Var.:* **Peido de alma**.

Pica-pau *Fon.* [pika'paw] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. *Var.:* **pinica-pau**.

Pilão *Fon.* [pi'lãw] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], Instrumento.

S.M. Instrumento feito com torra de madeira com um ou dois buracos que com uma mão de pilão se quebra, amassa, soca ou tritura condimentos para se colocar nos beijos e tapiocas como castanhas, côcos e amêndoas.

Pilar *Fon.* [pi'la] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de esmagar, quebrar, esbagaçar usando o pilão.

Pinhão *Fon.* [pĩ'nãw] [pĩ'ãw] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Árvore ou arbusto com folhas grandes e caule de cor clara com cascas finas e esfoliantes que pode atingir até 3,0 m de altura. Suas inflorescências são compostas por flores amarelas com manchas avermelhadas. Suas folhas e caule tem um leite tóxico quando quebrados, o que afasta os animais das proximidades. Há vários tipos de pinhões na região, que são plantados em aceiros de plantação para fazer cercas vivas ou próximo a cercas de madeira ou de arame. *Ver:* **flora**.

Pinica-pau *Fon.* [pinika'paw] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. Animal, ave piciforme, da família dos picídeos, com bico forte e reto, usado para perfurar a madeira em busca de insetos que são retirados pela língua muito longa. Possui dois dedos para frente e dois para trás e tem cauda com penas endurecidas que servem de apoio nas rápidas subidas em árvores nas cavidades por elas perfuradas. São encontrados em terrenos e capoeiras em que se plantam mandioca. *Var.:* **pica-pau**.

Pinto *Fon.* [ˈpĩtu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. (Macho) animal avícola galináceo domesticado em fase inicial, ao sair do ovo até antes da maturação, criado na região que serve para a alimentação humana e que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus, brotos e folhas secas da mandioca e de seus derivados e subprodutos beneficiados. *Ver.:* **galinha**.

Piolho de cobra *Fon.* [piˈoʎu di ˈkɔbrɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. Espécie de centopéias venenosas de rápida locomoção que vivem embaixo de pedras, folhagens secas, cascas de árvores e troncos, e são predadores carnívoros providos de uma garra com veneno podendo atacar e comer pequenos roedores, anfíbios, répteis de pequeno porte como até mesmo serpentes inseridas no mesmo habitat da mandiocultura. *Var.:* **lacrãia**. *Ver.:* **fauna**.

Pirão *Fon.* [piˈrãw] [CULINÁRIA], **Subproduto, (indígena)**.

S.M. Subproduto da mandioca; Iguaria de farinha de mandioca como uma papa produzida com caldo cozido de peixe, camarão, ovos ou carne, bem temperado com alho, pimenta, pimentão e cheiro verde mexido e amolecido. *Var.:* **Pirão escaldado**.

Pirão escaldado *Fon.* [piˈrãw iskawˈdadu] [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.M. *Var.:* **Pirão**.

Pirilampo *Fon.* [piriˈlãpu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Espécies de insetos coleópteros das famílias Elateridae, Phengodidae ou Lampyridae, notórios por suas emissões de luz, de hábitos noturnos e que são vistos na estação invernososa. Possuem, de acordo com a espécie, de 1 a 3 centímetros em média de comprimento, alimentam-se, principalmente, de lesmas e caramujos e tem expectativa de vida em torno de 1 a 3 anos. Seu habitat vai desde matas e florestas úmidas, campos e cercados onde convivem com a mandiocultura e seus consórcios, a brejos e regiões alagadas. *Var.:* **caga-fogo; vagalume**.

Pitomba *Fon.* [kaˈbasɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, (indígena)**.

S.F. Fruto pequeno e arredondado da pitombeira. Possui uma casca dura, porém fácil de ser aberta, e uma fina polpa suculenta e doce, além de um caroço que ocupa a maior parte do seu conteúdo. A casca, quando madura, é marrom e sua polpa, branca.

Pitombeira *Fon.* [pitõˈbera] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Árvore de grande porte, podendo chegar a mais de 10 metros de altura, com galhos compridos e folhas pequenas, cujo fruto é a pitomba. A árvore é encontrada em terrenos consorciados com a mandiocultura.

Var.: **pé de pitomba**. *Ver.:* **flora**.

Planta *Fon.* [ˈplãtɐ][ˈprãtɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. *Var.:* **mandioca**₂.

Planta da maniva *Fon.* [ˈplãtɐ da maˈnivɐ] [ˈplãtɐ da maˈnivɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO],

Vegetal, Partes da planta.

S.T.F. *Var.*: **mandioca**₂.

Plantação *Fon.* [plãta'sãw] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.F. Grande processo que vai desde a escolha do terreno, broca, queima, destoca, cercamento, arradagem, adubação, plantio, capina, aguação ou cuidados com pragas e colheita. *Ver* : **broca**; **ciscamento**; **queima**; **destoca**; **cercamento**; **aradagem**; **adubação**; **plantio**; **capinação**; **aguação**; **arranca**.

Plantação avulsa *Fon.* [plãta'sãw a'vuse] [plãtẽ'sãw a'vuse] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **avulso**.

Plantação de mergulho *Fon.* [plãta'sãw di mer'guɫu] [plãta'sãw di mer'guj] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Operação que consiste no plantio das manivas em covas totalmente interradas, ou seja, quando os troncos de manivas que servem de semente são colocadas deitadas dentro da cova e cobertas com terra.

Plantação derreada *Fon.* [plãta'sãw dẽr'i'ade] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modo ou maneira em que são plantadas as estacas na terra fofa enterradas em posição vertical levemente torta ou curvada pra frente ou para trás.

Plantação em estaca *Fon.* [plãta'sãw ẽi'takẽ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Operação que consiste no plantio das manivas em covas parcialmente interradas, ou seja, quando os troncos de manivas que servem de semente são colocadas na posição vertical, totalmente em pé ou levemente derriada, sobre a cova fofa feita na terra. *Ver* : **Plantação em pé**; **Plantação derriada**.

Plantação em pé *Fon.* [plãta'sãw ẽi'pẽ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Modo ou maneira em que são plantadas as estacas na terra fofa enterradas em posição vertical ereta.

Plantação no toco *Fon.* [plãta'sãw nu 'toku] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Operação que consiste em usar o terreno para o plantio das manivas sem a destocagem, ou seja, sem a remoção dos tocos que restaram da vegetação após o processo de queima. Às vezes, o plantador é surpreendido com chuvas na preparação do terreno para o plantio, antes do processo de destocagem fazendo com que este se apresse em plantar a maniva ainda sem a retirada dos tocos para não perder o tempo da plantação.

Plantador *Fon.* [plãta'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função ou atividade específica daquele que planta, cultiva, cuida e/ou toma conta de uma plantação. *Var.*: **plantador de mandioca**. *Ver* : **trabalhador rural**.

Plantador de mandioca *Fon.* [plãta'do di mãdi'okẽ] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.T.M. *Var.*: **plantador**.

Plantar 1 *Fon.* [plã'tẽ] [PLANTAÇÃO].

VERB. Processo de cultivo de vegetais que passa pelas etapas de escolha e preparação do terreno dentre outras como broca, destocagem, adubação, semeadura, capinação, aguação e colheita, no caso da mandiocultura. *Var.*: **cultivar**; **lavar**₁.

Plantar 2 *Fon.* [plã'tɐ] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação específica de inserir o caule da maniva no chão preparado para o cultivo da raiz da mandioca para iniciar efetivamente o cultivo. *Var.:* **enfincar no solo; enfiar no chão; enterrar**.

Plantar 3 *Fon.* [plã'tɐ] [PLANTAÇÃO], **Figurado.**

VERB. Ação violenta de bater, surrar, socar, empurrar a alguém ou em algo.

J... plantou o murro na cara do B... quando a briga começou.

(Expressão metafórica) Na hora da lida, ele plantou o pau pra cima a trabalhar e até acabou antes do tempo combinado.

Plantio *Fon.* [plã'tiw] [PLANTAÇÃO], **Processamento.**

S.M. Ato de plantar, cultivar, fazer nascer vegetais. *Var.:* **cultivo**. *Ver:* **plantação**.

Plantio de mergulho *Fon.* [plã'tiw di mɛr'guɫu] [plã'tiw di mɛr'guj] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Forma de plantio de manivas em que se faz um buraco raso com o canto da enxada ou enxadeco e o plantador joga a maniva cortada (muda) dentro enterrando totalmente com o pé. Este estilo é o mesmo usado com sementes como feijão e milho. *Ver:* **técnicas de plantio**.

Nota: Embora não seja uma forma muito usada na região para plantar manivas, é também conhecida e usada, às vezes, por alguns agricultores no manejo de solos mais férteis e ricos em nutrientes.

Plantio em consórcio *Fon.* [plã'tiw ãkõsõsiw] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. Plantio de manivas em consorciamento com outras culturas agrícolas na mesma área, como feijão, milho, abóbora, melancia e maxixe. *Ver:* **feijão; jerimum; maxixe; melancia; milho**.

NOTA: Existe o consorciamento baixo, plantado nas mesmas carreiras de mandioca em cultura mista, e também o consórcio de árvores de médio e grande porte, geralmente frutíferas, que são deixadas na broca, ou mesmo, plantadas em áreas como cercados, quintais e terrenos próximos às casas de farinha e/ou de morada dos agricultores.

Ver: **cajueiro; mangueira; mamoeiro; muricizeiro; pitombeira; tucunzeiro**.

Poço 1 *Fon.* ['posu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Cercado feito em água corrente, córrego ou sangradouro de açude ou lagoa, onde as mandiocas são colocadas de molho para amolecerem (pubar) durante um período de três a cinco dias.

Poço 2 *Fon.* ['posu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.:* **cacimba**.

Poda *Fon.* ['põdɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Atividade de corte e diminuição da copa da maniveira decepando galhos baixos e de pouca qualidade, retirando as galhadas secas e amareladas.

Podar *Fon.* [põ'da] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de cortar retirando ramos inúteis como as folhas baixas, amarelas e secas da planta.

Podridão *Fon.* [pudri'dãw] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de doença que causa o apodrecimento da mandioca em decorrência do excesso de água no solo, corte da raiz na operação da capina no período do inverno, ou ainda, ataque de algum animal roedor que come parte da raiz deixando exposta sua ponta. *Var.:* **apodrecimento da raiz**.

Poldo *Fon.* ['powdu] [TRANSPORTE], **Animal**.

S.M. (Macho) animal equino desde o nascimento até a juventude, que é preparado para o transporte da mandioca da roça para a casa de farinha por ocasião do arranque pra beneficiamento da farinha e seus derivados. *Ver* : **cavalo**.

Polpa *Fon.* ['powpɐ] [PLANTAÇÃO], **Partes da planta**.

S.F. Parte substancial branca e dura que é revestida de casca meio rubra escura na raiz das mandiocas. *Var.*: **miolo**.

Por na água *Fon.* ['po n'agwɐ] [BENEFICIAMENTO]

S.T.V. *Var.*: **fermentar**

Por pra marchar *Fon.* ['poprɐ ma'ʃa] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.*: **tanger**.

Por preço *Fon.* [po'presu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Ato de aferir valor ajustando o preço aos produtos comerciais da casa de farinha como as farinhas, gomas e derivados. O preço pode ser ajustado pelo produtor ou pelo comprador, dependendo da relação de oferta e procura que o mercado dos produtos e das condições de produção avalize. Muitas vezes o produtor rural quando termina sua farinha tem que vender muito barato para poder pagar os custos altos do beneficiamento e da produção da farinha.

Porca *Fon.* ['pɔrkɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Fêmea do porco. *Ver* : **porco**.

Porco *Fon.* ['pɔrku] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. (Macho) animal mamífero domesticado criado na região que serve para a alimentação humana e que se alimenta diretamente da raiz, cascas da raiz e do caule, paus e folhas secas da mandioca e de seus derivados beneficiados.

Ver : **animais domésticos**. *Var.*: **bacurinho; bacurote; capado; porca**.

NOTA: Vez por outra, quando os cercados estão velhos e vulneráveis à ação de animais invasores, porcos atravessam as cercas de lenha e estragam as plantações atacando as raízes e destruindo a roça.

Poré *Fon.* [pɔ're] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver* : **variedade**.

Porteira *Fon.* [pur'terɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Acesso tapado com paus, geralmente deitados, instalado no início da cerca do roçado servindo para dar passagem aos trabalhadores na lida com a mandioca. *Var.*: **cancela**.

Pote *Fon.* ['pɔti] [BENEFICIAMENTO], **(indígena)**.

S.M. Recipiente arredondado de barro onde se transporta ou se armazena água para o consumo na casa de farinha.

Pouco mais ou nada *Fon.* ['poku maho 'nadɐ] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Expressão que indica desvalorização do produto, preço muito abaixo do esperado. *Ver* : **barato**.

Pra mode *Fon.* [prɛ 'modi]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Termo muito usado corriqueiramente derivado da expressão arcaica "por amor de", que atualmente significa causa, o motivo de algo que acontece.

Vamos tomar um aluá pra mode matar a sede.

Praga *Fon.* ['pragɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Conjunto de animais nocivos, como insetos, vermes, aves e até mamíferos, e/ou vegetais daninhos que atacam as plantas e que provocam moléstias destruindo as plantas no mandiocal. *Var.:* **peste**. *Ver :* **inseto**.

Preá *Fon.* [prɛ'a] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.M. Animalífero da espécie de pequenos roedores da família dos Cavídeos, particularmente a espécie *Cavia porcellus*, medindo cerca de 25 cm de comprimento, possuindo pelagem cinzenta, corpo robusto, patas e orelhas curtas, incisivos brancos e cauda ausente. Esses animais comem a folhagem seca da roça de mandioca estando presente em muitas das capoeiras e roçados que, quando em grande escala, pode constituir uma praga para as manivas em desenvolvimento e atrair predadores peçonhentos como cobras e serpentes. *Ver :* **fauna**.

Preço *Fon.* ['presu] ['pesu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Custo em dinheiro ou em trabalho de uma mercadoria.

Preço alto *Fon.* ['presu 'awtu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Custo em dinheiro ou em trabalho de um produto que está em alta, ou seja, está valorizado.

Preço baixo *Fon.* ['presu 'bafu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Custo em dinheiro ou em trabalho de um produto que está em baixa, ou seja, está desvalorizado.

Preço de custo *Fon.* ['presu di 'kustu] [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.M. Valor em que não há nenhum ou quase nenhum lucro, após a venda e o pagamento dos envolvidos na atividade de beneficiamento e produção da farinha e derivados da mandioca.

Pregado *Fon.* [prɛ'gadu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade do solo que por acasão da capinação fica grudado na enxada enquanto o capinador trabalha. *Var.:* **grudado**.

Pregar 1 *Fon.* [prɛ'ga] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de firmar comprego ou grampa o arame do cercado onde se planta as mandiocas na atividade de cercamento.

Pregar 2 *Fon.* [prɛ'ga] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação natural de fixar as raízes no chão e voltar a nascer. Dizemos quando o mato foi capinado mas, por ocasião de bom inverno, o mesmo mato volta a nascer fixando, novamente na terra, suas raízes, que já foram cortadas por enxada.

Pregar 3 *Fon.* [prɛ'ga] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **nascer**.

Prego *Fon.* ['pɾɛgu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Pequeno talo delgado, liso e pontiagudo em um lado, com cabeça, que se bate com um martelo, em outra, que se destina a fincar-se nas estacas de madeira na feitura da cerca para prender o arame. *Ver* : **grampa**.

Prender *Fon.* ['pɛ̃de] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **amarrar**.

Prensa *Fon.* ['prɛ̃sɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Equipamento feito de madeira e ferro com várias camadas para colocar e comprimir a massa da mandioca em bases de madeira e sacos de estopa, auxiliado por um torno mecânico que os aperta impulsionando a secagem. *Ver* : **prensa antiga**.

Prensa antiga *Fon.* ['prɛ̃sã'tigɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.F. Instrumento rústico feito de madeiras, cordas e palha com várias camadas, usado para comprimir a massa da mandioca sobre uma camaúba grossa que servia de peso para escorrer a manipueira e secar a massa. *Ver* : **prensa**.

NOTA: Antigamente, os homens que iam fazer farinha desenvolveram, rusticamente e com as próprias mãos, alguns instrumentos que facilitariam o trabalho com a raiz no seu beneficiamento. A prensa antiga era uma espécie de jirau composto geralmente de dois paus grossos que se enfiavam ao chão para servir de base a duas madeiras grossas e compridas (geralmente duas camaúbas das mais pesadas) e no meio, entre elas se colocava grades de massa para retirar o líquido da manipueira. Era um processo lento e cuidadoso porque não se podia forçar muito, colocando muito peso; pois a prensa poderia vaziar a massa. O processo era muito mais deixar descer o líquido da manipueira pela gravidade dando pequenos acochos devagarmente.

Prensada *Fon.* [prɛ̃'sadɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado em que fica a massa após passar pela prensa na casa de farinha. *Ver* : **massa enxuta**.

Prensagem *Fon.* [prɛ̃'sazɛ̃] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.F. Operação de compressão da massa na prensa para retirada do líquido branco da manipueira.

Prensar *Fon.* [prɛ̃'sa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de compressão da massa na prensa, na segunda etapa de coação, para retirada do líquido (manipueira) após o serramento (ralamento) e transmutação da massa tornando-a mais enxuta para o peneiramento e, depois, a secagem no forno. *Var.*: **imprensar**. *Ver* : **Botar a massa na prensa**.

Preseiro *Fon.* [prɛ̃'seru] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação**.

S.M. Função daquele (geralmente homem) que cuida da prensa para retirar o líquido da manipueira da massa prensada.

Pretinha *Fon.* [pre'tĩɲɐ] [pre'tiɲɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca brava. Conhecida como a mandioca da Dilma. *Ver* : **variedade**.

Primeira limpa *Fon.* [primeɾɐ 'lĩpɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Momento inicial que se inicia a capinação do roçado de mandiocas retirando o mato com enxada e do tronco da muda, com os dedos das mãos se arranca cuidadosamente as ervas daninhas para não bater com a enxada e não prejudicar seu desenvolvimento. *Ver* : **limpa**.

NOTA: Geralmente, o agricultor dá de cinco a seis limpas na roça de mandioca desde o plantio até o arranque, entre um período de seis a nove meses. Essa variação se deve principalmente ao tipo de solo, á quadra invernos e também, ao tipo de variedade plantada.

Produção *Fon.* [prɔdu'sãw] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

S.F. Efeito de produzir; qualquer coisa resultante do trabalho humano, da tecnologia ou que ocorra naturalmente.

Produtivo *Fon.* [prɔdu'tivu] [PLANTAÇÃO], Técnico.

ADJ. *Var.:* fértil.

Produto *Fon.* [prɔ'dutu] [pɔ'dutu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

S.M. *Var.:* mercadoria.

Produtor rural *Fon.* [prɔdu'to ru'raw]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], Ocupação.

S.T.M. *Var.:* trabalhador rural.

Produzir *Fon.* [prɔdu'zi] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

VERB. Ato ou ação de fazer, fabricar, beneficiar e/ou manufaturar.

Pubamento *Fon.* [puba'mêtu] [BENEFICIAMENTO], Processamento.

S.M. Processo de apodrecimento controlado da raiz da mandioca para a fermentação da mesma na etapa de feitura da farinha amarela. *Var.:* apodrecimento da raiz₂.

Pubar *Fon.* [pu'ba] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* fermentar.

Puçá *Fon.* [pu'sá] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Árvore e também pequena fruta arredondada comestível do campo, da família da Melastomataceae, Mouriri pusa Gardner; nasce grudado ao tronco e contém bagas, globosas, ou oblongas. Possui casca fina, polpa suculenta, amarelada, doce, com três a cinco sementes e de sabor agradável. Tem de 2 a 3 cm de comprimento por 2 a 4 cm de diâmetro e seu peso vai de 18 a 30 gramas. *Ver:* pé de puçá.

Puçazeiro *Fon.* [pusa'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. *Var.:* pé de puçá.

Pulga-de-bicho *Fon.* ['pugɐ di 'bifʉ] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.T.M. Inseto sifonáptero, da ordem das pulgas, da família dos tungídeos, Tunga penetrans; de menos de um milímetro de comprimento, e se alimenta de sangue (hematófago) de diversos mamíferos, especialmente o homem, porco e galinha, causando coceira, dor e vermelhidão. Após o acasalamento, a fêmea penetra na pele, em geral pelos pés, causando uma ulceração no local onde se alojou, e sobrevive alimentando-se dos tecidos circunvizinhos; uma vez depositados os ovos, a fêmea morre e é eliminada pela pressão dos tecidos. É comumente encontrado na zona rural, em terrenos arenosos e lamacentos de mandiocultura, pecuária e seus consórcios. *Var.:* bicho-de-pé.

Puxador de arame *Fon.* [puʃá'do di a'rãmi] [PLANTAÇÃO], Ocupação.

S.T.M. Função de quem trabalha esticando e pregando o fio de arame nas estacas na confecção da cerca para a proteção do roçado de mandioca.

Puxador de mato *Fon.* [puʃa'do di 'matu] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.T.M. *Var.:* **capinador.**

Puxador de roda *Fon.* [puʃa'do di 'ʁodɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação.**

S.T.M. Função daquele (geralmente homem) que move com força a roda que gira o motor manual do serrador. Atividade feita em tempos mais antigos quando ainda não existia o motor, e era sempre executada por dois homens de força que mantinham por algum tempo o serrador em funcionamento. Quando eles cansavam, sem mais demora, trocavam-se os pares para que o trabalho de serração não fosse interrompido. Atualmente, as casas de farinha já contam com motores a combustível ou elétrico que facilitam o processo de serração da raiz.

Puxar água *Fon.* [pu'ʃagʷɐ] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato de retirar com balde (ou lata) ligado a uma corda, geralmente, e a uma engenhoca de madeira, a água de um poço ou cacimba.

Puxar arame *Fon.* [puʃa'rãmi] [PLANTAÇÃO].

S.T.V. *Var.:* **esticar arame.**

Puxar roda *Fon.* ['puʃɐ 'ʁodɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ação de mover com força em movimentos intensos e fortes a roda de madeira que serve de motor manual ao serrador das mandiocas descascadas no processo de serração para o feitiço da massa.



Q, q

Quarta 1 *Fon.* ['kʷaʁtɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Unidade de medida antiga como um grande quadrado de madeira, correspondente a quarenta litros, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver* : **medida**₃.

Quarta 2 *Fon.* ['kʷaʁtɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Var.*: **moringa**.

Quartinha *Fon.* ['kʷaʁ'tĩɲɐ] ['kʷaʁ'tĩɲɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Var.*: **moringa**.

Quebrar *Fon.* [kɛ'bra] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de dobrar os paus de manivas separando em pedaços no tronco para a arranca da raiz por ocasião do arranque para ser levado ao beneficiamento na casa de farinha.

Queima *Fon.* ['kejɲɐ] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. Processo que consiste em colocar fogo no terreno após a broca para preparar a área do plantio das manivas. *Var.*: **queimada**₁. *Ver* : **plantação**.

Queimação *Fon.* [kejɲa'sãw] [BENEFICIAMENTO], Processamento.

S.F. *Var.*: **fornagem**.

Queimada 1 *Fon.* [kej'madɐ] [PLANTAÇÃO], Processamento.

S.F. *Var.*: **queima**.

Queimada 2 *Fon.* [kej'madɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da planta ou folha da planta que está, por ocasião de alta temperatura, amarelada, murcha ou quase seca.

Queimada 3 *Fon.* [kej'madɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade da massa que passou do ponto exposto ao forno no processo de torração e ficou excessivamente esturricada.

Queimar a massa *Fon.* [kej'ma 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.*: **fazer farinha**₂.

Queimar 1 *Fon.* [kej'ma] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato de atear fogo nas plantas cortadas e folhagens secas das coivaras no terreno que será o roçado após a plantação.

Queimar 2 *Fon.* [kej'ma] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de acender o fogo no forno da casa de farinha para preparar a farinha, a goma e os beijus e tapiocas.

Var.: **Acender**₂; **botar fogo**; **fazer brasa**.

Quenga *Fon.* [kẽjgɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], (africano).

S.F. *Var.*: **quenga de côco**.

Quenga de côco *Fon.* [kẽjgɐ di 'koku] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], (africano).

S.T.F. Parte dura do coco seco que protege a polpa e que quando esta é retirada serve como utensílio ou para a queima no forno da casa de farinha. *Var.*: **quenga**.

Quente *Fon.* [kẽjtɨ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Estado queimante em que se encontra o forno quando aceso e em funcionamento para a secagem dos gêneros (farinha e goma) e do cozimento dos subgêneros (beijus e tapiocas) na casa de farinha.

O forno tá quente pra começar fazer a farinha. *Var.*: **no ponto**.

Quentura *Fon.* [kẽjturɐ] [kĩ'turɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Condição de calor que está exposto o forneiro na feitura da farinha, e as tapioqueiras, na hora de fazer os beijus e tapiocas, no trabalho sobre o forno da casa de farinha.

Quilo *Fon.* ['kĩlu] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Unidade básica de peso dos produtos fabricados na casa de farinha cujo símbolo é KL (quilograma) dividido em miligramas. Um quilo tem mil gramas.

NOTA: O quilo era dividido em pesos específicos que, no comércio, se colocava sobre uma das bandejas da balança para aferir o peso dos produtos vendidos colocados na outra; esses pesos correspondiam a 50 gramas, 100 gramas, 250 gramas e 500 gramas; Havia ainda 1 quilo, 2 quilos e 5 quilos.

Quitanda *Fon.* [ki'tãdɐ] [COMERCIALIZAÇÃO], (africano).

S.F. *Var.*: **bodega**.

R, r

Rã *Fon.* [ʁã] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Espécie de anfíbio da família Ranidae, *Rana pipiens*; animais mais aquáticos de pele fina e úmida, patas fortes e dedos longos. Em geral, alimentam-se de caramujos, lesmas e insetos. As rãs comuns não possuem muitos meios de defesa e são presas fáceis de peixes carnívoros, aves pernaltas e cobras. A reprodução começa no fim do inverno, logo após a hibernação. A fêmea põe de 2.000 a 3.000 ovos. *Ver* : **fauna**.

Rabicho *Fon.* [ʁa'biçu] [TRANSPORTE].

S.M. Correia que faz parte dos arreios dos animais que passa por baixo do rabo e prende à sela ou à cangalha para que estas não deslizem para a frente e caiam. *Ver* : **arreios**.

Rabichola *Fon.* [ʁabi'çolɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Tira de couro que faz parte dos arreios dos animais prendendo a cangalha para evitar que a esteira deslize nas descidas ou subidas, e caia. *Ver* : **arreios de carga**.

Rabudo *Fon.* [ʁa'budu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Animal mamífero roedor de grande porte como um rato silvestre robusto com uma cauda longa e mais peluda que as demais pelagens do corpo, se alimenta de frutas, raízes, batatas, mandiocas e outros vegetais e que convive com as atividades nas matas e roçados de plantações da mandioca. *Var.*: **rato rabudo**. *Ver* : **fauna**.

Ração *Fon.* [ʁa'sãw] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], **Subproduto.**

S.F. Detritos retirados da mandioca que são beneficiados e utilizados como comida para alimentar animais bovinos, moares, suínos, caprinos, ovinos e aves.

Ver : **farinha de crueira; ração de mandioca amassada; forragem de folhas secas; ração de maniva moída**.

NOTA: Há variados tipos de rações que são produzidos com a folha seca e desidratada, o pau moído na forrageira, a própria polpa da raiz amassada, a casca da raiz extraída no beneficiamento, como também a crueira secada e passada na moagem.

Ração de maniva moída *Fon.* [ʁa'sãw di ma'nivɐ mo'idɐ] [ʁa'sãw di ma'nivɐ mo'idɐ] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE], **Subproduto.**

S.T.F. Tipo de ração alimentar oferecida a animais bovinos, moares, suínos, caprinos e/ou ovinos que é constituída do pau da maniva passada na forrageira formando um pó úmido e verde que contém alto teor nutritivo. *Ver* : **Ração**.

Raiz *Fon.* [ʁa'is] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.F. *Var.*: **Mandioca**₁.

Raiz de mandioca *Fon.* [ʁa'is di mãdi'okɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.F. *Var.*: **Mandioca**₁.

Raiz de manivera *Fon.* [ʁa'is di mani'veɾɐ] [ʁa'is di mani'veɾɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.T.F. *Var.*: **Mandioca**₁.

Ralador 1 *Fon.* [ʁala'do] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. *Var.*: **ralo**.

Ralador 2 *Fon.* [ʁala'do] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. *Var.*: **serrador**₂.

Ralagem *Fon.* [ʁa'laʒẽ] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.F. Processo no qual a mandioca vai para o ralador (serrador) na casa de farinha na etapa de beneficiamento, ou quando é feito manualmente com um ralo doméstico, para transformá-la em massa. *Var.*: **serragem**.

Ralar *Fon.* [ʁa'la] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Passar a mandioca no ralador na casa de farinha, no processo de beneficiamento, ou em um ralo manual no processo doméstico, para transformá-la em massa. *Var.*: **serrar**; **triturar**.

Ralo *Fon.* ['ʁalu] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento**.

S.M. Utensílio feito e adaptado de lata de óleo comestível aberta pregado em pedaços de madeira com furos de prego que fica crivada de orifícios levantados e cortantes que é usado para ralar a mandioca manualmente reduzindo-a a massa, na confecção do processamento caseiro da farinha e derivados. *Var.*: **ralador**₁.

Rama *Fon.* ['ʁãmɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. *Var.*: **caule**.

Ramada *Fon.* [ʁã'madɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. *Var.*: **copa**.

Ramagem *Fon.* [ʁã'maʒẽ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. *Var.*: **copa**.

Rapa-côco *Fon.* ['ʁapɐ 'koku] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Instrumento**.

S.M. *Var.*: **raspa-côco**.

NOTA: A palavra sofre um apagamento do fonema /s/ (raspa-côco~rapa-côco) registrado constantemente um por outro no discurso oral dos trabalhadores rurais pesquisados.

Rapada *Fon.* [ʁa'padɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. *Var.*: **raspada**; **descascada**.

NOTA: A palavra sofre um apagamento do fonema /s/ (raspada~rapada) registrado constantemente um por outro no discurso oral dos trabalhadores rurais pesquisados.

Rapadeira *Fon.* [ʁapa'deɾɐ] [BENEFICIAMENTO], **Ocupação**.

S.F. *Var.*: **descascadeira**; **rapadeira**.

NOTA: A palavra sofre um apagamento do fonema /s/ (rapadeira~rapadeira) registrado constantemente um por outro no discurso oral dos trabalhadores rurais pesquisados.

Rapadura *Fon.* [ʁapa'duɾɐ] [CULINÁRIA].

S.F. Doce típico regional feito a base de garapa de cana com o açúcar mascavo solidificado em forma de tijolo que faz parte da dieta tradicional do agricultor comido diariamente com farinha.

Rapagem *Fon.* [ʁã'paʒẽ] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.F. *Var.*: **descasca**.

NOTA: A palavra sofre um apagamento do fonema /s/ (raspagem~rapagem) registrado constantemente um por outro no discurso oral dos trabalhadores rurais pesquisados.

Rapar *Fon.* [ʁa'pa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **descascar**.

NOTA: A palavra sofre um apagamento do fonema /s/ (raspar~rapar) registrado constantemente um por outro no discurso oral dos trabalhadores rurais pesquisados.

Rapé *Fon.* [ʁa'pɛ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. *Var.:* **Currimboque**.

Raposa *Fon.* [ʁa'pozɐ] [PLANTAÇÃO], *Animal*.

S.F. Espécie pequena de animal mamífero carnívoro (família dos canídeos) com cauda muito peluda e focinho fino que se alimenta de aves e pequenos mamíferos, e que era encontrado na região da mandiocultura especialmente nas áreas de desmate para plantação.

Rasa *Fon.* ['ʁazɐ] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Estado da cova, buraco ou furo no solo que possui menor comprimento e/ou extensão.

Plantar em cova rasa tem o risco do pau não segurar em pé.

Raspa-côco *Fon.* ['ʁaspe 'koku] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], *Instrumento*.

S.M. Utensílio de ferro como uma concha côncava e de borda serrilhada pregado a uma taba de madeira que serve para retirar raspas de côco na feitura de tapiocas e beijus no forno da casa de farinha. *Var.:* **rapa-côco**.

Raspada *Fon.* [ʁas'padɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. *Var.:* **rapada; descascada**.

Raspadeira *Fon.* [ʁaspa'derɐ] [BENEFICIAMENTO], *Ocupação*.

S.F. *Var.:* **descascadeira; rapadeira**.

Raspagem *Fon.* [ʁãs'pazɛ] [BENEFICIAMENTO], *Processamento*.

S.F. *Var.:* **descasca**.

Raspar *Fon.* [ʁas'pa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **descascar**.

Rato *Fon.* ['ʁatu] [PLANTAÇÃO], *Animal*.

S.M. Animal manífero roedor distribuído em diversas famílias, que ocorrem em lugares como roçados atacando plantações e frutos, e próximos a habitações e armazéns destruindo gêneros alimentícios dentre os quais os derivados da mandioca como a farinha, gomas, tapiocas e beijus. Metaforicamente pode indicar aquele que rouba ou retira algo sem que seja notado. *Var.:* **catita**. *Ver:* **fauna**.

Os ratos invadiram o paiol e estragaram os gêneros armazenados para a venda.

Tomem cuidado com este rapaz pois ele é um exímio rato. (metafórico)

Rato rabudo *Fon.* [ˈʁatu ʁaˈbudu] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.T.M. *Var.:* **rabudo.**

Ratoeira *Fon.* [ˈʁatueɾɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Armadilha para apanhar e matar roedores em cercados, paióis e casas de farinha, composta de uma pequena tábua de madeira quadrangular com um arodilhado de arame ou ferro com uma mola forte que dispara quando o animal tenta retirar a isca, fazendo com que a presa seja morta.

Rebento *Fon.* [ʁɛˈbẽtu] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta.**

S.M. *Var.:* **brolho.**

Recebimento da raiz *Fon.* [ʁesebiˈmẽtu da ʁaˈis] [TRANSPORTE], **Processamento.**

S.T.M. *Var.:* **retirada da carga.**

Rédea *Fon.* [ˈʁɛdiɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Correia feita de couro enlaçando a cabeça da montaria presa nas extremidades ao freio que serve para conduzir o animal. *Ver :* **arreios de montaria.**

Refresco *Fon.* [ʁɛˈfresku] [CULINÁRIA].

S.M. *Var.:* **Aluá.**

Regar *Fon.* [ʁɛˈga] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.:* **aguar₁.**

Relho 1 *Fon.* [ˈʁɛlu] [ˈʁɛj] [TRANSPORTE], **Instrumento.**

S.M. Espécie de chicote ou açoite confeccionado com uma tira ou mais tiras de couro cru trançadas usadas no tanger dos animais no transporte das mandiocas para o beneficiamento na casa de farinha. *Var.:* **chicote.**

Relho 2 *Fon.* [ˈʁɛlu] [ˈʁɛj] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. *Var.:* **Correia.**

Rente 1 *Fon.* [ˈʁẽti] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Algo que está ou passa perto ou se aproxima.

Rente 2 *Fon.* [ˈʁẽti] [PLANTAÇÃO].

ADV. Modo como se corta o mato decepando todo o pé pela raiz.

Replantar *Fon.* [ʁɛplãˈtɐ] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de cultivar as raízes que passa pelas etapas de replante daquelas covas que não vingaram (nasceram) e que precisam ser plantadas de novo preenchendo os lugares faltosos no cultivo da mandioca.

Replante *Fon.* [ʁɛˈplãti] [PLANTAÇÃO].

S.M. Ato de plantar novamente as estacas de maniva, que, por ventura, não tenham fecundado. Se faz as novas covas no mesmo lugar das antigas, reconhecendo os paus que não nasceram enfincando no solo outros novos para que brotem.

Resíduo *Fon.* [ʁi'zidu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Técnico.

S.M. Material que sobra no processo produtivo da mandiocultura. *Ver* : **resto**.

Resistir *Fon.* [ʁeziʃ'ti] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.*: **suportar**.

Resto *Fon.* ['restu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.M. Aquilo que sobra do processo de beneficiamento das mandiocas, seja no descasque (as cascas), na coação (o líquido da mandipueira), no peneiramento (as crueiras) e/ou na formagem (os mexericos). Esses detritos, nesses processos, são separados e considerados refugos. *Ver* : **resíduo**.

Retirada da carga *Fon.* [ʁeti'radɐ da 'kargɐ] [TRANSPORTE], **Processamento**.

S.T.F. Processo de recebimento da carga de raízes arrancada das capoeiras (roçados), transportada no lombo de animais, sacando as aselhas dos caços da cangalha no momento da chegada a casa de farinha. Essas raízes são amontoadas nas esteiras dentro do pátio da casa de farinha e, imediatamente, já serão descascadas pelas rapadeiras.

Var.: **recebimento da raiz**.

NOTA: Neste processo, estão envolvidos tradicionalmente, no mínimo dois ou três parceiros: O tanjedor (comboeiro) da carga que sustenta de um lado, um caçoia para não despencar do lombo do animal, e por outro lado, um ou dois recebedores que retiraram o outro caçoia com as raízes para despejá-las no pátio de descasque.

Retirar a carga *Fon.* [ʁeti'ra 'kargɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.*: **tirar a carga**.

Riacho *Fon.* [ʁi'aʃu] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.M. *Var.*: **córrego**.

Rio *Fon.* ['ʁiw] ['ʁi] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.M. Corrente de água em maior quantidade alimentado de nascentes que tem um curso e geralmente desagua no mar, em outro rio e/ou lagos. Suas margens são férteis para o plantio e seu leito é especialmente usado para dar água e lavar, e alimentar, em suas beiras verdes os animais de carga que são os transportes para as mandiocas em seu beneficiamento.

Roça 1 *Fon.* ['ʁɔsɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **capoeira**.

Roça 2 *Fon.* ['ʁɔsɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **roçagem**.

Roçadeira *Fon.* [ʁɔsa'derɐ] [PLANTAÇÃO], **Instrumento**.

S.F. Ferramenta de metal curva com gume e cabo de madeira longo que movimentada com as mãos serve para cortar e roçar vegetação baixa e rasteira para a limpeza do terreno que virá a ser plantado.

Roçadeira mecânica *Fon.* [ʁɔsa'derɐ mekãnikɐ] [PLANTAÇÃO], **Instrumento.**

S.T.F. Instrumento movido a combustível ou a eletricidade que apresenta pás de corte que em movimento circular corta o mato rasteiro e mais fino das capoeiras, servindo para a limpeza do mato dos roçados.

Roçado *Fon.* [ʁɔsa'du] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **capoeira.**

Roçador *Fon.* [ʁɔsa'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação.**

S.M. Função daquele que derruba a vegetação baixa e rasteira após a broca com foice ou roçadeira para o preparo posterior do plantio.

Roçadura *Fon.* [ʁɔsa'durɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.:* **roçagem.**

Roçagem *Fon.* [ʁɔ'saʒẽ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Ato de roçar o mato mais alto ou baixo após a broca, ou ainda, depois do plantio, sem a capina.

Var.: **roça₂; roçadura; roçamento.**

Roçamento *Fon.* [ʁɔsa'mẽtu] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **roçagem.**

Roçar *Fon.* [ʁɔ'sa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de derrubar a vegetação baixa da área cortando com foice ou roçadeira onde será realizado o plantio das manivas para o cultivo da mandioca. *Ver :* **brocar**₁.

Roda de serrar *Fon.* ['ʁɔdɐ di sɛ'ʁa] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.T.F. Peça circular de madeira que gira em torno de seu eixo com base fixada ao chão da casa de farinha ligada a bola do serrador por uma correia grande destinada a locomover e dar movimento para a serragem das raízes no processo de ralação e transformação da mandioca em massa.

NOTA: A roda era usada nas antigas casas de farinha quando não havia ainda motores a combustível e/ou elétricos. A força humana era a utilizada para girar a roda e movimentar o serrador gerando um grande esforço para os puxadores de roda que, em duplas, tinham que se reverter para dar conta de serrar toda a mandioca das arrancas para o beneficiamento.

Rodete *Fon.* [ʁɔ'deti] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. *Ver :* **bola de serra.**

Rodo *Fon.* ['ʁɔdu] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento.**

S.M. Utensílio de madeira com cabo longo usado para mexer a farinha no forno da casa de farinha.

Rola *Fon.* ['ʁolɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. Espécie animal de pássaros pequenos da família dos Columbídeos como pequenas pombas que tem seu habitat nos roçados e convivem com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.:* **rolinha.** *Ver :* **fauna.**

NOTA: Na região há algumas espécies de rolinhas mais conhecidas, entre elas: a rola branca, também conhecida por "fogo pagou", a rola cascavel e a sangue de boi.

Rolinha *Fon.* [ʁo'liɲɐ] [ʁo'liɛ] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.F. *Var.:* **rola.** *Ver :* **fauna.**

Rosca *Fon.* ['ʁoskɐ] [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.F. Subproduto da mandioca; Pão em forma circular como uma argola feito com goma (fécula), água, coco e sal.

Var.: **rosquinha.**

Rosquinha *Fon.* [ʁos'kiɲɐ] [ʁos'kiɛ] [CULINÁRIA], **Subproduto.**

S.F. *Var.:* **rosca.**

S, s

Sabiá 1 *Fon.* [sabi'a] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Tipo de planta de porte médio a grande, reta e roliça que contém espinhos (*Mimosa caesalpinifolia*), cujo caule pode engrossar mais de 50 cm³. É plantada próximo a cercas e serve até de cerca viva, por sua característica espinhenta que afugenta animais de grande e médio porte. Sua inflorescência é formada de pequenas espigas com flores pequenas, brancas e suavemente perfumadas. De seu tronco provém a madeira que é muito usada para fabricar estacas de cercado para a proteção das plantações. *Ver* : **flora**.

Sabiá 2 *Fon.* [sabi'a] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.F. Espécie de ave canora que habita as árvores dos roçados e que convive com a fauna e a flora do lugar. *Ver* : **fauna**.

Saboeiro *Fon.* [sabu'eru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. *Var.*: **sabonete**.

Sabonete *Fon.* [sabu'neti] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Árvore pertencente a família Sapindacea (*Sapindus saponaria* L.). Possui altura de aproximadamente 4 a 9 metros e diâmetro de copa de até 6 metros; tem folhas permanentes, o que a torna indicada para arborização urbana e flores pequenas de coloração branca que floresce no mês de outubro. Seu fruto apresenta uma cor amarelada quando maduro que chega a medir aproximadamente 2 cm de comprimento. Suas sementes são duras, arredondadas e de coloração preto e sua frutificação coincide com as cheias, o que garante sua disseminação no período chuvoso. A casca, a raiz e o fruto são utilizados na medicina popular como calmante, adstringente, diurético, expectorante, tônico, depurativo do sangue e contra a tosse, e como produto cosmético e farmacêutico, pois apresenta a saponia, muito utilizada como sabão e na fabricação de remédios. *Var.*: **saboeiro**.

Saca *Fon.* ['sakɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Tipo de recipiente tradicional trançado de palha de carnaúba resistente usado para transportar, armazenar e expor os gêneros da mandioca como goma e farinha em locais de comercialização como vendas, feiras e barracões.

Sacaiba *Fon.* [saka'ibɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie de mandioca brava. *Ver* : **variedade**.

Saco *Fon.* ['saku] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.M. Invólucro feito de pano grosso, algodão, estopa ou algo resistente para conservar e armazenar a farinha e a goma de mandioca nas vendas e comércios.

NOTA: Os sacos padronizados de estopa ou algodão podem levar entre 50 a 60 quilos de gêneros como a farinha e a goma. Atualmente, os gêneros derivados da produção da mandiocultura são pesados e vendidos aos comerciantes que geralmente vem comprar na própria casa de farinha após encerrada a farinhada.

Safra *Fon.* ['safrɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Época do ano em que se costuma colher, produzir e vender os produtos derivados da mandioca. *Var.*: **fartura**.

Safroa *Fon.* [ʁa'sãw] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Raíz de cor amarela ou alaranjada que era, no passado, colocada na massa para dar a coloração amarela da farinha de puba no beneficiamento, após o descasque, o pubamento e a serragem. Esta raíz era ralada e desmanchada até ficar fina para misturar com água resultando um líquido amarelo-alaranjado que era misturado na massa para dar aquele tom amarelo da farinha d'água feita nessa região. Atualmente, se compra um produto que é vendido em farmácias que é misturado na massa e faz a função da safroa.

Saguim *Fon.* [saɣ^{wĩ}] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. *Var.:* **soim**.

Sal *Fon.* ['saw] [CULINÁRIA].

S.M. Composto cristalino de sódio encontrado em salinas de águas marítimas usado como condimento na culinária e especialmente na feitura de tapiocas e beijus.

Salgado *Fon.* [saw'gadu] [CULINÁRIA].

ADJ. Qualidade daquilo que possui sal e/ou algo que foi colocado sal.

Salitrado *Fon.* [salí'tradu] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Tipo de solo que apresenta compostos salgados que não favorecem o cultivo da raiz da mandioca.

Salitre *Fon.* [sa'litri] [PLANTAÇÃO].

S.M. Composição salgada presente naturalmente em alguns solos próximos a praias e salgados que não favorece a plantação da mandioca.

Salsa *Fon.* ['sawsə] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie herbácea de característica trepadeira, rasteira e perene (*Ipomoea asarifolia*), que ocorre principalmente em solos arenosos e em áreas abertas. Suas folhas são verdes grandes, escuras e onduladas e suas flores são grandes, com coloração de rosada a lilás, e possuem corola em formato de funil. Suas ramadas proliferam muito pois são tóxicas, perfazendo pragas na lavoura e concorrendo com a mandiocultura e seus consócios. *Ver* : **flora**.

Sanhaçú *Fon.* [sã'na'su][sã'ia'su] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.M. Espécie de ave canora diversas espécies da família dos emberizídeos, principalmente dos gêneros *Thraupis* e *Stephanophorus*, geralmente de cor azul-acinzentada ou esverdeada, com diferentes tonalidades no encontro das asas. Sua alimentação, em geral, é feita com frutas e sementes, mas podem também comer alguns insetos que vivem nos matos, plantas e roçados de mandioca.

Sapo *Fon.* ['sapu] [PLANTAÇÃO], Animal.

S.M. *Var.:* **cururu**. *Ver* : **fauna**.

Saúva *Fon.* [sa'uvə] [sa'uɐvə] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Espécie de formiga de cor avermelhada a marrom, que corta as folhas das maniveiras causando prejuízo ao cultivo da mandioca. *Var.:* **cortadeira**; **formiga cortadeira**; **formiga de roça**. *Ver* : **formiga**; **inseto**.

Seca 1 *Fon.* ['seka] [PLANTAÇÃO].

S.F. Temporada em que há ausência de chuvas na época própria e que prejudica o plantio e o desenvolvimento das plantas de mandiocas.

Seca 2 *Fon.* ['seka] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Tipo de terra ou solo que contem areia fofa porém, com ausência de água ou baixa umidade, pobre ou estéril para o plantio.

Seca 3 *Fon.* ['seka] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Propriedade do caule, da folha e da casca da planta quando perde sua cor, desidrata e morre. *Ver* : **murcha**.

Seca 4 *Fon.* ['seka] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

ADJ. Qualidade de goma, farinha ou massa que carece de acréscimo mínimo de água na sua feitura no forno de lenha na casa de farinha.

Secagem no forno *Fon.* [se'kaʒẽj nu 'foɾnu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.T.F. *Var.*: **fornagem**.

Secamento *Fon.* [seka'mẽtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento**.

S.M. Processo após o peneiramento, no qual a massa fica esperando nos tanques ou masseiras para ir ao forno, que tem o objetivo de secá-la ao máximo a fim de chegar ao forno no ponto básico de cozimento para a feitura da boa farinha.

Secar *Fon.* [se'kɐ] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato de pôr a massa peneirada no forno para transformá-la em farinha.

No jiraú é onde se coloca a goma pra secar, pra depois peneirar e secar.

Secar a farinha *Fon.* [se'ka fa' rĩɲɐ] [se'ka fa' rĩɛ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Atividade de aquecimento e mexida da massa no forno, após seu enxugamento e peneiramento, para transformação em grãos de farinha pelo forneiro. *Ver* : **mexer a farinha; mexer a massa**.

Secar a goma 1 *Fon.* [se'ka 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ato de deixar a goma, ainda em bloco, após lavada e retirada do tanque, para enxugar no sol sobre um jiraú na parte externa da casa de farinha.

Secar a goma 2 *Fon.* [se'ka 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Atividade de aquecimento e mexida da goma no forno, após retirada do sole peneirada, para sua finalização e composição granular pelo forneiro. *Var.*: **mexer a goma**.

Segurar a carga *Fon.* [segu'ra 'kargɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. Ação de apoiar para não cair a carga de mandioca ou de qualquer gênero derivado no momento da chegada a casa de farinha para retirar os caçuás e/ou cambitos no transporte de animais.

Var.: **suspender a carga**. *Ver* : **arrear a carga**.

NOTA: Para tirar a carga do animal é necessário que duas pessoas, um do lado e outro de outra, pelo menos, para que possam retirar os caçuás pendurados na cangalha e despejem as mandiocas no chão da casa de farinha para ser raspadas. Quando o transporte for do gênero, já preparado, como a goma ou a farinha, é utilizado em sacas de palhas de carnaúba, fechadas, enroladas e amarradas com cordas, e penduradas na cangalha uma de cada lado. É possível também, que as sacas sejam carregadas em cambitos ou em caçoas.

Segurar o animal *Fon.* [segu'ra u ãni'maw] [TRANSPORTE].

S.T.V. Ato de conter o animal para não deixar fugir nem desviar para outro local diferente do trajeto do qual este tem que fazer no trabalho do transporte da mandioca e demais produtos da casa de farinha.

Sela *Fon.* ['sɛla] [TRANSPORTE].

S.F. Parte principal do arreio de montaria feito de couro e acolchoado que se coloca no dorso de animais e sobre os quais fica o montador. *Ver.* : **arreios de montaria**.

Selagem *Fon.* [sɛla'ʒɛj] [TRANSPORTE].

S.F. *Var.*: **selamento**.

Selamento *Fon.* [sɛla'mɛtu] [TRANSPORTE].

S.F. Processo de montagem da sela e seus apetrechos em cavalo ou qualquer animal de montaria. *Var.*: **selagem**.

Selar *Fon.* [sɛ'la] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de pôr a sela ou demais arreios nos animais preparando-os para o trabalho de carga e/ou montaria.

Semeador *Fon.* [sɛma'do] [sɛma'do] [samia'do] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Pessoa que exerce a função de semear as mudas da maniva na cova após a feitura das mesmas para proceder a plantação no terreno covado.

Semeadura *Fon.* [semja'durɐ] [samja'durɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Processo de distribuição das mudas já cortadas sobre as covas para o imediato plantio.

Semear *Fon.* [semi'a] [sami'a] [PLANTAÇÃO].

VERB. Colocar o pau de mandioca junto a cova para ser plantado. *Var.*: **Botar a muda na cova; manivar**.

NOTA: Quando é época de plantação, que dá as primeiras chuvas e o terreno já está preparado, a família do agricultor se prepara para o plantio e corta as manivas para iniciar o processo. Então, geralmente, o pai vai fazendo as covas nas carreiras, enquanto os filhos mais novos vão semeando e os mais velhos, mais experientes na plantação, vão plantando as manivas que foram semeadas.

Semente 1 *Fon.* [si'mɛti] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. Grão do sêmen de cor esverdeada produzido em árvores maduras próprio para a reprodução, como também partes propagativas do caule da planta preservadas para semear na próxima estação de plantio.

Semente 2 *Fon.* [si'mɛti] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Vegetal, Partes da planta**.

S.F. *Var.*: **mandioca**₃.

Senhor *Fon.* [sɨ̃no] [sɨ̃o]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

PRON. TRAT. *Var.*: **Seu**.

Senhora *Fon.* [sɨ̃noɾɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

PRON. TRAT. *Var.*: **Dona**.

Sentar *Fon.* [sɛ'ta] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.*: **assentar**.

Sepo *Fon.* [se'pu] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Espécie de toco de madeira em que as rapadeiras sentam, quando não querem sentar no chão da casa de farinha, no momento que estão na atividade de raspagem das mandiocas.

Seriguela *Fon.* [sirigu'elɛ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. *Var.:* **siriguela**.

Serra *Fon.* ['sɛɾɐ] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.F. *Ver:* **bola de serra**.

Serrador 1 *Fon.* [sɛɾa'do] [BENEFICIAMENTO], Ocupação.

S.M. Pessoa que exerce a função de serrar a mandioca após descascada na casa de farinha.

Serrador 2 *Fon.* [sɛɾa'do] [BENEFICIAMENTO], Instrumento.

S.M. Equipamento de madeira como uma mesa que possui uma bola de serra que gira e que é usado para serrar a mandioca após descascada na casa de farinha. *Var.:* **ralador**₂; **tritador**.

Serragem *Fon.* [sɛ'ɾaʒẽ] [BENEFICIAMENTO], Processamento.

S.F. *Var.:* **Ralagem**.

Serrar *Fon.* [sɛ'ɾa] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **ralar**.

Serviço *Fon.* [si'viʃu]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. *Var.:* **trabalho**.

Seu *Fon.* [sɛw] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

PRON. TRAT. Tratamento masculino respeitoso dado aos mais velhos ou homens casados, usado como primeiro nome, apelido, e até com nome de família. *Var.:* **Senhor**.

Sipaúba *Fon.* [sipa'ubɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Vegetação lenhosa (*Combretum laxum*), da família das combretáceas, encontrada na região, com propriedades antioxidantes nos galhos e raízes porém, tóxica para alguns animais. *Var.:* **flora**.

Siricora *Fon.* [siri'koɾɐ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Espécie animal de pássaro (família dos ralídeos, espécie *Aramides cajanea*) de porte médio, podendo medir aproximadamente 39 cm de comprimento, onívora alimentando-se de capim, sementes, larvas de insetos, pequenas cobras d'água, pequenos peixes e crustáceos; vive nos brejos ou à margem dos cursos de água e roçados, e que convive com a fauna e a flora da mandiocultura. *Ver:* **fauna**.

Siriguela *Fon.* [sirigu'elɛ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.F. Fruto da sirigueleira; drupa elipsoidal de cor amarelada a avermelhada, de tamanho medindo entre 2,5 a 5 centímetros de comprimento e que pode pesar entre quinze e vinte gramas. Possui uma casca (uma fina película) de cor verde, amarela ou vermelha, dependendo da fase de maturação, e uma camada de polpa fina, doce e ácida, com cerca de três milímetros, com um caroço do tamanho e da forma de cajá. Pode ser consumido de diversas formas, in natura, através de sucos, refrescos, sorvetes, caldas e doces. *Var.:* **seriguela; ciriguela.**

Sirigueleira *Fon.* [siriguelerɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. *Var.:* **pé de siriguela.**

Socador *Fon.* [sɔka'do] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Espécie de pau ou madeira, com que a pessoa que serra, usa como proteção para empurrar as mandiocas descascadas na serragem, quando os pedaços das raízes são pequenos, pois a bola de serra pode atingir as mãos.

Socar1 *Fon.* [sɔ'ka] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ação de bater com o cabo do cavador ou outra estaca no buraco recém aterrado para enrijecer e direcionar à estaca que está sendo enfiada na confecção da cerca do roçado onde será plantado as mudas de mandioca.

Socar2 *Fon.* [sɔ'ka] [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de empurrar para dentro do serrador2 com um socador as mandiocas descascadas que se encontram muito perto da serra com um intuito de não machucar a mão do serrador1.

Socó *Fon.* [sɔ'kɔ] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.M. Diversas aves pelecaniformes da família dos ardeídeos, aquáticas, de pescoço longo, da mesma família das garças; entre elas *Nycticorax nycticorax* que medem cerca de 60 cm de comprimento, possuindo tanto o bico, o alto da cabeça, quanto o dorso negros; asas cinzentas, fronte, partes inferiores e longas penas nucais brancas. Tem hábitos noturnos e se alimenta principalmente de peixes. *Var.:* **fauna.**

Sofrer *Fon.* [so'fre] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.:* **suportar.**

Soim *Fon.* [sõĩ] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.M. Mamífero pequeno primata, da família dos calitriquídeos, que reúne várias espécies; com aproximadamente 35 cm de comprimento, de pelagem cinza listrada, no corpo, e branca em volta das orelhas, macia e densa. Possui cauda longa, não preênsil e unhas em forma de garras, gostam de trepar em árvores e também no chão e convivem com a fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Var.:* **saguim.** *Ver:* **fauna.**

Solo *Fon.* ['sɔlu] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

S.M. *Var.:* **terra₁.** *Ver:* **areia.**

Soltar *Fon.* [sɔw'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de pôr em liberdade de obrigação e arreios os animais que trabalham na lida do transporte da raiz e seus derivados após um dia de trabalho. *Var.:* **deixar solto; liberar.**

Subsolo *Fon.* [sub'sɔlu] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

S.M. Camada abaixo do solo que recobre a terra onde geralmente se encontra água.

Substrato *Fon.* [subiʃ'tratu] [PLANTAÇÃO], **Técnico.**

S.M. Tipo de superfície, sedimento, base, meio ou ainda qualquer superfície que possa servir de suporte a organismos vivos, como no caso das plantas, para nutri-las e ajudar no desenvolvimento destas.

Suportar *Fon.* [supɔβ'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Ação animal de sustentar aguentando o peso da carga e do ordenamento sobre si resistindo a força e, até, às vezes, ao sofrimento. *Var.:* **aguentar**; **apanhar**₃; **resistir**; **sofrer**.

Surucucu de oco *Fon.* [suruku'ku di 'ɔku] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.F. Espécie de serpente preta grande e venenosa encontrada em matas e em buracos das árvores, que convivem com a fauna, a flora, os agricultores na cultura da mandioca. *Ver:* **cobra**.

Suspender a carga *Fon.* [suspẽ'de ʋ 'kargɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **segurar a carga**.

Suspiro do tanque *Fon.* [sus'piru du 'tãki] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Pequeno orifício no tanque de cimento, contendo o leite da manipueira, que se abre para retirar as impurezas e deixar assentar a goma após lavagem.

T, t

Tacar *Fon.* [ta'ka]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], (africano).

VERB. Ação de bater em animais, pessoas e/ou coisas; Pôr algo violentamente em alguma coisa ou em algum lugar; Arremessar os paus no forno a lenha da casa de farinha;

Ele tacou o pau pra cima e acabou com a confusão.**O puxador taca a estaca e fecha o buraco pra depois poder puxar o arrame.****O forneiro tacou lenha no fogo para fazer a farinha.****Taipa** *Fon.* ['tajpɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].S.F. Forma de construção que usa a madeira derrubada da broca, tecida com cipó e rebocada com barro amassado, utilizada nas estruturas das paredes das habitações para os agricultores mais pobres. *Ver* : **Casa de taipa**.**Talo da mandioca** *Fon.* ['talu dɐ mândi'okɐ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.M. Ligamento comprido (linha) que se encontra na parte interna da mandioca, no miolo.

Tamanduá *Fon.* [tãmãdu'a] [PLANTAÇÃO], Animal.S.M. Animal mamífero, quadrúpede, peludo e desdentado, (família Myrmecophagidae), que habita as matas e roçados, caracterizado pelo longo focinho e a língua comprida que se alimenta de insetos como formigas e cupins, e que convive com a fauna e a flora do lugar. *Ver* : **fauna**.**Tamarina** *Fon.* [tãma'rĩnɐ] [PLANTAÇÃO], Fruta.S.F. *Var.*: **tamarino**.**Tamarindeiro** *Fon.* [tãma'rĩderu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.S.M. *Var.*: **tamarineiro**.**Tamarindo** *Fon.* [tãma'rĩdu] [PLANTAÇÃO], Fruta.S.M. *Var.*: **tamarino**.**Tamarineira** *Fon.* [tãmarĩnerɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal.S.F. *Var.*: **tamarineiro**.**Tamarineiro** *Fon.* [tãmarĩneru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.S.M. Espécie arbórea pertencente à família Fabaceae. Gênero monotípico, tendo apenas uma espécie, *Tamarindus indica*. O tronco divide-se em numerosos ramos curvados, formando copa densa e ornamental; as folhas são compostas e sensíveis (fecham por ação do frio), flores hermafroditas amarelas ou levemente avermelhadas (com estrias rosadas ou roxas) que se reúnem em pequenos cachos axilares, cuja altura pode atingir até 25 metros. Seu fruto, tamarindo ou tamarino, tem sabor agridoce, e é usado no preparo de doces, bolos, sorvetes, xaropes, bebidas, licores, refrescos, sucos concentrados etc. Geralmente, é plantado próximo a casa, na frente, ou no quintal, para ser fácil a conheita e servir como sombra para a residência. *Var.*: **pé de tamarino; pé de tamarina; pé de tamarindo; tamarindeiro; tamarineira**.**Tamarino** *Fon.* [tãma'rĩnu] [PLANTAÇÃO], Fruta.

S.M. Fruto do tamarineiro; tipo de vagem alongada com 5 a 15 cm. de comprimento, com casca pardo-escura, lenhosa e quebradiça, quando madura. Sua polpa tem sabor agridoce, é e usada no preparo de uma infinidade de produtos como doces, bolos, sorvetes, xaropes, bebidas, licores, refrescos, sucos concentrados e ainda como tempero para arroz, carne, peixe e outros alimentos. Suas sementes estão em números de 3 a 8 estão envolvidas por uma polpa parda e ácida. Sua polpa é muito apreciada pelos locais, especialmente os sucos da polpa que são consumidos pelos agricultores e suas famílias. *Var.*: **tamarina; tamarindo**.

Tangedor *Fon.* [tãʒe'do] [TRANSPORTE], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Função daquele(a) que ajuda no transporte das raízes do roçado para a casa de farinha tocando um ou mais animais com carga, responsável desde a partida dos animais do roçado, garantindo o percurso e a entrada da carga na casa de farinha. *Ver* : **comboieiro**.

Tanger *Fon.* [tãʒe] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de tocar animais fazendo-os andar e/ou marchar com ou sem carga no trabalho de transporte dos produtos da mandiocultura. *Var.*: **fazer andar; por pra marchar; tocar**.

Tangerina *Fon.* [tãʒe'rĩnɐ] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO], **Fruta**.

S.M. Fruto da tangerineira; tipo de fruto cítrico, arredondado, de cor laranja a verde e de sabor entre azedo e doce. Sua casca desprende-se com facilidade dos gomos e possui um sumo alcooso. É muito apreciada para sucos e na culinária da casa na confecção pratos e também na feitura e consumo de receitas pelos locais.

Tangerineira *Fon.* [tãʒe'rĩnerɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. *Var.*: **pé de tangerina**.

Tanque *Fon.* ['tãki] [BENEFICIAMENTO].

S.M. Reservatório de água construído de cimento para colocar a mandioca ou a massa de molho. Ele também serve de depósito para a massa, antes e depois da prensagem e peneiramento, para a goma, borra e as farinhas em seus processos de beneficiamento. *Ver* : **Tanque de goma; tanque de massa**.

Tanque de goma *Fon.* ['tãki di 'gõmɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Reservatório de cimento que se coloca o leite que após assentado e lavado se transforma em blocos de goma.

Ver : **tanque**.

Tanque de massa *Fon.* ['tãki di 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.M. Reservatório de cimento que se coloca a massa serrada que após lavada e espremida vai para a prensa, que depois é peneirada, vai ao forno e se torna farinha. *Ver* : **tanque**.

Tanto queira *Fon.* [tãtu 'kerɐ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.T.V. Expressão corriqueira que exprime grande quantidade, abundância e fartura.

Tapera *Fon.* [ta'perɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE].

S.F. *Ver* : **Casa de taipa; Casa de palha**.

Tapioca caseira *Fon.* [tapi'okɐ ka'zerɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.F. *Var.*: **tapioca**₂.

Tapioca fina *Fon.* [tapi'ókɐ 'fĩnɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju de goma com coco e sal, em espessura rala e delgada, com apenas uma camada.

Tapioca grossa *Fon.* [tapi'ókɐ 'grɔsɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju de goma com coco e sal, em espessura densa e espessa, com duas ou mais camadas.

Tapioca ligeira *Fon.* [tapi'ókɐ li'zɛrɐ][tapi'ókɐ liʁ'erɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto**.

S.T.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju feito na casa de farinha geralmente preparado, de maneira rápida, sem coco, para oferecer de alimento aos trabalhadores da lida no aviamento. *Var.*: **ligeira**₁.

Tapioca 1 *Fon.* [tapi'ókɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto, (indígena)**.

S.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju tradicionalmente feito de goma de mandioca meio molhada com coco ralado e sal com uma cobertura de uma camada fina da mesma goma no forno de barro da casa de farinha.

Tapioca 2 *Fon.* [tapi'ókɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], **Subproduto, (indígena)**.

S.F. Subproduto da mandioca; Espécie de beiju de goma também preparado com coco e sal, a moda da casa de farinha, porém aquecida em caco de barro ou frigideira no fogão de cozinha doméstico. *Var.*: **tapioca caseira**.

Tapiocaria *Fon.* [tapi'ókɐ'riɐ] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. *Var.*: **tapioqueria**.

Tapioqueira *Fon.* [tapio'kerɐ] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO], **Ocupação**.

S.F. Função de quem produz tapiocas e derivados na casa de farinha, ou em casas de lanche para a comercialização.

Tapioqueria *Fon.* [tapi'ókɐ'riɐ] [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Tipo de lanchonete específica onde se produz e se vende tapiocas. *Var.*: **tapiocaria**.

Tarisca *Fon.* [ta'riskɐ] [BENEFICIAMENTO], **Instrumento**.

S.F. *Ver.*: **bola de serra**.

Tataibura *Fon.* [tataj'burɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal**.

S.F. Espécie de mandioca mansa, macaxeira. *Ver.*: **variedade**.

Tatu *Fon.* [ta'tu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. *Var.*: **peba**. *Ver.*: **fauna**.

Técnicas de plantio *Fon.* ['tɛknikɐz de plã'tiw] [PLANTAÇÃO], **Técnico**.

S.T.F. Aberturas cavadas no solo e/ou afofadas somente para enterrar a muda da maniva. *Ver.*: **buraco**₁.

NOTA: Há, pelo menos, duas formas de plantar as manivas após serem cortadas: uma é a forma mais tradicional de plantil, que é a cova fofa feita com enxada ou enxadeco onde o pau de maniva preparado é enfincado, em pé ou levemente derreada (estaquia); a outra, é o que conhecemos como "plantar de mergulho" quando o pau de mandioca é enterrado levemente no buraco raso aberto com o canto da enxada na carreira de roça (semeadura).

Técnico *Fon.* ['tɛkniku] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Var.:* **agrônomo**.

Teia *Fon.* ['tɛv] [PLANTAÇÃO].

S.F. Espécie de rede elástica composta de fios muito finos produzidos por insetos aracnídeos que tem a finalidade de capturar demais insetos que lhes servem de alimentos que tem muita incidência em terrenos e matas próximas a roçados e roças de mandioca.

Teiju *Fon.* ['tɛʒu] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. Espécie de réptil que habita os buracos ociosos no solo dos roçados, geralmente próximos a formigueiros, e que convive com a fauna e a flora do lugar. *Var.:* **teiú**. *Ver:* **fauna**.

Teiú *Fon.* [tɛj'u] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.M. *Var.:* **teiju**.

Tejubina *Fon.* [tɛʒu'bĩnɐ] [tɛʒu'bĩnɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.F. *Var.:* **lagartixa**. *Ver:* **fauna**.

Temperar *Fon.* [tɛpɛ'ra] [CULINÁRIA].

VERB. Ação de pôr o tempero como nas tapiocas e beijus, quando se acrescenta côco ralado, castanha de caju ou gergelim pisado no pilão ou moido no moinho manual para condimentá-los.

Temperatura *Fon.* [tɛpɛra'turɐ] [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA].

S.F. Intensidade de calor sobre um determinado ambiente.

Terça *Fon.* ['tesɐ] [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.F. Unidade de medida antiga como um quadrado de madeira, correspondente a cinco litros, no qual se media a farinha e a goma para a comercialização. *Ver:* **medida**₃.

Terra alta *Fon.* [tɛʁ'awtɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Espécie de terrenos que se situam em elevados montanhosos, pontos altos e cabeças de serra e também podem ser utilizados para a cultura da mandioca. *Ver:* **terreno**.

Terra baixa *Fon.* [tɛ'ʁa 'baʃɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Espécie de terrenos situados em depressões, baixas e várzeas em beira de rios e/ou lagos que podem ser escolhidos para o plantio. *Ver:* **terreno**.

Terra dura *Fon.* [tɛ'ʁa 'durɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de solo que se compõe de material orgânico espesso e compacto de difícil locomoção ou sem compactação que dificulta o acesso ao plantio das manivas. *Ver:* **terreno**.

Terra fofa *Fon.* [tɛ'ʁa 'fofɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de solo que tem como característica ceder facilmente, soltar e afrouxar mais apta ao plantio da mandiocultura. *Ver* : **terreno**. *Var.*: **terra solta**.

Terra molhada *Fon.* [tɛ'ʁa mɔ'ʎadɐ] [tɛ'ʁa muj'adɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **terra úmida**.

Terra seca *Fon.* [tɛ'ʁa 'sekɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Tipo de solo que possui baixa umidade e/ou recebe muito calor tomando-a, algumas vezes, infértil.

Terra solta *Fon.* [tɛ'ʁa 'sowtɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.*: **terra fofa**. *Ver* : **terreno**.

Terra úmida *Fon.* [tɛ'ʁa 'ũmidɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. Qualidade do solo que é aquoso e molhado por estar localizado a cursos d'água, baixas ou em razão de chuvas fortes. *Var.*: **terra molhada**.

Terra 1 *Fon.* ['tɛʁa] [PLANTAÇÃO].

S.F. Tipo de solo, chão de plantar, qualidade da areia em que se vai plantar a mandioca. *Var.*: **areia; barro; chão; solo**.

Terra 2 *Fon.* ['tɛʁa] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **terreno**.

Terreno *Fon.* [tɛ'ʁɛnu] [PLANTAÇÃO].

S.M. Área de terra selecionada para o plantio que é preparada para este fim.

Var.: **pedaço de chão; pedaço de terra; terra₂; terreno pra plantar**. *Ver* : **cercado**₁.

Terreno de mandioca *Fon.* [tɛ'ʁɛnu di mãdi'ɔkɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.*: **mandiocal**.

Terreno de maniva *Fon.* [tɛ'ʁɛnu di mã'nivɐ] [tɛ'ʁɛnu di mã'nivɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.*: **mandiocal**.

Terreno pra plantar *Fon.* [tɛ'ʁɛnu pra plã'tɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.*: **terreno**.

Timbaúba *Fon.* [tĩba'ubɐ] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Espécie vegetal da família das leguminosas, *Stryphnodendron guianense*, de grande porte (podendo medir de 20 a 35 metros de altura e de 80 a 160 de diâmetros de tronco), caducifólia, caracterizada por tronco grosso, com ramificações abundantes formando copa ampla de formato semigloboso a guarda-chuva. A casca de cor parda acinzentada apresenta-se lisa em indivíduos jovens, com o avanço da idade se torna fissurada. Suas folhas são compostas, bipinadas, alternas com 3 a 7 pares de pinas opostas, pecíolo glabro com uma glândula arredonda e suas flores são brancas com os cálices esverdeados, tendo pequena dimensão de 0,8 a 1,2 cm de comprimento por 2 a 5 mm, reunidas em capítulos, compondo racemos axilares. A floração ocorre a partir de meados de outubro até início de dezembro. Seus frutos são lenhosos, achatados, de formato que lembra uma orelha, de cor preta, que medem de 5 a 9 cm de diâmetro. A maturação dos frutos verifica-se de maio a julho. Suas sementes são duras, lisas, de cor marrom claro, medindo de 1 a 1,3 cm.

NOTA: A palavra Timbaúba é derivada do termo tupi timbo'wa que significa "árvore da espuma". Esse sentido vem do seu fruto que é amargo e tem bastante saponina, e por isso, os índios usavam, e as pessoas ainda o utilizam, como sabão.

Tina *Fon.* [tʃinɐ] [BENEFICIAMENTO], [TRANSPORTE].

S.F. Tipo de tanque feito de barro e/ou cimento usado para o acúmulo de água ou de comida dada aos animais que transportam as raízes para o beneficiamento na casa de farinha.

Tirar a carga *Fon.* [tʃi'ra 'kargɐ] [TRANSPORTE].

S.T.V. Ação de retirar a carga sacando as aselhas dos caçoas da cangalha dos animais no momento da chegada a casa de farinha e amontoa-las nas esteiras onde serão descascadas.

Var.: **arrear a carga; retirar a carga.** *Ver.:* **segurar a carga.**

Tirar a prensa *Fon.* [tʃi'ra 'prɛsɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. Ação de desmontar a prensa retirando os blocos de massa enxuta para serem peneirados.

Tocar *Fon.* [tɔ'ka] [TRANSPORTE].

VERB. *Var.:* **tanger.**

Tocar fogo *Fon.* [tɔ'ka 'fogu] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.:* **Acender₁; Acender₂.**

Toco *Fon.* [toku] [PLANTAÇÃO].

S.M. Parte do caule de plantas que ainda ficam no chão, após a árvore ser derrudada e/ou queimada na limpeza do mato para a feitura da roça.

Torrada *Fon.* [tɔ'badɐ] [BENEFICIAMENTO].

ADJ. Qualidade da farinha, goma ou borra que passa pelo forno no processo final de fornagem.

Torragem *Fon.* [tɔ'baʒɛj] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.F. *Var.:* **fornagem.**

Torramento *Fon.* [tɔ'ka'mɛtu] [BENEFICIAMENTO], **Processamento.**

S.M. *Var.:* **fornagem.**

Torrar a massa *Fon.* [tɔ'ba 'masɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.T.V. *Var.:* **fazer farinha₂.**

Touceira *Fon.* [to'serɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Conjunto de plantas da mesma espécie que nascem muito juntas, ou ainda, que se constituem por rebentos e eixos de uma mesma planta. *Var.:* **touceira de capim; touceira de mato, touceira de roça.**

Touceira de capim *Fon.* [to'serɐ di ka'pĩ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **touceira.**

Touceira de mato *Fon.* [to'serɐ di ma'tu] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **touceira.**

Touceira de roça *Fon.* [to'serɐ di 'ɾosɐ] [PLANTAÇÃO].

S.T.F. *Var.:* **touceira.**

Trabalhadeiro *Fon.* [traba'la'deru] [trabaja'deru] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

ADJ. Qualidade daquele que é bom em sua função, que desenvolve bem sua função (competente) em todas ou qualquer uma das atividades da mandiocultura.

Trabalhador *Fon.* [traba'la'do] [trabaja'do]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. *Var.:* **trabalhador rural.**

Trabalhador rural *Fon.* [traba'la'do ɾu'raw] [trabaja'do ɾu'raw]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA], **Ocupação.**

S.T.M. Pessoa que se ocupa de trabalhar com variadas culturas e processos agrícolas, dentre elas a da mandioca, para a produção e comercialização de seus derivados.

Var.: **agricultor; lavrador; homem do campo; produtor rural; trabalhador.**

NOTA: O trabalhador rural é o profissional que vive de seu trabalho agrário, daquilo que produz, e por isso, sua atividade é muito mais que uma profissão, pois ele envolve sua família e seus amigos, e isso ocorre também nas diversas funções da mandiocultura.

Ver: **plantador.**

Trabalhar *Fon.* [traba'la] [trabaj'a]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

VERB. Ação geral de quem desempenha função em todas ou qualquer uma das atividades da mandiocultura.

Var.: **lidar.**

Trabalho *Fon.* [tra'ba'lu] [tra'ba'ju] [tra'ba] [ta'ba]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Ação de ocupar-se de serviços agrários, ênfases específicas e, em geral, de todas as etapas da mandiocultura.

Var.: **afazer; labuta; lida; serviço.** *Ver:* **lavra.**

Traçanga *Fon.* [tra'sãgɐ] [PLANTAÇÃO], **Animal, (indígena).**

S.F. Espécie de formiga grande e preta, que possui uma picada dolorosa. Vivem em locais úmidos, em troncos e raízes, embaixo de folhas de plantas e são muito conhecidas dos agricultores que plantam a mandioca. *Ver:* **formiga.**

Trançar *Fon.* [trã'sa] [PLANTAÇÃO].

VERB. Ato de arrumar os paus na cerca de forma entrançado uns nos outros para formar a tessitura do cercado.

Var.: **entrançar**.

Transportar *Fon.* [trãspɔβ'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de carregar em força animal e/ou mecânica do roçado para a casa de farinha as raízes para o beneficiamento e da casa de farinha para o armazém, feira ou barracão os produtos beneficiados.

Transporte 1 *Fon.* [trãs'pɔβti] [TRANSPORTE], **Processamento**.

S.M. Ato de condução ou transferência de produtos, em natura ou beneficiados, para os fins de beneficiamento ou armazenamento e comercialização.

Transporte 2 *Fon.* [trãs'pɔβti] [TRANSPORTE], **Processamento**.

S.M. Tipo tradicional de condução animal em cavalos, jumentos ou burros (ou em carroças) que ainda são usados para transportar produtos da mandiocultura e derivados, especialmente do roçado para a casa de farinha, por ocasião do beneficiamento; da casa de farinha para as feiras, mercados ou comércios, no momento da comercialização e/ou armazenamento. *Var.:* **comboiamento**.

Trazer *Fon.* [tra'ze] [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ação de conduzir, levar, transferir, ou transportar as raízes de mandioca, especialmente da roça para a casa de farinha, ou mesmo para lugares afins.

Trazer a mandioca *Fon.* [tra'zɛ mãdi'ɔkɛ] [TRANSPORTE].

S.T.V. *Var.:* **transportar**.

Triturador *Fon.* [tritura'do] [BENEFICIAMENTO].

S.M. *Var.:* **serrador**₂.

Triturar *Fon.* [tritu'ra] [BENEFICIAMENTO].

VERB. *Var.:* **ralar**.

Troca de dia *Fon.* ['trɔkɛ di 'diã]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [CULINÁRIA], [COMERCIALIZAÇÃO].

S.T.F. Auxílio recíproco entre os trabalhadores rurais permutando atividades e funções para desenvolverem os afazeres da roça desde a plantação até o beneficiamento da farinha. *Var.:* **permuta; em sociedade**.

NOTA: A troca de dias de trabalho é uma forma muito comum entre agricultores familiares e comunitários que agem assim para baratear o custo de beneficiamento e da produção da farinha e seus derivados.

Trocar 1 *Fon.* [trɔ'ka] [PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].

VERB. Ato de ajudar-se mutuamente que é como entre grupo de trabalhadores amigos ou familiares para a produção da farinha e/ou de dias de trabalho na lida da plantação e capinação da roça.

Trocar 2 *Fon.* [trɔ'ka] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de oferecer em troca produtos por trabalho permutado previamente com os trabalhadores.

Tronco *Fon.* ['trõku] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.M. Parte baixa mais grossa da maniveira que nasce do caule e divide a raiz dos galhos.

Var.: **tronco da maniva; tronco da mandioca; tronquinho.** *Ver :* **caule.**

Tronco da mandioca *Fon.* ['trõku dɐ mãdi'õkɐ] [PLANTAÇÃO], Partes da planta.

S.T.M. *Var.:* **tronco.**

Tronco da maniva *Fon.* ['trõku dɐ mã'nivɐ] ['trõku dɐ mã'nivɐ] [PLANTAÇÃO], [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **tronco.**

Tronquinho *Fon.* [trõ'kĩnu] [trõ'kĩu] [trõ'kĩ] [tõ'kĩ] [PLANTAÇÃO].

S.T.M. *Var.:* **tronco.**

Trotar *Fon.* [trõ'ta] [TRANSPORTE].

VERB. Ação de andar dos quadrúpedes entre o passo comum, a marcha, e o galope.

Trote *Fon.* ['trõti] [TRANSPORTE].

S.M. Tipo de passo intermediário dos quadrúpedes entre a marcha comum e o galope. *Ver :* **passo.**

Tubérculo *Fon.* [tubɛr'kulu] [PLANTAÇÃO], Vegetal, Técnico.

S.M. *Var.:* **Mandioca.**

Tubiba *Fon.* [tu'bibɐ] [PLANTAÇÃO], Animal, (indígena).

S.F. Espécie de formiga preta e pequena que vivem em formigueiros nos galhos e/ou nos troncos de árvores, e exalam um cheiro forte, como cupins, especialmente em cajueirais e mangueirais, conhecida por conviver nas capoeiras de mandioca e próximo a casas de farinhas. *Var.:* **capiba.** *Ver :* **formiga.**

Aquele pé de cajueiro baixo está fervilhando de tubiba.

Tucum *Fon.* [tucũ] [BENEFICIAMENTO], Fruta, (indígena).

S.M. Fruto do tucunzeiro. Tipo de coco comestível pequeno e duro que se quebra no pilão e se extrai uma polpa branca e doce.

Vamos pegar coquinho de tucum pra comer com açúcar.

Tucunzeiro *Fon.* [tucũ'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. Espécie de palmeira pequena e espinhosa (*Bactris setosa*) cujas folhas se obtém uma fibra comprida e forte, semelhante à lã, usada para fazer um tecido grosseiro para sacos, redes, linha de pesca etc. O fruto dessa palmeira é um pequeno coco que dá em cachos que contem uma polpa de sabor adocicado e umido, o tucum.

Var.: **pé de tucum.** *Ver :* **flora.**

Tudinho *Fon.* [tu'dĩ]

[PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], [COMERCIALIZAÇÃO], [CULINÁRIA].

PRON. INDEF. Indica a totalidade, essencialidade e/ou parte indispensável de algo.

Faço cerca entrançada porque além de ser mais barata, ela ainda usa os paus da broca tudinho.

U, u

Ubaia *Fon.* [u'baie] [PLANTAÇÃO], Vegetal, Fruta, (indígena).

S.F. Planta e pequena fruta silvestre da caatinga, *Eugenia uvalha*, de cor amarela a avermelhada, do tamanho de uma acerola, com polpa suculenta e espessa, de agradável sabor agridoce. Pode ser consumida in-natura, ou em forma de sucos, geleias e sorvetes.

Umari *Fon.* [uma'ri] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. Fruto da umarizeira; frutos ovóides, comestíveis após cozimento, drupáceos, verde-amarelados, pendentes de longos pedúnculos. Usa-se comê-los cozidos ou em mingaus, por ocasião das secas e mesmo nos tempos normais. Deles se retira uma massa (mesocarpo), tida como boa para problemas no peito e, também, servem como vermífuga. *Var.:* **mari**.

Umarizeira *Fon.* [umari'zerε] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.F. Árvore de grande porte, frondosa, da família das leguminosas (*Geoffroea spinosa*), nativa da região, geralmente encontrada em várzeas e às margens dos rios. Tem caule e ramos repletos de espinhos, folhas forrageiras, flores amarelas aromáticas que nas estações secas são usadas como ração para o gado; seus frutos são ovóides, verde-amarelados, pendentes de longos pedúnculos; são comestíveis após cozimento, cuja polpa extrai-se um óleo com propriedades medicinais. Sua madeira é leve e pardacenta tirante a vermelho. *Var.:* **umarizeiro; marizeira; marizeiro**.

Umarizeiro *Fon.* [umari'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal, (indígena).

S.M. *Var.:* **umarizeira**.

Umbu *Fon.* [ũ'bu] [BENEFICIAMENTO], Fruta.

S.M. *Var.:* **Imbu**.

Umbuzeiro *Fon.* [ũbu'zeru] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.M. *Var.:* **Imbuzeiro**.

Unha-de-gato *Fon.* ['ũɲε di 'gatu] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.T.M. Espécie de arbusto espinhoso de médio porte, que possui caule grosso amarronsado, galhos que se estiram lateralmente e para cima com folhas muito pequenas em tiras formando a galhada. Possui, no caule e nos galhos espinhos, que lembram unhas de gato, motivo pelo qual se dá seu nome. São encontradas grandemente nas matas médias e altas, por ocasião da broca para a preparação do roçado. Seu tronco, após cortado e seco, serve de lenha para a queima no forno da casa de farinha, ou também, de madeira para a cerca de proteção.

Urtiga *Fon.* [ur'tigε] [PLANTAÇÃO], Vegetal.

S.F. Espécie arbustiva, perene, adaptada a regiões abertas que pode chegar, no máximo a 1,5 metro de altura. Seu caule é fino e avermelhado e suas folhas são pequenas e alongadas revestidas por pêlos urticantes que em contato com a pele pode provocar queimaduras. Na lavoura, os agricultores as consideram como daninhas, precisando arrancá-las com as mãos, usando luvas, ou sem encostar em suas folhas queimantes, por ocasião da capinagem. *Ver:* **flora**.

Uru *Fon.* [u'ru] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO], (indígena).

S.M. Cesto com alça feito de palha de carnaúba que serve para carregar mandioca, milho e feijão, e outros produtos de cultivo do agricultor.

Urucu *Fon.* [uru'ku] [PLANTAÇÃO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.M. *Var.:* **urucum**.

Urucum *Fon.* [uru'kũ] [PLANTAÇÃO], [CULINÁRIA], (indígena).

S.M. Semente pequena e vermelha do urucuzeiro. *Var.:* **urucu**.

Urucunzeiro *Fon.* [urukũ'zeru] [PLANTAÇÃO], [CULINÁRIA].

S.M. Planta do urucum. *Var.:* **pé de urucum**.

Urupema *Fon.* [uru'pẽmø] [BENEFICIAMENTO], Instrumento, (indígena).

S.F. *Var.:* **peneira**.

V, v

Vaca *Fon.* ['vakə] ['kəkə] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.F. Animal mamífero, quadrupede, fêmea do boi, domesticado, utilizado para alimentação fornecendo leite e carne para a culinária, couro para os arréios de transporte, e adubo para as plantações, e tração animal no corte da terra no processo da arradagem. *Ver* : **boi**.

Vaga-lume *Fon.* [vaga'lūmī] [PLANTAÇÃO], **Animal**.

S.T.M. *Var.*: **pirilampo**.

Vambora *Fon.* [vã'bɔrɐ] [vũ'bɔrɐ] [PLANTAÇÃO], [TRANSPORTE], [BENEFICIAMENTO].

INTERJ. Expressão interjeitiva que convida ao trabalho, encorajando a feitura da tarefa.

Vambora, negrada, senão falta mandioca pras mulher rapá!

Vaqueiro *Fon.* [va'keru] [PLANTAÇÃO], **Ocupação**.

S.M. Função daquele que trabalha com os animais, especialmente, o gado vacum; passa a maior parte do seu tempo, montado a cavalo percorrendo a fazenda, fiscalizando as pastagens, os cercados e as fontes de água. Cabe a ele ainda acompanhar os animais, pastoriá-los e reuni-los em currais, e dar-lhes de comer e de beber. Além disso, o vaqueiro é responsável pela ferradura das reses, ou seja, utilizando um ferro em brasa colocar a marca do dono no couro do animal para que seja reconhecido, cuidar dos ferimentos dos animais que por ventura se acidentam, sangram e criam bicheiras, e ainda, caçar os animais que se perdem ou se enverendam no mato como os bois fujões e/ou touros selvagens.

NOTA: Muitas vezes, o agricultor também cria seus animais e faz a função de vaqueiro trabalhando com o gado bovino, caprino, ovino, que servem para o alimento; como também, animais equinos e moares, que servem de animais de tração, para carga e arado, e de transporte para a família. A figura do vaqueiro é também conhecida, por sua importância, como uma figura lendária do homem sertanejo, forte e corajoso que "pega o touro a unha", que penetra no meio da mata com seu cavalo sem temer os perigos e resgata o boi ferido do meio das feras.

Vaquejada *Fon.* [vake'zadɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Ato de reunir o gado em frente do curral, ou da fazenda, sendo tangidos e resgatados por vaqueiros. Desta atividade, que era um evento na fazenda, surgiu os primeiros registros da pega de gado, uma competição entre os vaqueiros para ver quem seria capaz de derrubar um boi mais rapidamente. Com o passar do tempo, essa competição foi criando regras próprias e atualmente, já pleiteia o status de esporte.

NOTA: O agricultor é apreciador dessa atividade que também, é uma forma de diversão no sertão. Já existem torneios de vaquejadas por todas as partes, especialmente na região que se cria e comercializa o boi.

Vara 1 *Fon.* ['varɐ] ['kərɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. *Var.*: **estaca**.

Vara 2 *Fon.* ['varɐ] ['kərɐ] [PLANTAÇÃO].

S.F. Antiga unidade de medida usada para aferir a área (comprimento) de um terreno para o cultivo de mandioca, que mede aproximadamente um metro e dez centímetros, equivalente a cinco palmos, conhecido também como meia braça. *Var.*: **meia braça**. *Ver* : **medida**₁.

Varejeira *Fon.* [vari'zɛrɐ] [kari'zɛrɐ] [kari'kɛrɐ] [TRANSPORTE].

S.F. Tipo de mosca que se alimentam de carne viva ou apodrecida de animais vertebrados provocando bicheiras em ferimentos não cuidados.

Variedade *Fon.* [varie'dadi] [kari'e'dadi] [PLANTAÇÃO], **Vegetal, Técnico**.

S.F. Tipo ou espécie de mandioca mansa ou brava que é conhecida e que foi plantada pelos cultivadores locais. Há uma tipologia de mandiocas conhecidas pelos produtores rurais na pesquisa. Entre elas as variedades de mandiocas bravas:

Ver : **Aciolina; Anajá; Canoa; Embiguda; Fragosa; Guarani; Manipeba; Pecuí; Poré; Pretinha; Sacaiba; Vermelhinha.** e as variedades mansas (macaxeiras): *Ver* : **Água morna; Cacau; Candé; Pão; Pão do chile; Tataibura.** Os nome são populares e não tivemos como identificar as variedades cientificamente, ficando apenas seus nomes como registro.

Vassoura *Fon.* [va'sorɐ] [ʁa'sorɐ] [ba'sorɐ] **[BENEFICIAMENTO].**

S.F. Fecho de palha do olho da carnaubeira cortado e separado, usado para varrer na limpeza do forno, como também, a casa de farinha.

Vassourinha *Fon.* [vaso'rĩɲɐ] [vaso'rĩɲɐ] [ʁaso'rĩɲɐ] [ʁaso'rĩɲɐ] [baso'rĩɲɐ] [baso'rĩɲɐ] **[PLANTAÇÃO], Vegetal.**

S.F. Espécie vegetal pertence à família das Scrophulariaceae, Scoparia dulcis; planta herbácea, muito ramificada e de caule lenhoso, que pode chegar até 50cm de altura. Identificada pelas pequenas e solitárias flores brancas, além do fruto sustentado por um cálice dentado, em forma de cápsula globosa. Sua permanência na lavoura prejudica o desenvolvimento da roça de mandioca, por isso, geralmente é arrancada e esterminada do roçado. *Ver* : **flora.**

NOTA: Possuir muitas propriedades medicinais, indicada para o tratamento de alergia, coceiras e problemas de pele em geral; cólicas, hemorróidas, má digestão e males gastrintestinais também são aliviados após o consumo da planta, e o consumo regular e frequente da planta trata asma, bronquite, catarro e tosse.

Velha *Fon.* [vɛɐ] [ʁɛɐ] **[PLANTAÇÃO], [BENEFICIAMENTO].**

ADJ. Qualidade da raiz já plantada nos invernos passados, adulta ou passada, que chegou a seu desenvolvimento máximo, ou até, já está passando do estágio de arranque. *Ver* : **mandioca velha.**

Venda a granel *Fon.* ['vɛda grã'nɛw] ['ʁɛda grã'nɛw] **[COMERCIALIZAÇÃO].**

S.T.F. Expressão que indica o tipo de comercialização em grande escala, para revenda em vendas e feiras, como em alqueros de farinha ou goma.

Venda no retalho *Fon.* ['vɛdɐ nu rɛ'taɮu] ['ʁɛdɐ nu rɛ'taɮu] ['vɛdɐ nu rɛ'taj] ['ʁɛdɐ nu rɛ'taj] **[COMERCIALIZAÇÃO].**

S.T.F. Expressão indicativa ao tipo de comercialização em pequena escala, para o consumo individual, como apenas meio quilo de farinha ou goma.

Venda 1 *Fon.* ['vɛdɐ] ['ʁɛdɐ] **[COMERCIALIZAÇÃO].**

S.F. *Ver* : **bodega.**

Venda 2 *Fon.* ['vɛdɐ] ['ʁɛdɐ] **[COMERCIALIZAÇÃO].**

S.F. *Var.:* **comercialização.**

Vendedor *Fon.* [vɛde'do] **[COMERCIALIZAÇÃO], Ocupação.**

S.M. Função daquele cujo emprego ou ocupação consiste em vender os produtos da mandiocultura em vendas, mercados e feiras em pequena escala ou grande, como também aquele que negocia com o comerciante (geralmente todo) o produto da farinha, as vezes ainda antes de ser feito. *Ver* : **feirante.**

NOTA: Há várias formas e acordos de negociação de compra e venda: às vezes, o agricultor vende a mandioca em natura se excluindo de fazer o beneficiamento desta; outras vezes, o agricultor faz uma venda prévia antes mesmo de beneficiar os gêneros e com o dinheiro desta venda, investe na atividade de beneficiamento das suas raízes e com os produtos fabricados honra sua dívida com o comerciante e fica com parte do produto para consumo seu. Dependendo da dificuldade financeira do agricultor, há acordos feitos entre familiares que atuam em todo o processo de beneficiamento e no fim, distribuem igualmente, ou de acordo com as tarefas feitas, os produtos da farinha que geralmente são usadas para o consumo domésticos dos seus fabricantes.

Vender *Fon.* [vê'de] [COMERCIALIZAÇÃO].

VERB. Ação de comercializar os produtos da mandiocultura como os beneficiados na casa de farinha.

Ver : **comerciar; comercializar; negociar.**

Veneno *Fon.* [vê'nenu] [vẽ'nenu] [PLANTAÇÃO].

S.M. *Ver* : **inseticida.**

Vereda *Fon.* [ve'redɐ] [vɛ'redɐ] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Espécie de trilha ou picada por onde passam os animais no transporte das mandiocas para o beneficiamento na casa de farinha.

Vermelhinha *Fon.* [verme'liɲɐ] [verme'liẽ] [ver'meĩɐ] [vɛrme'liɲɐ] [vɛrme'liẽ] [vɛr'meĩɐ] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. Espécie de mandioca brava. *Var.*: **variedade.**

Vermelho *Fon.* [ver'melɥ] [ver'mej] [vɛr'melɥ] [vɛr'mej] [PLANTAÇÃO].

ADJ. Qualidade preponderante de solo rubro-alaranjado e forte, geralmente úmido, que é muito bom para o cultivo da mandioca. *Ver* : **barro vermelho.**

Víbora *Fon.* ['viborɐ] ['viborɛ] [PLANTAÇÃO], **Animal, Técnico.**

S.F. *Var.*: **bríba.** *Ver* : **fauna.**

Vingar *Fon.* [vĩ'ga] [vĩ'ga] [PLANTAÇÃO].

VERB. *Var.*: **nascer.**

Virar *Fon.* [vi'ra] [vi'ra] [CULINÁRIA].

VERB. Ato de colocar os beijos e tapiocas em posição contrária no momento da feitura dos mesmos. A tapioqueira precisa aquecer bem os dois lados dos beijos e tapiocas para atingir o cozimento adequado por isso ela os vira no caco do forno para dar o ponto.

Virgem *Fon.* ['virzẽj] ['virzẽj] ['vizi] [BENEFICIAMENTO].

S.F. Parte da antiga prensa tradicional que é usada para acochar a prensa no secamento da massa.

X, x

Xexéu *Fon.* [ʃɛ'ʃɛw] [PLANTAÇÃO], **Animal.**

S.M. Espécie animal de pássaro (família dos Icterídeos, espécie *Cacicus Cela*) de porte médio (O macho mede de 27 a 29,5 cm de comprimento e a fêmea de 22 a 25 cm, pesa de 60 a 98 gramas) e possui a cabeça, o corpo e as asas negras com uma mancha amarela nas costas e outra lista amarelada nas penas das asas e alimenta-se principalmente de frutos e sementes. Às vezes, saqueia os ninhos de outros pássaros e tem predileção para fazer seus ninhos em mangueiras, frequentando com assiduidade em grandes grupos. Tem hábitos de ficar em plantas altas e médias dos roçados e das capoeiras vivendo intergado à fauna, a flora e a cultura da mandioca. *Ver* : **fauna**.

Xiquexique *Fon.* [ʃik'ʃik] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.M. Espécie vegetal cactácea típica da caatinga, com caule verde e espinhoso, sem folhas e que brota pequenos frutos vermelho arredondados.

Xixá *Fon.* [ʃi'ʃa] [ʃi'ʃa] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.F. Fruto do xixazeiro; frutos capsulares, com sementes comestíveis de 2 a 5 carpídios foliculiformes (folha que se transforma em cápsula que reveste as sementes), medindo até 13 cm de comprimento por até 12 cm de diâmetro, de coloração com tons de lilás a rosa a medida que amadurecem, cada carpídio fechado e com as sementes pesa de 90 a 130 gramas e só a casca pesa em média de 60 a 80 gramas. Cada carpídio contém 7 a 9 sementes ovaladas de 3 cm de comprimento por 2 cm de diâmetro que pesam em média 4 a 8 gramas. Suas sementes são cilíndricas e oblongas (mais longa que larga), com uma pele preta que se desprende a medida que vai secando e que tem uma amêndoa saborosa com gosto entre amendoim e coco consumida in natura ou torrada.

Xixazeiro *Fon.* [ʃi'ʃa'zeru] [PLANTAÇÃO], **Vegetal.**

S.M. *Var.*: **pé de xixá**.

ANEXOS

ANEXO 1: FICHA DE LOCALIDADE E DE INFORMANTE

DADOS DA LOCALIDADE		
1. nome oficial:		2. nome regional:
3. nomes anteriores:		
4. nome(s) dado(s) aos habitantes:		
5. número de habitantes:		
6. atividades econômicas predominantes:		
7. sublocalidades (subúrbios, subdistritos, ferroviárias, etc.)		
8. acesso e comunicação (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)		
9. dados sobre a infraestrutura da localidade (al, escolas, etc.)		
10. dados sobre emigração:		
11. dados sobre imigração:		
12. características demográficas da localidade:		
13. histórico sucinto da localidade (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):		
14. observações gerais:		
DADOS DO INFORMANTE		
15. nome:		16. alcunha:
17. idade:		18. sexo: m () f ()
19. endereço:		
20. estado civil: () solteiro () casado () viúvo () outro		
21. naturalidade:		22. idade que chegou no município (caso não seja natural da localidade)?
23. domicílios e tempo de permanência fora da localidade:		
24. quanto tempo exerce a atividade de produção da farinha de mandioca?		
25. escolaridade: alfabetizado () ensino fundamental () ensino médio ()		26. outros cursos: () especialização () profissionalizante () outros
27. nome do entrevistador:	28. local da entrevista cidade: UF:	29. data da entrevista:
30. duração da entrevista:		

ANEXO 2: FICHA DO QUESTIONÁRIO APLICADO NA ENTREVISTA SOCIO-CULTURAL SEMI-ESTRUTURADA – ÂMBITO GERAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
Pesquisador: Mário Junglas Muniz
Orientadora: Prof. Dra. Maria Elias Soares

PESQUISA: GLOSSÁRIO REGIONAL DA MANDIOCULTURA

Prezado(a) Senhor(a) informante,

A pesquisa que estamos realizando está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, e sua participação é essencial para a concretização de nossos objetivos. Pretendemos coletar, analisar e registrar os termos relacionados à cadeia produtiva da mandiocultura para elaboração do Glossário Regional da Mandiocultura, pois a área é muito importante no cenário cearense. Nossa pesquisa permitirá a divulgação de conhecimentos especializados da referida área para que a sociedade, em geral, se beneficie desses conhecimentos. Todas as informações coletadas e aqui registradas serão utilizadas exclusivamente para esse fim. Para que esta pesquisa sejam concretizada, necessitamos de sua colaboração.

Agradecemos a sua participação.

Mário Junglas Muniz, Pesquisador/entrevistador

1. DADOS DO INFORMANTE:

CÓDIGO:

- | | |
|--|------------------------------------|
| 1. Nome: | |
| 2. Apelido | 3. Estado civil: |
| 4. Idade: | 5. Sexo: |
| 6. Escolaridade: | 7. Naturalidade do informante: |
| 8. Naturalidade do pai: | 9. Naturalidade da mãe |
| 10. Distância da moradia à sede do município | 11. Tempo de moradia na localidade |
| 12. Tempo de trabalho diretamente com a mandiocultura: | |

2. CICLOS DA MANDIOCULTURA

PLANTACÃO: CICLO 1

I) Escolha e preparação do terreno

TIPO DE TERRA / TERRENO

1. Conte-nos como ocorre o processo de produção da farinha de mandioca desde a seleção do terreno, ao plantio das manivas passando pelo preparo da área, tratos culturais e colheita da mandioca.
2. Que tipo de solo é melhor para a mandiocultura? 2.1 Porquê?
3. Quais tipos de solos há para o cultivo? 3.1 Descreva-os.
4. Como se escolhe o terreno?
5. Como se faz um roçado?

MEDIÇÃO E DERRUBADA DA VEGETAÇÃO

6. Como se medi o terreno?
7. Quanto se deve plantar? 7.1 Porque?
8. Que medida de plantio se planta? 8.1 Qual é a mais usada?
9. Como ocorre o desmate? 9.1 Descreva-o.
10. Como se deve brocar? 10.1 Descreva-a.
11. Que instrumentos se usa para brocar? 11.1 Fale de cada um.
12. Qual a função do brocador?
13. Que vegetais nativos são comumente encontrados? 13.1 Descreva-os.
14. Que animais são geralmente encontrados na mata? 14.1 Descreva-os.
15. Como e com o que se faz a broca da madeira mais fina? 15.1 E a da mais grossa?

16. Como se junta as coivaras? 16.1 Descreva-as.
 17. Quais instrumentos se usam para ciscar? 17.1 Descreva-os.

QUEIMADA, DESTOCAMENTO, CERCAMENTO E ARADAGEM

18. Como se dá a preparação para a queimada? 18.1 E a queimada?
 19. Quais as posições do fogo na queima? 19.1 Descreva-as.
 20. Após a queima, como se arranca os tocos? 20.1 Descreva-os.
 21. Que instrumentos se usa para destocar? 21.1 Descreva-os.
 22. Qual a função do destocador?
 23. Como se faz a cerca? 23.1 Descreva.
 24. Que materiais se usa no cercamento? 24.1 Descreva-os.
 25. Que instrumentos se usa no cercamento? 25.1 Para cavar os buracos? 25.2 Para puxar o arame?
 25.3 Para pregar e para arrancar as grampas?
 26. Como se faz os cantos da cerca? 26.1 Descreva.
 27. Quais os tipos de cercas? 27.1 Fale de cada uma. 27.2 Quais são as mais utilizadas?
 28. Como são chamados os paus que se usam nas cercas?
 29. Que tipos de entradas se constroem nos cercados? 29.1 Fale de cada uma.
 30. Como se constrói cada uma delas? 30.1 Descreva.
 31. Você se utiliza de aradagem? 31.1 Quais os tipos? 31.2 Fale de cada um.
 32. De que se constitui o arado? 32.1 Cite cada peça.
 33. Qual a importância desse trato para a futura plantação?
 34. Você se utiliza de adubação? 34.1 Quais os tipos? 34.2 Fale de cada um.
 35. Quais os adubos mais usados?

II) Variedades de espécies cultivadas

MORFOLOGIA DA PLANTA E VARIEDADES CONHECIDAS

36. Como é composta a planta? 36.1 Fale de cada uma de suas partes.
 37. Quais as variedades cultivadas? 37.1 E as mais conhecidas? 37.2 Das mansas e das bravas?
 37.3 Fale de cada uma delas.
 38. Quais as diferenças entre as variedades? 38.1 Descreva-as.
 39. Compare sua raiz, tronco, caule, casca, pau, folhas, flor e semente.

VARIEDADES DE PLANTAS CONSORCIADAS

40. Que outras plantas são plantadas em consórcio? 40.1 Descreva-as.
 41. Que árvores de maior porte convivem com a mandiocultura. 41.1 Descreva-as.

VARIEDADES DE VEGETAÇÃO E ERVAS DANOSAS

42. Que outros tipos de plantas pequenas ou medias convivem/sobrevivem nos mandiocais?
 42.1 Descreva cada uma delas.

III) Preparação para a plantação e cultivo

PREPARAÇÃO DO SOLO

43. Que tratamento se dá ao solo?
 44. Que técnicas e insumos se utilizam antes/depois da plantação? 44.1 Descreva-as.
 45. Qual o tempo certo de plantar?
 46. Como se faz as covas?
 47. Qual o tamanho e a distância entre covas?
 48. Como é feita a plantação propriamente dita?
 49. Que instrumentos são usados na plantação? 49.1 Descreva-os.

PREPARAÇÃO DAS MUDAS E SEMEADURA

50. De que se faz as mudas? 50.1 Descreva.

51. Em que consiste e como se faz cada muda?
52. Como se escolhe os paus de maniva e que tamanho cortar a muda?
53. Que equipamentos de proteção usa o agricultor? 53.1 Descreva-os.
54. Como semear as mudas? 54.1 Descreva.
55. Como plantar? 55.1 Descreva as ações.
56. Quais as formas de plantar mais usadas?
57. Qual o posicionamento da muda no solo? 57.1 Descreva-os.
58. Qual o aprofundamento no solo? 58.1 Descreva-os.

NASCIMENTO

59. Em quanto tempo observar a brotação? 59.1 Descreva-a.
60. Como se dá a brotação das raízes? 60.1 Descreva-a.
61. Quando se dá formação de galhos? 61.1 Descreva-a.

CUIDADOS E TRATAMENTOS

62. Que instrumentos se usa na capina? 62.1 Detalhe-os.
63. Como se faz a capina? 63.1 Qual seu objetivo?
64. Qual o tempo de cada limpa?
65. Quantas limpas são necessárias?
66. Como é limpo o pé da planta? Descreva.
67. Há necessidade de podar? 67.1 Quando? 67.2 Porque? 67.3 Descreva.
68. Quais as pragas que atacam a mandioca? 68.1 Detalhe-as.
69. Quais os procedimentos de cura das pragas? 69.1 Descreva-os.
70. Quais os defensivos utilizados? 70.1 Detalhe seus usos.
71. Que equipamentos são usados na cura das pragas?
72. Que procedimentos são adotados na cura das pragas? 72.1 Detalhe-os.

IV) Colheita

COLHEITA

73. Como é feita a arranca? 73.1 Descreva-a.
74. Que instrumentos se usa na arranca? 74.1 Detalhe-os.
75. Quais utensílios são colocadas as raízes?

TRANSPORTE: CICLO 2

V) Transporte

76. Conte-nos como ocorre o processo de transporte da mandioca para a casa de farinha

PREPARAÇÃO DOS ANIMAIS PRO TRANSPORTE

77. Que meios de transportes são usados? 77.1 Detalhe-os.
78. Que instrumentos se usa no transporte? 78.1 Detalhe-os.
79. Diga o tipo de transporte mais usado.
80. Quais os arreios dos animais de carga? 80.1 Descreva-os.
81. Cite em detalhe as atividades de pega e arreamento.

TRANSPORTE DA MANDIOCA

82. Qual a função do carregador?
83. Como botar e tirar a carga?
84. Que instrumentos são usados para tanger os animais no transporte? 84.1 Detalhe-os.
85. O que consiste a operação de retirada da carga?

CUIDADO COM OS ANIMAIS

85. Quais os animais de carga utilizados?
86. Que cuidados devemos ter com os animais de carga?
87. Quais as necessidades devemos ter com os animais de carga? 87.1 Detalhe.
88. Quais alimentos são oferecidos aos animais de carga? 88.1 Descreva-os.

BENEFICIAMENTO: CICLO 3

VI) Beneficiamento e processamento

RASPAGEM

89. O que se faz após a retirada da carga na casa de farinha?
90. Qual a função da raspadeira?
91. Quais os instrumentos usados na raspagem? 91.1 Descreva-os.
92. Que formas há de se tirar a casca da mandioca? 92.1 Detalhe-os.
93. Quais as principais partes da raiz? 93.1 Detalhe-as.
94. O que consiste fazer o “capote” no descasque?
95. Como se faz para obter a massa? Descreva.

MOAGEM

96. Como se dá a ralação das raízes? 96.1 Descreva-a.
97. Qual a função do serrador?
98. Que instrumento é usado para ralar a mandioca?
99. Quais as partes do serrador? 99.1 E da roda de puxar?
100. Que atividade é feita na ação de molhar a massa?
101. Como é feita a esprema?
102. Qual o trabalho da espremedeira? 102.1 Detalhe cada ação.

LAVAGEM (DA GOMA)

103. Quais etapas há para obtenção da goma? 103.1 Descreva.
104. Como se dá a lavagem da goma?
105. Quais instrumentos são usados para lavar a goma?
106. Como se dá a secagem da goma?
107. Quais utensílios são usados para peneirar a goma?
108. Quanto tempo a goma deve secar ao sol? 108.1 E se for no forno?

PRENSAGEM (DA MASSA)

109. Como se faz para enxugar a massa?
110. Qual a função da prensa?
111. Quais as partes da prensa? 111.1 E da prensa antiga?
112. Quanto tempo a massa fica na prensa?
113. Há algum resquício no processo? 113.1 E o que é feito com ele?

PENEIRAMENTO (DA MASSA)

114. O que é feito quando tiramos a prensa?
115. Quais utensílios são usados para peneirar a massa?
116. Como é feito peneiramento da massa? E da goma?
117. Há algum resquício no processo? 117.1 E o que é feito com ele?

AQUECIMENTO E TORRAÇÃO

118. Quais utensílios são usados para torrar a massa?
118. Qual a função do forneiro?
119. Quais as etapas da fornagem? 119.1 Descreva-a.
120. Qual o tempo de cada fornada?

121. Como deve estar o forno para a fornada?
 122. Qual madeira é usada para queima no forno?

VII) Produtos e gêneros processados

PRODUTOS E SUBPRODUTOS DA MANDIOCA NA CASA DE FARINHA

123. Quais os tipos de produtos?
 124. O que são cada um deles?
 125. Que tipos de farinha podemos ter?
 126. Quais produtos são feitos na casa de farinha? 126.1 Descreva-os.

CULINÁRIA: CICLO 4

VIII) Culinária

SUBPRODUTOS FEITOS EM CASA

127. Quais os tipos de produtos?
 128. O que são cada um deles?
 129. Que comidas podemos usar farinha / goma?
 130. Quais produtos podem ser feitos em casa /na cozinha? 130.1 Descreva-os.

ATIVIDADES DE PREPARO E DEGUSTE

131. Que tipos de pratos pode-se fazer?
 132. Como se faz os pratos principais?
 133. Como se faz o pirão?
 134. Como se faz a farofa?
 135. Como é feito o molho de maniveira?
 136. Como é preparado o bulim?
 137. Como preparar os demais produtos feitos com goma?

COMERCIALIZAÇÃO: CICLO 5

IX) Medidas e comercialização

MEDIÇÃO DO GÊNERO

138. Quais as medidas usadas para pesar / medir a farinha / goma na casa de farinha /no mercado?
 139. Quem é que pesa o gênero?
 140. Qual o preço básico por medida de farinha / goma?
 141. Como é a balança grande? E a pequena?

ARMAZENAGEM

142. Como é armazenada a farinha / goma antes da venda?
 143. Como é transportada pra feira?
 144. O que é saca de palha? 144.1 Pra que serve?
 145. O que é bolsa de palha Pra que serve?
 146. O que é saco de algodão? 146.1 Pra que serve?
 147. O que é paiol? 147.1 Pra que serve?
 148. O que é caixão de farinha? 148.1 Pra que serve?

COMERCIALIZAÇÃO

149. Como se vende o gênero da mandiocultura?
 150. Onde se vende os produtos?
 151. O que é bodega?
 152. O que é boteco?

153. O que é botequim?
154. O que é mercado?
155. O que é feira?
156. O que é barracão?
157. Como se faz a troca de produtos?
158. Como é feita a troca por permuta de trabalho?
159. Como é feita a divisão do produto comercializado?
160. Como é a paga dos trabalhadores?
161. O que é trocado na permuta de trabalho?
162. Como é a função de tapioqueira?

ANEXO 3: MODELO DE FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA TERMINOLÓGICA

Número:	Quantidade de ocorrências: Quantidade de informantes:
Termo Entrada	
Categoria Gramatical:	
Gênero:	
Sigla ou acrônimo:	
Variante(s):	
Fonética	Fonte
Lexical	Fonte
Morfossintática	Fonte
Socioprofissional	Fonte
Discursiva	Fonte
Campo Semântico	
1ª. Definição:	
Fonte:	
2ª. Definição:	
Fonte:	
Contexto:	
Fonte:	
Remissivas	
Sinônimo	Fonte
Hiperônimo	Fonte
Hipônimo	Fonte
Conceito conexo	Fonte
Nota(s):	
Data: Código fonte dos informantes:	